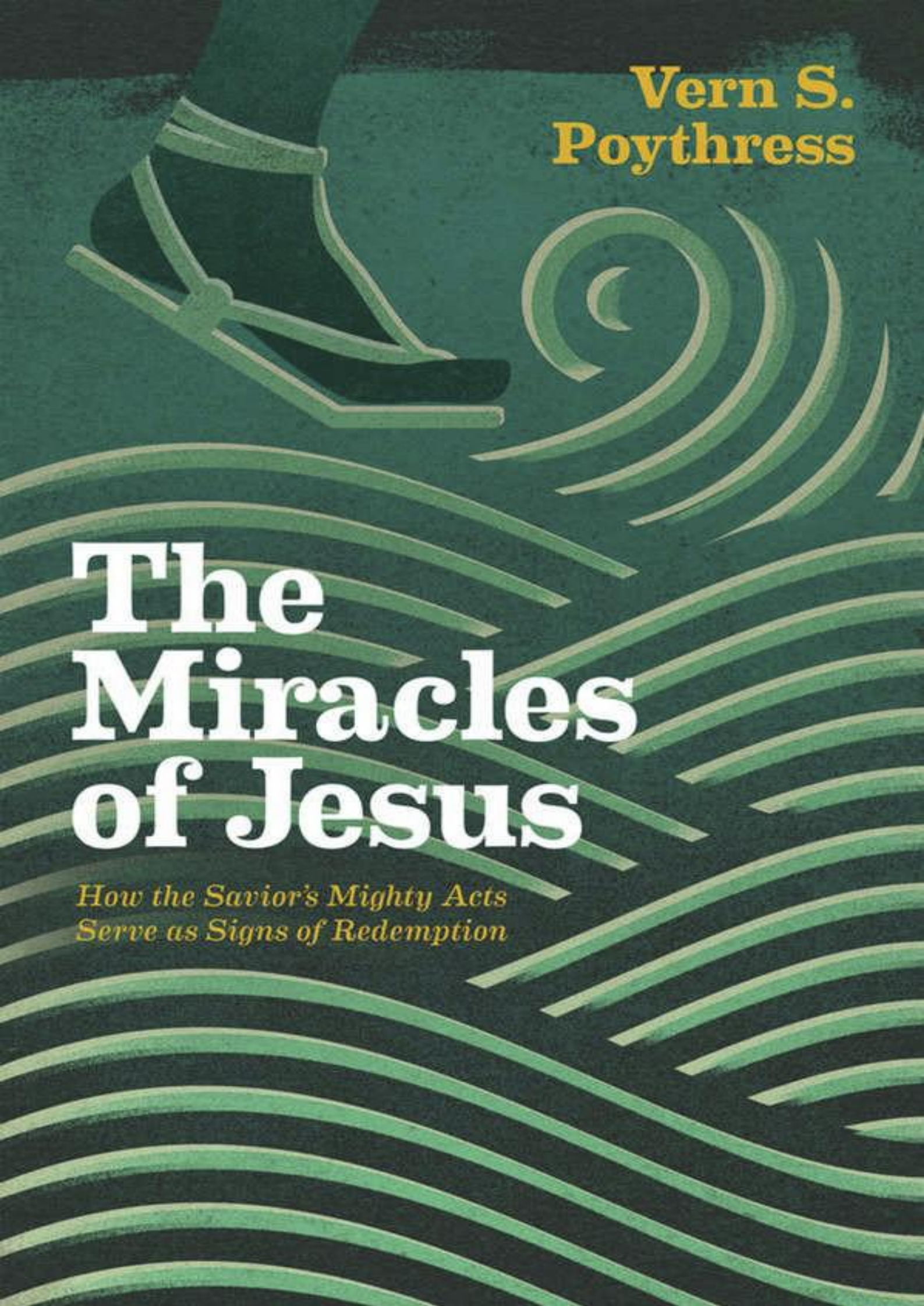

Vern S.
Poythress
The
Miracles
of Jesus
How the Savior's Mighty Acts
Serve as Signs of Redemption

Obrigado por baixar este livro Crossway.

Inscreva-se no Crossway Newsletter para atualizações sobre ofertas especiais, novos recursos e iniciativas de ministério global empolgantes:

Boletim Informativo Crossway

Ou, se preferir, adoraríamos nos conectar com você online:





“Vern Poythress resgata os milagres de Jesus da negligência e da confusão por meio de sua bolsa de estudos santificada. Como pastor, sou grato a ele por me ajudar a entender os milagres para mim e, por sua vez, para minha congregação. ”

Alistair Begg, Pastor sênior, Igreja Parkside, Chagrin Falls, Ohio

“Poythress serve como um guia seguro através da imponente magnificência dos milagres de Jesus, para que nós, leitores, possamos vê-los como os sinais pulsantes da redenção que eles são - irradiando seu poder e seu senhorio e, por fim, a maior obra de todos os tempos - o Cruz. A precisão e a terna praticidade pastoral de Os Milagres de Jesus certamente refrescarão cada leitor. Aqueles que pregam e ensinam descobrirão que a profundidade de aplicação cuidadosamente desenvolvida é uma ajuda bem-vinda para revelar os milagres a seu povo. ”

R. Kent Hughes, Professor visitante de Teologia Pastoral, Seminário Teológico de Westminster

“Visto que os milagres que marcaram o ministério de Jesus são os mais significativos nas Escrituras, este volume em grande parte restringe sua atenção a eles e mostra com rica visão como eles são essenciais para revelar todo o escopo da salvação que ele realizou. Escrito tendo em vista um amplo público e da maneira caracteristicamente clara e cativante do autor, ele será lido com grande proveito por aqueles que desejam crescer no entendimento de como os milagres de Jesus são essenciais para o evangelho. ”

Richard B. Gaffin, Jr., Professor de Teologia Bíblica e Sistemática, Emérito, Seminário Teológico de Westminster

“Combinando uma visão profunda com uma explicação clara, Vern Poythress nos mostra que os milagres de Jesus não são meramente atos aleatórios de bondade e poder, mas - o mais importante - são sinais apontando para os eventos centrais de sua missão redentora: sua morte sacrificial e poderosa ressurreição. Poythress nos leva da encarnação, curas, mares tranqüilos, transfiguração e outras exibições sobrenaturais da identidade de Jesus como Deus glorioso, o último Adão e o Messias prometido até a cruz e o túmulo vazio. Em seguida, ele nos leva à aplicação em nossas próprias vidas e às lutas contra o pecado e o sofrimento. Eu recomendo fortemente este estudo de fácil leitura e que glorifica a Cristo. ”

Dennis E. Johnson, Professor de Teologia Prática, Seminário de Westminster, Califórnia

“Todos nós encontramos crentes e não crentes que negam firmemente que milagres de qualquer tipo acontecem hoje. Então encontramos outros crentes e não crentes que afirmam experimentar milagres em quase todas as ocasiões. Poythress fala a ambos os extremos de uma forma que atinge o cerne da questão. Jesus de Nazaré foi o maior operador de milagres que o mundo já viu. Mas por que? Seus milagres deram testemunho dele como o Salvador e das boas novas do reino milagroso de Deus vindo à terra como no céu. ”

Richard L. Pratt, Jr., Presidente, Ministérios do Terceiro Milênio

“Vern Poythress é um mestre da interpretação do Novo Testamento, cuja erudição moldou uma geração de pregadores. Os Milagres de Jesus são um tesouro que

influenciará radicalmente a compreensão do leitor sobre os milagres de Jesus. Poythress mostra que,

além de provar a autoridade divina de Jesus, os milagres são, na verdade, poderosas exibições do evangelho do amplo alcance de nossa obra salvadora. Se você deseja entender melhor quão profundo e amplo é o amor redentor de Jesus, leia este livro e alegre-se! ”

Richard D. Phillips,Ministro Sênior, Segunda Igreja Presbiteriana, Greenville, Carolina do Sul; Presidente da Conferência de Teologia Reformada da Filadélfia

“Estou muito satisfeito em ver disponíveis os princípios e particularidades da interpretação de histórias de milagres que moldaram minha própria compreensão como aluno de Vern Poythress. De maneira característica, ele desenvolve princípios profundos nos termos mais acessíveis e passa a demonstrar sua aplicação por meio de numerosos exemplos do Evangelho de Mateus. Estou entusiasmado por poder colocar este livro nas mãos dos meus alunos. ”

Michael J. Glodo, Professor Associado de Estudos Bíblicos, Seminário Teológico Reformado

Os milagres de jesus

Como os atos poderosos do Salvador servem como sinais de redenção

Vern S. Poythress

CROSSWAY
WHEATON, ILLINOIS

Os Milagres de Jesus: Como os atos poderosos do Salvador servem como sinais de redenção Copyright © 2016 por Vern S. Poythress

Publicado por Crossway
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia do editor, exceto conforme previsto pelos direitos autorais dos EUA lei.

Design da capa: Matt Naylor

Primeira impressão 2016

Impresso nos Estados Unidos da América

As citações das escrituras são da Bíblia ESV® (The Holy Bible, English Standard Version®), copyright © 2001 por Crossway, um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Todas as ênfases nas citações das Escrituras foram adicionadas pelo autor.

Brochura comercial ISBN: 978-1-4335-4607-5
ePub ISBN: 978-1-4335-4610-5
PDF ISBN: 978-1-4335-4608-2
Mobipocket ISBN: 978-1-4335-4609-9

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Poythress, Vern S.

Os milagres de Jesus: como os atos poderosos do Salvador servem como sinais de redenção / Vern S. Poythress.

1 recurso online.

Inclui referências bibliográficas e índice. ISBN

978-1-4335-4607-5 (brochura comercial) ISBN

978-1-4335-4610-5 (e-Pub) ISBN

978-1-4335-4608-2 (PDF) ISBN

978-1-4335-4609 -9 (mobi)

1. Jesus Cristo - milagres. 2. Bíblia. Novo Testamento - crítica, interpretação, etc. I. Título.

BS2545.M5

232,9'55 — dc23 2015007290

Crossway é um ministério de publicação da Good News Publishers.

Visto que este livro se preocupa com o ministério pastoral e com o aconselhamento, é apropriado dedicá-lo a meu filho Justin, dotado de ministério pastoral, a meu filho Ransom, dotado em aconselhamento, e para minha nova filha Lisbeth, talentosa em aconselhamento

Conteúdo

Ilustrações de
dedicatórias
de direitos
autorais da
página de
título

Parte I
INTRODUZINDO MILAGRES

1 A realidade dos milagres de Jesus
2 O significado dos milagres

parte II
MILAGRES COMO SINAIS

3 Milagres ilustrativos do Evangelho de João
4 O Padrão de Redenção
5 O padrão de aplicação da redenção
6 Raciocínio tipológico sobre milagres
7 Implicações mais amplas dos milagres de Jesus
8 Aplicações Específicas

Parte III
MILAGRES EM MATEUS

9 O nascimento virginal (Mt 1: 18-25)
10 O Batismo de Jesus (Mat. 3: 13-17)
11 Muitas curas (Mt 4: 23-25)
12 Limpando um leproso (Mat. 8: 1-4)
13 O Servo do Centurião (Mat. 8: 5-13)
14 Sogra de Pedro (Mat. 8: 14-17)
15 Acalmando uma tempestade (Mt 8: 23-27)
16 Os demônios gadarenos (Mat. 8: 28-34)
17 Cura de um paralítico (Mt 9: 1-8)

18 Criando a filha de Jairo (Mat. 9: 18-26)

19 Curando dois cegos (Mt 9: 27-31)
20 Curando um Demônio Mudo (Mat. 9: 32-34)
21 Muitas curas (Mt 9: 35-38)
22 Curando uma mão murcha (Mt 12: 9-14)
23 Muitas curas (Mt.12: 15-21)
24 Um homem cego e mudo (Mat. 12: 22-23)
25 Alimentando 5.000 (Mat. 14: 13-21)
26 Andando sobre a água (Mt 14: 22-33)
27 Curando muitos (Mt 14: 34-36)
28 A mulher siro-fenícia (Mat. 15: 21-28)
29 Curando muitos (Mt 15: 29-31)
30 Alimentando 4.000 (Mat. 15: 32-39)
31 A Transfiguração (Mat. 17: 1-8)
32 Um menino com um demônio (Mt 17: 14-20)
33 A moeda na boca do peixe (Mt 17: 24-27)
34 Muitas curas (Mt 19: 2)
35 Dois cegos em Jericó (Mat. 20: 29-34)
36 Amaldiçoando a figueira (Mt 21: 18-22)

Parte IV
A RESSURREIÇÃO DE CRISTO E SUA APLICAÇÃO

37 A ressurreição de Jesus (Mt 28: 1-10)
38 Aplicações para necessidades particulares

Conclusão

Apêndice: Milagres em toda a Bibliografia da Bíblia

Índice Geral

Índice das Escrituras

Ilustrações

2,1 Significado dos Milagres de Jesus

3,1 Jesus como o Pão da Vida (João 6)

3,2 Jesus como a luz (João 9)

3,3 Jesus como a ressurreição (João 11)

3,4 A ressurreição de jesus

3,5 O Milagre da Ressurreição

3,6 Milagres apontando para a ressurreição

5,1 Duas etapas para a aplicação

5,2 Tipos de Aplicação

5,3 Tipos de aplicação para a Igreja

6,1 Triângulo de Clowney

6,2 Triângulo de Clowney para o sacrifício de animais

6,3 Triângulo de Clowney para o sacrifício de animais, com aplicação

6,4 Triângulo de Clowney para alimentar 5.000

6,5 Triângulo de Clowney para alimentar 5.000, com aplicação

6,6 Triângulo de Clowney para o homem cego desde o nascimento

6,7 Triângulo de Clowney para o homem cego desde o nascimento, com aplicativo

7,1 Círculos de significado para alimentar 5.000

7,2 Círculos de significado para a cura do cego de nascença

9,1 Triângulo de Clowney para o nascimento virginal

9,2 Círculos de significado para o nascimento virginal

9,3 Triângulo de Clowney para o nascimento virginal, com aplicativo

10,1 Triângulo de Clowney para a voz do céu

10,2 Triângulo de Clowney para o Batismo de Jesus

10,3 Círculos de significado para o batismo de Jesus

11,1 Triângulo de Clowney para muitas curas

12,1 Triângulo de Clowney para a limpeza de um leproso

13,1 Triângulo de Clowney para a Cura do Servo do Centurião

14,1 Triângulo de Clowney para a cura da sogra de Peter

15,1 Triângulo de Clowney para acalmar a tempestade
16,1 Triângulo de Clowney para a libertação dos demônios gadarenos
17,1 Triângulo de Clowney para a cura do paralítico
18,1 Triângulo de Clowney para a filha de Jairo
18,2 Triângulo de Clowney para a cura da mulher com fluxo de sangue
19,1 O Triângulo de Clowney para os Dois Homens Cegos Crentes
21,1 Triângulo de Clowney para pastoreio e colheita
21,2 Triângulo de Clowney para os Milagres dos Doze
22,1 Triângulo de Clowney para a cura do homem com a mão murcha no sábado
23,1 Triângulo de Clowney para Justiça e Cura Compassiva
24,1 Triângulo de Clowney para o triunfo de Cristo sobre Satanás
25,1 Triângulo de Clowney para alimentar 5.000 pessoas, em Mateus
26,1 Triângulo de Clowney para caminhar na água
27,1 Triângulo de Clowney para a dimensão comunitária da Igreja
28,1 Triângulo de Clowney para a mulher siro-fenícia
29,1 Triângulo de Clowney para maravilha nas curas
31,1 Triângulo de Clowney para a Transfiguração
32,1 Triângulo de Clowney para o papel da fé na cura
33,1 Triângulo de Clowney para a moeda na boca do peixe
35,1 Triângulo de Clowney para os dois cegos em Jericó
36,1 Triângulo de Clowney para a maldição da figueira
38,1 Aplicações das histórias de milagres sobre Jesus A.1
A centralidade de Cristo na Bíblia

Parte I

INTRODUZINDO MILAGRES

1

A realidade dos milagres de Jesus

Na Bíblia, os quatro Evangelhos - Mateus, Marcos, Lucas e João - registram milagres que Jesus operou quando estava na Terra. Ele curou lepra, cegueira e muitas outras doenças. Ele multiplicou cinco pães e dois peixes. Ele expulsou demônios. Ele caminhou sobre a água. Ele ressuscitou os mortos.

Perguntas sobre milagres

É um registro extraordinário, mas levanta muitas questões. Para muitas pessoas modernas, no topo da lista de perguntas está se os milagres realmente aconteceram. E então, se eles aconteceram, qual é o seu significado? Como eles aconteceram? Por que eles aconteceram? Por que os Evangelhos os registram? E o que devemos fazer com eles? Como eles são relevantes para nós?

Queremos principalmente abordar as questões sobre o significado e a relevância dos milagres. Mas também é importante abordar a questão de saber se os milagres realmente aconteceram. Os milagres nos confrontam com a questão de em que tipo de mundo vivemos. A natureza do mundo permite milagres ou o mundo está fechado para eles? O mundo é apenas um mecanismo autossuficiente que não permite nenhum desvio de suas regularidades? Perguntas sobre o mundo rapidamente levam a perguntas sobre Deus. Deus existe? Se ele existe, ele é o tipo de Deus que faria milagres? E por que ele faria isso? Quem é Jesus, aquele por meio de quem os milagres aconteceram?

Os milagres de Jesus realmente aconteceram?

As pessoas têm debatido a realidade dos milagres há séculos. Livros inteiros foram escritos. Visto que estamos nos concentrando no significado dos milagres, não cobriremos em detalhes os debates de longa data sobre a existência de milagres. Para uma discussão completa dos debates, eu recomendaria dois livros recentes, que incluem referências a muitos livros anteriores: C. John Collins, The God of Miracles; e Craig Keener, Miracles.[1]

Em vez de fazer uma discussão completa aqui, nos contentamos em dar uma breve olhada nas principais questões que surgem sobre a realidade dos milagres.

A existência de Deus. A primeira questão diz respeito à existência de Deus. Na base do debate está a questão de saber se Deus existe e que tipo de Deus ele é. Milagres, como a Bíblia os descreve, não são meramente eventos incomuns ou eventos para os quais as pessoas ainda não encontraram uma explicação científica. Eles são atos de Deus, que indicam dramaticamente seu poder no trabalho. Se Deus não existe, claramente os milagres também não existem.

Que tipo de Deus. Uma segunda questão diz respeito a que tipo de Deus existe. O deísmo retrata Deus como um Deus que criou tudo, mas depois não está envolvido na operação diária do mundo. Ele está distante. Em geral, os deístas acreditam que Deus criou

o mundo de forma que seja um mecanismo perfeito e que não precise da “intervenção” dele. Um milagre seria

seria como admitir que o mecanismo tem um defeito. Conseqüentemente, a maioria dos deístas afirma que milagres não ocorrem.

Uma visão de mundo materialista moderna, influenciada pela ciência, acredita que o mundo consiste basicamente em matéria e movimento, governados por leis mecanicistas invioláveis. A maioria dos materialistas não acredita na existência de Deus. Mas mesmo que exista, ele é irrelevante para o funcionamento diário do mundo. Seu status é semelhante ao do deísmo.

Então, o que é verdade? Podemos observar brevemente que Deus, como ele é descrito na Bíblia, é um Deus que age tanto para criar o mundo inicialmente como depois para sustentar o mundo que ele criou. A Bíblia indica não apenas que a existência de Deus é exibida por meio das coisas que ele fez, mas que ele se deu a conhecer a todos os seres humanos por meio do que fez. Todas as pessoas conhecem a Deus, mas suprimem esse conhecimento e se fazem substitutos do Deus verdadeiro:

> Pois a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que por sua injustiça suprimem a verdade. Pois o que pode ser conhecido sobre Deus é claro para eles, porque Deus o mostrou a eles. Pois seus atributos invisíveis, a saber, seu poder eterno e natureza divina, foram claramente percebidos, desde a criação do mundo, nas coisas que foram feitas. Então eles estão sem desculpa. Pois embora conhecessem a Deus, não o honraram como Deus nem lhe deram graças, mas se tornaram fúteis em seus pensamentos e seus corações tolos escureceram. Alegando ser sábios, eles se tornaram tolos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens que lembram o homem mortal e pássaros e animais e coisas rastejantes. (Rom. 1: 18-23)

Argumentos sobre a existência de Deus podem ser úteis como uma espécie de ferramenta para lembrar às pessoas o que elas já sabem. Mas o valor de tais argumentos é limitado porque ninguém é religiosamente neutro. Os seres humanos estão fugindo de Deus.

De acordo com as Escrituras, Deus está continuamente ativo nas regularidades do mundo, bem como em quaisquer eventos incomuns. Sua palavra governante é a verdadeira fonte do que os cientistas chamam de lei científica.[2]Ele é o Rei e Senhor tanto das regularidades quanto das exceções. As regularidades no governo de Deus são o que tornam a ciência possível. Longe de estar em tensão com a ciência, Deus é a base para a ciência.

Além disso, Deus é um Deus pessoal, não um sistema mecânico. Portanto, ele também pode criar exceções às regularidades quando desejar. Milagres não são apenas possíveis, mas são compreensíveis e naturais, visto que às vezes Deus pode ter propósitos especiais que levam a ações especiais. Por exemplo, a ressurreição de Cristo dentre os mortos foi extremamente incomum, mas faz sentido quando entendemos que neste evento Deus o Pai vindicou Cristo e o recompensou por sua obediência. Por meio de Cristo, ele agora traz salvação para aqueles que estão unidos a Cristo. A ressurreição de Cristo faz sentido em um mundo governado por Deus. Não faz sentido se o mundo é governado por leis impessoais e mecanicistas.

Credibilidade dos milagres nos Evangelhos. Terceiro, temos a questão de saber se o

o testemunho sobre os milagres encontrados nos Evangelhos é confiável. Mais uma vez, livros inteiros foram escritos sobre isso. O testemunho nunca será crível para uma pessoa moderna se ela já decidiu que Deus não existe ou que milagres são impossíveis. Mas se ele acredita que Deus existe e que milagres são possíveis, a questão ainda permanece se milagres específicos realmente aconteceram. Por exemplo, que dizer de Jesus expulsar demônios (Mt 8: 28-34) ou curar o escravo do centurião (Mt 8: 5-13)? Esses eventos específicos realmente ocorreram e ocorreram da maneira descrita nos Evangelhos?

Existem três subquestões envolvidas aqui. Uma é se os seres humanos que escreveram os Evangelhos pretendiam afirmar que os eventos realmente aconteceram. Mesmo uma leitura ingênua sugere que sim. E essa impressão ingênua é confirmada por uma declaração explícita em Lucas 1: 1-4 a respeito da investigação histórica de Lucas. Ele diz que escreveu seu Evangelho para que "vocês tenham certeza das coisas que vos foram ensinados" (v. 4). O Evangelho de João indica que registrou "coisas que Jesus fez" (21:25). Fornece este registro "para que você creia que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e que, por crer, você tenha vida em seu nome" (20:31). Esse propósito pressupõe a afirmação de que João não está apenas fornecendo ficção.[3]

Em segundo lugar, os escritores dos Evangelhos foram realmente bem-sucedidos? Os Evangelhos são historicamente confiáveis, pelo menos tão confiáveis quanto os relatos de outros historiadores humanos? É útil olhar para o livro de Atos, que foi escrito pelo mesmo autor humano que o Evangelho de Lucas (ver Atos 1: 1). Algumas das informações em Atos sobre o Império Romano podem ser cruzadas usando informações sobre Roma de outras fontes, e essa verificação confirma a confiabilidade de Atos. As defesas modernas de confiabilidade entram nesse tipo de informação.[4] Novamente, por causa de nosso foco, deixaremos essa discussão para outros livros.

Terceiro, os Evangelhos não têm autoridade meramente humana, mas também autoridade divina no que dizem? Nesse caso, eles são completamente verdadeiros e confiáveis no que dizem sobre milagres. Eles não são apenas mais ou menos confiáveis, como um escrito histórico humano poderia ser, mas são totalmente confiáveis, por causa da confiabilidade de Deus. Mais uma vez, livros inteiros são dedicados à questão.[5]Eu acredito que os Evangelhos são realmente palavras de Deus, não meramente palavras humanas. Em minha discussão dos Evangelhos, aceito a autoridade divina do que eles dizem.

Quem é Jesus? O que pensamos sobre os milagres nos Evangelhos também depende do que pensamos sobre Jesus. Se Jesus é o Messias, o Filho de Deus, prometido pelas profecias do Antigo Testamento, os milagres fazem sentido como um acompanhamento adequado à sua obra. Se, por outro lado, uma pessoa não acredita que Jesus é o Messias, essa pessoa também pode ser cética sobre os relatos de milagres. A questão da identidade de Jesus também pode ter uma influência nas questões anteriores sobre Deus e sobre a natureza das Escrituras. Se a visão da Bíblia estiver correta, Jesus é o caminho para Deus (João 14: 6), e as crenças sobre ele podem influenciar radicalmente a crença de uma pessoa em Deus. Porque Jesus testifica a autoridade divina do Antigo Testamento, uma decisão sobre Jesus também afeta a decisão de alguém sobre o caráter das Escrituras.

Em busca da verdade

Todas essas perguntas sobre Deus, milagres e a identidade de Jesus são importantes. Como observamos, podemos encontrar livros inteiros que discutem o assunto. Mas, neste livro, enfocamos, em vez disso, o significado dos milagres. Portanto, fornecemos apenas respostas muito curtas para todas as perguntas preliminares.

Se uma pessoa é atormentada por perguntas, posso dizer que ela deve consultar livros como os que citei acima em notas de rodapé. Mas ele também pode começar simplesmente lendo os quatro Evangelhos, repetidamente. Enquanto lê, ele pergunta quem é Jesus. E, visto que sempre há uma resistência humana pecaminosa em aceitar quem Jesus realmente é, e suas reivindicações sobre nossas vidas, recomendo pedir a Deus que revele o que é a verdade e supere nossa própria resistência. Uma pessoa incerta sobre a existência de Deus pode perguntar: "Deus, se você existe, por favor, revele a verdade enquanto eu leio."

Antes de começar a ler, algumas pessoas podem querer descobrir se os Evangelhos são historicamente confiáveis, pelo menos no nível dos escritos humanos. Então, eles liam alguns dos livros discutindo a questão da confiabilidade histórica. Mas também seria possível começar com os próprios Evangelhos. Uma pessoa pode descobrir, ao ler, que Jesus afirma sobre sua vida que não pode escapar. Portanto, a questão teórica da confiabilidade histórica, que de outra forma uma pessoa poderia querer debater no vácuo, acaba não sendo tão importante quanto parecia inicialmente. Jesus é único. Não há ninguém como ele, entre os fundadores ou dirigentes de outras religiões ou mesmo entre as outras pessoas citadas na Bíblia. O que ele disse e fez é único.

Se uma pessoa passa a ver que Jesus é quem afirma ser, muitas coisas se seguem. Nossa própria vida tem que mudar, porque Jesus nos chama para ser seus discípulos. E quando nos tornamos seus discípulos, aceitamos o que ele diz. O que ele diz sobre o Antigo Testamento confirma sua autoria e autoridade divinas.[6] E então essa mesma autoridade se estende ao Novo Testamento, que é um acréscimo ao Antigo Testamento, encomendado pelo próprio Jesus.

A consequência é que quem encontra Jesus e percorre o caminho para se tornar seu discípulo obtém respostas para suas perguntas fundamentais. A Bíblia contém respostas claras para suas perguntas. As respostas incluem o seguinte:

Deus existe. Só existe um Deus.

- Deus criou o mundo e continua a governá-lo (na “providência”). Deus
- pode fazer milagres quando quiser.
- Deus faz milagres às vezes quando os milagres promovem seus propósitos.
- Sabemos que os Evangelhos apresentam relatos históricos confiáveis, porque os
- Evangelhos são escritos não apenas com autores humanos, mas com Deus como seu autor divino. O que eles dizem é a palavra de Deus.

Os milagres nos Evangelhos realmente aconteceram no tempo e no espaço, da

- maneira como os Evangelhos os descrevem.

Jesus é quem os Evangelhos dizem que ele é. Ele é Deus e homem, e ele se tornou

-

encarnado (assumiu a natureza humana) a fim de trazer a salvação e cumprir as promessas feitas no Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias na linha de Davi.

O significado dos milagres

Admitindo-se que os milagres nos Evangelhos realmente aconteceram, o que eles mostram? Por que eles foram feitos? Por que Deus os criou? Essas são as questões nas quais nos concentraremos.

---

1 C. John Collins, O Deus dos Milagres: Um Exame Exegético da Ação de Deus no Mundo (Wheaton, IL: Crossway, 2000); Craig S. Keener, Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts (Grand Rapids, MI: Baker, 2011). Ver também Vern S. Poythress, In the Beginning Was the Word: Language - A God-Centered Approach (Wheaton, IL: Crossway, 2009), capítulo 29.

2 Vern S. Poythress, Redeeming Science: A God-Centered Approach (Wheaton, IL: Crossway, 2006), especialmente o capítulo 1

3 Veja mais em Vern S. Poythress, Inerrancy and the Gospels: A God-Centered Approach to the Challenges of Harmonização (Wheaton, IL: Crossway, 2012), capítulos 5-6.

4 Ver, por exemplo, FF Bruce, The New Testament Documents: Are They Reliable? (Grand Rapids, MI: Eerdmans,2003). Também temos defesas que se concentram nos Evangelhos em vez de em Atos: Craig Blomberg, The Historical Reliability of the Gospels, 2ª ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007); Blomberg, The Historical Reliability of John's Gospel: Issues and Commentary (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002).

5 John M. Frame, A Doutrina da Palavra de Deus (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 2010); NBStonehouse e Paul Woolley, eds., The Infallible Word: A Symposium by the Members of the Faculty of Westminster Theological Seminary (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1967).

6 John Murray, “The Attestation of Scripture”, em Stonehouse and Woolley, Infallible Word, 20-28.

2

O significado dos milagres

Se alguns ateus ou agnósticos admitissem que alguns dos eventos extraordinários nos Evangelhos realmente aconteceram, eles poderiam simplesmente dizer que “coisas estranhas acontecem”? As obras extraordinárias de Jesus são apenas eventos estranhos, eventos estranhos que estão fora dos padrões normais, sem qualquer fundamento lógico? Ou são obras de Deus que revelam seus propósitos? E em caso afirmativo, que propósitos eles revelam?

Os Evangelhos não tratam os milagres de Jesus como se fossem eventos estranhos ou irracionais. Certamente são extraordinários, mas fazem sentido como indicadores do caráter do ministério de Jesus como um todo. As pessoas que viram os milagres de Jesus interpretaram o que aconteceu. Por exemplo, quando Jesus ressuscitou dos mortos o filho de uma viúva em Naim, as pessoas reagiram da seguinte maneira:

> O medo apoderou-se de todos eles e glorificaram a Deus, dizendo: “Um grande profeta se levantou entre nós!” e "Deus visitou seu povo!" (Lucas 7:16)

Há algumas evidências de que Naim pode ter estado perto de Suném do Velho Testamento, onde Eliseu restaurou à vida o filho da sunamita (2 Reis 4: 18-37). Elias também ressuscitou o filho de uma viúva, morto, em Sarepta (1 Reis 17: 17-24). As pessoas viram que o milagre de Jesus era análogo aos dos dois profetas do Antigo Testamento. Os milagres mostraram o poder de Deus em ação e atestaram a autenticidade do profeta. Portanto, o povo viu o milagre de Jesus como uma obra de Deus: “Deus visitou o seu povo!” E eles viram Jesus como um profeta de Deus: “Um grande profeta surgiu entre nós!” As pessoas ainda não perceberam que Jesus era Deus vindo em carne. Mas eles perceberam que Deus estava agindo por meio dele.

Relevância Moderna

Os milagres de Jesus eram relevantes para as pessoas naquela época. Mas e agora? Os Evangelhos registram os milagres para indicar o que aconteceu. Mas os Evangelhos também têm um propósito religioso. Ao compreender quem é Jesus e o que ele fez, somos convidados a colocar nossa fé nele. João é o mais explícito sobre o propósito dos milagres:

> Ora, Jesus fez muitos outros sinais na presença dos discípulos, que não estão escritos neste livro; mas estes são escritos para que você possa crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e que por crer você possa ter vida em seu nome. (João 20: 30-31)

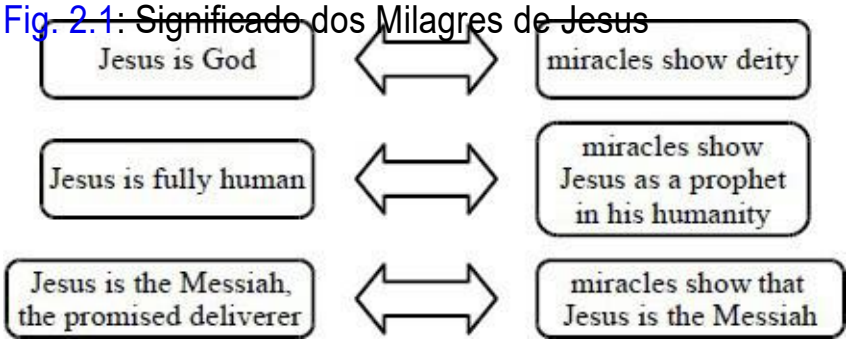
Os Evangelhos indicam que Jesus viveu na terra há muito tempo, mas agora continua a viver no céu, tendo ascendido à destra de Deus (Atos 2:33). O mesmo Jesus que agiu com poder e compaixão na terra ainda age com poder e compaixão agora. Ele age para salvar as pessoas de seus pecados, restaurá-las à comunhão com Deus e dar esperança para uma futura ressurreição dos mortos. No tempo futuro de ressurreição, os propósitos de Deus para os indivíduos e para o cosmos como um todo serão plenamente realizados (Rom. 8: 18-25).

Cada um dos milagres de Jesus aconteceu exclusivamente em um momento e em um lugar. Em sua configuração detalhada, eles nunca serão repetidos. Mas eles têm pertinência para nós agora, porque são “sinais”. O Evangelho de João usa caracteristicamente a palavra sinal (grego semeion) em vez de outras palavras como milagre e maravilha. Assim, indica que os milagres têm um significado permanente. Eles significam verdades a respeito de Deus, a respeito de Cristo e a respeito da salvação que ele trouxe. João - e os outros Evangelhos também - nos exorta a ouvir. Levando a sério o significado dos sinais, ouvimos o que o próprio Deus nos diz; e por ouvir podemos ser transformados, tanto agora como no futuro.

Três Tipos de Significância

Os milagres de Jesus têm pelo menos três tipos de significado, correspondendo aproximadamente a três aspectos de quem Jesus é. (1) Jesus é Deus. (2) Jesus é totalmente humano e, como ser humano, realizou milagres de maneira análoga aos milagres dos profetas do Antigo Testamento.
(3) Jesus é o Messias prometido no Antigo Testamento, o único mediador entre Deus e o homem. (VerFIG. 2,1.)

Fig. 2.1: Significado dos Milagres de Jesus



Comecemos com o primeiro aspecto, a saber, a divindade de Jesus. João 1: 1 indica que Jesus é Deus. Desde toda a eternidade ele existe como o Verbo, a segunda pessoa da Trindade. Os milagres como obras do poder divino confirmam sua divindade. Na mente de muitos leitores cristãos, a divindade de Jesus é o que se destaca nos milagres.

Mas as pessoas que originalmente viram os milagres de Jesus não entenderam seu significado total imediatamente. Já observamos que em Lucas 7:16 as pessoas identificaram Jesus como “um grande profeta”. Ele era realmente um profeta; mas ele era mais. Ele era Deus vindo em carne (João 1:14).

Considere os milagres no Antigo Testamento que aconteceram por meio de profetas como Elias e Eliseu. Esses milagres foram obras de poder divino. Deus os trouxe. Elias e Eliseu não os realizaram por seu próprio poder inato. Devemos dizer exatamente a mesma coisa sobre Jesus? Não, porque Jesus fez afirmações que iam além das dos profetas do Antigo Testamento. Ele é o único Filho do Pai, e seu nome é honrado ao lado do nome do Pai e do Espírito como um nome divino (Mt 28:19). Quando entendemos os milagres de Jesus no contexto de quem ele é, vemos que são obras que Jesus fez por seu próprio poder divino, não meramente obras de Deus feitas por meio de um profeta humano:

... a Canção vivida com quem ele vai. (João 5: 21)

> Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém o tira de mim, mas eu o coloco de lado por minha própria conta. Tenho autoridade para declará-lo e tenho autoridade para retomá-lo. (João 10: 17-18)

Um segundo tipo de significado surge por causa da humanidade plena de Jesus (novamente, veja FIG. 2,1) Começando com o tempo de sua encarnação, Jesus é totalmente homem e também totalmente Deus (Hb 2: 14-18). Ele é uma pessoa com duas naturezas, a natureza divina e a humana. Este é um mistério profundo. Como homem, Jesus realizou obras semelhantes às dos profetas do Antigo Testamento. Isso é verdade além da verdade que acabamos de observar sobre Jesus fazendo obras por seu próprio poder divino.

Um terceiro significado diz respeito ao papel único de Jesus como o Messias, o grande libertador na linha de Davi que é profetizado no Antigo Testamento. Por exemplo, Isaías 9: 6-7 e 11: 1-9 prediz a vinda do Messias na linha de Davi. Isaías 61: 1-2 descreve o servo do Senhor como alguém cheio do Espírito Santo para libertar os cativos. Jesus citou a passagem de Isaías 61, enquanto na sinagoga de Nazaré, e indicou que ela se cumpriu nele (Lucas 4: 18-21). Quando João Batista enviou mensageiros a Jesus, Jesus apontou suas obras milagrosas como sinais de cumprimento (Lucas 7:22), tendo como pano de fundo Isaías 35: 5-6:

> Então os olhos dos cegos serão abertos, e
> os ouvidos dos surdos abertos, então o coxo
> saltará como um cervo, e a língua dos mudos
> canta de alegria.

Assim, os milagres de Jesus cumprem a profecia do Antigo Testamento.

Já se passaram quase dois mil anos desde que Jesus realizou seus milagres. O povo de Deus teve muito tempo para refletir sobre seus milagres. Muito já foi escrito que é lucrativo. Mas ainda podemos acrescentar algo a isso observando as maneiras pelas quais cada um dos milagres funciona como uma pequena imagem da glória de Cristo e de sua missão de salvação. Os milagres contam histórias que mostram analogias à grande história da redenção. Deus redime as pessoas do pecado para que possam entrar na glória da presença de Deus. As pequenas histórias de redenção apontam especialmente para o clímax da redenção na crucificação, morte, ressurreição, ascensão, reinado e segunda vinda de Cristo.[1]

Essas histórias têm pertinência para nós porque o chamado de Deus para a salvação ainda vai para os pecadores hoje:

> Deus ignorou os tempos de ignorância, mas agora ele ordena a todas as pessoas em todos os lugares que se arrependam, porque ele fixou um dia em que julgará o mundo com justiça por um homem a quem ele designou; e disso ele deu garantia a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. (Atos 17: 30-31)

> E não há salvação em ninguém mais, pois não há outro nome sob o céu dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos. (Atos 4:12)

> E venha aquele que tem sede; que aquele que deseja tome a água da vida sem preço. (Rev. 22:17)

No século vinte e no início do século vinte e um, o apreço por analogias entre histórias redentoras diminuiu um pouco entre os estudiosos, por várias razões. Portanto, é importante explorar essas analogias. Outros livros estabeleceram bases teóricas para justificar o processo.[2] Também encontrei um livro de Richard Phillips que explica, de forma pastoral, as implicações dos milagres de Jesus para hoje, baseando-se em analogias redentoras.[3] Neste livro, pretendo mostrar a natureza dessas analogias redentoras. Deus construiu analogias redentoras na história. São essas analogias redentoras, que estão por trás do livro de Phillips, que o capacitam a fazer um bom trabalho ao expor o significado dos milagres. O livro de Phillips enfoca os milagres do Evangelho de Lucas. Para complementar seu trabalho, vou me concentrar principalmente nos milagres de João e de Mateus.

1 ~~Veja a discussão em Vern~~ S. Poythress, In the Beginning Was the Word: Language - A God-Centered Approach (Wheaton, IL: Crossway, 2009), capítulos 24-29

2 Em particular, Vern S. Poythress, God-Centered Biblical Interpretation (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1999); Poythress, In the Beginning Was the Word, capítulos 24-29; Poythress, Inerrancy and Worldview: Respondendo aos Desafios Modernos da Bíblia (Wheaton, IL: Crossway, 2012); Poythress, Inerrancy and the Gospels: A Abordagem Centrada em Deus para os Desafios da Harmonização (Wheaton, IL: Crossway, 2012); Poythress, Lendo a Palavra de Deus na Presença de Deus: Um Manual para Interpretação Bíblica (Wheaton, IL: Crossway, a ser publicado).

3 Richard D. Phillips, Poderoso para Salvar: Descobrindo a Graça de Deus nos Milagres de Jesus (Phillipsburg, NJ: Presbiteriano & Reformado, 2001).

parte II

MILAGRES COMO SINAIS

3

Milagres ilustrativos do Evangelho de João

O Evangelho de João discute mais explicitamente como os milagres de Jesus são sinais de redenção. Portanto, podemos começar com vários milagres registrados lá.

O pão da vida

Vejamos primeiro João 6, que registra o milagre da alimentação de 5.000 pessoas (João 6: 1-14). O mesmo milagre está registrado nos três outros Evangelhos (Mat. 14: 13-21; Marcos 6: 30-44; Lucas 9: 10-17), mas somente João inclui mais tarde no mesmo capítulo o discurso de Jesus sobre o pão da vida (João 6: 25-59). Esse discurso aconteceu no dia seguinte ao milagre (v. 22).

Jesus iniciou a sua discussão mencionando o milagre: “Em verdade, em verdade, te digo que me procurais, não porque viste sinais, mas porque comeu que te fartes dos pães” (v. 26). Ele então continuou a discussão de uma forma que deixa claro o paralelo entre o alimento físico dos pães e o alimento espiritual que dá vida eterna: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, que o Filho do homem vos dará ”(v. 27). A certa altura, a multidão mencionou o maná do céu (v. 31). Jesus então pegou o tema do maná e o usou para direcioná-los ao verdadeiro pão do céu:

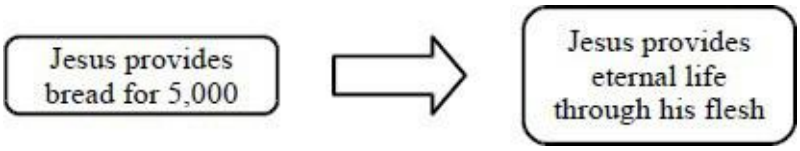
> Jesus então disse-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo, não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos deu o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo ”. (vv. 32-33)

Ele então declarou: “Eu sou o pão da vida” (v. 35).

Jesus indicou então que tanto o maná da época de Moisés quanto o milagre de alimentar 5.000 pessoas têm significado simbólico. O maná veio de uma forma milagrosa, mas mesmo seu caráter milagroso não o tornou uma fonte de vida eterna; servia apenas para sustentar a vida temporal. Da mesma forma, o pão que se multiplicou para alimentar os 5.000 homens sustentou a vida física (vv. 26-27), mas Jesus indicou que ambos apontam para algo mais profundo, a saber, a vida eterna. O próprio Jesus é quem fornece a vida eterna. A vida eterna pertence a quem “se alimenta” dele: “Quem se alimenta da minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (v. 54).

Assim, o milagre da alimentação de 5.000 pessoas tem um significado simbólico além do fato de exibir o poder divino. Seu significado vai além de confirmar e testemunhar que Jesus é um autêntico mensageiro de Deus, como um dos profetas do Antigo Testamento. O milagre mostra de forma simbólica o que Jesus está fazendo espiritualmente por meio de sua vida, morte e ressurreição - ele está trazendo vida eterna e dando nutrição espiritual duradoura a todos que vêm a ele pela fé. (VerFIG. 3,1.)

Fig. 3.1: Jesus como o Pão da Vida (João 6)



A luz do mundo

Considere um segundo milagre, a cura de um cego de nascença, registrado em João 9. Esse milagre mostra o poder divino. Mas também é um sinal. Significa que tipo de pessoa Jesus é e o que ele veio fazer na terra. Observe que segue o capítulo 8, onde Jesus declarou: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida ”(João 8:12). Pouco antes de curar o cego, Jesus fez uma declaração semelhante: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (João 9: 5). No final do capítulo, Jesus deixou claro que a cura física é um símbolo da cura espiritual da cegueira espiritual:

> Jesus disse: “Eu vim a este mundo para julgamento, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos”. Alguns dos fariseus perto dele ouviram essas coisas e disseram-lhe: "Somos nós também cegos?" Jesus disse-lhes: “Se fossem cegos, não teriam culpa; mas agora que você diz: 'Vemos', sua culpa permanece. ” (João 9: 39-41)

A iluminação fundamental consiste em conhecer o Pai por meio do Filho:

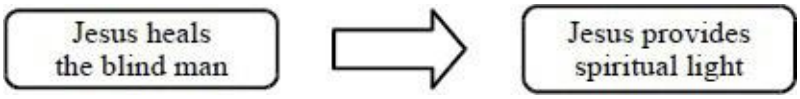
> Filipe disse-lhe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”. Jesus disse-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco e ainda não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o pai. Como você pode dizer: 'Mostre-nos o Pai'? Você não acredita que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não falo por minha própria conta, mas o Pai que habita em mim faz as suas obras. Acredite em mim que eu estou no Pai e o Pai está em mim, ou então acredite por causa das próprias obras. ” (João 14: 8-11)
>
> E esta é a vida eterna, que eles conheçam você, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem você enviou. (João 17: 3)
>
> Ninguém jamais viu a Deus; o único Deus, que está ao lado do Pai, o deu a conhecer. (João 1:18)

O milagre físico da cura do cego veio junto com uma obra espiritual no cego, para que o homem passasse a crer no Filho do Homem (Jesus, o Messias):

> Ele disse: “Senhor, eu creio”, e o adorou. (João 9:38)

O cego recebeu visão espiritual, pela qual ele creu em Jesus e foi salvo. Assim, o milagre físico ilumina todo o propósito de Jesus de redimir as pessoas e dar-lhes um conhecimento salvador de Deus. (VerFIG. 3,2.)

Fig. 3.2: Jesus como a luz (João 9)



A Ressurreição e a Vida

O último milagre registrado em João como parte do ministério público de Jesus é a ressurreição de Lázaro (João 11: 1-44). No meio da história, Jesus fez uma declaração sobre si mesmo:

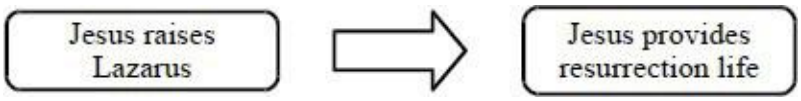
> Jesus disse a ela: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, embora morra, viverá, e todo aquele que vive e acredita em mim nunca morrerá. Você acredita nisso? ” (João 11: 25-26)

Jesus aqui prometeu que os crentes desfrutarão da ressurreição corporal: “ainda que morra, viverá”. Mas a ressurreição corporal é o acompanhamento adequado para a vida espiritual que um crente já possui: “todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá”. A presente posse da vida eterna é confirmada em outro lugar no Evangelho de João:

> Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna. Ele não entra em julgamento, mas passou da morte para a vida. (João 5:24)
>
> Quem se alimenta da minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6:54)
>
> E esta é a vida eterna, que eles conheçam você, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem você enviou. (João 17: 3)

Qual é a base para esta vida eterna? Isso vem claramente de estar unido a Cristo, que é a ressurreição e a vida. (VerFIG. 3,3.)

Fig. 3.3: Jesus como a ressurreição (João 11)



A Crucificação e a Ressurreição

Como observamos, a ressurreição de Lázaro é o último milagre público registrado no Evangelho de João - exceto a ressurreição de Jesus. Em resposta ao milagre com Lázaro, Caifás e os líderes judeus se aconselharam juntos e planejaram matar Jesus, e também matar Lázaro (João 11: 47-53; 12: 10-11). O Evangelho de João então continua com um relato dos últimos dias de Jesus em Betânia e Jerusalém, culminando em sua crucificação e ressurreição.

Todo o relato do Evangelho de João está conduzindo ao clímax da obra de Jesus na crucificação e ressurreição. O próprio Jesus descreveu a importância desses eventos vindouros:

> “Agora é o julgamento deste mundo; agora o governante deste mundo será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todas as pessoas para mim. ” Ele disse

isso para mostrar por que tipo de morte ele iria morrer. (João 12: 31-33)

A ressurreição de Lázaro está particularmente ligada à ressurreição de Jesus. É uma imagem anterior de sua ressurreição. Mas não está no mesmo nível da ressurreição de Jesus. Lázaro, quando ressuscitado, foi trazido de volta ao mesmo tipo de vida que tinha antes de morrer. Ele ainda estava sujeito a se encontrar com a morte novamente no futuro. Jesus, ao contrário, tem vida eterna; ele nunca morrerá novamente (Rom. 6: 9):

> Cristo ressuscitou dos mortos, as primícias dos que dormem. (1 Coríntios 15:20)

Cristo é as "primícias". Ele não é o primeiro ser humano a ser restaurado à vida. A restauração da vida aconteceu com a viúva do filho de Sarepta (1 Reis 17: 17-24), com o filho da Sunamita (2 Reis 4: 18-37), e com a filha de Jairo (Mateus 9: 18-26), como bem como com Lázaro. Então, em que sentido Jesus é o primeiro? Jesus em sua humanidade foi o primeiro a entrar na vida eterna e infalível da ressurreição. A ressurreição de Lázaro é, portanto, um tipo ou sombra de algo maior que está por vir. É apenas uma sombra em comparação com a ressurreição de Jesus. Mas é pelo menos uma sombra. Ele nos oferece uma imagem em pequena escala da vida espiritual eterna que Jesus dará como resultado de sua ressurreição. (VerFIG. 3,4.)

Fig. 3.4: A Ressurreição de Jesus



Se a ressurreição de Lázaro tem uma ligação com a ressurreição de Jesus, o mesmo se aplica a outros milagres no Evangelho de João? Isto é. Pense na alimentação de 5.000. Este milagre retrata em um plano físico a realidade de que Jesus é o pão da vida (João 6:35). Jesus continuou em João 6 para explicar que ele oferece nutrição dando seu próprio corpo e sangue (vv. 53-56). Essas palavras apontam para a crucificação e morte de Jesus, onde ele deu seu corpo e sangue em sacrifício pelos pecados. A nutrição espiritual ocorre quando confiamos em Cristo. Pela fé, estamos unidos com sua crucificação, morte e ressurreição.

Jesus é sempre o pão da vida. Mas a crucificação e ressurreição são o ponto focal de sua obra. Particularmente nesses eventos culminantes, ele conseguiu o que era necessário para que o povo de Deus recebesse nutrição em todos os momentos.

Considere a próxima cura de Jesus do homem cego de nascença, e a afirmação associada, "Eu sou a luz do mundo." João 1: 4 indica que mesmo antes de sua encarnação ele era "a luz" em um sentido amplo, em virtude de seu papel na criação: "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens". Em sua encarnação ele se ofereceu como luz da redenção de forma intensiva:

> E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, glória como do Filho unigênito do Pai, cheio de graça e verdade. (João 1:14)

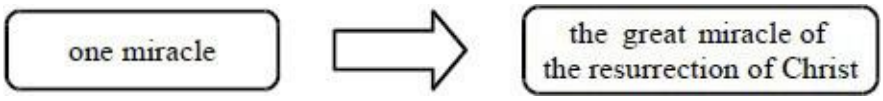
A luz da revelação e da glória tem seu clímax na crucificação e na ressurreição, que revelam de forma suprema o plano redentor de Deus:

> Agora o Filho do Homem é glorificado e Deus é glorificado nele. Se Deus é glorificado nele, Deus também o glorificará em si mesmo e o glorificará imediatamente. (João 13: 31-32)

> E agora, Pai, glorifique-me em sua própria presença com a glória que eu tinha com você antes que o mundo existisse. (João 17: 5)

Assim, vários milagres apontam para o grande milagre da ressurreição de Cristo. (Ver fig. 3.5.)

Fig. 3.5: O Milagre da Ressurreição



Os outros milagres no Evangelho de João também apontam para a crucificação e ressurreição. Iremos considerá-los brevemente, um por um.

O homem doente por trinta e oito anos (João 5)

Consideremos a cura do enfermo na porta das ovelhas, em João 5. Jesus escolheu esta ocasião para fazer outro discurso, João 5: 19-47, que indica a estreita relação entre as obras do Pai e as obras do Filho. O Filho curou o homem como uma "obra" na qual ele realiza as obras do Pai (v. 17). O fato de Jesus ter realizado a cura no sábado corresponde ao fato de Deus continuar trabalhando no sábado: "meu Pai está trabalhando até agora" (v. 17). Jesus estava, portanto, convidando as pessoas a verem sua obra de cura como um sinal de sua identidade - ele estava realizando as obras de Deus, que o Pai lhe havia dado para fazer. Suas obras revelam sua união com o Pai: "o Pai que habita em mim faz as suas obras" (14:10).

> Além disso, um trabalho ainda maior está chegando:
>
> Pois o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que ele mesmo está fazendo. E obras maiores do que estas lhe mostrará, para que você se maravilhe. Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, também o Filho dá vida a quem ele quer. (João 5: 20-21)

A ressurreição de seres humanos mortos é baseada na ressurreição de Jesus. Portanto, as primeiras obras que Jesus fez apontam para essa obra maior.

As obras de cura de Jesus tratam dos vários tipos de consequências físicas que existem em um mundo imperfeito, um mundo afetado pela queda. Neste mundo, os seres humanos adoecem. E a doença é a precursora da morte, a destruição completa das funções do corpo. A restauração de um homem da doença, portanto, aponta para a restauração maior, a restauração da saúde corporal plena em um corpo ressuscitado. E o fundamento para essa restauração mais completa está na ressurreição de Cristo. A cura também é uma espécie de metáfora para a cura do pecado. Cristo perdoa nossos pecados; por meio do Espírito Santo, ele nos dá o poder de viver novas vidas livres do domínio do pecado (Rom. 6: 7, 14).

Além disso, a liberdade que agora temos é um antegozo da completa liberdade de todos os pecados que teremos no novo céu e na nova terra. Seremos perfeitos em santidade e também perfeitos para sempre em nossos novos corpos. A cura do enfermo em João 5 funciona como um prenúncio dessa perfeição, que Cristo nos trará em virtude de sua ressurreição.

O tema da nova criação

A cura em João 5 é parte de um padrão maior de nova criação. O ministério de Jesus foi um ministério do reino de Deus que trouxe uma nova criação:

> Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O velho já passou; eis que o novo chegou. (2 Coríntios 5:17)

Em sua forma final, a nova criação inclui o novo céu e a nova terra em Apocalipse 21: 1. Mas a nova criação também tem antecipações preliminares. A vida eterna com Cristo começa dentro de nosso período de tempo, porque uma nova vida espiritual vem para os indivíduos que estão unidos a Cristo. Uma nova vida começa agora e se completa mais tarde. Dizemos que está inaugurado agora e consumado no novo céu e nova terra. Nós, que pertencemos a Cristo, somos adotados como filhos de Deus agora (Rom. 8: 15-17; Gal. 4: 5-7; Ef. 1: 5). Essa adoção chega à plena realização no futuro, no momento em que a criação é renovada (Rom. 8:23).

À luz dessa relação entre a vida inaugurada e a vida consumada, podemos ver muitos sinais da nova criação no Novo Testamento. Nascer de novo, conforme descrito em João 3, é um tipo de nova criação. Ele representa a etapa inaugurada de uma nova criação. A ressurreição de Lázaro é uma antecipação da ressurreição final do corpo, e esta ressurreição final é parte do quadro maior da criação de um novo céu e uma nova terra (Ap 21: 1). A ressurreição do corpo é a forma consumada da nova criação.

A palavra escatologia é um rótulo para o ensino bíblico a respeito das últimas coisas. Em um sentido restrito, a escatologia tem a ver com o ensino sobre a segunda vinda de Cristo, o juízo final e o novo céu e nova terra. Mas pode ser usado de forma mais ampla para rotular quaisquer eventos que pertençam ao cumprimento das profecias do Antigo Testamento sobre “os últimos dias”. A vinda do reino de Deus durante o ministério terreno de Jesus é o início desse cumprimento, por isso também pertence à escatologia. É a escatologia inaugurada, enquanto o novo céu e a nova terra e a ressurreição do corpo pertencem à escatologia consumada.

Podemos ver o padrão da escatologia inaugurada em João 9, com o cego de nascença. Ele recebeu visão espiritual quando passou a ter fé em Jesus. Essa visão espiritual foi uma forma inaugurada de visão espiritual. Antecipou a forma final de visão, quando os servos de Deus “verão sua face” (Apocalipse 22: 4). Eles verão a glória de Deus de uma maneira mais completa do que a verdade hoje (Ap 21:23; 22: 5).

Podemos ver o mesmo padrão de nova criação inaugurada e consumada com o milagre de alimentar 5.000. O milagre mostra a maneira como Jesus é o pão da vida para aqueles que acreditam nele. Mas a comida que dele temos agora é também uma antecipação da consumação de sermos totalmente alimentados: aguardamos a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19: 9).

Água em Vinho

Considere a seguir o milagre da água transformada em vinho. Este milagre também é um “sinal”:

> Este, o primeiro de seus sinais, Jesus fez em Caná da Galiléia, e manifestou sua glória. E seus discípulos acreditaram nele. (João 2:11)

Então, de que forma esse milagre é um “sinal”? O significado desse milagre é menos óbvio do que com os milagres que já consideramos. Mas existem dicas. O versículo final, versículo 11, diz que Jesus “manifestou sua glória”. A palavra glória tem conexões com a discussão posterior em João, a respeito da maneira pela qual a glória do Pai e do Filho são mostradas por meio dos eventos da crucificação e ressurreição (João 13: 31-32). No início da história, Jesus disse à sua mãe: “Ainda não é chegada a minha hora” (2: 4). Parece que Jesus estava recusando sua mãe. Mas então ele respondeu à preocupação de sua mãe. O ditado sobre “minha hora” é enigmático. Mas fica mais claro no curso do Evangelho de João que a “hora” em questão é preeminentemente o tempo de sua crucificação e ressurreição:

> E Jesus respondeu-lhes: “É chegada a hora em que o Filho do Homem é glorificado” (João 12:23).
>
> “Agora minha alma está perturbada. E o que devo dizer? 'Pai, salve-me desta hora'? Mas, com esse propósito, vim a esta hora. Pai, glorifique o seu nome. ” Então veio uma voz do céu: “Eu o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo”. (João 12: 27-28)
>
> Já antes da festa da Páscoa, quando Jesus sabia que era chegada a sua hora de partir deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. (João 13: 1)
>
> Depois de dizer essas palavras, Jesus ergueu os olhos para o céu e disse: “Pai, é chegada a hora; glorifique o seu Filho para que o Filho o glorifique,. . . (João 17: 1)

Com efeito, Jesus estava dizendo em João 2 que, embora sua “hora” ainda não estivesse próxima durante o casamento em Caná da Galiléia, ela acabaria por chegar. E quando estiver próximo, será apropriado pedir-lhe que forneça vinho para a festa - a festa do reino de Deus. Esta festa cumpre as festas judaicas, bem como a promessa escatológica de Isaías 25: 6:

> Nesta montanha o Senhor dos exércitos fará para todos os
> povos um banquete de comida rica, um banquete de vinho
> bem envelhecido,
> de comida rica e cheia de tutano, de vinho envelhecido bem refinado.

O vinho é, de fato, seu sangue que nos foi dado para beber (João 6: 53-56). A provisão de vinho físico para o casamento antecipa e prenuncia essa provisão festiva maior, que Jesus cumpriu em sua crucificação e ressurreição.

Essa ligação entre o milagre do casamento em Caná e a crucificação e ressurreição é reforçada por outra conexão mais sutil. Antes de a água se tornar vinho, era água contida em “seis potes de pedra para os ritos de purificação judaicos” (João 2: 6). A água tem uma associação simbólica com os ritos judaicos de purificação, que pertencem ao Antigo Testamento. Esses ritos têm a ver com a purificação simbólica, que é um tipo de purificação real que Deus trará na salvação escatológica. O simbolismo no milagre de Caná inclui uma representação simbólica da transição do nível de tipos e sombras do Antigo Testamento para o nível de cumprimento do Novo Testamento.

E como o cumprimento é realizado? Por meio de Cristo o Messias. Assim como Cristo transformou a água em vinho, ele mudou todo o curso da história de uma época para outra. A "água" das sombras no Antigo Testamento se tornou o "vinho" do cumprimento no Novo Testamento.

O capítulo anterior em João (capítulo 1) contém um relato do ministério de João Batista, e esse relato também é relevante. João batizou com água. A água significa purificação. Mas foi apenas um sinal. John observou que apontava para algo maior que o seguiria:

> João respondeu-lhes: "Eu batizo com água, mas entre vocês está um que vocês não conhecem, sim, aquele que vem depois de mim, cuja correia de cuja sandália não sou digno de desamarrar". (João 1: 26-27)

Aquele que vem depois de João, isto é, Jesus, é aquele "que batiza com o Espírito Santo" (João 1:33).

João Batista representa o término de toda a ordem do Antigo Testamento. Ele estava à beira do amanhecer do reino escatológico de Deus, que veio em Jesus. Mas o que João fez teve que ser substituído pelo que Jesus traria. O milagre de Caná da Galiléia simbolicamente significa essa transição, apontando para trás, para João como o último dos profetas do Antigo Testamento, e para a frente, para a festa do reino de Deus. Essa festa acontece por meio da transfiguração milagrosa do antigo, não pela continuação ou adição em linha reta do antigo.

O milagre da água em vinho tem significado tanto para a escatologia inaugurada quanto para a escatologia consumada. A provisão de vinho escatológico por Jesus começou com sua "hora", a hora de sua crucificação e ressurreição. O vinho é o seu sangue, pelo qual temos vida eterna ainda nos dias de hoje. Esta provisão de vinho é uma forma de escatologia inaugurada. Ao mesmo tempo, esperamos a forma final da vida eterna no novo céu e nova terra, e a festa de casamento final, ou seja, a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19: 9). Este banquete final é a escatologia consumada.

Curando o filho do oficial e caminhando sobre as águas

Restam mais dois milagres no Evangelho de João, sobre os quais menos é dito. Uma é a cura do filho do oficial, em João 4: 46-54. João diz explicitamente que é um sinal e o relaciona com o sinal de Caná:

> Então ele voltou a Caná da Galiléia, onde havia feito vinho da água. (João 4:46)
>
> Este era agora o segundo sinal que Jesus fez quando veio da Judéia para a Galiléia. (v. 54)

O filho do oficial foi curado depois de morrer. Essa cura de quase morte prenuncia claramente a vitória completa sobre a morte que Jesus alcançou. Quando foi crucificado, Jesus realmente morreu; ele não estava apenas perto da morte.

Como de costume, o significado do milagre de curar o filho do oficial inclui tanto

escatologia inaugurada e escatologia consumada. A escatologia inaugurada veio quando Jesus ressuscitou dos mortos; a escatologia consumada virá quando aqueles que seguem Jesus forem ressuscitados, com os corpos ressurretos não mais sujeitos à morte.

Também temos o milagre de Jesus andando sobre as águas, em João 6: 16-21. Está intimamente relacionado com o milagre da alimentação de 5.000, então João não fornece um comentário separado. À primeira vista, o discurso de Jesus sobre o pão da vida em João 6: 25-65 parece ter conexões apenas com a alimentação de 5.000. Mas Jesus falou sobre ter vida eterna por meio da comunhão com ele. Jesus resgata as pessoas da morte eterna, e grandes corpos d'água podem se tornar um símbolo da morte, já que uma pessoa pode se afogar neles, e já que afundar na água é semelhante a “afundar” no submundo da sepultura. Assim, os três dias de Jonas abaixo da superfície do mar se tornaram um símbolo adequado para a morte e ressurreição:

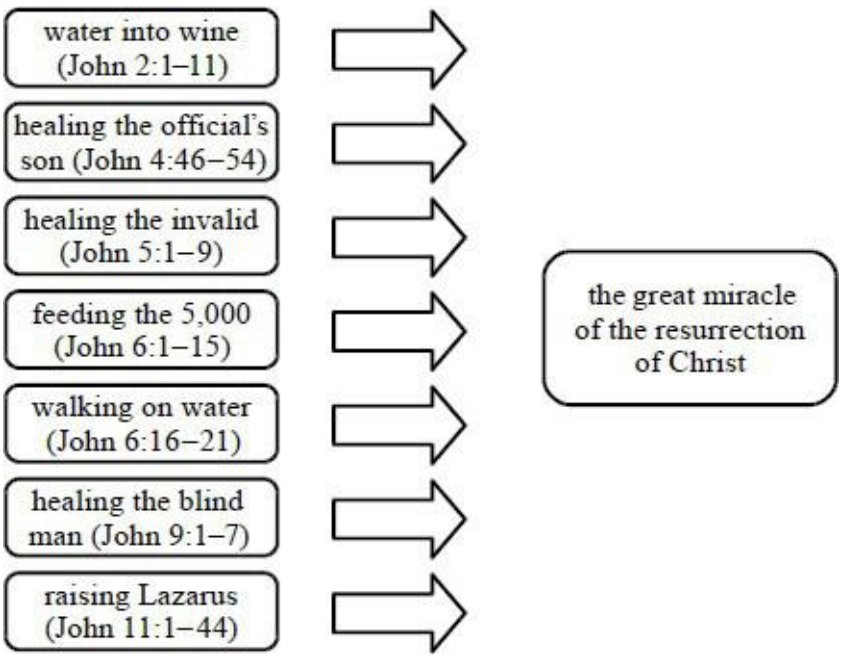
> Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra. (Mat. 12:40)

O andar de Jesus sobre as águas é um símbolo adequado não apenas para o domínio sobre a natureza, mas também para o domínio sobre a morte. Desta forma, ele prefigura sua ressurreição. Sua ressurreição constitui a escatologia inaugurada. Ele também provê uma nova vida para nós, por meio de seu Espírito. A escatologia consumada vem com a ressurreição dos corpos dos crentes.

Resumo

Assim, cada um dos milagres no Evangelho de João prenuncia e aponta para o grande milagre da ressurreição de Cristo. (VerFIG. 3,6.)

Fig. 3.6: Milagres apontando para a ressurreição



4

O Padrão de Redenção

Por que os milagres no Evangelho de João mostram um padrão em que funcionam como pequenas figuras, prenunciando a redenção culminante na crucificação e ressurreição de Cristo? Essas conexões com a crucificação e ressurreição são algo excepcional ou estranho? Ou encontraremos conexões semelhantes nos outros Evangelhos?

Existem pelo menos quatro razões principais pelas quais as conexões não são excepcionais, mas pertencem ao próprio caráter do ministério de Jesus.

O objetivo do ministério de Jesus

Primeiro, o ministério de Jesus tem um caráter unificado e um objetivo unificado. Jesus se entendia como o Filho enviado pelo Pai para cumprir o plano de redenção do Pai. Ele expressou seu objetivo de várias maneiras:

> . . . assim como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. (Mat. 20:28)

> O Espírito do Senhor está sobre mim,
> porque ele me ungiu
> para proclamar boas novas aos pobres.
> Ele me enviou para proclamar a liberdade aos
> cativos e recuperação da visão para os cegos,
> para pôr em liberdade aqueles que são oprimidos,
> para proclamar o ano da graça do Senhor. (Lucas 4: 18-19)

> Pois o Filho do Homem veio buscar e salvar os perdidos. (Lucas 19:10)

> Pois tudo o que o Pai faz, o Filho também o faz. (João 5:19)

Essas descrições mostram a unidade interna entre o ministério público de Jesus e sua crucificação e ressurreição. Toda a vida de Jesus na terra foi uma vida na qual ele "serviu". Mas seu serviço chegou ao clímax quando ele deu "sua vida como resgate por muitos". A libertação de cativos, conforme descrito em Lucas 4: 18-19 na citação de Jesus em Isaías 61: 1-2, ocorreu durante todo o seu ministério público, enquanto ele curava os enfermos e expulsava demônios. Chegou ao clímax com a libertação do pecado e da morte que ele conquistou por meio de sua crucificação e ressurreição. No ministério público de Jesus, ele convidou as pessoas ao arrependimento e teve comunhão com notórios “pecadores” como os cobradores de impostos. Ele veio para salvar os perdidos (Lucas 19:10; cf. Mt 9: 12-13). A salvação dos perdidos assumiu forma culminante em sua morte e ressurreição.

A Unidade do Reino de Deus

Em segundo lugar, a unidade interna no ministério e morte de Jesus é sublinhada com a expressão "o reino de Deus". Jesus anunciou a vinda do reino de Deus (Mt 4:17;

Marcos 1:15) e ele o incorporou em seu ministério.

A expressão “o reino de Deus” que Jesus usou não se refere principalmente ao governo providencial de Deus sobre toda a história, mas ao exercício do poder salvador de Deus em forma culminante. O ministério de Jesus cumpriu as profecias do Antigo Testamento que previam o dia final quando Deus viria e salvaria seu povo. Jesus, como rei messiânico e como o próprio Deus, manifestou o governo salvífico de Deus durante sua vida e, em seguida, culminou em sua ressurreição. Tanto seu ministério anterior quanto sua crucificação e ressurreição são aspectos de uma obra unificada de Deus, cumprindo a salvação prometida no Antigo Testamento.

A forma narrativa dos evangelhos, levando ao clímax

Terceiro, cada Evangelho - cada um dos Evangelhos Sinópticos, bem como João - nos dá um relato narrativo que leva a algum lugar. Cada um se desenvolve em direção à crucificação e ressurreição como o clímax de sua narrativa. Vemos Jesus apresentado por João Batista, e então se engajando no ministério público. O ministério estava indo para algum lugar: indo para a cruz. Esse objetivo é especialmente destacado quando Jesus prediz explicitamente sua morte vindoura, como em Mateus 16: 21-23; 17: 22-23; 20: 17-19; 21:39; 26: 2, e paralelos nos outros Evangelhos. Lucas destaca a vinda da crucificação ao indicar já em Lucas 9:51 que Jesus estava indo para Jerusalém (com base em 9:31). Os Evangelhos também nos mostram a oposição cada vez mais intensa dos líderes judeus, o que aponta para um confronto final.

Esses laços entre o meio da história e seu final nos convidam a ver as relações entre os episódios individuais da vida de Jesus e o objetivo para o qual esses episódios se encaminham. As conexões são ainda mais importantes porque todos os Evangelhos pressupõem que Deus governa a história. Os incidentes que registram não são meramente aleatórios, mas são divinamente designados para cumprir os propósitos de Deus.

A Unidade Teológica da Redenção

Quarto, a Bíblia ensina que a obra redentora de Deus - ao longo da história - tem uma unidade interna. Só existe uma forma de redenção, e é por meio de Cristo e sua obra:

> Jesus disse-lhe: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. ” (João 14: 6)
>
> E não há salvação em ninguém mais, pois não há outro nome sob o céu dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos. (Atos 4:12)
>
> Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se deu a si mesmo em resgate por todos, que é o testemunho dado no tempo adequado. (1 Tim. 2: 5-6)

Todos os passos menores que trazem bênção e libertação e restauração e saúde para as pessoas procedem da graça de Deus, que sempre vem basicamente com base na obra de Cristo. Nós não merecemos nada disso. Por causa do pecado, merecemos apenas a morte (Rom. 6:23). É a obra de substituição e vitória de Cristo que tornou possível a Deus “ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rom. 3:26). A oferta de vinho nas bodas de Caná, a cura do filho do oficial e a cura do enfermo na Porta das Ovelhas, todas manifestaram a graça de Deus a pessoas que não a mereciam. Dentro

sua ordem temporal, esses milagres precederam a morte e ressurreição de Cristo. Mas, em substância, eles dependiam da graça tornada possível por meio de Cristo. Teologicamente, existe uma profunda unidade em todos os atos de graça, porque todos eles têm a mesma base em Cristo.

Podemos ver ilustrações dessa unidade pensando em tramas redentoras. Todos os milagres nos Evangelhos envolvem uma transição de uma situação de angústia ou sofrimento para uma situação de restauração ou paz ou harmonia, por meio de um ato de libertação por Cristo. Esse movimento do problema à resolução é uma estrutura de enredo simples, comum a todos os milagres. É um fator que faz com que todos os milagres prefigurem a crucificação e a ressurreição. A crucificação e morte de Cristo envolveram Cristo como nosso representante, experimentando a dificuldade mais profunda possível. A ressurreição resolveu a dificuldade. Porque Cristo agiu como nosso representante, essa vitória sobre as dificuldades também se aplica a nós na era presente. Mas também foi aplicado de antemão, por assim dizer retroativamente, àqueles a quem Cristo ministrou em seu ministério terreno,

Freqüentemente, os milagres nos Evangelhos mostram vívidos prenúncios da crucificação e ressurreição, pelo menos no que diz respeito a alguns aspectos do significado da obra de Cristo. A vivacidade aumenta quando o tipo específico de problema já tem uma relação simbólica óbvia com os problemas mais profundos de todos - o pecado e a morte. Por exemplo, a ressurreição de Lázaro é uma resposta à morte e, portanto, tem uma conexão vívida com a ressurreição de Cristo, que é a resposta final à morte. A cura do cego de nascença tem uma conexão vívida com a cura da cegueira espiritual e a visão espiritual, porque Cristo já anunciou que ele é a luz do mundo (João 8:12). E este anúncio tem ainda outras conexões com o tema da luz espiritual no Evangelho de João e no Antigo Testamento.

Mas, em um sentido mais amplo, qualquer cura de doenças físicas é pertinente. A trama da cura vai da doença à saúde por meio da obra de Cristo. A trama da redenção se move da doença espiritual do pecado para a saúde espiritual da justiça, e do corpo Adâmico condenado a morrer para o novo corpo espiritual livre da morte (1Co 15: 44-49). A justiça e a libertação da morte vêm por meio da obra de Cristo.

A redenção que Cristo realizou é abrangente em suas implicações. Cristo foi ressuscitado, como observamos, para a vida imperecível, a vida que caracteriza o novo céu e a nova terra (Ap 21: 4). Em sua experiência, ele é o representante de toda a nova humanidade. Sua ressurreição resulta na ressurreição da nova humanidade no devido tempo (1 Cor. 15: 22-26, 50-57). Não apenas isso, mas também é a base para a renovação abrangente do céu e da terra (Rom. 8: 20-23; Ap. 21: 1). Portanto, o movimento da morte para a ressurreição, no caso da história pessoal de Cristo, está organicamente relacionado ao movimento de um ponto final quebrado para um restaurado e harmonioso em todas as esferas da vida.

Richard Phillips captura como os milagres de Jesus apontam para a obra culminante de Jesus em sua crucificação e ressurreição:

> Em nosso estudo dos milagres de Jesus Cristo, estamos trabalhando a partir da premissa de que temos diante de nós algo mais do que atos aleatórios de bondade.

Esses milagres não são meramente ilustrações da bondade e do poder de Cristo, mas são sermões vivos sobre a natureza e o propósito de sua obra salvadora.[1]

[1] Richard D. Phillips, Poderoso para Salvar: Descobrindo a Graça de Deus nos Milagres de Jesus (Phillipsburg, NJ: Presbiteriano
& Reformado, 2001), 21.

5

O padrão de aplicação da redenção

Agora, consideremos como os milagres registrados nos Evangelhos afetam a vida das pessoas hoje. Para entender a conexão dos Evangelhos com os dias de hoje, é melhor primeiro dar um passo atrás e considerar a própria natureza da redenção, de acordo com o plano de Deus.

Resgate realizado e aplicado

Os teólogos distinguem entre a realização da redenção e sua aplicação.[1] A realização da redenção inclui todos os eventos da encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo. Cristo realizou a redenção por meio de sua obra. A aplicação da redenção descreve a obra de Cristo por meio do Espírito Santo em transformar os indivíduos das trevas para a luz, do poder de Satanás para Deus (Atos 26:18), de modo que sejam unidos a Cristo de maneira vivificante. Eles começam a viver para Deus em vez de para si mesmos. Também inclui a obra de Deus na igreja como um corpo corporativo (1 Coríntios 12). Este aplicativo se estende até hoje. As pessoas hoje estão recebendo vida eterna pela fé em Cristo. Eles recebem vida por meio do Espírito Santo, que os une a Cristo.

A aplicação da redenção inclui toda a vida de cada crente cristão na terra, vista da perspectiva do que Deus faz em sua vida: “Pois nós somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, que Deus preparou de antemão, que devemos andar neles ”(Efésios 2:10). A aplicação da redenção também inclui as obras de Deus nos crentes após a morte corporal. Eles continuam a estar unidos a Cristo e a viver em sua presença, esperando a ressurreição dos mortos (Fp 1:21, 23). No último dia, Deus ressuscitou os crentes dos mortos e deu-lhes corpos transfigurados e imortais (1 Coríntios 15: 50-57). Esta ressurreição corporal de indivíduos vai junto com a renovação da criação e o aparecimento da igreja em forma gloriosa como a noiva de Cristo (Ap 19: 7-9; 21: 2, 9).

A realização da redenção e sua aplicação caminham juntas. Eles são como os dois lados da mesma moeda. Quando Cristo realizou a redenção, ele a cumpriu para que as pessoas pudessem realmente ser salvas. Ou seja, realização implica aplicação. No final, a realização da salvação não adianta nada, a menos que venha a ser aplicada a alguém. Até o próprio conceito de salvação implica que alguém será salvo. A salvação tem que vir para as pessoas que estão perdidas e, quando é aplicada a elas, elas não estão mais perdidas.

Por outro lado, a aplicação da redenção pressupõe sua realização. As pessoas podem experimentar a salvação apenas se Deus já providenciou uma base para superar a inimizade e a culpa que pertencem à nossa condição caída e pecaminosa. A base para superar nossa condição é a realização real da salvação. Como já observamos, essa base já estava sendo pressuposta quando as pessoas receberam a aplicação da redenção durante o período do Antigo Testamento. Durante esse período, de uma forma misteriosa, Deus aplicou

de antemão aos santos a realização de Cristo. Essa conquista ainda não havia sido cumprida na história, no momento apropriado (Gl 4: 4; 1 Tim. 2: 6; 2 Tim. 1:10), mas já era certa de acordo com o plano de Deus.

União com cristo

A realização e a aplicação da redenção se unem ainda mais intimamente por causa da maneira pela qual elas se unem no ensino bíblico sobre a união com Cristo. A Bíblia indica que todas as bênçãos que recebemos na salvação, vêm a nós "em Cristo":

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou em Cristo com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais,. . . (Ef 1: 3)

Cristo não é apenas a fonte de bênçãos; ele é o ser humano representativo cujo trabalho e vitória se refletem naqueles que ele representa. Cristo morreu e ressuscitou. Nós, que confiamos em Cristo, morremos e ressuscitamos com ele:

> Se com Cristo você morreu para os espíritos elementais do mundo,. . . (Colossenses 2:20)
>
> Então, se você foi ressuscitado com Cristo, busque as coisas que são de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus. (Colossenses 3: 1)
>
> [Deus] nos levantou com ele e nos assentou com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus,. . . (Ef 2: 6)

A aplicação da redenção inclui a aplicação do padrão da morte e ressurreição de Cristo a cada crente.

Formas de aplicação da obra de Cristo para nós

O padrão de morte e ressurreição começa com o próprio Cristo, que é nosso representante. O padrão é realmente aplicado a nós no momento da conversão e do batismo:

> Você não sabe que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados em sua morte? Fomos sepultados, portanto, com ele pelo batismo na morte, a fim de que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós possamos andar em novidade de vida. (Rom. 6: 3-4)

Romanos 6 passa a expor as implicações adicionais da aplicação do padrão de morte e ressurreição para nós:

> Pois, se nos unimos a ele em uma morte como a dele, certamente estaremos unidos a ele em uma ressurreição como a dele. Sabemos que nosso antigo eu foi crucificado com ele para que o corpo do pecado fosse reduzido a nada, para que não fôssemos mais escravos do pecado. Pois aquele que morreu foi libertado do pecado. Agora, se já morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele. Sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, nunca mais morrerá; a morte não tem mais domínio sobre ele. Pela morte que ele morreu, ele morreu para o pecado, de uma vez por todas, mas a vida que ele vive ele vive para Deus. Portanto, você também deve se considerar morto para o pecado e vivo para Deus em Cristo Jesus.

> Não deixe o pecado, portanto, reinar em seu corpo mortal, para fazer você obedecer às suas paixões. (Rom. 6: 5-12)

O modelo da vida de Cristo é aplicado a nós de forma decisiva no início da vida cristã, para que a nova vida seja realmente nova. Morremos para a velha maneira de viver e vivemos agora pelo poder da ressurreição de Cristo. Mas a Bíblia também indica que o padrão de vida, morte e ressurreição é aplicado não apenas de uma vez por todas no início, mas diariamente:

> Somos afligidos em todos os sentidos, mas não esmagados; perplexo, mas não levado ao desespero; perseguido, mas não abandonado; abatido, mas não destruído; levando sempre no corpo a morte de Jesus, para que a vida de Jesus também se manifeste em nossos corpos. Porque nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. Portanto, a morte está agindo em nós, mas a vida em você. (2 Cor. 4: 8-12)
>
> . . . para que eu possa conhecê-lo e o poder de sua ressurreição, e possa compartilhar seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte, para que por todos os meios possíveis eu possa alcançar a ressurreição dos mortos. (Fil. 3: 10-11)

A aplicação final deste padrão de morte e vida vem no momento da ressurreição corporal:

> O mesmo ocorre com a ressurreição dos mortos. O que é semeado é perecível; o que é gerado é imperecível…. Assim como trouxemos a imagem do homem do pó [Adão], devemos trazer também a imagem do homem do céu. (1 Cor. 15:42, 49)

Assim, existem vários exemplos do mesmo padrão, todos os quais se originam com a morte e ressurreição de Cristo:

1. A morte e ressurreição de Cristo, uma vez por todas na história.
2. A morte espiritual e ressurreição do crente, no início da vida cristã vida, como significa o batismo.
3. A caminhada diária do crente com Cristo, que envolve a experiência da morte e ressurreição em união com ele.
4. A ressurreição final do corpo.

Todos esses aspectos da salvação servem para exibir a glória de Deus, e resultam em louvor sendo dado a ele (Rom. 11: 33-36; 1 Cor. 10:31; Ap. 4:11; 19: 6-7) . Os diferentes aspectos da salvação ocorrem para o benefício das pessoas que são salvas. Mas o benefício para nós não é o único propósito, ou mesmo o propósito principal, dos eventos. Se fosse, significaria que Deus e Cristo existem apenas para servir ao homem. Isso é exatamente o oposto da verdade. Somos criados por Deus para servi-lo e honrá-lo. Fomos criados de tal forma que encontramos nossa maior alegria em servi-lo e honrá-lo. Nosso serviço é de fato um benefício maravilhoso e espetacular para nós, mas de forma preeminente serve à glória e ao louvor de Deus.

As conexões com os milagres nos evangelhos

Agora podemos considerar como os milagres nos Evangelhos têm uma conexão orgânica conosco

Os milagres representam a redenção de Cristo. Eles prenunciam sua obra na crucificação e ressurreição, assim como os tipos do Antigo Testamento prenunciam a obra de Cristo. Eles não apenas representam a redenção; em alguns aspectos, eles também o incorporam. Pessoas com quem Cristo interagiu foram “redimidas” em certo sentido - pelo menos da doença, possessão demoníaca ou morte. Alguns deles, como o cego de nascença, passaram a ter fé salvadora em Cristo (João 9:38). Sobre os outros, temos menos certeza. Muitos tinham algum tipo de crença sobre Jesus: eles acreditavam que Jesus era pelo menos um profeta ou um fazedor de milagres, e que ele tinha poder para curá-los. Jesus honrou sua crença. Essa crença era uma forma de fé salvadora ou não?

Em alguns casos, sua crença pode já ter sido uma forma de fé salvadora. Teria sido como a fé salvadora que existia entre os santos do Antigo Testamento. Teria sido o primeiro passo para uma fé mais plenamente informada, uma fé que incluía a convicção de que Jesus era o Messias e Salvador do mundo (João 4:42). Mas Tiago nos lembra que nem tudo que as pessoas chamam de “fé” é necessariamente fé salvadora (Tiago 2: 18-20). Só Deus conhece todos os corações. A fé para a cura física descreve ou retrata para nós de uma forma vívida algumas das dimensões da fé salvadora. Mas nem sempre precisa ser idêntico à fé salvadora.

Qualquer que seja o caso com indivíduos que foram curados, os milagres têm uma conexão com a obra culminante de Cristo em sua crucificação, morte e ressurreição. E a partir daí podemos observar um link para a aplicação da redenção para nós em nossos dias. Assim, passamos de um milagre particular registrado em um dos Evangelhos para a morte e ressurreição de Cristo, e daí para a aplicação da redenção.

Ao todo, temos três exemplos do padrão de redenção, a saber, o milagre, a ressurreição de Cristo e a aplicação agora. Existem duas etapas para vincular as instâncias. Na primeira etapa, passamos do milagre para a ressurreição de Cristo. Na segunda etapa, passamos da ressurreição de Cristo para sua aplicação no tempo presente. (Verfigura 5.1.) Todas essas etapas, como já dissemos, servem à glória de Deus.

Se desejarmos, podemos expandir ainda mais a área de aplicação para indicar os diferentes tipos de aplicação. A redenção é aplicada a nós na conversão, todos os dias, e no momento de nossa própria ressurreição corporal. (Ver figura 5.2.)

Fig. 5.1: Duas etapas para a aplicação

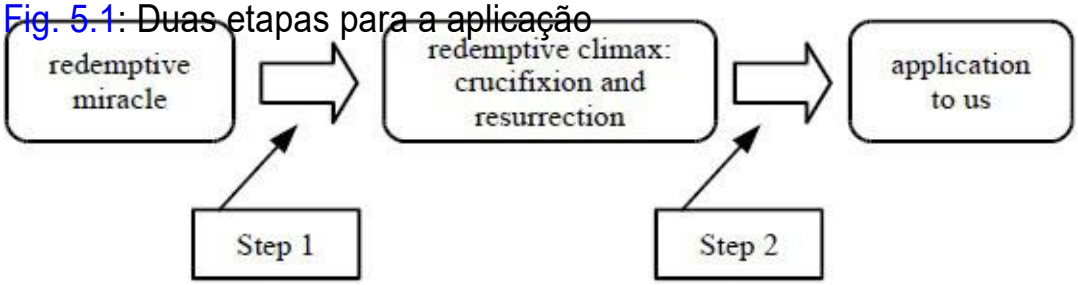
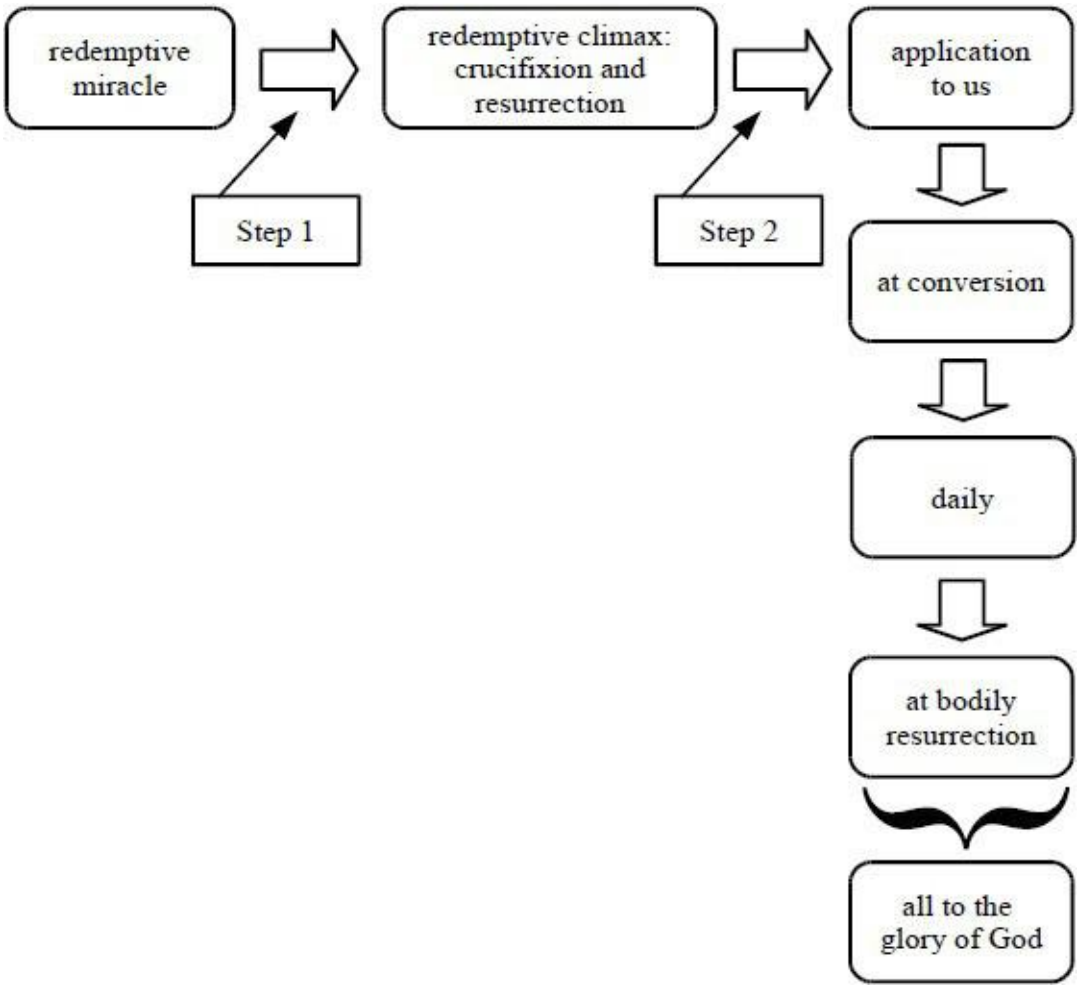
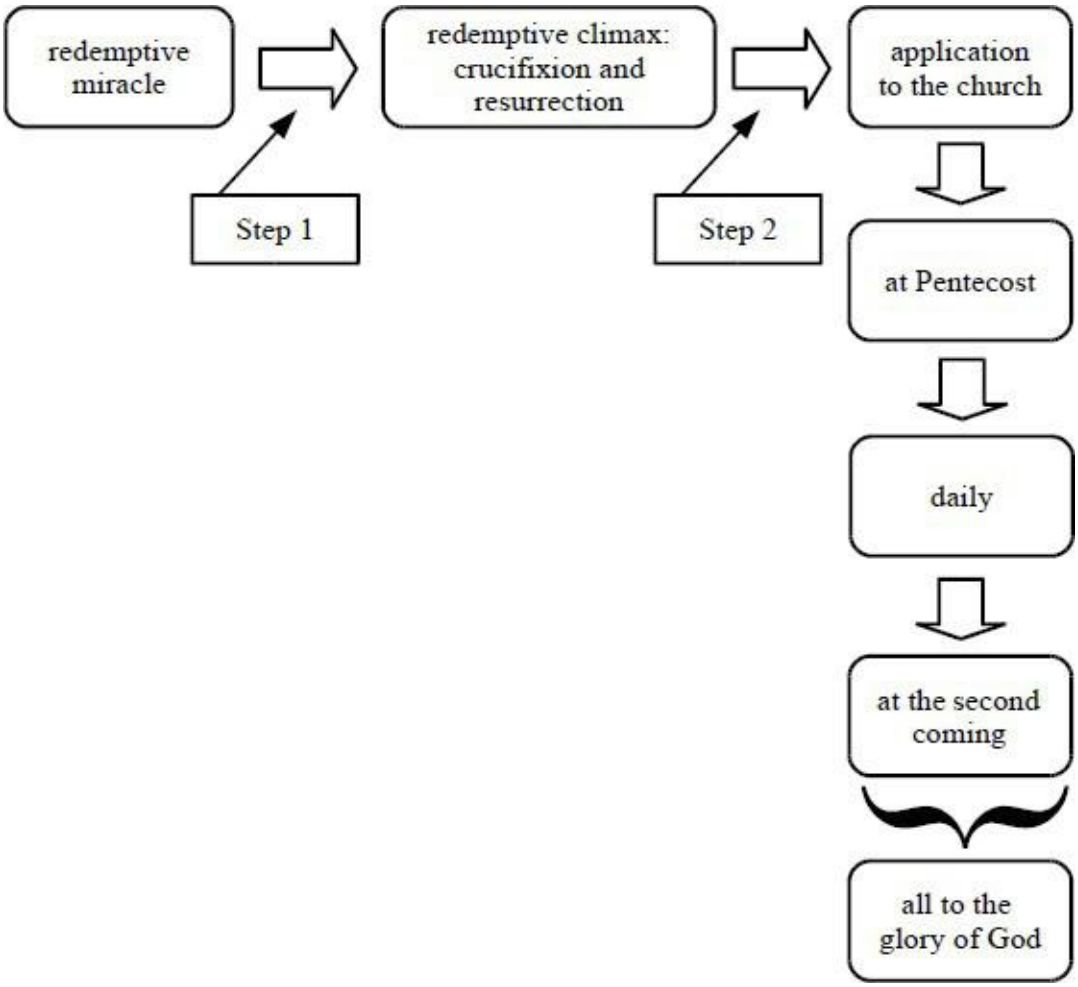


Fig. 5.2: Tipos de Aplicação



Podemos também acrescentar ao quadro a aplicação da redenção à igreja como um corpo corporativo. (VerFIG. 5,3.)

Fig. 5.3: Tipos de Aplicação para a Igreja



Ilustrações do padrão triplo

Assim, temos um padrão triplo, consistindo no milagre, o cumprimento culminante da redenção em Cristo e a aplicação aos crentes - individualmente (FIG. 5,2) e corporativamente (FIG. 5,3) Podemos ilustrar esse padrão triplo usando alguns dos milagres do Evangelho de João. Em cada caso, a aplicação da redenção leva a usos práticos significativos da passagem bíblica na vida das pessoas. Os pregadores pregam sobre a passagem e a aplicam aos seus ouvintes. Os leitores individuais da Bíblia podem fazer o mesmo.

O milagre da ressurreição de Lázaro é uma ilustração fácil. A ressurreição de Lázaro é o milagre. A ressurreição de Cristo dentre os mortos é o cumprimento culminante. E a concessão de uma nova vida de ressurreição aos unidos a Cristo é a aplicação da redenção.

Quando um pregador prega sobre a passagem, ele deve explicar como sua mensagem aponta para a ressurreição de Cristo. Cristo agora está vivo, ressuscitou dos mortos e triunfou para sempre sobre o poder da morte. Cristo agora tem poder para nos dar uma nova vida, assim como deu uma nova vida a Lázaro quando o chamou para fora do túmulo. Quando Lázaro estava morto, Jesus disse: "Lázaro, saia!" (João 11:43). Agora, por meio do evangelho, Cristo diz "Saia!" para as pessoas hoje que estão mortas em pecado (Ef 2: 1). E eles saem! Eles saem, não porque eles próprios tenham poder para se renovar, mas porque Cristo os convoca com seu poder divino, que é também o poder de sua ressurreição.

A passagem sobre a ressurreição de Lázaro nos convida a louvar a Deus e a Cristo que operou o milagre. Louvado seja o Senhor por ressuscitar Lázaro! Louvado seja ele por sua compaixão e bondade para com Marta e Maria, a quem Lázaro foi devolvido! Louvado seja Deus, porque Cristo ressuscitou dos mortos! Louvado seja ele pela vida de ressurreição que ele nos dá!

É impressionante que a passagem de João 11 inclua um lugar onde Cristo louvou o Pai pela comunhão que desfrutou com ele e pelo trabalho que estava prestes a fazer:

> E Jesus ergueu os olhos e disse: “Pai, te agradeço por me teres ouvido. Eu sabia que você sempre me ouve,. . . ” (João 11: 41-42).

Este milagre, como outros milagres, mostra a glória de Deus.

Em seguida, considere alimentar 5.000 pessoas e o discurso sobre o pão da vida. A alimentação de 5.000 é um milagre. A provisão de alimento redentor por meio da morte corporal de Jesus é o cumprimento culminante. E os crentes se alimentam de Cristo é a aplicação. Louvar a Deus e dar glória a Deus completam o aplicativo.

Portanto, um pregador explicará não apenas o milagre, mas como ele aponta para a redenção de Cristo e uma aplicação para nós. A morte de Cristo é um sacrifício por nossos pecados. Sua ressurreição oferece perdão pelos pecados. Para participar, você deve se alimentar de Cristo. E você faz isso pela fé. Portanto, o pregador convoca as pessoas à fé em Cristo. E convoca as pessoas que já são cristãs a continuar a alimentar-se de Cristo e a aprofundar a sua relação com ele.

Cada leitor e ouvinte também é convocado pela própria passagem. Estamos sendo desafiados a colocar nossa fé em Cristo e a depender somente de Cristo para o alimento da vida eterna. Respondemos não apenas colocando nossa fé em Cristo e alimentando-nos dele, mas louvando-o e regozijando-nos na satisfação e bênção da vida eterna. Esses dons de Cristo mostram a glória de Deus.

Considere a cura do cego, em João 9. A cura do homem é o milagre. A provisão da luz redentora por meio da revelação da glória de Deus na crucificação e na ressurreição é o cumprimento culminante. Dar luz aos crentes é a aplicação (cf. 2 Coríntios 4: 6). Este dar luz resulta em louvor e glória a Deus.

Um pregador pode explicar vários aspectos desta aplicação. (1) Cristo é a luz do mundo. Por meio dele, e somente por meio dele, você conhece a Deus como deve (João 17: 3). (2) A luz de Cristo é supremamente manifestada em sua obra suprema de redenção, na crucificação e ressurreição. (3) Sua luz agora convoca você a responder e vir para a luz. Mas você deve ser curado para ver. Esta cura é sua provisão, e somente sua.

Mesmo sem ser um pregador, quando um leitor individual lê a passagem, tem as mesmas implicações. Recebemos a luz de Cristo. Regozijamo-nos quando vemos a glória de Cristo. E quando fazemos isso, damos glória a Deus.

Considere a cura milagrosa do homem doente, em João 5: 1-9. Esse milagre aponta para a obra suprema de cura espiritual na crucificação e ressurreição de Jesus. O pregador

deve explicar esta conexão. Ele também convoca seus ouvintes para receberem cura espiritual, de Jesus que ainda está vivo e reinando no céu. Cada leitor da Bíblia deve receber esta mensagem e levá-la a sério. Jesus fala conosco, aqui e agora, enquanto lemos, e promete cura espiritual a todos que vierem a ele pela fé. Essa cura faz parte do reino inaugurado de Deus. Ele não apenas promete isso; ele o faz acontecer na vida daqueles que pertencem a ele. Quando eles o recebem, eles se alegram e o louvam. Eles dão a Deus a glória por este aspecto da redenção.

A Importância da Aplicação

Os elos que vão dos milagres às aplicações aos crentes dependem da unidade do plano de Deus e da unidade do caminho da salvação em Cristo. Um relacionamento natural e orgânico conecta os milagres à morte e ressurreição de Cristo, e conecta a obra de Cristo por sua vez àqueles que estão sendo salvos durante o período após a primeira vinda de Cristo. Nós próprios estamos neste período. É o período de salvação internacional introduzido no livro de Atos.

Além disso, a conexão entre milagres e aplicação remonta ao Velho Testamento. A salvação descrita nos milagres e realizada na crucificação e ressurreição de Cristo foi aplicada por Deus aos santos do Antigo Testamento. Mas, visto que vivemos na época em que vivemos, é apropriado nos preocuparmos especialmente em como a Bíblia se aplica a nós. Ao lidar com os milagres como sinais de redenção, não estamos inventando alguma aplicação fantasiosa ou inteligente que não esteja realmente lá. Estamos seguindo os padrões que o próprio Deus estabeleceu.

Às vezes, os estudiosos reclamam do uso de histórias nos Evangelhos para se dirigir aos ouvintes modernos de maneira imediata. Eles se preocupam com o fato de que a aplicação moderna está negligenciando a história. Os estudiosos querem ter certeza de que entendemos que os milagres aconteceram naquela época e ali na história. Os milagres não são apenas lições pictóricas que podemos usar sem nos preocupar se eles aconteceram ou se são parte da palavra de Deus. Essas preocupações são legítimas. Cristo viveu uma vez na terra, no primeiro século DC e não agora. Ele viveu na Palestina, não na moderna cidade de Nova York, Manila ou Nairóbi.

Mas há uma verdade complementar: Cristo está vivo agora e para sempre (Hb 13: 8). E os Evangelhos falam sobre os eventos daquela época para nosso benefício e para a glória de Deus. Em muitos casos, os milagres não apenas retratam a obra culminante da redenção de Cristo, mas a retratam de uma forma que prenuncia o papel desempenhado pelos recipientes humanos da redenção.

Quando Lázaro ressuscitou dos mortos, o que aconteceu com ele foi genuinamente análogo ao que Cristo fez por nós em sua ressurreição. Também é análogo ao que ele faz conosco quando nos dá uma nova vida espiritual e, mais tarde, quando recebemos corpos ressurretos. Da mesma forma, nossa experiência em receber a aplicação da redenção tem analogias com a experiência do homem doente na porta das ovelhas (João 5), com os 5.000 homens que comeram dos pães (João 6), e com as pessoas que beberam o vinho de Jesus (João 2).

Não estamos confundindo um evento com outro. Alimentar os 5.000 não é o mesmo que Jesus se dar como pão da vida quando morrer na cruz, nem é um dos

esses eventos são o mesmo que recebermos alimento eterno dele no momento presente. Mas todos os três estão organicamente relacionados. E os pregadores guiados pelo Espírito e leitores da Bíblia ao longo dos séculos entenderam isso. É natural que nos identifiquemos com Lázaro - ou com Marta e Maria, que também recebem benefícios quando Lázaro é ressuscitado. E quando nos identificamos com Lázaro dessa forma, isso resulta em louvor a Deus.

---

[1] John Murray, Redemption Achplished and Applied (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1955).

6

Raciocínio tipológico sobre milagres

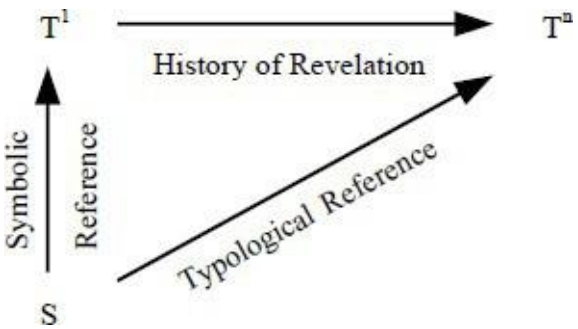
Como podemos entender as analogias entre os milagres nos Evangelhos e o grande milagre da ressurreição de Cristo? No caso de alguns milagres, como a ressurreição de Lázaro, a conexão com a ressurreição de Cristo é direta. Em outro caso, a alimentação de 5.000 pessoas, as ligações explícitas no Evangelho de João entre o milagre e o discurso de Jesus sobre o pão da vida são de grande ajuda. Mas e se tivéssemos apenas os relatos da alimentação dos 5.000 dos Evangelhos Sinópticos (Mat. 14: 13-21; Marcos 6: 30-44; Lucas 9: 10-17)? Os Evangelhos Sinópticos não oferecem tantos comentários explícitos sobre o significado do milagre. Então, como procedemos?

Triângulo de Clowney

Podemos encontrar ajuda refletindo sobre a questão de como interpretar tipos. Grosso modo, um tipo (como um termo técnico em teologia) é um símbolo terreno de uma verdade celestial, apontando para um cumprimento.[1] O Dr. Edmund P. Clowney desenvolveu um diagrama na forma de triângulo para resumir como proceder para interpretar tipos no Antigo Testamento.[2]

Os milagres de Jesus nos Evangelhos têm algumas afinidades com esses tipos no Antigo Testamento. Portanto, podemos aplicar os mesmos insights a eles. O triângulo de Clowney para tipologia é dado na figura 6.1.

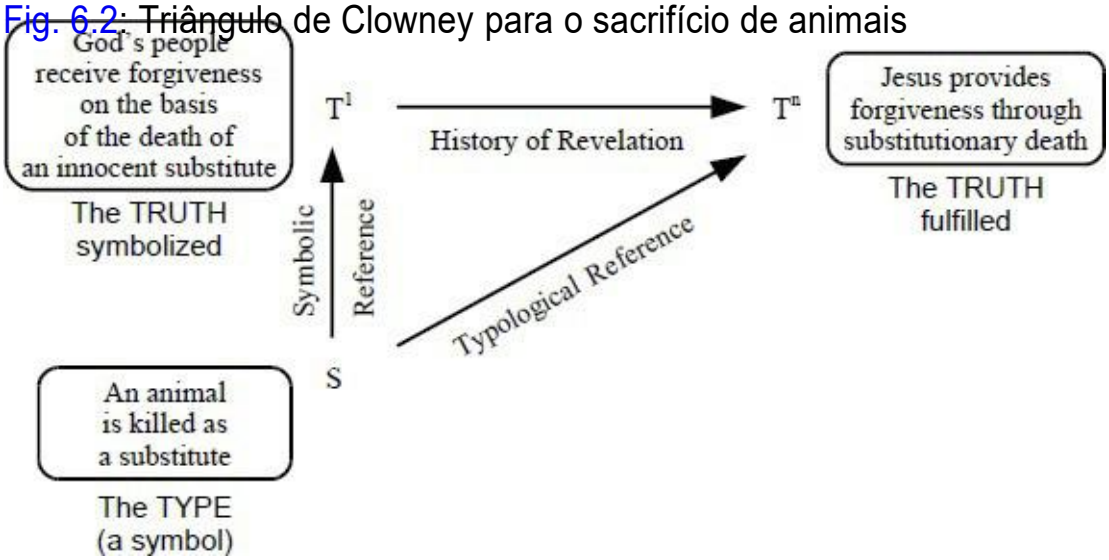
Fig. 6.1: Triângulo de Clowney



Neste triângulo, S é o símbolo (como o sacrifício de animais). T^1é a verdade simbolizada pelo símbolo dentro de seu próprio contexto histórico e cultural. O sacrifício de animais simboliza o perdão e a reconciliação obtidos com a morte de um substituto inocente. De T^1 uma seta aponta para outro item, T^n. T^nsignifica “verdade à enésima potência”, o cumprimento culminante da verdade em Cristo. No caso do sacrifício de animais, a verdade diz respeito ao fato de que Cristo morreu como nosso substituto, a fim de trazer o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus. O símbolo S é um tipo, apontando para o cumprimento em Cristo, representado por T^n. A linha diagonal de S a T^n é devidamente rotulado como "Referência Tipológica".[3]Quando aplicado a sacrifícios de animais como um tipo, o triângulo de Clowney é representado na fig. 6,2

O ponto principal ao usar o triângulo de Clowney é prosseguir em nossas reflexões usando duas etapas em vez de uma. Na etapa 1, pensamos sobre a perna vertical do triângulo, passando do símbolo S para a verdade que ele representa, T^1. Na etapa 2, avançamos na história para o cumprimento de uma manifestação culminante da verdade, T^n. Desta forma, tentamos fazer justiça à maneira como o símbolo funciona em seu contexto histórico original (S em relação a T^1) Por outro lado, alguém que "salta" diretamente de um símbolo para o cumprimento em Cristo pode acabar fazendo isso de uma forma artificial ou arbitrária, porque ele não está prestando atenção ao significado que o símbolo tinha mesmo em um período anterior. O suposto "significado" que ele encontra então se separa do significado que foi compreendido quando o símbolo foi dado pela primeira vez.

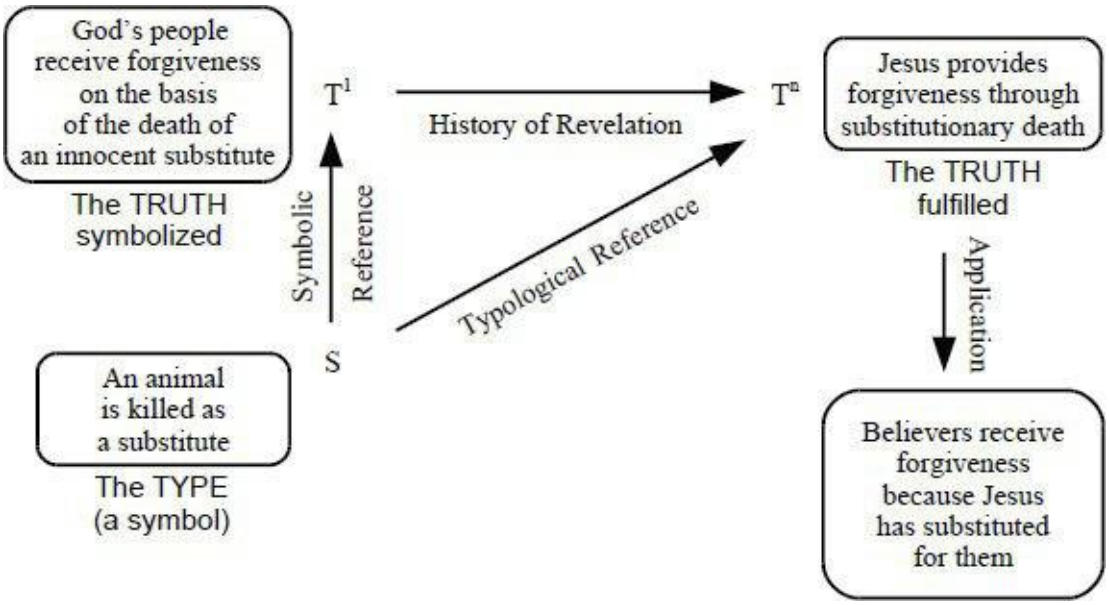
Fig. 6.2: Triângulo de Clowney para o sacrifício de animais



Por exemplo, quando uma pessoa lê sobre madeira no Antigo Testamento, ela pode dar um "salto" diretamente para a cruz de Cristo. É verdade que a cruz era feita de madeira. Mas precisamos perguntar como a menção da madeira no Antigo Testamento serviu ao povo a quem Deus estava falando na época. Deuteronômio 29:17 menciona "ídolos de madeira e pedra". Nesse versículo, a questão da madeira - e da pedra - é que é tolice fazer ídolos e adorar algo que foi feito, algo criado. Perdemos o verdadeiro significado se apenas dermos um "salto". Cristo morreu em uma cruz de madeira, mas não é apropriado ver uma referência direta à cruz nesta ocorrência de madeira. O processo de duas etapas nos encoraja, na primeira etapa, não a ficarmos desviados, mas a perguntar o que Deus estava dizendo no contexto original.

Como vimos no capítulo anterior, a realização da redenção em Cristo tem uma relação orgânica com a aplicação da redenção aos crentes. Se desejarmos, podemos adicionar outra parte ao triângulo de Clowney, para nos lembrar da importância da aplicação.[4] A aplicação pode ser representada por uma linha descendo do cumprimento em Cristo, como na fig. 6.3:

Fig. 6.3: Triângulo de Clowney para o sacrifício de animais, com aplicação

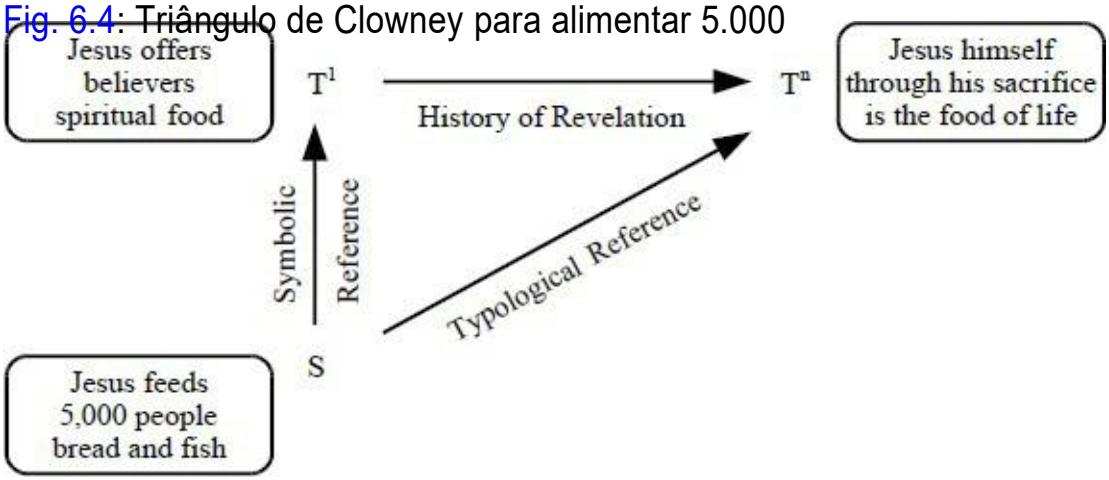


Aplicando o Triângulo de Clowney à Alimentação de 5.000

Os mesmos princípios se aplicam aos milagres de Jesus nos Evangelhos. Como vimos, os milagres são "sinais". Eles significam significados sobre Jesus e sua redenção. As pessoas que observaram os milagres durante a vida terrena de Jesus poderiam descobrir parte do significado, pelo menos se tivessem discernimento espiritual. O significado então se desdobrou mais à medida que a história avançava para a crucificação e ressurreição de Cristo.

Nesta situação, o próprio milagre, como alimentar 5.000 pessoas, é o símbolo S. O significado do milagre que é discernível no momento é o seu conteúdo de verdade, T^1. No caso da alimentação de 5.000, esse significado é que Deus, por meio de Jesus, fornece alimento espiritual, não apenas alimento para o estômago (o símbolo). A verdade climática T^né o significado visto à luz da crucificação e ressurreição de Jesus. O próprio Jesus é o alimento, e o alimento que ele oferece vem com base em sua morte sacrificial e sua ressurreição, para que pela comunhão com ele desfrutemos da vida eterna que ele tem em seu estado ressuscitado. Podemos então preencher o diagrama do triângulo conforme ele se aplica à alimentação de 5.000, como na figura 6.4.

Fig. 6.4: Triângulo de Clowney para alimentar 5.000



Como sabemos que a alimentação com pão físico simboliza alimentação com

alimento espiritual (a perna vertical do triângulo)? Em João 6, sabemos disso porque Jesus explicou explicitamente o significado em seu discurso sobre o pão da vida. Mas as pessoas poderiam ter visto a mesma coisa apenas com a informação dada a eles em um dos relatos nos Evangelhos Sinópticos?

O pano de fundo do Antigo Testamento ajuda. Vários textos formam o pano de fundo para a alimentação de 5.000. Deus deu o maná a Israel no deserto (cf. Êxodo 16: 9-36). Ele relacionou explicitamente o maná com o princípio de viver pela palavra de Deus: "o homem não vive só de pão, mas o homem vive de cada palavra que sai da boca do LORD"(Deut. 8: 3). Deus capacitou Eliseu, o profeta, a presidir uma multiplicação especial de pão, na qual cem homens foram alimentados com "vinte pães de cevada e espigas frescas" (2 Reis 4:42). Por meio de Elias, Deus deu uma provisão milagrosa para a viúva de Sarepta (1 Reis 17: 8-16). Por meio de Eliseu, ele livrou-se da fome (2 Reis 7: 1-20).

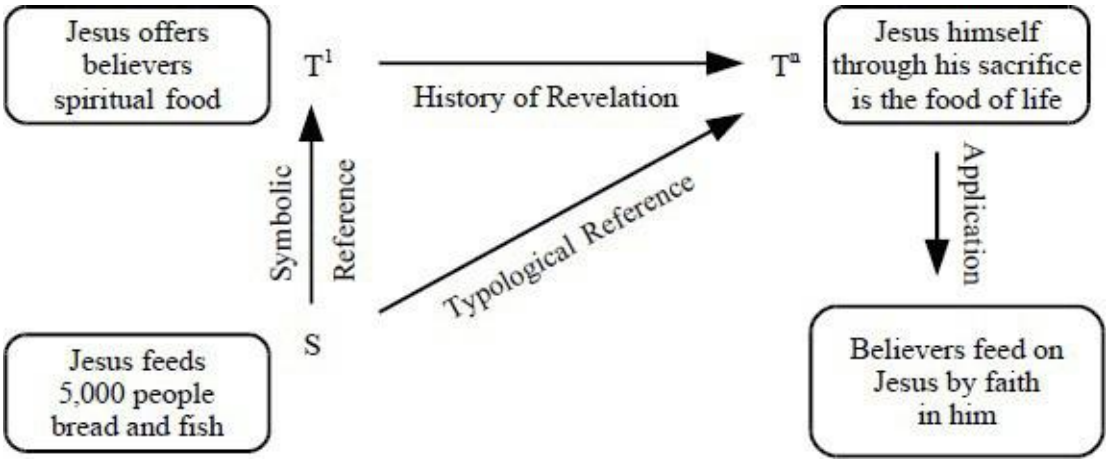
Todos esses relatos se encaixam em um quadro mais amplo em que Deus promete ser o supridor todo-suficiente de necessidades para aqueles que confiam nele. O contexto do caráter de Deus mostra que a provisão das necessidades físicas expressa um compromisso mais profundo da parte de Deus em suprir todas as necessidades. E as necessidades mais profundas são espirituais. Apesar da provisão do maná, a maioria do povo de Israel morreu no deserto por causa de sua descrença. Eles precisavam de uma mudança de coração, não apenas de comida para o estômago.

Assim, o Antigo Testamento fornece um contexto para compreender o significado de Jesus e o significado de sua obra. Dado esse contexto, o suprimento de comida física de Jesus funciona como um símbolo para o suprimento abrangente de necessidades. A fome de alimento físico aponta naturalmente para a fome mais profunda de alimento espiritual. O discurso explícito em João 6 sobre o pão da vida extrai o que já está implícito no significado da alimentação de 5.000.

Usar o triângulo de Clowney é importante para nos guiar a discernir o significado construído em um milagre em vez de impor um significado a ele de forma arbitrária. A primeira perna do triângulo, a perna vertical, que representa a etapa 1 no processo de análise, pergunta sobre o significado de um milagre em seu contexto imediato e no contexto do Antigo Testamento. Cada milagre é um milagre em um contexto. Não é apenas uma história independente, que pode ser usada para ilustrar um princípio redentor, independentemente da origem da história ou independentemente de sua historicidade.

Como etapa final, podemos adicionar ao triângulo de Clowney a função de aplicação. Recebemos Jesus como o pão da vida quando confiamos nele e estamos unidos a ele para a salvação. À medida que continuamos a acreditar nele, continuamos a nos alimentar dele. VerFIG. 6,5.

Fig. 6.5: Triângulo de Clowney para alimentar 5.000, com aplicação



A Cura do Homem Cego desde o Nascimento

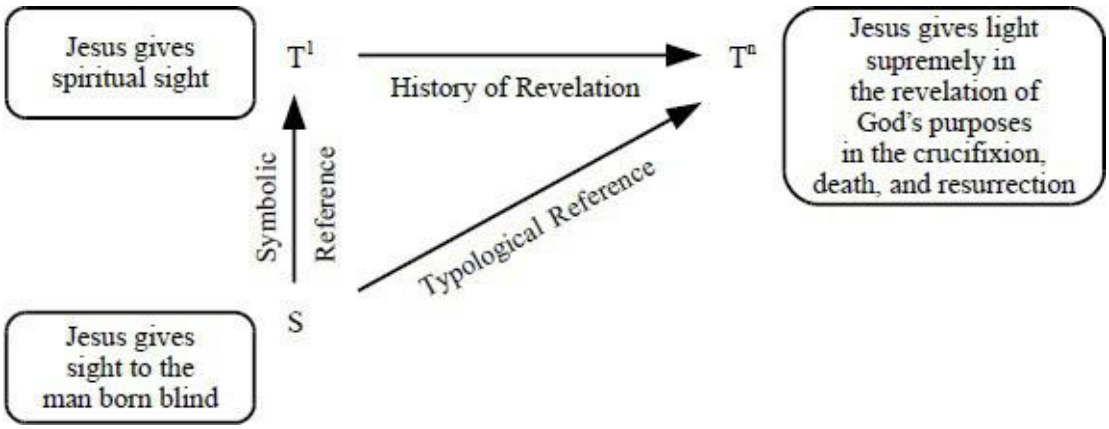
Podemos usar o triângulo de Clowney novamente ao observar o milagre da cura do homem cego de nascença, conforme registrado em João 9.

Primeiro, na etapa 1, representada pela perna vertical do triângulo de Clowney, perguntamos sobre o significado do milagre em seu contexto imediato. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 9: 5; cf. 8:12). E no final de João 9 ele abordou diretamente a questão da cegueira espiritual por parte dos líderes judeus (9: 39-41). Portanto, é claro que a cura física, que restaura a visão física, simboliza a cura espiritual que restaura a visão espiritual.

Em segundo lugar, consideramos a etapa 2, representada pela perna horizontal do triângulo de Clowney. Esta etapa considera como o significado aponta para um cumprimento culminante na morte e ressurreição de Cristo. Este passo não é muito difícil, porque a crucificação e a ressurreição formam duas fases da revelação culminante do significado de Cristo e sua vida, e o significado redentor de sua pessoa e obra. A ressurreição mostra a glória do Pai e do Filho.

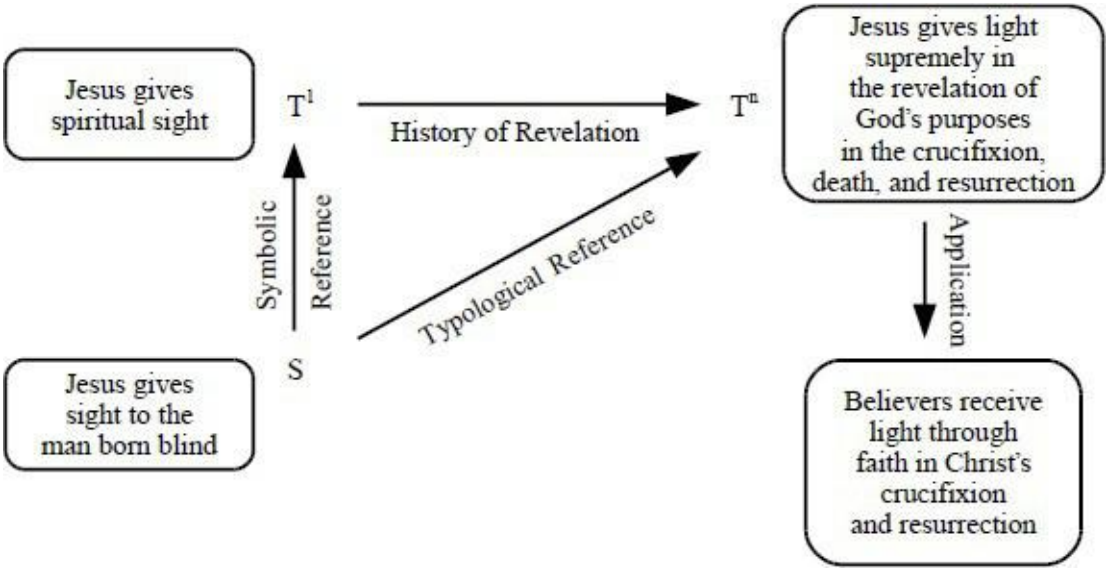
Juntando essas duas etapas, chegamos a um resumo conforme representado na fig.

6,6.Fig. 6.6: Triângulo de Clowney para o homem cego desde o nascimento



Também podemos adicionar aplicação ao triângulo (verFIG. 6,7) Como a luz de Cristo se aplica aos crentes? Os crentes recebem luz quando olham com fé para Cristo, que foi levantado na cruz e então ressuscitado em sua ressurreição (João 3: 14-15).

Fig. 6.7: Triângulo de Clowney para o homem cego desde o nascimento, com aplicativo



---

1 Vern S. Poythress, Lendo a Palavra de Deus na Presença de Deus: Um Manual para Interpretação Bíblica (Wheaton, IL: Crossway, no prelo), capítulo 23. Esta definição é adaptada de uma definição que aprendi com O. Palmer Robertson.

2 Edmund P. Clowney, Preaching and Biblical Theology (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1961), 110.

3 A publicação original de Clowney usava o rótulo "Referência típica". A designação "Referência Típica" é tecnicamentecorreto. Nesse contexto, a palavra típico significa "relacionado a um tipo". Mas é provável que a palavra seja mal interpretada como tendo outro significado, "exibindo as características comuns de um grupo". Para maior clareza, substituí a palavra tipológica.

4 Acredito que alguém posterior a Edmund Clowney teve a ideia de adicionar outra linha ao triângulo, apontando para aplicativo. Não tenho certeza de quem fez isso primeiro.

7

Implicações mais amplas dos milagres de Jesus

Os significados encontrados nos milagres de Jesus têm implicações mais amplas. Os milagres já têm significado na hora e no lugar estreitos em que aconteceram. Eles também têm implicações para as perspectivas mais amplas da história da redenção.

Implicações mais amplas de alimentar 5.000

Podemos ilustrar usando o milagre da alimentação de 5.000. Como indicamos nos capítulos anteriores, esse milagre expressa o princípio de Deus fornecer alimento espiritual. Podemos imaginar as implicações mais amplas desse princípio como círculos de significado cada vez maiores.

O menor círculo é o círculo das circunstâncias imediatas na alimentação dos 5.000.[1]Nessas circunstâncias, Jesus forneceu tanto alimento físico quanto espiritual. O alimento espiritual assumiu a forma de significado simbólico proporcionado no ato físico de se alimentar. Além disso, no Evangelho de João o significado simbólico foi explicitamente interpretado no dia seguinte, quando Jesus fez o discurso sobre o pão da vida.

O próximo círculo mais amplo é o círculo do ministério terreno de Jesus como um todo. Jesus ofereceu alimento espiritual por meio de seu ensino, do qual o discurso sobre o pão da vida foi um exemplo-chave. Ele também forneceu alimento espiritual por meio de seus outros milagres, porque estes também têm um significado simbólico; eles são sinais de redenção. Ele proveu alimento espiritual em sua própria pessoa, visto que sua própria presença na terra era uma vinda do pão espiritual - que ele mesmo é - do céu para a terra, como o suprimento de maná do Antigo Testamento.

O próximo círculo mais amplo abrange a morte e ressurreição de Jesus, bem como seu ministério terreno anterior. A crucificação, morte e ressurreição de Jesus foram as obras culminantes que ele fez na terra. Portanto, eles podem ser incluídos em seu ministério terreno. Mas eles são tão importantes e servem tanto como a dobradiça da história que vale a pena distingui-los do resto de seu ministério terreno e refletir mais intensamente sobre como seu significado tem conexões com os milagres anteriores. No caso da alimentação de 5.000, a alimentação decisiva com alimento espiritual ocorreu na morte e ressurreição de Jesus, visto que sua morte foi uma morte sacrificial e seu corpo então se tornou a fonte de nutrição espiritual. Recebemos os benefícios de sua morte e ressurreição.

O próximo círculo mais amplo consiste na era da proclamação do evangelho, do dia de Pentecostes em diante até o fim desta era, a segunda vinda de Cristo. Durante esta era, o evangelho vai até os confins da terra (Atos 1: 8). Ele suscita uma resposta na forma de transformação espiritual e fé em Cristo. Por meio da fé, os crentes se alimentam de Cristo. Nesse sentido, Cristo que reina no céu está continuamente fornecendo alimento espiritual. Ele dá isso

não para 5.000 pessoas, mas para todos os que acreditam nele - muito mais de 5.000. E essa alimentação se dá por meio de uma espécie de “multiplicação”. Não é a multiplicação de pães físicos, mas do próprio evangelho, à medida que se espalha:

> E a palavra de Deus continuava a aumentar, e o número dos discípulos se multiplicava muito em Jerusalém, e muitos dos sacerdotes obedeciam à fé. (Atos 6: 7)
>
> Mas a palavra de Deus aumentou e se multiplicou. (Atos 12:24)
>
> E a palavra do Senhor se espalhava por toda a região. (Atos 13:49)
>
> . . . de modo que de Jerusalém e até a Ilíria eu cumpri o ministério do evangelho de Cristo. (Rom. 15:19)

O número dos discípulos se multiplica. Mas, além disso, o evangelho produz frutos na vida individual dos discípulos. Há crescimento em conhecer e obedecer a Cristo. Os discípulos produzem o fruto do Espírito Santo: “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gal. 5: 22-23).

Alimentos na Criação e Recriação

O círculo mais amplo de implicações inclui a totalidade da história redentora, resultando na consumação. Na consumação, a multiplicação do evangelho atingiu sua consumação, com a reunião de todas as nações:

> Por sua luz as nações andarão, e os reis da terra trarão sua glória a ela,. . . (Apocalipse 21:24; cf. 7: 9)

O alimento eterno é fornecido, representado pela árvore da vida:

> . . . também, em cada lado do rio, a árvore da vida com seus doze tipos de frutas, produzindo seus frutos a cada mês. (Rev. 22: 2)

A ligação com o rio da vida, “fluindo do trono de Deus e do Cordeiro” (22: 1), lembra-nos simbolicamente que a fonte deste alimento está no próprio Deus e no Cordeiro. A passagem sobre a ceia das bodas do Cordeiro apresenta o mesmo ponto teológico usando imagens diferentes (19: 9).

A imagem da árvore da vida também nos leva de volta por meio de suas associações à ordem original da criação. De acordo com Gênesis 2, a árvore da vida estava “no meio do jardim” do Éden, o jardim de Deus (Gênesis 2: 9; cf. Ez 28:13). O tema da nutrição espiritual abrange toda a história, desde o jardim do Éden original até a cidade-jardim final da nova Jerusalém (Ap 21: 9-22: 5). A nutrição física, fornecida por todas as árvores frutíferas no jardim do Éden, é um benefício maravilhoso de Deus. Visto que está conectado a Deus que o dá, a nutrição física é um sinal do favor de Deus e da nutrição espiritual que ele fornece por meio da comunhão com ele. Antes da queda, Adão e Eva teriam experimentado os dois juntos. Comer comida física é em si uma experiência da bondade de Deus e evoca ações de graças a Deus, que é uma forma de comunhão espiritual. Um não apenas significa o outro, mas o incorpora. A árvore da vida, de

claro, era uma árvore especial, que expressava a ideia de comunhão espiritual e vida espiritual de forma mais intensa.

A alimentação dos 5.000, portanto, une criação e redenção. Deus criou as árvores. Deus criou a cevada e a habilidade humana de transformá-la em pães. Deus, como criador, é a fonte dos cinco pães de cevada com os quais o milagre começa. Todos os anos, por meio do crescimento e da colheita, Deus multiplica a cevada, o trigo e outros grãos, e na colheita as pessoas desfrutam de sua generosidade. A alimentação milagrosa de 5.000 pessoas reduz esses processos em alguns momentos. Ele aponta para o poder do Cristo Redentor, como já dissemos. Mas também se baseia nas realidades do que Deus faz como criador. Cristo é mediador da criação, bem como mediador da redenção (Colossenses 1: 15-20). Assim, a criação e a recriação desfrutam de uma relação orgânica uma com a outra, por meio de Cristo. É apropriado que seu relacionamento se manifeste em milagres, como alimentar 5.000 pessoas.

Antecedentes do Antigo Testamento para a alimentação de 5.000

Além dessas conexões, temos ainda outras conexões com temas do Antigo Testamento. Mencionamos anteriormente que alimentar 5.000 pessoas é análogo ao suprimento de maná de Deus do céu durante o tempo em que Israel estava no deserto (João 6: 32-33). É também análogo a um milagre do Velho Testamento em que Eliseu providenciou para que cem homens fossem alimentados com “vinte pães de cevada e espigas frescas” (2 Reis 4: 42-44). Por meio da palavra de Elias, a viúva de Sarepta teve um suprimento milagroso de alimento “por muitos dias” (1 Reis 17: 8-16). Por meio da palavra de Eliseu, Israel foi capaz de sentir alívio da fome devido a um cerco (2 Reis 7: 1). Por meio de José, as pessoas foram libertadas de sete anos de fome no Egito (Gênesis 41: 53-57). Em geral, a fome ou a abundância de alimentos vêm como resultado de maldições ou bênçãos do Senhor (Deuteronômio 28:

Para um resumo de todos os círculos de significado para este milagre, veja figura 7.1.

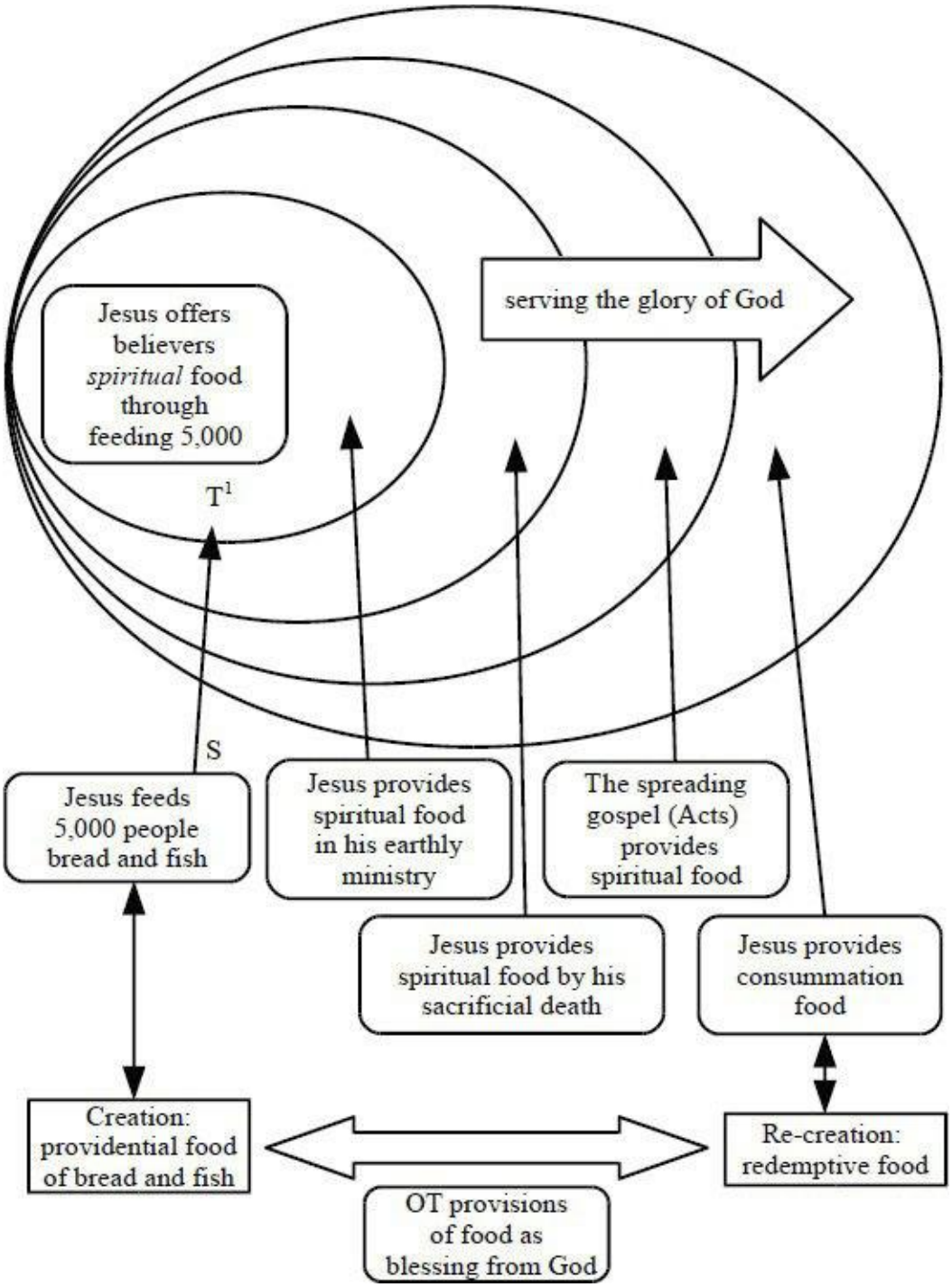
Considere o círculo que contém a propagação do evangelho no livro de Atos. O evangelho continua a se espalhar nesta época. Este círculo indica que os milagres implicam aplicações para nós, visto que estamos no período redentor representado por este círculo - o período que se estende do Pentecostes à segunda vinda. Durante este período, o próprio evangelho proclama o significado dos milagres. Em um sentido amplo, o significado ou importância dos milagres inclui suas implicações, que por sua vez incluem aplicação a nós. Cada um de nós é convidado a vir a Cristo para obter alimento espiritual.

Todos esses círculos exibem a glória de Deus e devem levar ao louvor a Deus.

O significado da cura do cego de nascença

Podemos traçar uma série semelhante de círculos em expansão para a cura do cego de nascença. O menor círculo consiste em Jesus realmente curando o cego. Essa cura teve um lado físico e um lado espiritual. O cego recebeu visão física e espiritual quando passou a crer em Jesus (João 9:38). Em seguida, todo o ministério terreno de Jesus foi um ministério de trazer a luz da revelação redentora. Seu propósito de trazer luz atingiu o clímax em sua crucificação e ressurreição. Esses eventos climáticos,

acima de tudo, são o que Deus usa na proclamação do evangelho para abrir os olhos dos cegos. Fig. 7.1: Círculos de significado para a alimentação de 5.000



A seguir, o livro de Atos mostra como Deus abre os olhos cegos durante a era do evangelho:

> Mas levanta-te e põe-te em pé, porque te apareci com este propósito, para te nomear como servo e testemunha das coisas em que me tens visto e daquelas em que te aparecerei, livrando-te da tua pessoas e dos gentios, a quem eu estou enviando você para abrir seus olhos, para que eles possam voltar das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, para que recebam o perdão dos pecados e um lugar entre os que são santificados pela fé em mim. (Atos 26: 16-18)

> ... ele proclamava luz tanto para nossa pessoa quanto para os Gentis. (Atos 26: 23)

Finalmente, a consumação traz a cura de todas as deficiências físicas, incluindo a cegueira, e dá aos santos a visão espiritual suprema da face de Deus:

Eles verão seu rosto, e seu nome estará em suas testas. (Rev. 22: 4)

O Antigo Testamento oferece vários exemplos que formam um pano de fundo para João 9. Por exemplo, Isaías 35: 5 indica que o momento culminante da redenção incluirá a cura dos cegos:

> Então os olhos dos cegos serão abertos, e
>
> os ouvidos dos surdos desobstruídos.

O uso de argila por Jesus na cura tem uma ressonância com Gênesis 2: 7, onde "oORDDeus formou o homem do pó da terra. " Jesus estava realizando um ato de dar nova vida, de maneira análoga ao ato de criação de Deus.[2]

O tema da luz em João 9 está relacionado com Deus criando luz no primeiro dia da semana da criação (Gn 1: 3; cf. João 1: 4-5), com a luz redentora da coluna de nuvem e fogo (Nm . 9: 15-23), e com a luz espiritual de Deus que ele dá para redenção e orientação (Salmos 27: 1; 36: 9; 43: 3; 119: 105; Isaías 9: 2).[3]

Há também um link de João 9 para a cura de Naamã, o Sírio (2 Reis 5: 9-14). Tanto Naamã quanto o cego tiveram que ir se lavar para serem curados. E em ambos os casos o ato de lavar parecia sem sentido - por que Eliseu ou Jesus dariam instruções para ir se lavar se ele poderia ter curado o homem na hora?[4]Podemos não saber todas as razões pelas quais a lavagem faz parte do processo. Mas podemos ver pelo menos algumas razões. Em ambos os casos, as instruções enfatizam a soberania dos caminhos de Deus. As pessoas devem fazer o que ele diz, mesmo que não entendam. E em ambos os casos, o ato de lavar simboliza a limpeza. Desta forma, a cura fica ligada ao propósito maior da salvação de Deus e do reino de Deus, que inclui tanto a cura quanto a purificação, especialmente a purificação do pecado. Em suma, a cura do cego por Jesus está ligada à cura de Naamã no Antigo Testamento por meio do profeta Eliseu. Este link confirma que a obra de Jesus cumpre os atos de cura do Antigo Testamento, e também que Jesus cumpre o ofício de profeta do Antigo Testamento.

A série de círculos de implicações está resumida na figura 7.2.

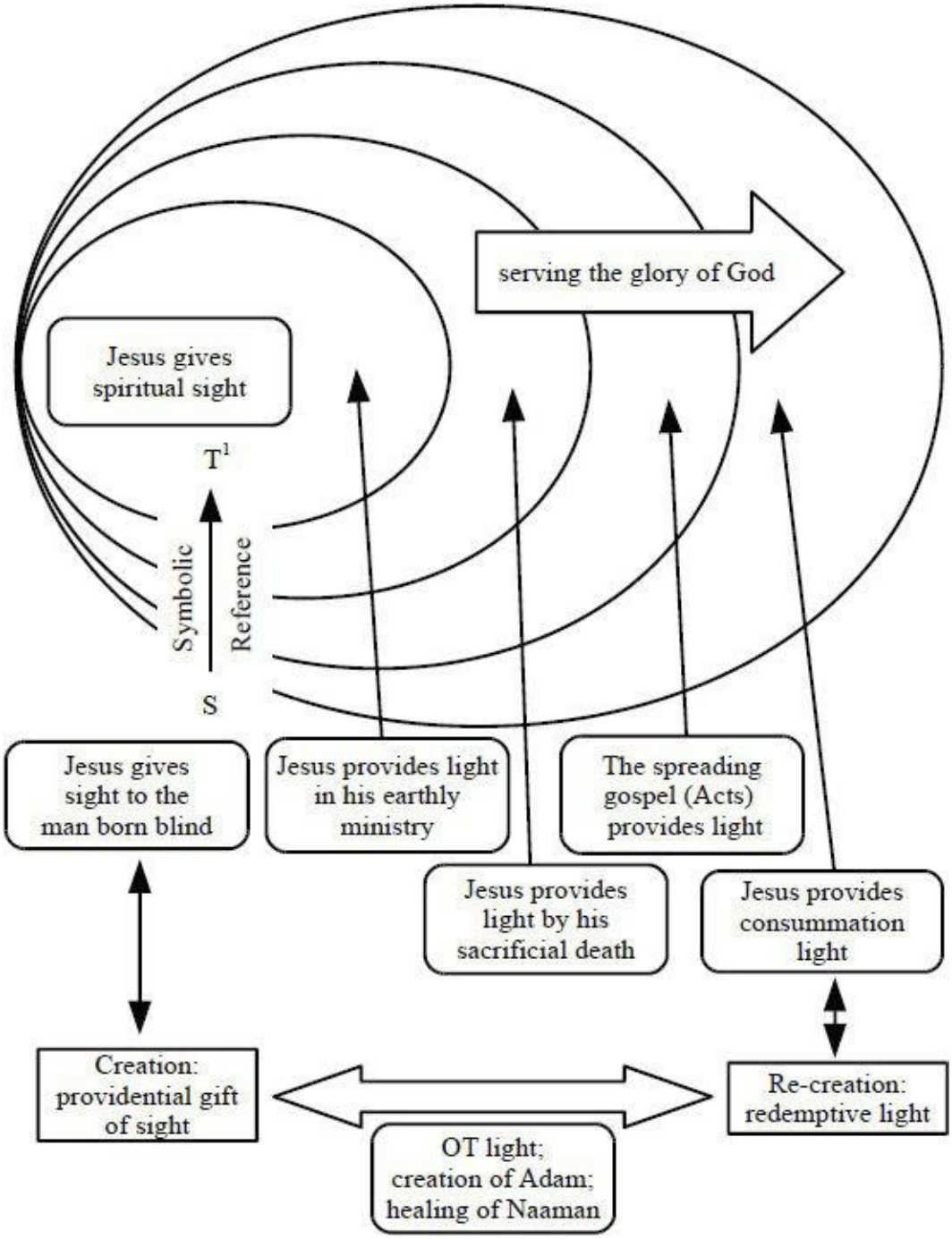
Mais uma vez, o círculo que inclui a propagação do evangelho em Atos também nos inclui. O milagre de Jesus curando o cego implica que cada um de nós deve receber visão espiritual de Cristo e ser capaz de ver "a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4: 6) Todos esses aspectos mostram a glória de Deus. Louvado seja Deus pela riqueza de sua graça e sabedoria, em todos os tempos!

Conexões temáticas múltiplas

Outros milagres de Jesus mostram uma multiplicidade semelhante de conexões. Eles acontecem no contexto da obra de criação e providência de Deus; eles ressoam com milagres, promessas e outros temas do Antigo Testamento; eles aguardam a consumação. Nós ocuparíamos muito espaço se explorássemos todos esses tipos de conexões com cada milagre. Na maior parte, nos capítulos restantes nos concentraremos nas conexões com o cerne da redenção, que se encontra no

crucificação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Também incluiremos breves comentários sobre as maneiras pelas quais os milagres de Cristo cumprem as promessas do Antigo Testamento e os padrões de redenção do Antigo Testamento.

Fig. 7.2: Círculos de significado para a cura do cego de nascença



[1] Na fig. 7.1 e ilustrações subsequentes de "Círculos de significado", o "círculo" mais interno é, na verdade, representado como um "arredondado retângulo ", para acomodar melhor o texto fechado.

[2] "Jesus é Aquele que cumpre todas as esperanças de Israel, Aquele que traz vida nova do barro morto com fôlego e água da boca "(Peter J. Leithart, Deep Exegesis: The Mystery of Reading Scripture [Waco, TX: Baylor University Press, 2009], 73).

[3] Ibid., 72.

[4] Ibid., 73.

8

Aplicações Específicas

No capítulo 5, observamos que os milagres simbolizam a obra redentora de Cristo e, portanto, têm aplicações naturais e orgânicas para os crentes. Estávamos pensando principalmente em aplicar o significado de cada milagre à vida de um crente como um todo. Mas os milagres também têm um significado que pode se aplicar a circunstâncias específicas na vida de uma pessoa? Vamos considerar esta questão cuidadosamente.

Considere novamente a ressurreição de Lázaro. Simboliza a verdade de que Cristo dá nova vida espiritual àqueles que acreditam nele. E na segunda vinda os crentes receberão corpos ressurretos. Esses benefícios não vêm para todo ser humano, mas apenas para aqueles que acreditam em Cristo, aqueles que colocam sua confiança nele. Mas ainda podemos ver um tipo de aplicação que se estende a todos que ouvem o evangelho. O evangelho convoca os incrédulos a colocar sua confiança em Cristo e receber nova vida dele. A gravura de Jesus ressuscitando Lázaro oferece uma ilustração ou analogia vívida, que os incrédulos são convidados a considerar, e então aplicar a si mesmos, com a condição de virem à fé em Jesus. A história de Lázaro ordena que aqueles que começam na incredulidade abandonem a incredulidade e venham a Cristo para receber a vida eterna.

Além disso, como vimos antes, o padrão de morte e nova vida tem repetido aplicação aos crentes. O padrão pertence à conversão, quando morremos com Cristo como simbolizado no batismo (Rom. 6: 3-4). Pertence à ressurreição final do corpo (1 Cor. 15: 45-49). E as Escrituras indicam que o padrão se aplica todos os dias:

> . . . levando sempre no corpo a morte de Jesus, para que a vida de Jesus também se manifeste em nossos corpos. Porque nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. Portanto, a morte está agindo em nós, mas a vida em você. (2 Cor. 4: 10-12)
>
> Protesto, irmãos, pelo orgulho que tenho de vós, que tenho em Cristo Jesus nosso Senhor, morro todos os dias! (1 Coríntios 15:31)

Esses versículos indicam que o padrão básico de redenção, a trama redentora, tem aplicações diárias.

Lavar pratos

Vamos considerar, então, como aplicar a história da ressurreição de Lázaro a algumas situações mais comuns. Em primeiro lugar, suponha que Joe esteja lavando pratos, pela enésima vez, e se sentindo entediado com isso. Ele está ficando inquieto e reclamando: “Por que eu deveria estar amarrado aqui em vez de fazer algo interessante como assistir futebol na TV ou ser criativo no trabalho com madeira?” Ou talvez ele tenha alguma alternativa "espiritual": "Deus, por que você me tem aqui em vez de fazer algumas coisas grandes no estudo da Bíblia ou evangelismo?" De qualquer forma, ele está caindo no descontentamento e reclamando.

Então, a história de Lázaro pode se aplicar a ele e sua situação? Joe se sente preso em

atividade sem sentido, que não é melhor do que total inatividade. Parece inútil. Pode não parecer grande coisa, mas é um pequeno caso de vida murchando e, portanto, representa em pequena escala o processo de morrer emocionalmente. Em comparação com a "vida real", Joe é como Lázaro na tumba. Portanto, ele tem uma espécie de anseio por uma história redentora ou uma trama redentora para operar em sua vida.

Como em muitos casos de descontentamento, Joe vê sua dificuldade como resultado de suas circunstâncias. "Estou amarrado à pia da cozinha, com um monte de pratos." Mas uma dificuldade mais profunda reside no próprio Joe. Seus sentimentos são compreensíveis de muitas maneiras. Mas eles estão combinados com o egocentrismo, segundo o qual ele está definindo "vida real" como autorrealização em atividades que ele poderia escolher? Mesmo se ele escolhesse o estudo da Bíblia ou o evangelismo, seria com um sentimento de orgulho na satisfação de ser "grande" como cristão porque está fazendo "a obra do Senhor"? Portanto, a história de Lázaro se aplica a Joe aplicando a obra da morte e ressurreição de Cristo. Joe deve morrer diariamente para a ambição egoísta. Além disso, ele deve receber uma nova vida por meio de Cristo para viver para Deus. Se um escravo do primeiro século pode servir a Cristo, ele também pode:

> Servos [escravos], obedeçam em tudo aqueles que são seus senhores terrenos, não por meio do serviço visual, para agradar as pessoas, mas com sinceridade de coração, temendo ao Senhor. Faça o que fizer, trabalhe de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens, sabendo que do Senhor receberá a herança como galardão. Você está servindo ao Senhor Cristo. (Colossenses 3: 22-24)

Então Joe ora: "Senhor, deixe-me viver por você, quer as outras pessoas percebam ou não" ("não ... para agradar as pessoas"). O Espírito Santo fornece a Joe poder espiritual para servir fielmente no que é aparentemente insignificante.

E o que Joe está fazendo? Lavar louça suja. Pode parecer enfadonho, em parte porque tem que ser feito repetidamente, após cada refeição. Mas no plano de Deus, a limpeza tem um propósito definido. Sem limpeza, as pessoas podem comer alimentos contaminados, adoecer e morrer. Por meio do poder de Deus e da sabedoria de Deus que ele comunicou a respeito da limpeza, Joe está desempenhando sua parte no padrão contínuo de resgatar as pessoas da doença e da morte. Ele está ajudando a "limpar" o mundo. E o mundo ficará definitivamente limpo no novo céu e nova terra, que Cristo trará. O trabalho de limpeza mais focado vem no triunfo da vida sobre a morte, porque a morte é a "impureza" final. O trabalho de Joe é uma pequena aplicação do poder da ressurreição de Cristo. Isso tem um significado de peso.

Este aplicativo é fantasioso? Pode parecer que sim, se não tivermos preenchido os passos suficientes na inferência. Mas devemos lembrar que a ressurreição de Cristo é o fundamento não apenas para a renovação do corpo físico dos seres humanos, mas para a renovação do próprio cosmos, quando "a própria criação será libertada de sua escravidão à corrupção e obterá a liberdade de a glória dos filhos de Deus "(Rom. 8:21). A ressurreição é realmente o fundamento para todos os benefícios de Deus, incluindo pequenos benefícios. E o benefício de lavar pratos e alimentos limpos é um pequeno benefício. À medida que Joe participa desse pequeno benefício, ele pode louvar a Deus por meio de Cristo pelo privilégio de lavar pratos.

Disciplinar uma criança

Como um segundo caso, considere Sue. Ela descobriu seu filho de quatro anos, Tim, com a mão no pote de biscoitos, pronto para roubar um biscoito. Como a ressurreição de Lázaro se aplica a ela? Como isso se aplica a Tim?

Suponhamos que Sue seja uma mãe cristã que entende sua responsabilidade de disciplinar Tim como parte de sua responsabilidade maior de ensiná-lo o caminho cristão. Mas ela encontra motivos conflitantes em seu coração. Junto com sua raiva justa pelo pecado, ela também encontra raiva injusta: ela está com raiva porque Tim tornou isso difícil para ela. Ele interferiu em seus planos, e ela se ressente disso. Ela tem que interromper o que planejou fazer para lidar com ele. E se ela vai discipliná-lo com responsabilidade, isso levará tempo. Ela terá que falar com ele e orar com ele, não apenas dar-lhe um tapa na mão e dizer "não". Junto com a raiva, ela também tem preguiça. Parte dela diz: “Apenas deixe para lá desta vez. Você tem coisas mais importantes para fazer. ”

Então Sue tem que lidar com o pecado que se mostra em suas atitudes. Deus a chama para morrer para o pecado e viver para a justiça. Cristo ao ressuscitar Lázaro fala com ela também. Cristo disse: “Lázaro, sai” (João 11:43). Na aplicação, ele diz a Sue: “Saia” - saia da morte espiritual de motivos corruptos e entre na vida espiritual de novos motivos que são adequados para servir a Deus. Ele chama Sue para abençoar a Deus pela honra de imitar o cuidado paternal de Deus exercendo a disciplina materna:

> E você se esqueceu da exortação que se dirige a vocês como filhos?
>
> “Meu filho, não leve em conta a disciplina do Senhor,
> nem se canse quando reprovado por ele.
> Pois o Senhor disciplina a quem ama,
> e castiga todo filho que recebe. ”
>
> É pela disciplina que você deve suportar. Deus está tratando vocês como filhos. Pois que filho há a quem seu pai não disciplina? (Heb. 12: 5-7)

Se Sue responde à graça de Deus, ela está vivendo uma trama redentora. A trama começa na situação normal de um lar tranquilo. Então, surge uma dificuldade: a mão de Tim enfiou-se no pote de biscoitos. E surge uma complicação: os próprios motivos de Sue são corrompidos. Sue encontra o clímax ao confrontar seus próprios motivos pecaminosos. Ela clama a Deus, e Deus a entrega em uma nova bênção e um novo compromisso para cumprir a disciplina na força do Senhor. A trama redentora atingiu uma resolução.

Além disso, Sue deve tentar comunicar ao filho o significado de uma nova vida em Cristo. A mensagem para o filho não é simplesmente: “Peça perdão” e “Não faça isso de novo” - embora isso faça parte do processo. A mensagem também é que Cristo ressuscitou Lázaro como uma figura do que ele faz por você. Você deve morrer para o desejo egoísta de outro biscoito, que você arrebata na desobediência, e se levantar para a nova vida de resistir à tentação no poder do Espírito Santo e encontrar realização em fazer a vontade de Deus. Sue precisa tentar explicar essa mensagem em uma linguagem que uma criança de quatro anos possa entender. Mas as imagens, como a de Lázaro sendo ressuscitado, na verdade ajudam, tornando vívida e concreta a promessa de uma nova vida.

À medida que Tim recebe instruções de sua mãe, uma trama redentora se desenrola em sua vida também. A trama viaja da normalidade para uma armadilha pecaminosa, e então avança para a libertação. Tanto Sue quanto Tim podem aprender a louvar a Deus em meio a suas dificuldades e lágrimas, porque Deus está trabalhando neles e está trazendo a vida de ressurreição de Cristo em suas vidas para transformá-los.

Falha em um teste

Considere outro exemplo. Dave acabou de ser reprovado em um teste de química. Dave não é cristão. Ele se compadece de Ken, que é um colega cristão. Conforme Dave revela seu desânimo, ele também começa a indicar que há mais profundidade nisso. Dave está decidido a ser médico depois de terminar seu trabalho de premeditação. O fracasso no teste significa que ele não conseguirá passar pela química e que seus planos de ser médico vão desmoronar? O que Ken diz em resposta à miséria de Dave? Ken pode contar a história de Lázaro de uma forma que se aplique a Dave?

A primeira tarefa de Ken é certamente ouvir e simpatizar com os sentimentos de desânimo e depressão de Dave. A vida nem sempre é facil. Inclui fracassos e sucessos. O fracasso de Dave é ruim o suficiente. Mas o fracasso final - para todos - é a morte, que é o que vemos na história de Lázaro. A história de Lázaro se aplica porque todo fracasso é um análogo em pequena escala ao fracasso final da morte. Jesus ressuscitou Lázaro, e isso é um símbolo de seu poder para superar todas as falhas que nos confrontam em nossas vidas.

Ken não pode prometer a Dave que ser cristão é uma espécie de varinha mágica que dissolverá docemente todos os problemas e dará a Dave tudo o que ele deseja. Talvez Dave simplesmente não tenha a habilidade intelectual para dominar a química e outros requisitos pré-estabelecidos. Nova vida em Cristo não significa dar a Dave uma fuga mágica de suas limitações intelectuais. Por outro lado, talvez Dave tenha falhado porque é preguiçoso ou indisciplinado, mas não quer olhar com franqueza para essas causas subjacentes. Em ambos os casos, a nova vida em Cristo fornece um fundamento final para viver durante as pequenas falhas da vida. Uma nova vida em Cristo pode levar eventualmente a que Dave encontre outro objetivo vocacional. Ou pode fazer com que Dave supere sua falta de disciplina.

A comunhão com Cristo o ajudará. Mas Dave precisa olhar para outras questões. Por trás do desejo de Dave de ser médico, quase certamente existem motivos mistos. Dave quer servir outras pessoas e fazer a diferença em suas vidas. Mas ele também deseja a satisfação pessoal e a admiração dos outros por seu sucesso. Ele quer ficar rico por meio de seu trabalho. Esses desejos têm um aspecto egoísta. Como todo mundo, Dave é um pecador diante de Deus e precisa de perdão e reconciliação com Deus.

A ressurreição de Lázaro é relevante para Dave, porque Dave está morto em pecado. Essa morte espiritual está na raiz de tudo o mais. Além disso, Dave está passando por uma espécie de morte metafórica por causa da reprovação no exame. Ele se encontra no fundo, em um poço emocional. Cristo ordena que ele saia, experimente uma nova vida. A nova vida é fundamentalmente nova vida espiritual em comunhão com Cristo. Mas essa nova vida também altera a maneira como Dave aborda um teste reprovado e a disciplina de estudar para o curso

de química. Se Deus opera a regeneração no coração de Dave, o desejo de Dave se torna antes de tudo o

desejo de servir a Cristo. E então esse desejo transborda em estar disposto a sofrer, e ver que o fracasso na química é suportável quando Cristo está com ele. Significa também dedicar-se à química e, talvez, estar disposto a fazer o curso uma segunda vez e receber tutoria, dependendo da situação. Também significa deixar nas mãos de Cristo a questão final de Dave se tornar um médico. Dave não faz mais desse objetivo um ídolo do qual ele não suportaria desistir.

Há uma trama redentora de pequena escala na vida de Dave. A normalidade se transformou em falha no teste de química. O que vai tirar Dave? Fundamentalmente, nova vida. Mas também existem tramas relacionadas à falta de disciplina de Davi, ou aos seus desejos egoístas, ou ao fato de ele ter feito do objetivo de ser médico um ídolo. A ressurreição de Lázaro tem analogias com todo o padrão de ser ressuscitado “das obras mortas para servir ao Deus vivo” (Hb 9:14). Davi está sendo convidado, não apenas para vir a Cristo para uma nova vida, mas também para começar a viver uma vida de louvor a Deus, não servindo aos seus próprios desejos egoístas.

Um Encontro Emocionante

A relevância de Lázaro se estende não apenas às crises, mas também à felicidade. Suponhamos que Jane esteja antecipando seu primeiro encontro com um garoto, Carl, por quem ela está interessada há algum tempo. Jane está feliz e retrata para si o prazer de um relacionamento muito gratificante. Jane não é cristã e fala sobre seu próximo encontro com sua amiga cristã, Carol. O que Carol pode dizer?

Carol pode simpatizar. Mas ela também pode tentar ver como a ressurreição de Lázaro fala a essa situação feliz. Jane está feliz porque ela imagina para si mesma uma nova vida na forma de um emocionante relacionamento romântico com Carl. Ela está produzindo em sua mente uma trama redentora. Como assim? Ela pode ou não ter estado deprimida anteriormente porque não tinha namorado ou porque não conseguiu chamar a atenção de Carl. Qualquer que seja sua situação anterior, ela imagina os desenvolvimentos que se aproximam como uma grande tendência ascendente. Ela está sendo “redimida” ou “libertada”, figurativamente falando, da solidão. Ela espera ser inundada com amor, satisfação, entusiasmo e felicidade. Esta trama redentora é análoga à ressurreição de Lázaro. Jane espera encontrar uma nova vida com Carl,

O que torna a expectativa de romance de Jane tão emocionante? O romance é uma experiência poderosa na vida humana. É tão poderoso precisamente porque reflete analogicamente o fascínio, a intimidade e a bênção que surgem no relacionamento de Deus com seu povo, que tanto no Antigo Testamento como no Novo é descrito como casamento (Oséias 3: 1; Isa. 54: 5; 62: 4-5; etc.). Mas se o romance humano se tornar um substituto para o relacionamento com Deus, ele irá falhar. Nenhum parceiro humano pode preencher o vazio que somente Deus pode preencher.

Então, qual será a resposta de Carol a Jane? Carol pode estar positivamente entusiasmada com a bênção que Deus está dando a Jane neste relacionamento. Ao mesmo tempo, Carol pode dizer gentilmente a Jane que, se ela não receber a nova aventura como uma bênção de Deus que aponta para fontes ainda mais profundas de bênção, ela acabará se decepcionando e frustrada mesmo com o parceiro mais promissor.

Então, Jane precisa passar da morte espiritual para a vida espiritual, por meio da ressurreição de

Cristo, para que os seus próprios relacionamentos amorosos sejam renovados. Jane precisa deixar de estar “morta”, relacionamentos egoístas nos quais ela está sutilmente ou não explorando seu parceiro, e ser criada para uma nova vida que transforme a maneira como ela olha para os homens e busca o romance. Uma abordagem que começa com a premissa “É tudo sobre mim” está no reino da morte espiritual.

Usando Outros Milagres

A ressurreição de Lázaro é apenas um dos muitos milagres. Todos os milagres apontam para o grande milagre da ressurreição de Cristo. Ao mesmo tempo, cada milagre é único. E alguns milagres por sua singularidade podem sugerir aplicações mais eficazes para algumas situações específicas da vida. Por exemplo, Jesus transformou a água em vinho em uma festa de casamento. Portanto, o tema do casamento e do casamento o liga mais intimamente ao relacionamento romântico que Jane espera. A alimentação de 5.000 pessoas levanta a questão de como viver a vida em abundância. Jesus é “o pão da vida”. Portanto, essa história pode servir como um ponto de partida ao falar sobre as esperanças de Dave de viver uma vida plena tornando-se médico. A cura do leproso por Jesus em Mateus 8: 1-4 levanta o tema do que é limpo versus o que é impuro. Portanto, pode ser o ponto de partida para as reflexões de Joe sobre a lavagem de pratos. Em Mateus 8: 1-4, Jesus purificou o leproso da impureza. Por analogia, Joe teve o privilégio de limpar a sujeira dos pratos. E essa limpeza contribui para a saúde de sua família. Se Joe está servindo ao Senhor e imitando-o dessa maneira, seu trabalho tem significado.

Podemos encontrar muito potencial para muitas aplicações, porque qualquer milagre incorpora princípios gerais de redenção. Ele aponta para as verdades centrais da realização de Jesus. E todos nós precisamos de redenção. Precisamos disso não apenas no sentido amplo, como pessoas inteiras; precisamos dele nas pequenas fissuras de circunstâncias particulares, como lavar pratos e disciplinar crianças.

Parte III

MILAGRES EM MATEUS

9

O nascimento virginal (Mateus 1: 18-25)

Agora, vamos começar a examinar o Evangelho de Mateus e buscar entender o significado dos milagres ali registrados. Usaremos os princípios que já desenvolvemos principalmente com referência ao Evangelho de João.

O Evangelho de João tem instruções mais explícitas sobre o significado de alguns dos principais milagres, como alimentar 5.000 pessoas. Mas os milagres nos outros Evangelhos têm significado de maneiras semelhantes. Basta olhar mais atentamente para os milagres para ver seu significado. Os milagres em Mateus, como aqueles em João, são sinais do reino de Deus. Na vida de Jesus vemos o início do reinado salvador de Deus na salvação, como profetizado e prenunciado no Antigo Testamento. A unidade dos propósitos salvadores de Deus no governo de seu reino leva à conclusão de que os milagres em Mateus estão organicamente conectados ao clímax do reino na morte e ressurreição de Jesus.

Além disso, o Evangelho de Mateus, como o Evangelho de João, é uma narrativa, e sua própria estrutura leva à crucificação e ressurreição. Essa estrutura narrativa ajuda a enfatizar a unidade teológica na obra do reino de Deus.

Em nossa discussão até agora, enfocamos os milagres que Jesus realizou. Mas um ponto de vista expandido pode abranger milagres que acontecem com Jesus como o destinatário. A concepção e o nascimento da virgem em Mateus 1: 18-25 e os milagres no batismo de Jesus em Mateus 3: 13-17 estão entre esses milagres. Neste capítulo, consideramos o nascimento virginal:

> Agora, o nascimento de Jesus Cristo aconteceu desta forma. Quando sua mãe, Maria, foi prometida a José, antes de se encontrarem, ela estava grávida do Espírito Santo. E seu marido José, sendo um homem justo e não querendo envergonhá-la, resolveu divorciar-se dela discretamente. Mas, ao pensar nessas coisas, eis que um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas tomar Maria por mulher, porque o que nela se concebe provém do Espírito Santo. Ela terá um filho, e você porá o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. ” Tudo isso aconteceu para cumprir o que o Senhor havia falado pelo profeta:
>
> > “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e
> >
> > eles lhe chamarão o nome de Emanuel”
>
> (o que significa, Deus conosco). Quando José acordou, ele fez como o anjo do Senhor lhe ordenou: ele tomou sua esposa, mas não a conheceu até que ela deu à luz um filho. E ele chamou seu nome de Jesus. (Mat. 1: 18-25)

O significado do nascimento virginal

A concepção virginal e o nascimento de Jesus inauguraram o período culminante da história, o período em que Deus realizou a salvação por meio da obra de Jesus. Mateus indica especificamente que a concepção virginal cumpre a profecia de Isaías 7:14 (cf. Mat. 1: 22-

23). O nome dado a Jesus anuncia a salvação:

> Ela terá um filho, e você porá o nome dele Jesus, pois ele salvará seu povo de seus pecados. (Mat. 1:21)

A concepção virgem, portanto, representa o milagre inicial de toda uma época redentora. Seu caráter milagroso ressaltou o fato de que Deus estava trabalhando, e que são necessárias obras espetaculares e surpreendentes de Deus para trazer o remédio decisivo para as raízes mais profundas e os aspectos destrutivos do pecado. O milagre inicial da concepção virgem prepara os leitores para uma narrativa contínua que incluirá toda uma série de milagres.

Por que uma concepção virgem? Um milagre é uma inauguração adequada para a época de cumprimento do reino, mas por que esse milagre? A ausência de meios normais para a concepção sublinhava a presença de Deus, que deve tomar radicalmente a iniciativa. O nascimento virginal também quebrou o padrão de os seres humanos herdarem a culpa e a pecaminosidade de Adão.[1]A encarnação de Cristo significa que o próprio Deus veio à terra. Jesus é Deus em carne (Mateus 1:23; João 1:14). Ele está completamente livre do pecado (Heb. 4:15). Em Jesus, Deus veio para nos redimir.

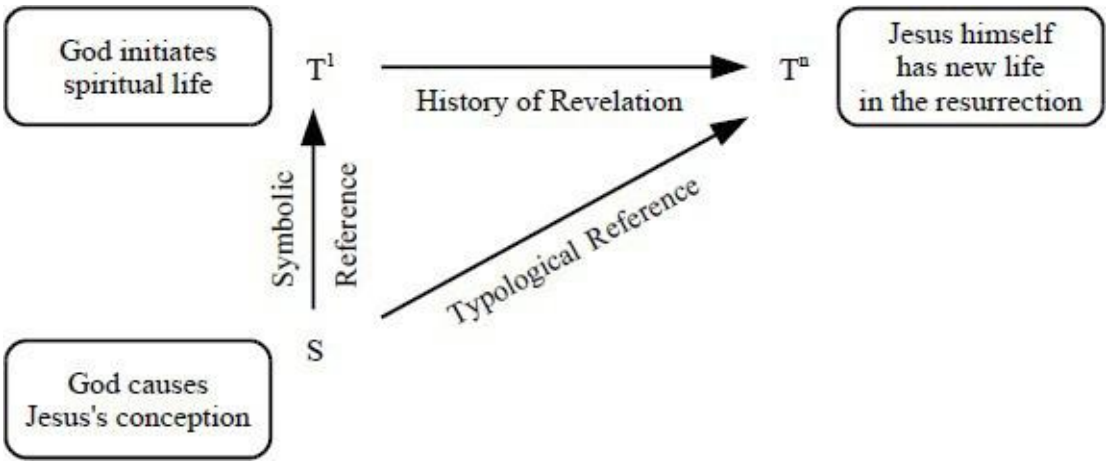
O que aconteceu com Jesus foi, é claro, exclusivo dele. Mas está analogicamente relacionado à nova vida espiritual que deve chegar ao povo de Israel como um todo e, na verdade, a cada indivíduo preso pelas algemas do pecado:

> As pessoas que caminharam nas trevas
>
> vi uma grande luz;
>
> aqueles que viviam em uma terra de profunda
>
> escuridão, sobre eles a luz brilhou. (Isa. 9: 2)

Jesus é totalmente um ser humano, mas também é totalmente Deus. Mesmo em sua natureza humana, ele tem uma vida de Deus diferente de qualquer outro ser humano. E essa singularidade se ajusta ao fato de que ele deve servir como a origem para uma nova vida espiritual para aqueles que estão em morte espiritual (Ef 2: 1). O nascimento virginal foi um evento físico, mas tem significado simbólico: significa a necessidade de uma nova vida radicalmente iniciada por Deus. Um útero virgem não contém a vida de um novo ser humano. É, a esse respeito, simbolicamente "morto". Então Deus veio e criou uma nova vida, a vida de Jesus. Essa transição da morte para a vida significa por analogia o que deve acontecer a cada um de nós. Devemos nascer de novo (João 3: 3, 5) e, assim, ser trazidos da morte espiritual para a vida espiritual.

Dado este significado, podemos construir um triângulo indicando como o nascimento virginal aponta tipologicamente para a frente para a nova vida da ressurreição (verFIG. 9,1)

Fig. 9.1: Triângulo de Clowney para o nascimento virginal



A concepção virgem de Jesus também sugere o fato de que Jesus é o Filho de Deus em um sentido único e profundo, como indica o Evangelho de Lucas:

> E o anjo respondeu-lhe: "O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra; portanto, o filho que vai nascer será chamado de santo - o Filho de Deus ". (Lucas 1:35)

Mateus torna a filiação de Jesus explícita apenas em um ponto posterior, em seu batismo. Portanto, adiaremos uma discussão sobre a Filiação até então.

Implicações para períodos de tempo mais amplos

Por meio de sua discussão sobre o nascimento virginal, Mateus apresenta o tema de Deus iniciando uma nova vida. Visto que esta nova vida é uma característica do reino de Deus, esperamos que ela se repita nos círculos maiores da manifestação do reino. Considere o círculo do ministério terreno de Jesus. Jesus deu nova vida espiritual às pessoas durante todo o seu ministério terreno. Essa entrega de vida foi ainda mais enfatizada pelos casos em que ele ressuscitou pessoas que estavam mortas ou quase mortas.

A seguir, considere a morte e ressurreição de Jesus. A ressurreição é o início de uma vida imperecível, não mais sujeita à morte (Rom. 6: 9-10).

Agora, o que dizer da propagação do evangelho durante o livro de Atos e depois? O evangelho traz nova vida para aqueles a quem dá novo nascimento:

> . . . você nasceu de novo, não de uma semente perecível, mas da imperecível, por meio da palavra viva e duradoura de Deus; . . . E esta palavra é a boa nova que foi pregada a você. (1 Ped. 1:23, 25)

A entrega de uma nova vida culmina na consumação, onde todo o povo de Deus tem a vida eterna na presença de Deus para sempre, em virtude da nova vida dada a eles por meio de Cristo (Ap 21: 4; 22: 2).

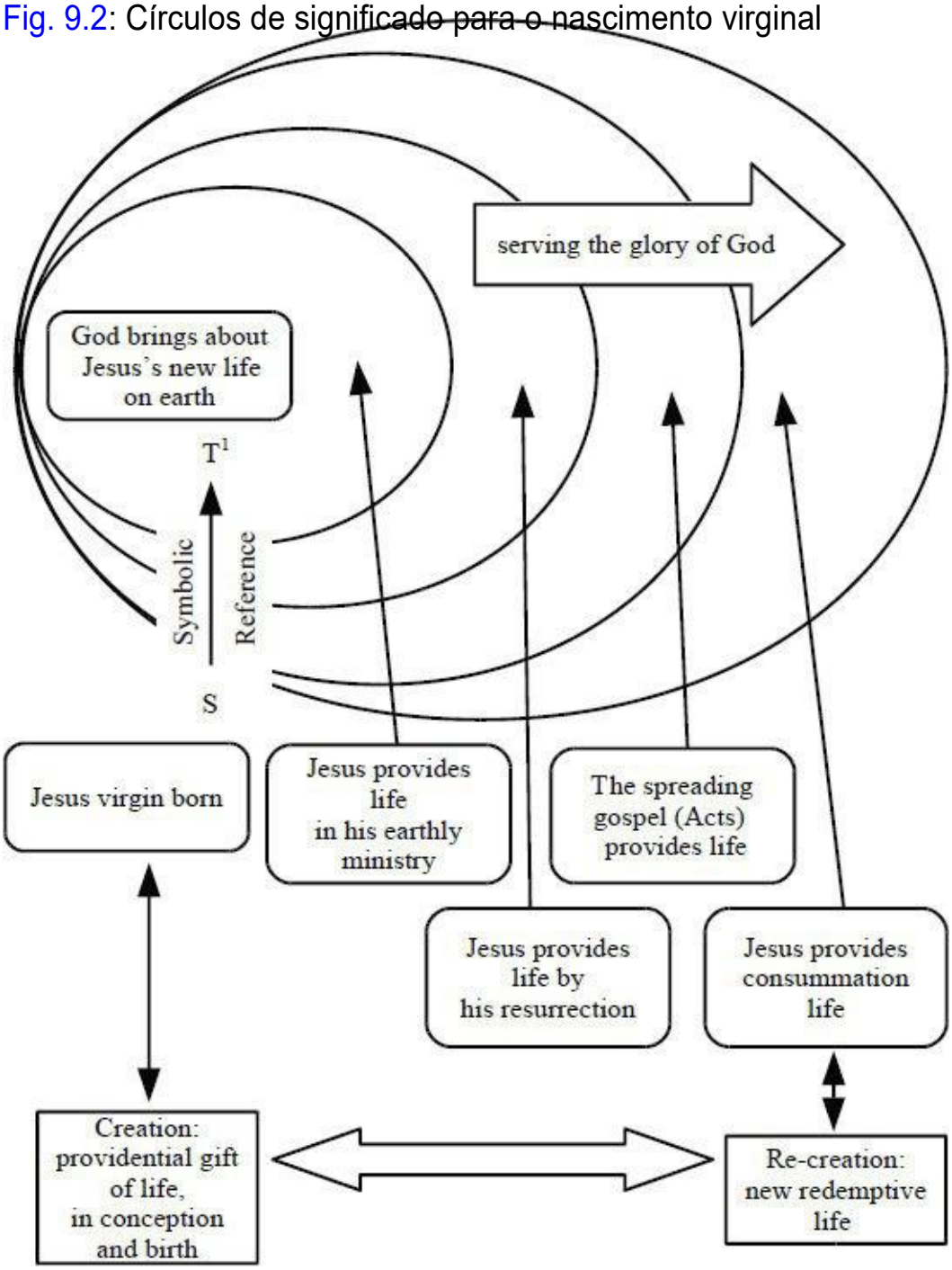
A imagem da nova vida eterna nos remete também à criação da vida em Gênesis 1. Deus fez o homem e tomou providências para os processos que levam ao nascimento de novos seres humanos (Salmo 139: 13-16; cf. Gn. . 4: 1).

> Devemos também perguntar como o milagre da concepção virgem cumpre promessas e padrões

no Antigo Testamento. A conexão mais óbvia está na passagem que Mateus 1:23 cita em Isaías 7:14. Há muita discussão quanto ao significado exato de Isaías 7:14. Isaías 7:14 é uma profecia direta que descreve o nascimento do Messias? Ou tem alguma conexão com um filho nascido durante a época de Acaz (por exemplo, Isaías 8: 3)? No último caso, o filho nascido antes ainda apontaria tipologicamente para o futuro nascimento do Messias. Seja direta ou indiretamente, o nascimento virginal cumpre não apenas Isaías 7:14, mas também passagens a respeito da descendência prometida da mulher (Gênesis 3:15), a descendência de Abraão (Gênesis 12: 7; 13:15; 17: 7; etc.), e a descendência de Davi (por exemplo, Miq. 5: 2).

Podemos resumir todas essas conexões temáticas com nascimento e nova vida em um diagrama (figura 9.2).

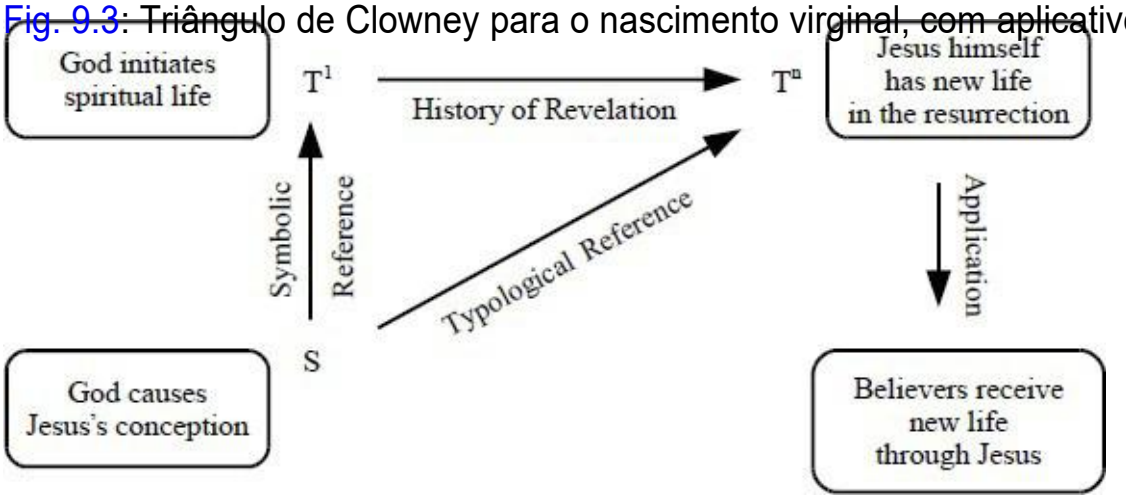
Fig. 9.2: Círculos de significado para o nascimento virginal



O amplo quadro do significado do nascimento virginal naturalmente nos encoraja a

refletir sobre aplicações mais específicas. Certamente, uma aplicação óbvia é para nós, como leitores, ver que Jesus é o Messias, o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, e que ele é único entre os seres humanos na forma de sua origem. Essa origem especial atesta o fato de que ele é o único Filho de Deus. Mas também podemos ser encorajados a compreender que Deus tem o prazer de nos trazer uma vida radicalmente nova por meio de Cristo. Como de costume, podemos adicionar ao triângulo de Clowney uma parte para indicar a aplicação (FIG. 9,3)

Fig. 9.3: Triângulo de Clowney para o nascimento virginal, com aplicativo



Todos esses aspectos nos levam a louvar a Deus por sua graça, pelo dom de seu Filho e pela sabedoria de seu projeto realizado na história.

Acompanhamentos milagrosos ao nascimento virginal

No Evangelho de Mateus, alguns milagres menores acontecem em conexão com o nascimento virginal. (1) “Um anjo do Senhor apareceu a ele [José] em um sonho”, incentivando José a tomar Maria como sua esposa (Mat. 1:20). (2) Uma estrela especial apareceu aos sábios (Mt 2: 2). (3) A estrela “ia adiante deles até que parou sobre o lugar onde a criança estava” (Mateus 2: 9). (4) Os sábios foram “avisados em sonho para não voltarem a Herodes” (Mt 2:12). (5) “Um anjo do Senhor apareceu a José em sonho”, dizendo-lhe que fugisse para o Egito (Mt 2:13). (6) “Quando Herodes morreu, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José no Egito”, dizendo a José para retornar a Israel (Mt 2: 19-20). (7) José recebeu outro aviso “em sonho” e “retirou-se para o distrito da Galiléia” (Mt 2:22).

Cada um desses milagres pertence a uma narrativa mais ampla. A narrativa mais ampla não enfoca realmente o milagre em si, como se o milagre fosse o ponto principal. Em vez disso, cada milagre serve para reforçar a sensação de que a mão da providência de Deus estava operando nos eventos que se desenrolaram. Como os milagres servem como reforço, não estamos dedicando capítulos separados à discussão de cada um dos pequenos milagres de Mateus. Mas podemos dizer algumas palavras.

O sonho dado a José em Mateus 1:20 obviamente reforçou o caráter especial do nascimento virginal. Também serviu para sustentar Maria e Jesus: José estava ali como protetor humano e provedor da vida doméstica. Nos eventos que se seguiram em Mateus 2, José tomou a iniciativa de trazer sua família para o Egito e depois de volta para a Galiléia.

Além disso, o sonho em Mateus 1:20 encorajou Joseph a assumir as responsabilidades de ser um pai legal para Jesus. Este passo é importante, porque significa que Jesus se tornou um herdeiro da linhagem de reis listados em Mateus 1: 6-11. Jesus é o Messias que cumpre as promessas do Antigo Testamento a respeito de um grande descendente de Davi que será rei. Jesus pode cumprir essas promessas porque, por meio da adoção de Jesus por José, ele pertence à linhagem de Davi.[2]

Os milagres envolvendo os sábios mostram como Deus providenciou proteção para Jesus contra os desígnios assassinos de Herodes. "Deus não permitirá que seu propósito seja frustrado."[3] Além disso, os sábios eram gentios em vez de judeus. Portanto, neste ponto inicial, Mateus ressalta o fato de que Jesus é o Salvador dos gentios e também dos judeus (veja também a discussão sobre o servo do centurião em Mateus 8: 5-13; capítulo 13 abaixo). Os sábios começaram a cumprir a profecia de Isaías de que os gentios trariam presentes:

> Então você verá e ficará radiante;
> seu coração vibrará e exultará,
> porque a abundância do mar se converterá a ti, a riqueza
> das nações virá para você. Uma multidão de camelos
> cobrirá você, os jovens camelos de Midiã e Efá; todos
> aqueles de Sabá devem vir. Eles trarão ouro e olíbano,
> e trará boas novas, os louvores do Senhor. (Isa. 60: 5-6)

A vinda dos sábios também lembra a vinda da rainha de Sabá para visitar Salomão. A rainha de Sabá estava fora da linha judaica. Ela foi, portanto, uma precursora da vinda dos gentios. Ela trouxe ouro e especiarias (1 Reis 10:10). O Salmo 72: 8-11 também retrata o rei messiânico recebendo presentes das nações.

A vinda dos gentios ocorre de maneira mais completa após a ressurreição de Cristo, quando ele emite a Grande Comissão: “Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19). Essa comissão opera com base na obra consumada de Cristo: “Toda autoridade me foi dada nos céus e na terra” (v. 18). Portanto, a vinda dos sábios tem um vínculo definitivo com o cumprimento culminante do plano de Deus na crucificação e ressurreição de Cristo.

Formulários

Todos esses pequenos milagres contribuem para uma imagem na qual podemos apreciar o plano de redenção de Deus como um todo. Deus controla e planeja não apenas as grandes peças da história, mas também as menores. E isso significa que aqueles que pertencem a Deus por meio de Cristo podem adquirir coragem; suas vidas estão nas mãos de Deus:

> Portanto, eu te digo: não te preocupes com a tua vida, com o que comerás ou com o que bebes, nem com o teu corpo, com o que vais vestir. Não é a vida mais importante do que o alimento, e o corpo mais importante do que a roupa? Olhe para os pássaros do céu: eles não semeiam, nem colhem, nem juntam em celeiros, mas o seu Pai celestial os alimenta. Estão

você não tem mais valor do que eles? E qual de vocês, por estar ansioso, pode acrescentar uma única hora ao seu tempo de vida? E por que você está ansioso com roupas? Considere os lírios do campo, como eles crescem: eles não labutam nem fiam, mas eu te digo, mesmo
Salomão em toda a sua glória não se vestiu como um deles. Mas se Deus veste assim a erva do campo, que hoje vive e amanhã é lançada ao forno, não vos vestirá muito mais, ó homens de pouca fé? Portanto, não seja
ansioso, dizendo: "O que vamos comer?" ou "O que vamos beber?" ou "O que devemos vestir?" Pois os gentios buscam todas essas coisas, e seu Pai celestial sabe que você precisa de todas elas. Mas busque primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas serão adicionadas a você. (Mat. 6: 25-33)

À medida que aprendemos a confiar no cuidado providencial de Deus, aprendemos também a louvá-lo em vez de nos preocupar: “Não andeis ansiosos” (Mt 6:31).

---

[1] O pecado não é uma coisa física como um vírus, transmitido biologicamente no processo de concepção e nascimento. Em vez disso, é moral e rebelião espiritual contra Deus. Nós o herdamos porque Adão foi o cabeça da raça humana e nos representou quando pecou (Rom. 5: 12-21). Jesus é o último Adão, um novo chefe de uma nova humanidade. O caráter distinto de sua concepção virgem ressalta seu papel único.

[2] RT França, The Gospel of Matthew (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), 47-48.

[3] Grant R. Osborne, Matthew (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 92.

10

O Batismo de Jesus (Mateus 3: 13-17)

A seguir, consideremos o relato de Mateus sobre o batismo de Jesus. É um milagre por causa da voz do céu e do sinal da pomba:

> Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele. João o teria impedido, dizendo: "Eu preciso ser batizado por você, e você vem a mim?" Jesus, porém, respondeu-lhe: “Assim seja agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça”. Então ele consentiu. E quando Jesus foi batizado, imediatamente saiu da água e eis que os céus se abriram para ele, e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e pousando sobre ele; e eis que uma voz do céu disse: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo”. (Mat. 3: 13-17)

No milagre, Deus proclamou que Jesus é o único Filho amado. O sinal da pomba indicava que ele estava cheio do Espírito Santo. Em analogia com a obra do Espírito Santo em líderes especiais no Antigo Testamento, o Espírito Santo estava presente com Jesus para capacitar seu ministério público.

Como entendemos esse empoderamento? Jesus é totalmente Deus. Como Deus, ele está cheio de toda a sabedoria e poder divinos e, portanto, totalmente capaz para todo o seu trabalho na terra. No entanto, também sabemos que a obra de Deus é simultaneamente a obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Portanto, inferimos que o Pai e o Espírito Santo estavam ambos presentes na obra de Jesus como Deus. Além disso, Jesus é totalmente homem. Nesse aspecto, ele é como os juízes, profetas e reis que Deus levantou no Antigo Testamento e equipou com seu Espírito. Os profetas como Moisés, Elias e Eliseu fizeram obras milagrosas que nenhum mero homem poderia realizar. Por analogia, o Espírito Santo desceu sobre Jesus de acordo com sua natureza humana, a fim de que ele pudesse realizar sua obra, incluindo a operação de milagres.

Filho de Deus

O milagre tem como ponto principal o anúncio da relação especial de Cristo com o Pai, e o favor especial do Pai que repousa sobre ele. Este relacionamento especial é expresso pelo dom do Espírito Santo. As palavras do céu contêm alusões ao Salmo 2: 7 e Isaías 42: 1.[1] Vale a pena examinar essas alusões.

Primeiro, considere o Salmo 2: 7. O Salmo 2: 7 diz: “Tu és meu Filho; hoje eu gerei você. ” O Salmo 2: 7 está falando contra o pano de fundo da realeza de Davi e a promessa de Deus de que o rei messiânico final seria um descendente de Davi. A realeza davídica dos tempos do Antigo Testamento aponta para o rei messiânico final. A palavra “hoje” no Salmo 2: 7 não identifica a hora do nascimento de Jesus, mas a hora da sua entronização, como indica o versículo anterior: “Pus o meu Rei sobre Sião, meu santo monte” (Salmo 2: 6). Esse foco na entronização é confirmado por Atos 13:33, que cita Salmos 2: 7 e o vincula à ressurreição de Cristo:

> . . . esta [a promessa de Deus] ele cumpriu a nós, seus filhos, ao criar Jesus, como também está escrito no segundo Salmo,
>
> "Você é meu filho,
>
> hoje eu gerei você. ”

A entronização de Cristo manifestou abertamente o fato de que ele é o Filho de Deus: ele “foi declarado Filho de Deus em poder segundo o Espírito de santidade, por sua ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo nosso Senhor” (Rom. 1: 4) Mas ele já era o Filho de Deus em seu batismo, de acordo com Mateus 3:17. Além disso, sua filiação na época do batismo pressupõe seu nascimento virginal. E o nascimento virginal pressupõe sua relação eterna com Deus Pai. Ele é sempre o Filho, sempre gerado pelo pai. Essa geração eterna forma o pano de fundo para todas as manifestações posteriores de sua filiação no tempo e no espaço. As manifestações no tempo estão sempre em harmonia com quem ele sempre é.[2]

Mateus 3:17 também contém uma alusão a Isaías 42: 1: “Eis o meu servo, a quem eu sustento.” Israel era em certo sentido o servo do Senhor, mas ela repetidamente falhou em obedecê-lo. Jesus, em contraste, é o verdadeiro Israel, o verdadeiro servo, que traz a salvação por meio de sua morte e ressurreição, conforme predito na passagem do servo em Isaías 52: 13-53: 12.

A relação especial entre o Pai e o Cristo encarnado tem seu fundamento divino final na comunhão eterna entre o Pai e o Filho por meio do Espírito Santo. Mas agora essa relação passou a ser expressa no espaço e no tempo. O Filho encarnou com o propósito de cumprir a redenção.

A comunhão entre o Pai e o Filho caracterizou todo o ministério terreno de Jesus. Isso veio a ser expresso na cruz na confissão do centurião: "Verdadeiramente este era o Filho de Deus!" (Mat. 27:54). A filiação atingiu o clímax na ressurreição e ascensão de Cristo. A ascensão estava implicitamente em segundo plano quando Cristo afirmou que “toda a autoridade nos céus e na terra me foi dada” (Mt 28:18). “Toda autoridade” é autoridade de Deus Pai, portanto, pressupõe a comunhão íntima entre o Pai e o Filho. A promessa de Cristo de estar “com você” (Mt 28:20) é uma promessa da presença universal de Deus, que pressupõe a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A unidade de um Deus em três pessoas é ainda expressa na fórmula para batizar “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28:19). Juntas, essas expressões em Mateus tornam conhecida a filiação de Cristo de uma maneira paralela à descrição em Romanos 1: 3-4:

> . . . a respeito de seu Filho, que descendia de Davi segundo a carne e foi declarado o Filho de Deus em poder segundo o Espírito de santidade por sua ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo nosso Senhor,. . .

A Bíblia nos chama a responder a esta revelação da filiação de Jesus, reconhecendo-o como o Filho de Deus e recebendo adoção como filhos. Quando recebemos a adoção, respondemos louvando-o e glorificando o nome de Cristo.

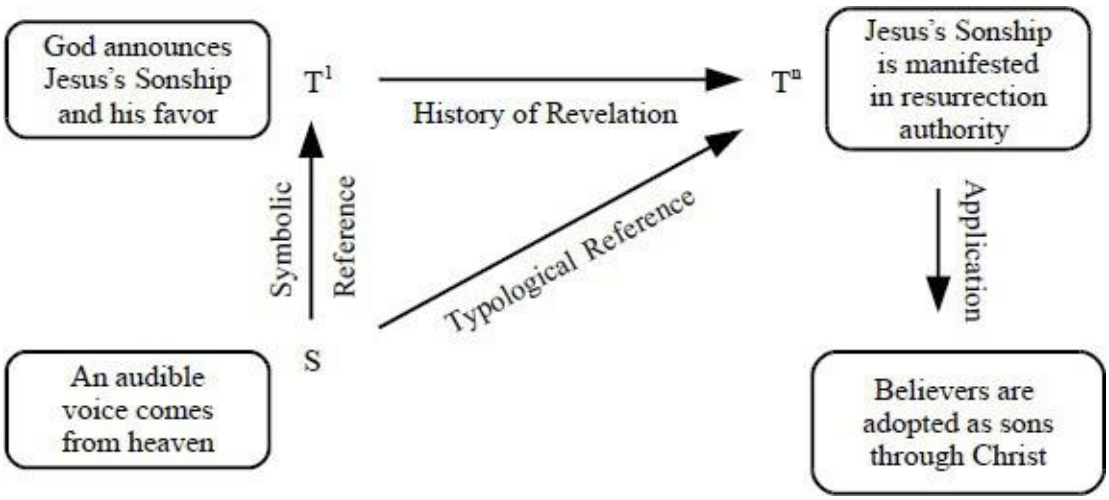
Podemos resumir o significado da filiação de Cristo usando o triângulo de Clowney. A perna vertical do triângulo representa o significado do milagre da voz do céu no momento em que ele ocorre. A voz (a manifestação física) tem o significado de

anunciando Filiação. A partir daí, podemos avançar em nosso pensamento para a ressurreição e ascensão de Cristo (verFIG. 10,1)

Identificação Batismal

Em íntima conexão com a voz do céu, temos o batismo de Jesus. Mateus registra que João Batista a princípio resistiu à idéia de batizar Jesus: “João o teria impedido” (Mt 3:14). O batismo de João foi explicitamente definido como um batismo “para arrependimento” (v. 11), que envolvia pessoas “confessando seus pecados” (v. 6). De alguma forma, João estava ciente de que esse tipo de batismo não combinava com Jesus. Ele não tinha pecados. Mas Jesus, não obstante, indicou que o batismo não era apenas apropriado, mas tinha o propósito de cumprir “toda a justiça” (v. 15).

Fig. 10.1: Triângulo de Clowney para a voz do céu



Como entendemos esse conjunto de ideias? Jesus já foi apresentado em Mateus 2:15 como o verdadeiro Israel, o verdadeiro Filho, o Filho obediente em contraste com a desobediência repetida do Israel histórico. Ao ser batizado, ele se identificou com os pecadores de Israel que estavam vindo para ser batizados. Na verdade, ele não estava confessando seus próprios pecados (dos quais não tinha nenhum), mas os pecados de Israel, a nação a quem foi chamado a representar. Ele se identificou com os pecadores.

Esse tipo de identificação foi evidentemente confirmado por sua prática de comer e beber com coletores de impostos e pecadores. Essa prática, por sua vez, apontava para a cruz, onde ele seria o portador do pecado por seu povo: “. . . assim como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos ”(Mat. 20:28; ver Isa. 53: 11-12).

Essa verdade se aplica a nós. Recebemos perdão quando nos arrependemos e nos voltamos para Cristo para a salvação.

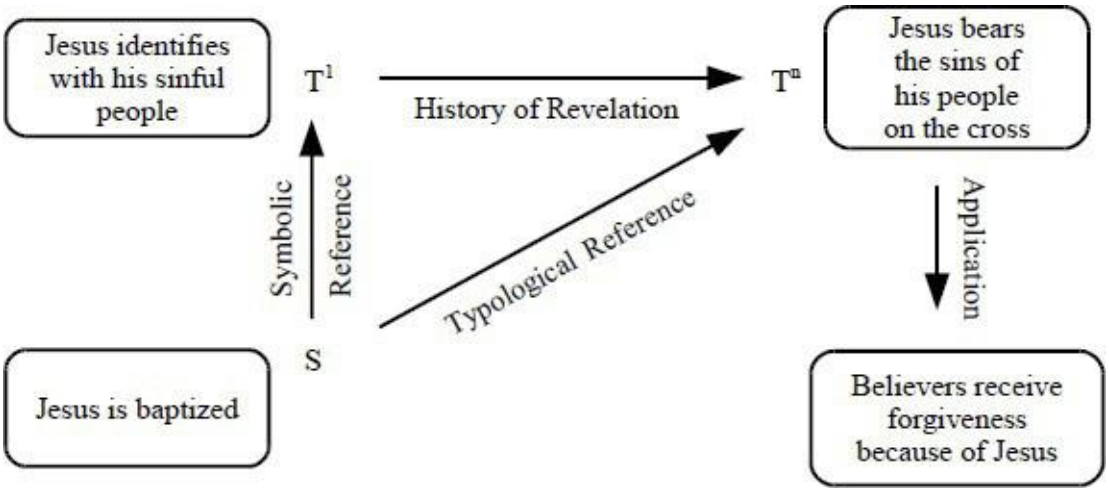
Em resumo, podemos desenhar um triângulo para representar o tema da identificação de Jesus com os pecadores (verFIG. 10,2)

Implicações mais amplas de significado na filiação e no batismo de Jesus

Como de costume, os significados desse milagre têm implicações mais amplas. Já observamos que todo o ministério terreno de Jesus ocorreu em comunhão com o Pai e com o

Espírito. A filiação de Jesus está na raiz de cada milagre e de cada ato de perdão e de cada palavra de ensino. A crucificação e ressurreição de Jesus expressaram tanto sua identificação com os pecadores quanto sua filiação divina.

Fig. 10.2: Triângulo de Clowney para o Batismo de Jesus

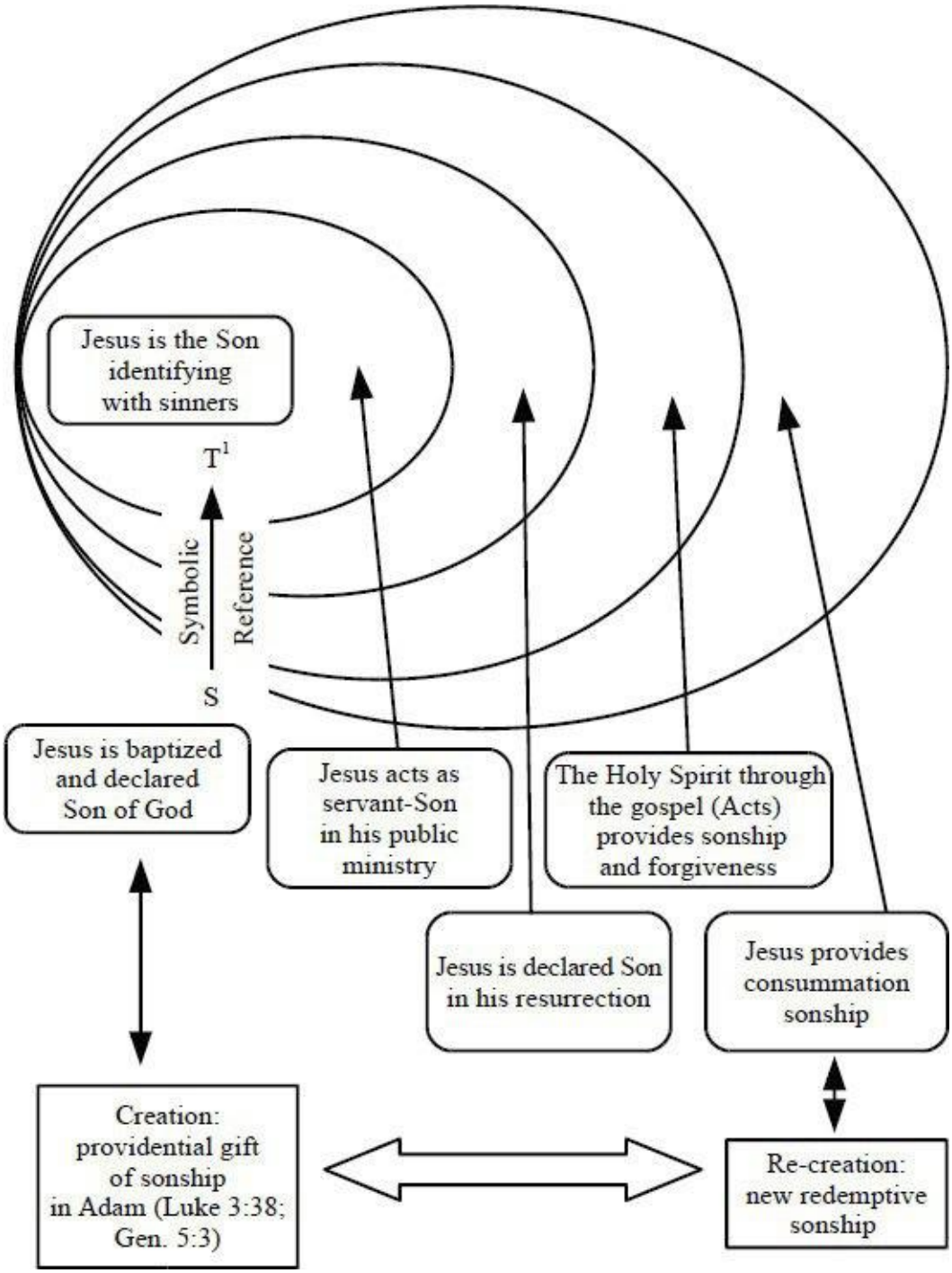


Então, no livro de Atos, Jesus, pelo poder do Espírito Santo, dá aos seres humanos o privilégio da filiação. Ele dá perdão de pecados com base em sua morte substitutiva. O batismo é o sinal de estar unido a Cristo e, portanto, inclui implicitamente a promessa de filiação e perdão (Mt 28:19). Do tempo de Pentecostes em diante, o evangelho de Cristo se espalha para as nações do mundo. Pessoas de todas as nações recebem o conhecimento e os efeitos da filiação de Jesus e de suportar o pecado. Finalmente, no final dos tempos, o povo de Deus receberá a filiação perfeita e o fim completo do pecado:

> Quem vencer terá essa herança, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. (Rev. 21: 7)
>
> Mas nada impuro jamais entrará nele, nem quem faz o que é detestável ou falso, mas somente aqueles que estão escritos no livro da vida do Cordeiro. (Rev. 21:27)
>
> Eles verão sua face [de Deus], e seu nome estará em suas testas. (Rev. 22: 4)

Como de costume, podemos resumir as implicações mais amplas em uma série de círculos cada vez mais amplos (FIG. 10,3)

Fig. 10.3: Círculos de significado para o batismo de Jesus



Formulários

Uma compreensão do quadro mais amplo novamente sugere aplicações. Primeiro, nós, como ouvintes, devemos levar a sério que Jesus é o único Filho de Deus, cumprindo o plano de Deus para trazer a salvação. A salvação é encontrada em Jesus, não em alternativas falsas. Também podemos ver a relação da filiação de Jesus com nossa própria filiação. Você está alienado de Deus por causa do pecado? Você pode se tornar um filho de Deus através de Jesus, o Filho:

> Mas, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para redimir os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, clamando: “Aba! Pai!" Então você não é mais um escravo, mas um filho, e se um filho, então um herdeiro por Deus. (Gal. 4: 4-7)

Alegremo-nos e louvemos a Deus pelo dom de seu Filho e pelo dom de sermos adotados como seus filhos.

---

1 DA Carson, "Matthew", em The Expositor's Bible Commentary, rev. ed., ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 9 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 137-138. RT França também explora uma possível alusão a Gênesis 22: 2 (RT França, O Evangelho de Mateus [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007], 123). Teologicamente, o sacrifício de Isaque por Abraão aponta para o sacrifício de Cristo. Portanto, uma possível ligação entre Mateus 4:17 e Gênesis 22: 2 faz sentido.

2 Esta harmonia é uma indicação fundamental de que existe uma relação eterna de Pai para Filho dentro da Trindade, e uma geração eterna.

11

Muitas curas (Mateus 4: 23-25)

Mateus 4: 23-25 nos dá um resumo da parte inicial do ministério público de Jesus:

> E ele foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas e proclamando o evangelho do reino e curando todas as doenças e aflições entre o povo. Assim, sua fama se espalhou por toda a Síria, e eles trouxeram todos os enfermos, aqueles afligidos por várias doenças e dores, aqueles oprimidos por demônios, epilépticos e paralíticos, e ele os curou. E grandes multidões o seguiam da Galiléia e da Decápolis, de Jerusalém e da Judéia, e de além do Jordão.

O significado das curas

O ministério de Jesus incluiu muitos milagres de cura. Mateus, neste ponto inicial, está fornecendo apenas um esboço geral. Seu resumo enfatiza a extensão dos milagres de Jesus. Ele curou “todos os enfermos”, pelo que devemos entender todos os enfermos que vieram a ele. As seguintes palavras na passagem enfatizam a extensão dos milagres, mencionando uma lista de vários tipos de aflições. A lista inclui não apenas doenças físicas, mas também opressão por demônios.

Qual é o significado teológico desses milagres? Nesse ponto inicial de Mateus, o texto não fornece muitas instruções diretas sobre o significado ou o significado teológico dos milagres de Jesus. Posteriormente, Mateus fornece um link com o servo sofredor de Isaías 53:

> Naquela noite, eles trouxeram a ele muitos que estavam oprimidos por demônios, e ele expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os que estavam enfermos. Isso foi para cumprir o que foi falado pelo profeta Isaías: “Ele tomou as nossas doenças e carregou as nossas doenças”. (Mat. 8: 16-17; cf. Isa. 53: 4)

De acordo com essa passagem, Jesus libertou as pessoas dos demônios e das doenças. Essa libertação tem uma ligação com o fato de Jesus carregar nossas doenças. A passagem completa em Isaías 53 usa a linguagem da doença metaforicamente para indicar como o servo que virá sofrerá como substituto do pecado. A desordem fundamental do pecado é, portanto, simbolicamente representada pelas desordens subordinadas de possessão demoníaca e doença. A libertação no nível físico simboliza a libertação no nível espiritual. Primeira Pedro 2:24 fala de maneira semelhante:

> Ele mesmo carregou nossos pecados em seu corpo na árvore, para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. Por suas feridas você foi curado. " (cf. Isa. 53: 5)

DA Carson resume: “Isso significa que, para Mateus, os milagres de cura de Jesus apontavam para além de si mesmos, para a cruz. Nisso, ele é como o evangelista João, cujos 'sinais' apontam para além de si mesmos. ”[1]

Também sabemos que o novo céu e a nova terra trarão libertação abrangente, incluindo o lado físico (a ressurreição) e o lado espiritual (estar livre do pecado e viver livremente na presença de Deus).[2]

Mateus não introduz diretamente todo esse significado teológico dentro do relato do início do ministério de Jesus em 4: 23-25. A narrativa se contenta em fornecer um esboço básico neste ponto inicial, e deixar o significado se desdobrar mais tarde. Mateus, entretanto, indica uma ligação com a vinda do reino de Deus, que na profecia do Antigo Testamento inclui uma libertação abrangente. Jesus estava “proclamando o evangelho do reino” (v. 23). Ou seja, ele anunciou as boas novas da vinda da manifestação culminante do governo salvífico de Deus como rei. Junto com este anúncio vieram ilustrações em forma de cura. As curas revelaram o poder de Deus em ação para trazer libertação. Assim, as curas eram manifestações do reino. As curas milagrosas complementaram o anúncio verbal do reino.

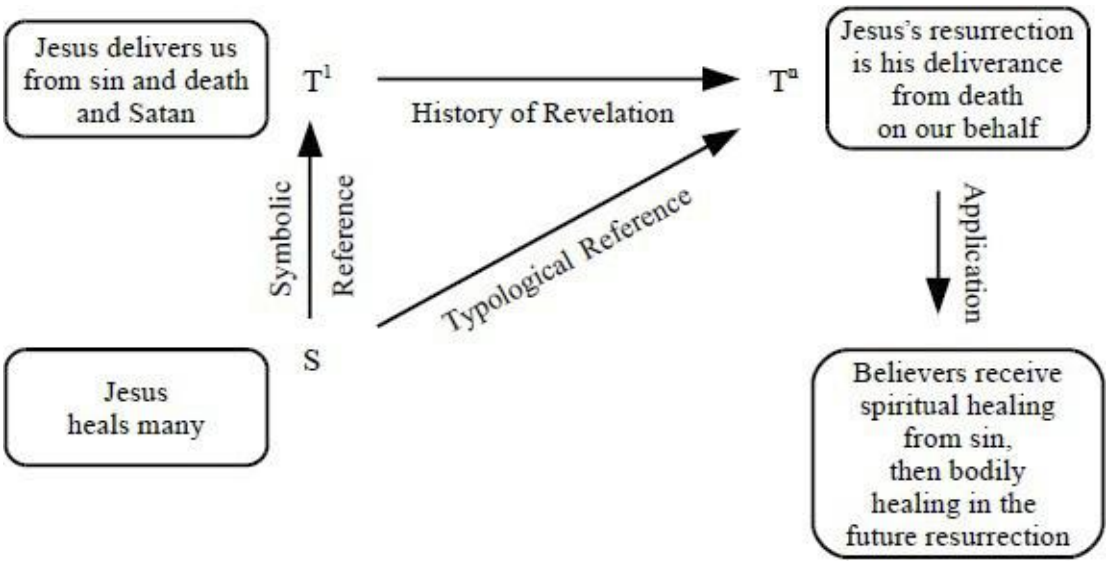
Tramas redentoras

Também podemos ver uma ampla conexão entre redenção e cura por causa da estrutura do enredo de cura. Uma história sobre cura pressupõe um padrão de normalidade que foi perdido. Pessoas possuídas por demônios e doentes não são o que deveriam ser. A falta de normalidade ilustra o fato de que vivemos em um mundo decaído, alienados de Deus e sujeitos à maldição. A história sobre a cura passa da dificuldade para a sua resolução. A pessoa em questão é libertada de sua aflição. Esta pequena forma de libertação constitui uma "trama redentora".[3]

Todas as pequenas libertações prefiguram a grande libertação, redenção por meio da cruz e ressurreição de Cristo. Na cruz, Cristo se identificou conosco em nossa miséria - tanto a miséria da doença quanto a miséria mais profunda do pecado. Na ressurreição, ele triunfou sobre a miséria - não apenas sobre a doença, mas também sobre a tristeza, as lágrimas, o luto e a própria morte. A ressurreição também foi sua vindicação judicial. Mostra sua justiça e a aprovação de Deus Pai por sua obediência. Sua ressurreição conta em nosso favor, para nossa justificação: “[ele] foi entregue por nossas ofensas e ressuscitado para nossa justificação” (Rom. 4:25). Quando estamos unidos a Cristo, a ressurreição de Cristo é aplicada a nós e recebemos a cura definitiva do pecado e da culpa. Também esperamos a consumação,

Podemos, portanto, desenhar um triângulo para representar o significado da cura física (FIG.
11,1)

Fig. 11.1: Triângulo de Clowney para muitas curas



Os exemplos de cura apontam para a grande cura na ressurreição de Cristo.

Aplicação de Resgate

Milagres de cura também implicam que a redenção pode ser aplicada a nós nesta era. Cristo vive para sempre como o Salvador. Seu poder está disponível para todos que o invocarem. Assim, os exemplos de cura em Mateus podem ser usados em sermões. O moderno proclamador do evangelho anuncia que o reino salvador de Deus começou por meio da obra de Jesus. Ele convida todos os que estão enfermos ou oprimidos por Satanás a vir. "Venha e seja curado." A cura é antes de tudo a cura do pecado e da morte espiritual. A ressurreição de Jesus, diz o pregador, atinge as necessidades humanas ainda mais profunda e decisivamente do que os milagres de cura que tocaram as necessidades corporais. Jesus dará uma resposta a todas as necessidades corporais no momento da consumação. Até então, às vezes podemos experimentar a cura corporal, e às vezes não, de acordo com a vontade de Deus.[4]

---

[1] DA Carson, “Matthew,” em Expositor's Bible Commentary, rev. ed., ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 9 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 244; RT França discorda (RT França, O Evangelho de Mateus [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007], 322n56), encontrando em Mateus 8:17 apenas uma referência à cura física. Mas a discordância parece-me ser apenas sobre a questão de quão diretamente Mateus 8:17 convida a uma conexão entre a cura de doenças e o sofrimento de Jesus na cruz. A França concorda que em outro lugar Mateus constrói ligações entre Isaías 53 e a cruz (Mat. 20:28; 26:28; citado na França, Evangelho de Mateus, 322). Quando combinamos o quadro maior em Mateus como um todo com o princípio da unidade do reino de Deus e o caráter voltado para a frente de todos os milagres de Jesus, podemos ver uma função de sinal em todos os milagres de cura, sejam ou não tal significado redentor está diretamente em vista quando Mateus 8:

[2] Carson, "Matthew", 245.

[3] Vern S. Poythress, In the Beginning Was the Word: Language — A God-Centered Approach (Wheaton, IL: Crossway, 2009), capítulo 26.

[4] O "evangelho da prosperidade", muito comum entre alguns pregadores hoje, falsifica o verdadeiro evangelho quando diz que Deus sempre quer que os cristãos sejam saudáveis e ricos nesta vida. Elimina o sofrimento cristão, sobre o qual o Novo Testamento fala claramente (João 16:33; Atos 14:22; Fp 3:10; 1 Tes. 3: 3-4; 1 Pedro 1: 6-7; 4:12 -13). O ensino da prosperidade diz às pessoas ingênuas o que elas querem ouvir, em vez do que a Bíblia ensina. Também “salta à vista” ao prometer nesta vida o que pertence à próxima: os seguidores de Cristo irão de fato herdar o próprio mundo e a perfeição no corpo, mas apenas na consumação.

12

Limpando um Leproso (Mateus 8: 1-4)

Mateus 8-9 registra como o evangelho do reino de Deus e o poder do reino se expandem em seu alcance. A seção começa com um milagre onde Jesus cura um homem com lepra:

> Quando ele desceu da montanha, uma grande multidão o seguiu. E eis que um leproso se aproximou dele e se ajoelhou diante dele, dizendo: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo”. E Jesus estendeu a mão e tocou-o, dizendo: “Eu quero; seja claro." E imediatamente sua lepra foi limpa. E Jesus disse-lhe: “Olha, não digas nada a ninguém, mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece o dom que Moisés ordenou, para lhes servir de prova”. (Mat. 8: 1-4)

Nesse milagre, Jesus age com o poder do reino de Deus para estender a mão e tocar uma pessoa à margem da sociedade.

O significado da hanseníase

Qual é o significado desta cura? Devemos esclarecer que o termo lepra no contexto da Bíblia designa um espectro de doenças de pele - não deve ser identificado com o uso moderno em que se refere apenas à hanseníase. Na lei cerimonial do Antigo Testamento, a lepra tinha um papel particular. A pessoa que o possuía era “impura” e foi desqualificada para se aproximar da presença de Deus no tabernáculo ou no templo. Ele teve que viver longe de outras pessoas (Lev. 13: 45-46). A impureza não era em si um pecado. Mas era um símbolo do pecado, como podemos ver pela forma como representava uma barreira para a abordagem da presença simbólica de Deus no templo. Portanto, quando Jesus curou o leproso, a cura foi um símbolo da cura do pecado.

Além disso, os judeus entenderam que tocar em um leproso comunicaria impureza de uma pessoa para outra (Lv 5: 3). Jesus tocou no leproso (Mt 8: 3), o que foi um ato surpreendente naquela cultura. As pessoas esperariam que a impureza fosse comunicada do leproso a Jesus. Em vez disso, pelo poder de Jesus, a limpeza foi comunicada de Jesus ao leproso. Mesmo assim, tocar o leproso era um sinal de identificação. Assim como o batismo de Jesus significava sua identificação com os pecados do povo, também aqui seu toque indicava sua disposição de se identificar com a lepra, que simbolizava o pecado. Sua identificação com o pecado neste ponto antecipou e prefigurou sua identificação com o pecado quando ele se tornou nosso portador do pecado na cruz e foi abandonado por Deus (Mt 27: 45-46). Jesus não levou literalmente a impureza do leproso sobre si mesmo. Mas ele levou os nossos pecados sobre si, ao suportar o seu castigo: “Ele mesmo levou os nossos pecados em seu corpo, no madeiro, para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. Pelas suas feridas fostes curados ”(1 Pedro 2:24; cf. Is 53: 4-5).

O leproso era uma pessoa desprezada e marginalizada na sociedade judaica. Ao interagir com o leproso, Jesus mostrou que tem compaixão por aqueles que são desprezados

e estão sofrendo. Ele estendeu a mão fisicamente para o leproso para tocá-lo. Ele também estendeu a mão metaforicamente para curá-lo. Ambos os aspectos significam que Jesus dá bênçãos às pessoas que não as merecem. Esse é o significado da graça de Deus - que recebamos o oposto do que merecemos. No nível mais profundo, somos todos indignos e pecadores. A salvação é um presente de Deus por meio de Jesus, não uma recompensa por nosso bom comportamento.

O papel da fé

Devemos também observar a expressão de fé do leproso: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo” (Mt 8: 2). O leproso expressou confiança no poder de Jesus para curar. Na mente do leproso, a única questão era se Jesus estava disposto. Se o leproso ia ser curado, Jesus devia ter misericórdia; o leproso não podia reivindicar nenhum direito ou dignidade. Essa resposta do leproso oferece uma imagem do papel da fé na salvação. Devemos colocar nossa confiança em Jesus como aquele que tem poder para salvar. E ao fazer isso, admitimos que não podemos reivindicar a salvação como um direito, com base em algo em nós mesmos.

Um testemunho

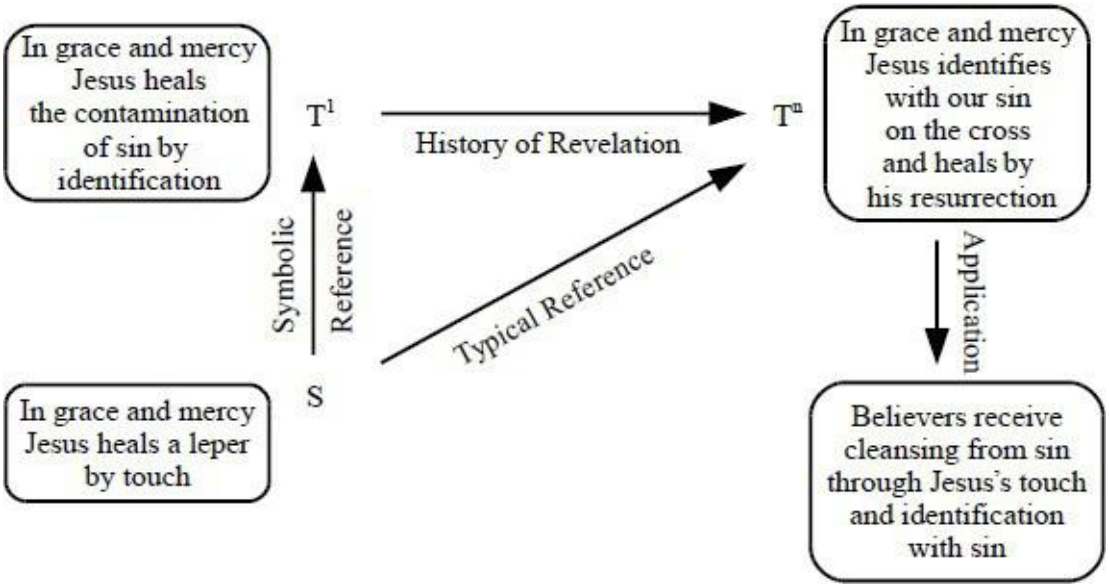
Por que Jesus disse ao leproso purificado para se mostrar ao sacerdote? Mateus não dá uma explicação adicional, mas duas razões estão próximas.

Primeiro, o processo de ir ao sacerdote era o procedimento adequado, conforme prescrito na lei mosaica (Lv 14: 1-32). Essa lei cerimonial ainda estava em vigor antes da ressurreição de Jesus, enquanto o reino de Deus estava apenas começando a despontar. Por meio desse procedimento, o homem seria oficialmente declarado limpo e poderia ser reintegrado à sociedade e poderia recuperar o acesso ao templo. Essa reintegração simbolizou a realidade espiritual mais profunda de ter os pecados perdoados e ser reconciliado com os outros seres humanos (sociedade) e com Deus (simbolizado pelo templo).

Em segundo lugar, as instruções de Jesus ao leproso purificado apontavam para as passagens da lei mosaica a respeito da lepra (Levítico 13-14). Ao apontar para essas passagens, Jesus chamou a atenção para todo o simbolismo relacionado à lepra. Ao evocar o simbolismo, ele também estava dizendo ao leproso e a todos os que observaram o milagre para não limitarem sua observação ao fato óbvio da cura de uma doença, mas para ver seu significado simbólico, quando interpretado contra o pano de fundo do simbolismo de a lei de Moisés. Desta forma, Jesus encorajou as pessoas a compreenderem o significado do milagre como um sinal de redenção do pecado.

Podemos resumir o significado da cura usando o triângulo de Clowney (ver FIG. 12,1)

Fig. 12.1: Triângulo de Clowney para a limpeza de um leproso



Aplicação de Resgate

A cura do leproso está ligada aos atos centrais da redenção. E esses atos centrais, por sua vez, estão relacionados a nós, porque se aplicam aos que estão em união com Cristo. Portanto, podemos entender a adequação de uma aplicação de pregação. Cada um de nós, por natureza, é uma espécie de leproso espiritual. O pecado nos desqualifica para a comunhão tanto com Deus quanto com o homem. Por meio da mensagem de Mateus, Deus nos mostra que cada um de nós deve apelar ao Cristo vivo por ajuda. “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo” (Mt 8: 2). Devemos ter fé em Cristo. E o que Cristo fará em resposta? Ele nos tocará espiritualmente, tirando nosso pecado por meio de sua obra substitutiva. E ele nos limpará: ele diz: “Eu vou; sê limpo ”(v. 3). É uma imagem gloriosa da redenção aplicada a um indivíduo.

13

O Servo do Centurião (Mateus 8: 5-13)

No milagre com o servo do centurião, Jesus mostra como o poder do reino de Deus alcança o mundo gentio. Aqui está a história, em Mateus 8: 5-13:

> Quando ele entrou em Cafarnaum, um centurião aproximou-se dele, apelando-lhe: “Senhor, meu servo está paralisado em casa, sofrendo terrivelmente”. E ele disse a ele: "Eu irei e o curarei." Mas o centurião respondeu: “Senhor, não sou digno de recebê-lo sob meu teto, mas apenas diga uma palavra, e meu servo será curado. Pois eu também sou um homem sob autoridade, com soldados sob mim. E eu digo a um: 'Vá', e ele vai, e a outro: 'Venha', e ele vem, e ao meu servo: 'Faça isso', e ele o faz ”. Quando Jesus ouviu isso, ficou maravilhado e disse aos que o seguiam: “Em verdade, em verdade vos digo, em ninguém em Israel encontrei tal fé. Eu lhe digo, muitos virão do leste e do oeste e se reclinarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus, enquanto os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores. Nesse lugar haverá choro e ranger de dentes. ” E ao centurião Jesus disse: “Vá; que seja feito por você como você acreditou. ” E o servo foi curado naquele exato momento.

O Evangelho aos Gentios

Este milagre mostra algumas características distintas sobre o reino de Deus. A distinção mais óbvia sobre esse milagre é que o centurião é um gentio, não um judeu. Jesus notou o contraste entre a fé do centurião e o que era verdade para Israel:

> Em verdade, eu lhe digo, em ninguém em Israel eu encontrei tal fé. Eu lhe digo, muitos virão do leste e do oeste e se reclinarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus, enquanto os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores. (Mat. 8: 10-12)

Jesus levantou a questão de quem participaria do reino de Deus e "reclinar-se-ia à mesa" com os patriarcas "no reino dos céus". A fé do centurião indicava que ele e outros como ele participariam, embora fossem gentios. O centurião e seu servo participaram dos efeitos do poder de Deus quando Jesus curou o servo. Mas, além disso, este milagre como os outros aponta para os estágios em que o reino de Deus se expande e se aprofunda ainda mais.

A crucificação e a ressurreição de Cristo são o clímax. Aqueles que participam do reino de Deus são iguais aos que estão unidos a Cristo e participam dos benefícios de sua obra na cruz. Gentios e judeus podem participar pela fé, como o livro de Atos deixa claro e como Mateus deixa claro pela Grande Comissão:

> E Jesus veio e disse-lhes: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo,. . . (Mat. 28: 18-19)

Como o leproso em Mateus 8: 1-4, o centurião era uma pessoa à margem da sociedade judaica. Ele era um gentio; socialmente, ele estava completamente fora do círculo do judaísmo. Ao estender a mão para ele, Jesus mostrou que sua compaixão salvadora se estende além do círculo do judaísmo.

Cura à distância

Quando Jesus curou à distância, isso mostrou que o reino de Deus estava rompendo as barreiras do espaço. Como o centurião reconheceu (Mt 8: 8-9), Jesus tinha autoridade sobrenatural. Por meio dessa autoridade, ele poderia exercer o poder do reino de Deus sobre o servo do centurião, longe de sua localização terrestre em Cafarnaum. Essa autoridade é uma característica do reino de Deus como um todo. Conseqüentemente, o desenvolvimento posterior do crescimento do reino, por meio da morte e ressurreição de Jesus, expressa o mesmo princípio. A morte e ressurreição de Jesus têm o poder de mudar as pessoas que estão distantes de Jerusalém no espaço e de mudar as pessoas que também estão distantes no tempo, através de todas as gerações.

Após a ressurreição de Jesus, o evangelho e o poder do reino começam em Atos a se espalhar por todo o mundo, superando as barreiras do espaço. A propagação do evangelho ocorre sob a autoridade universal de Jesus: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt 28:18). Essa autoridade é uma expressão mais completa do princípio que se tornou visível no milagre com o servo do centurião. A ascensão de Jesus ao céu implica que ele está fisicamente ausente da terra, mas espiritualmente sua presença pode se estender até os confins da terra (Atos 1: 8) por meio do Espírito Santo.

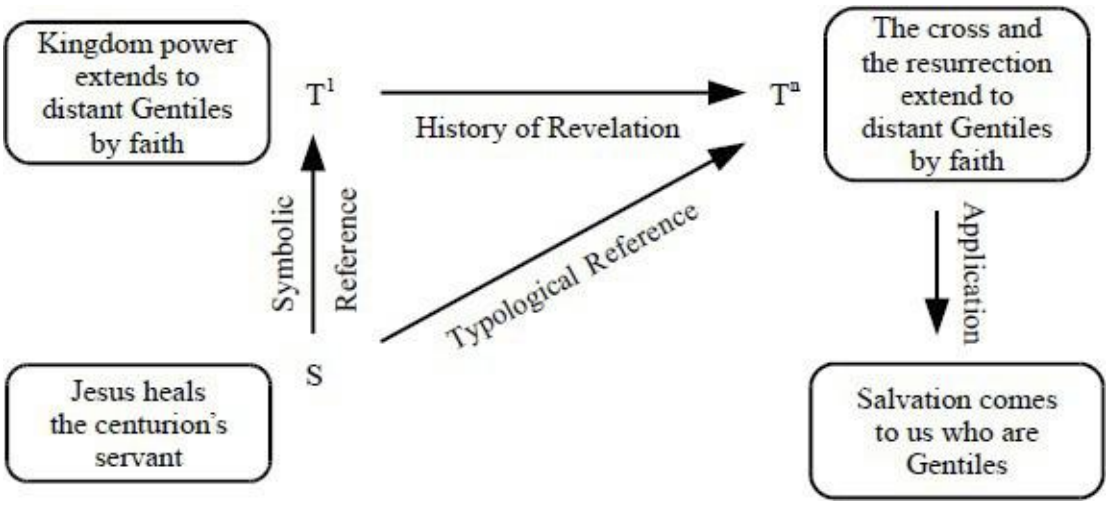
A cura como um sinal de restauração

Como de costume, a cura em um plano físico simboliza a cura abrangente que Deus prometeu no Antigo Testamento como o fruto de sua obra vindoura de salvação. O servo do centurião é descrito como “paralítico em casa, sofrendo terrivelmente” (Mt 8: 6). Jesus substituiu a paralisia pela liberdade de movimento e o sofrimento terrível pelo alívio do sofrimento. Mateus mais tarde mostra a conexão entre a paralisia física e o perdão dos pecados (9: 2, 5). O pecado, como vemos, é uma espécie de paralisia espiritual; ele desabilita os seres humanos. O sofrimento humano nem sempre é devido diretamente ao pecado individual, mas ainda é um emblema ou sinal dos resultados que seguem do pecado. Cristo sofreu para nos livrar do sofrimento gerado pelo pecado. Sua ressurreição é o ponto de partida para ser libertado do pecado e do sofrimento.

Triângulo de Clowney aplicado ao servo do centurião

Podemos resumir o significado deste milagre de cura usando o triângulo de Clowney (FIG. 13,1)

Fig. 13.1: Triângulo de Clowney para a Cura do Servo do Centurião



Aplicativo

Podemos ver como esse milagre tem implicações orgânicas para a aplicação. Você é um gentio “distante”, que na miséria se vê como algo irremediavelmente fora do alcance do favor de Deus? Ou você é um judeu “por perto”? Tanto gentios quanto judeus podem receber um lugar no reino de Deus, por meio da fé em Jesus. Você está paralisado pelo pecado e sofrendo terrivelmente no espírito? Apele a Jesus, que vive e reina no céu hoje. Jesus tem autoridade para curar à distância, do próprio céu? Ele vai? Tenha fé nele - o mesmo Jesus que respondeu ao centurião em sua indignidade.

14

Sogra de Pedro (Mateus 8: 14-17)

O reino de Deus se estende em poder aos parentes e vizinhos das pessoas. Vemos isso acontecendo em Mateus 8: 14-17:

> E quando Jesus entrou na casa de Pedro, ele viu sua sogra doente com febre. Ele tocou sua mão e a febre a deixou, e ela se levantou e começou a servi-lo. Naquela noite, eles trouxeram a ele muitos que estavam oprimidos por demônios, e ele expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os que estavam enfermos. Isso foi para cumprir o que foi falado pelo profeta Isaías: "Ele tomou as nossas doenças e carregou as nossas doenças".

O significado da cura

Comentamos anteriormente (capítulo 11) sobre a citação de Mateus de Isaías: "Ele tomou as nossas doenças e carregou as nossas doenças" (Mat. 8:17; cf. Isa. 53: 4). Quando consideramos essa citação no contexto de Isaías 53, ela ressalta a conexão entre Jesus curando doenças e a "cura" mais radical por meio de seu sofrimento na cruz.

Este milagre sobre a cura da sogra de Pedro mostra como o reino de Deus pode funcionar por meio das relações sociais. Jesus curou a sogra de Pedro em parte por causa das circunstâncias. Ele estava na casa de Pedro. Ele viu a sogra de Peter. Em parte, tudo isso se devia à relação da sogra com Pedro. E então a cura se estendeu para a vizinhança maior, à medida que as pessoas espalhavam a notícia pela rede social.

A relação "social" mais fundamental era a relação entre os discípulos e o próprio Senhor. Esse relacionamento mostra em forma sombria e germinativa o que ocorre por meio da união espiritual com Cristo. As bênçãos do reino salvador de Deus vêm por meio de Cristo para aqueles em união espiritual vital com Cristo. Essa união entra em foco especialmente na união com a morte e ressurreição de Cristo (Romanos 6). Em Cristo recebemos todos os benefícios da salvação (Ef 1: 3). E Deus usa aquelas pessoas que estão em união com Cristo para espalhar as boas novas a outros, alguns dos quais, por sua vez, passam a se unir a Cristo.

Também é importante notar que a sogra de Pedro, como mulher, tinha uma posição social inferior à dos homens judeus. A compaixão de Jesus e sua salvação se estendem às mulheres e crianças, não apenas aos homens; e eles se estendem aos humildes, não apenas aos proeminentes.

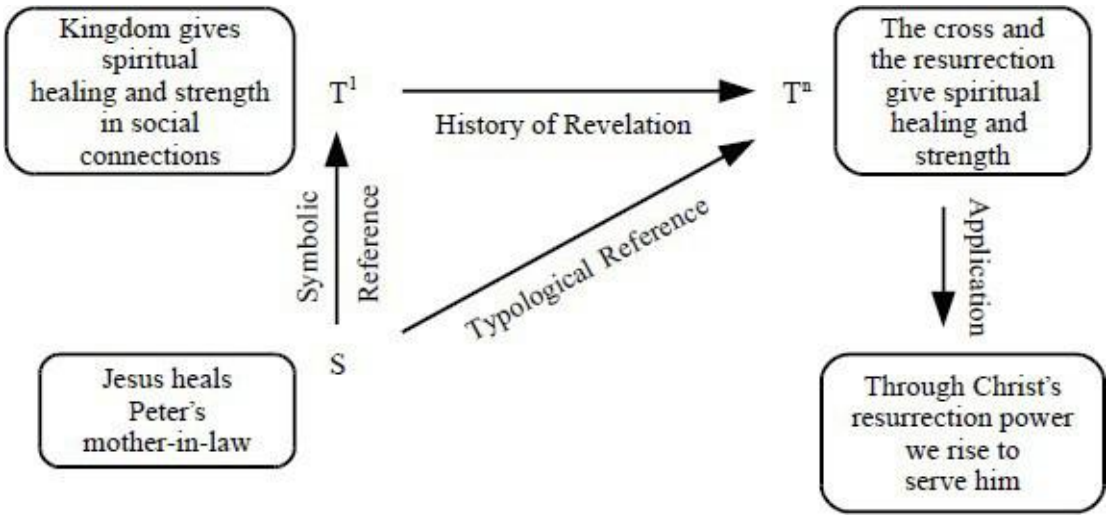
Quando a sogra de Pedro foi curada, "ela se levantou e começou a servi-lo" (Mt 8:15). Essa renovação imediata de energia de sua parte foi uma fase do milagre. Em circunstâncias normais, a febre desgasta o corpo, de forma que a pessoa fica sem energia imediatamente após o término da febre. Em contraste, a sogra de Peter teve plena energia física imediatamente depois que a febre passou. Essa renovação de energia veio de Deus, por meio da pessoa de Jesus. Portanto, simboliza a entrega de energia espiritual por meio da vinda do reino de Deus. Essa energia espiritual é clímax manifestada em Jesus

ressurreição dos mortos. Sua ressurreição não é como uma recuperação lenta e intermitente de uma doença de quase morte. Em vez disso, ele tem todo o poder da vida de ressurreição imediatamente. Podemos inferir que o mesmo princípio se aplica àqueles incluídos no reino de Deus por meio da fé nele. Eles se levantam e começam a servi-lo, pelo poder do Espírito Santo. Seu serviço é uma forma de louvor, dando glória a Deus.

Triângulo de Clowney para a cura da sogra de Peter

Mais uma vez, podemos resumir nossas observações usando o triângulo de Clowney para tipologia (FIG. 14,1)

Fig. 14.1: Triângulo de Clowney para a cura da sogra de Peter



15

Acalmando uma tempestade (Mateus 8: 23-27)

O poder do reino de Deus se estende ao mundo da natureza. Jesus tem autoridade sobre a tempestade e as ondas, conforme indicado na narrativa de Mateus:

> E quando ele entrou no barco, seus discípulos o seguiram. E eis que se levantou uma grande tempestade no mar, de modo que o barco foi inundado pelas ondas; mas ele estava dormindo. E foram acordá-lo, dizendo: “Salva-nos, Senhor; estamos perecendo. ” E ele lhes disse: "Por que vocês estão com medo, homens de pouca fé?" Então ele se levantou e repreendeu os ventos e o mar, e houve uma grande calma. E os homens ficaram maravilhados, dizendo: "Que espécie de homem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mat. 8: 23-27)

No final da narrativa, os discípulos perguntaram: “Que espécie de homem é este,. . . ? ” À luz do restante do Evangelho de Mateus, a resposta é que Jesus é realmente um homem, mas também é o Filho de Deus que compartilha o caráter de Deus junto com o Pai e o Espírito Santo (Mt 28:19) Somente Deus pode controlar os ventos e o mar (Salmos 107: 23-32).[1] Este milagre testemunha a natureza divina de Jesus.

O significado do poder

Então, como todos os milagres, este milagre é uma demonstração de poder. Mas, tendo visto como os milagres servem como sinais de redenção, podemos perguntar se este também o faz. A calma do mar mostra apenas força bruta e nada mais?

A ocasião é significativa. Os discípulos estavam no barco com Jesus. O barco estava "sendo inundado pelas ondas". Os discípulos temeram que o barco e todos os que estavam nele estivessem prestes a afundar. Eles disseram: “Salva-nos, Senhor; estamos perecendo. ” Eles pediram para serem salvos de “perecer”, de morrer fisicamente por afogamento no mar. A narrativa traz à tona a questão fundamental da vida e da morte.

O contexto mais amplo da história redentora é um contexto em que a questão da vida e da morte é de grande importância. Desde a queda no pecado, toda a humanidade está sujeita à pena de morte. Todos nós morremos eventualmente. A tempestade apresenta uma forma intensa e dramática de ameaça de morte. Mas de uma forma mais ampla, a ameaça de morte está sempre presente. Sua ameaça pertence à situação existencial que nos confronta a todos. Também sabemos, pela discussão em Gênesis 3 sobre a queda, que a morte física é emblemática da morte espiritual de separação de Deus.

Portanto, o milagre de Jesus não é apenas uma exibição de seu poder. É também uma exibição de seu poder para salvar pessoas. Ele opera o milagre em favor de pessoas que estão a ponto de afundar na morte.

O Simbolismo da Água

A situação aquosa é uma imagem eficaz da ameaça de morte. Seres humanos não podem

viva na água - até mesmo um bom nadador acabará se afogando se não conseguir chegar à terra, e águas tempestuosas são mais ameaçadoras para nadadores e não nadadores. Afundar na água é como afundar na sepultura, no submundo. Conseqüentemente, a experiência de Jonas de descer ao mar e ficar debaixo d'água na barriga dos peixes funciona como uma experiência metafórica de morte e ressurreição para Jonas. Jesus, portanto, se referiu a Jonas ao profetizar sua própria morte literal e ressurreição:

> Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra. (Mat. 12:40)

De forma mais ampla, a Bíblia costuma usar o simbolismo das águas para descrever a ameaça de morte:

> Salva-me, ó Deus!
>
> Pois as águas subiram ao meu pescoço. Eu
>
> afundo na lama profunda,
>
> onde não há ponto de apoio;
>
> Eu entrei em águas profundas,
>
> e a inundação me varre. (Salmos 69: 1-2)

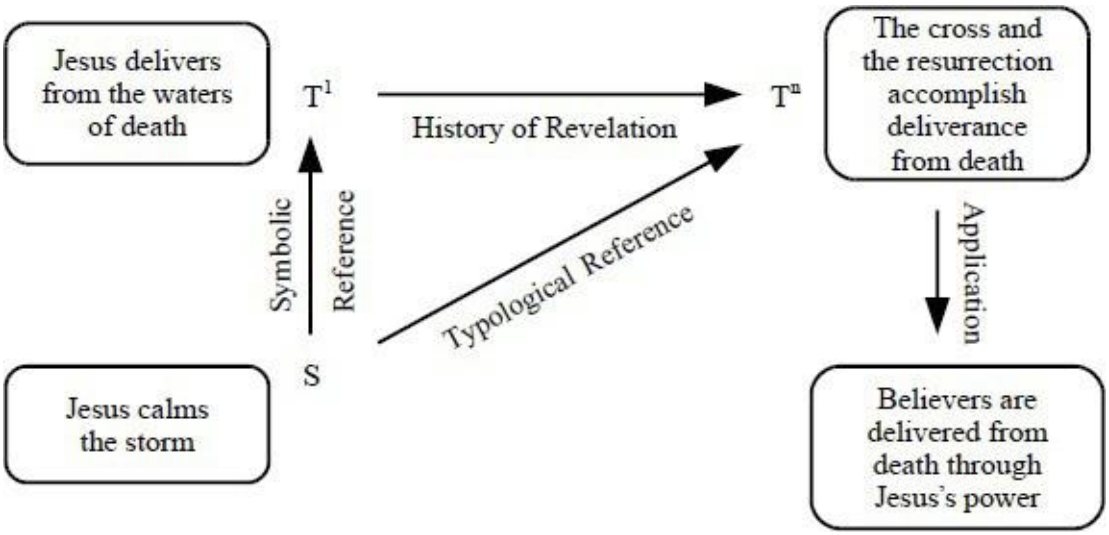
Assim, quando Jesus resgatou os discípulos da tempestade, esse resgate apontou além das águas para a questão maior da morte. O milagre simboliza Jesus resgatando discípulos da morte de forma permanente. E a morte da qual ele os resgata envolve não apenas a morte física, mas também a espiritual. Por meio dele, passamos a ser unidos em comunhão com Deus, que é a fonte da verdadeira vida, a vida eterna.

Este tema de resgate da morte tem uma conexão com o próprio encontro de Jesus com a morte e a vida, em sua morte e ressurreição. Por nossa causa, Jesus sofreu a morte. E agora que ele foi criado, sua nova vida pertence não apenas a ele pessoalmente, mas também a nós que acreditamos nele. Ele foi “entregue por nossas ofensas e ressuscitado para nossa justificação” (Rom. 4:25). Ele foi entregue ao sofrimento e à morte porque nossas transgressões mereciam a morte. Ele foi ressuscitado para que uma nova vida viesse até nós (Rom. 6: 3-4). Nessa nova vida, nós o servimos com louvor e damos glória a Deus.

Triângulo de Clowney para acalmar a tempestade

Podemos resumir o significado deste milagre usando o triângulo de Clowney (FIG. 15,1)

Fig. 15.1: Triângulo de Clowney para acalmar a tempestade



Aplicativo

Uma aplicação para a salvação do pecado é natural e está organicamente relacionada à história, porque, no contexto de Mateus, a história está relacionada à realização da salvação na morte e ressurreição de Cristo. E pelo desígnio de Deus, sua morte e ressurreição aconteceram não só para ele, mas também para o benefício daqueles que acreditam nele e que estão unidos a ele.

Já ouvi algumas pessoas zombarem de pregadores que usam essa história para falar sobre as "tempestades da vida". Os críticos observam corretamente que a história é sobre uma tempestade no mar da Galiléia durante a vida terrena de Jesus, não sobre "tempestades" metafóricas de problemas e angústias que afligem as pessoas modernas. Bem, sim, a história é sobre um evento real que aconteceu naquela época. A rigor, o evento nunca se repetiu.

Mas também é verdade que uma história como esta tem um significado maior, porque o reino de Deus e a obra salvadora de Deus por meio de Cristo têm uma unidade orgânica. O princípio da salvação do pecado e da morte pertence ao reino de Deus como um todo. Problemas e angústias em pequena escala na vida das pessoas comuns não estão no mesmo nível que uma ameaça imediata e urgente de morte física. Mas tais angústias ainda representam ameaças. Em resposta às ameaças, clamamos a Deus por meio de Cristo para nos libertar.

Quando recebemos uma libertação em pequena escala, é um pequeno passo pertencente à libertação abrangente que a salvação representa. A salvação é holística. É apropriado manter nosso foco na obra central de Cristo e na libertação central do pecado e da morte. Também é bom entender que a obra central de Cristo tem implicações para nossas vidas todos os dias:

> . . . levando sempre no corpo a morte de Jesus, para que a vida de Jesus também se manifeste em nossos corpos. Porque nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. Portanto, a morte está agindo em nós, mas a vida em você. (2 Cor. 4: 10-12)

À medida que crescemos no reconhecimento dessas implicações, devemos crescer também em honrar a Deus e louvar seu nome.

[1] Satanás estava envolvido no vento que atingiu a casa onde estavam os filhos e filhas de Jó. Mas isso aconteceu apenas por A permissão de Deus (Jó 1:12, 21).

16

Os demônios gadarenos (Mateus 8: 28-34)

Na história dos endemoninhados Gadarenos[1] vemos o reino de Deus se estendendo para incluir em seu poder pessoas cuja humanidade foi destruída pela presença de demônios:

> E quando ele veio para o outro lado, para o país dos gadarenos,[2]dois homens possuídos por demônios o encontraram, saindo das tumbas, tão ferozes que ninguém poderia passar por ali. E eis que gritaram: "O que tens a ver conosco, ó filho de Deus? Você veio aqui para nos atormentar antes do tempo? " Agora, uma manada de muitos porcos se alimentava a alguma distância deles. E os demônios imploraram a ele, dizendo: “Se você nos expulsar, mande-nos embora para a manada de porcos”. E ele disse para eles, "Vá." Então eles saíram e entraram nos porcos, e eis que toda a manada precipitou-se pela encosta íngreme para o mar e se afogou nas águas. Os pastores fugiram e, indo para a cidade, contaram tudo, principalmente o que havia acontecido com os homens possuídos por demônios. E eis que toda a cidade saiu ao encontro de Jesus e, quando o viram, rogaram-lhe que saísse de sua região. (Mat. 8: 28-34)

A história mostra o estado de desespero dos endemoninhados. Eles eram “ferozes”, como bestas. Eles saíram “dos túmulos”, lembrando-nos da morte e da quase destruição da humanidade dos dois homens. Jesus os libertou de sua aflição e, além disso, cumpriu o julgamento sobre os demônios. Os porcos morreram no mar, simbolizando como o destino dos demônios é serem julgados por Deus e enviados para o inferno.

Significado salvífico

Como reagimos a esta história? Algumas pessoas, afetadas pelo secularismo ou materialismo moderno, não acreditam em demônios. Em sua opinião, os demônios pertencem a uma era de “superstição primitiva” que eles deixaram para trás. Mas por que eles acreditam que os demônios não existem? Normalmente, é porque eles absorveram a crença de outras pessoas ao seu redor que acreditam na mesma coisa. Mas, se for assim, essa crença não tem mais respaldo substancial do que as “superstições” com as quais eles associam outras vezes, pois em outras também, muitas pessoas simplesmente seguiram o que outras pessoas ao seu redor acreditavam.

A maior parte da ciência moderna concentra-se no aspecto material da realidade. Mas um foco no material não pode provar que o que é material é a única coisa que existe. Estaremos melhor se reconhecermos que todo o conhecimento humano do mundo espiritual é limitado. E então as perguntas sobre os demônios dependem das perguntas sobre se a Bíblia é uma fonte confiável de conhecimento e se Jesus sabia o que estava fazendo quando lidou com o reino demoníaco. Já indicamos por que devemos ter confiança tanto em Jesus quanto na Bíblia como a palavra de Deus. Portanto, o mundo dos demônios é real. Os demônios são seres espirituais poderosos e podem oprimir as pessoas de maneiras que distorcem ou degradam seu potencial humano.[3]

O papel principal dos demônios na história dos demoníacos gadarenos leva a reflexões sobre a maneira como a vinda do reino de Deus salva as pessoas da opressão e acusação demoníaca, bem como do pecado. O reino de Deus se opõe ao reino do mal, que tem Satanás como cabeça. Satanás tenta controlar as pessoas por meio de mais de um método. A opressão demoníaca, como vemos com os endemoninhados gadarenos, é apenas uma forma. Além disso, Satanás tenta as pessoas a praticar o mal. E a Bíblia indica que todo aquele que está em rebelião contra Deus pertence ao reino de Satanás em um sentido amplo:

> Sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não continua pecando, mas aquele que nasceu de Deus o protege, e o maligno não o toca.
>
> Sabemos que viemos de Deus e que o mundo inteiro está sob o poder do maligno. (1 João 5: 18-19)

A derrota decisiva de Satanás e seus anfitriões consiste em libertar não apenas as pessoas que sofrem a intensa opressão da demonização, mas todos os que são atacados por demônios. A resistência de Jesus à tentação satânica no deserto prenuncia seu triunfo culminante sobre Satanás e o mal em sua crucificação e ressurreição. A vinda do reino de Deus é a derrota e destruição do reino de Satanás:

> E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como então ficará seu reino? E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Portanto, eles serão seus juízes. Mas se for pelo Espírito de Deus
> que eu expulso demônios, então o reino de Deus veio sobre você. Ou como alguém pode entrar na casa de um homem forte e saquear seus bens, a menos que primeiro amarre o homem forte? Então, de fato, ele pode saquear sua casa. (Mat. 12: 26-29)

Na comparação que Jesus usou, Satanás é "o homem forte". Quem o amarra deve ser o próprio Jesus. O fato de Jesus expulsar demônios demonstrou não apenas que Jesus e Satanás estavam em lados opostos, mas que Jesus já havia amarrado o homem forte em um sentido fundamental. No entanto, um triunfo mais completo sobre Satanás ainda estava por vir. Satanás foi derrotado quando Jesus recebeu “toda autoridade” (Mt 28:18). Um ponto semelhante é apresentado em Colossenses 2:15:

> Ele desarmou os governantes e autoridades e os expôs à vergonha, triunfando sobre eles nele.

O ponto em que os governantes e autoridades foram “desarmados” foi a cruz: “Este [o registro da dívida] ele pôs de lado, pregando-o na cruz” (Colossenses 2:14). O triunfo sobre Satanás nos exorcismos de Jesus prefigurou o tempo em que ele derrotou Satanás na cruz.

Visto que Jesus derrotou Satanás em sua crucificação e ressurreição, ele é capaz de libertar aqueles que estão presos ao pecado e ao mal:

> Ele nos libertou do domínio das trevas e nos transferiu para o reino de seu Filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados. (Colossenses 1: 13-14)

Visto que, portanto, os filhos compartilham da carne e do sangue, ele mesmo também participou das mesmas coisas, para que pela morte ele pudesse destruir aquele que tem o poder

da morte, isto é, o diabo, e libertar todos aqueles que, por medo da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. (Heb. 2: 14-15)

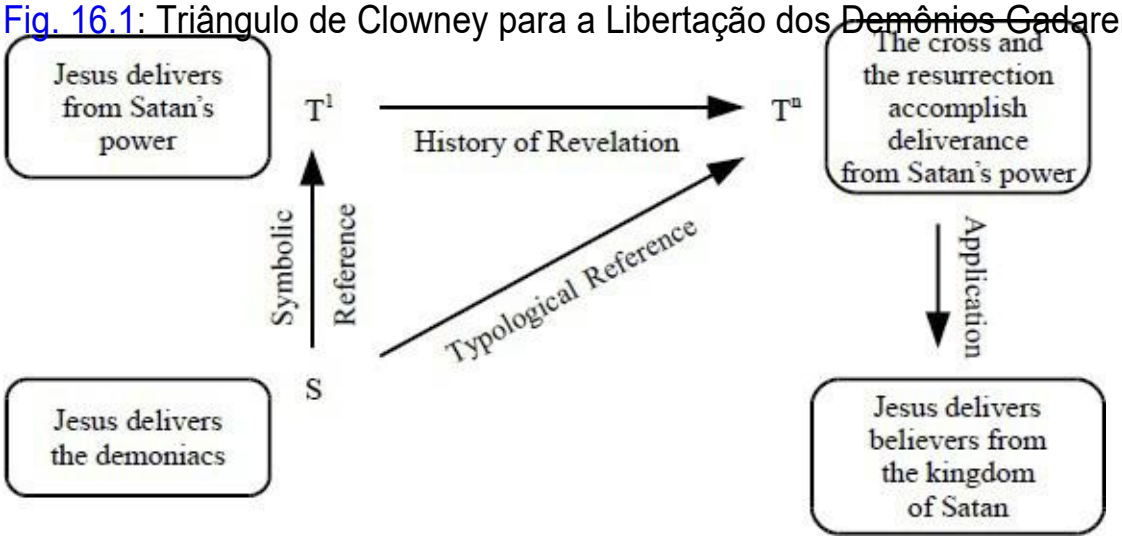
Ao ler a história dos endemoninhados Gadarenos, as pessoas às vezes se preocupam com os pobres porcos. Os demônios entraram nos porcos, que então desceram a encosta íngreme e se afogaram no mar (Mt 8:32). Mas os seres humanos têm mais valor do que os porcos. (Além disso, mesmo se os porcos tivessem sobrevivido a esse episódio, eles eventualmente teriam sido comidos!) Os endemoninhados foram libertados, e isso é o centro da história.

Devemos também levar em consideração o fato de que, no simbolismo do Antigo Testamento, os porcos são animais impuros, e essa impureza simboliza o pecado e a morte. O mar também é um símbolo adequado para o abismo final do inferno, para o qual os demônios irão eventualmente. Os demônios não foram para o inferno neste momento. Mas o fato de terem descido ao mar, ao abismo, simboliza de maneira notável que foram derrotados por Jesus. Esta derrota inicial antecipa a derrota final que eles experimentarão no dia do julgamento (Apocalipse 20:10).

Resumo com o Triângulo de Clowney

Porque o reino de Deus e o reino de Satanás são tão obviamente opostos um ao outro, é comparativamente fácil resumir o significado deste milagre usando o triângulo de Clowney (FIG. 16,1)

Fig. 16.1: Triângulo de Clowney para a Libertação dos ~~Demônios Gad~~arenos



Aplicativo

Os endemoninhados representam um caso extremo de seres humanos dominados pelo poder satânico. Mas, como vimos em 1 João 5:19, todo o mundo de seres humanos pecadores está sob o poder do Diabo. Todos tiveram sua humanidade corrompida e degradada pelo pecado e Satanás. Precisamos de libertação. Jesus é o único que pode trazer tal libertação, por meio de sua cruz e ressurreição. Portanto, a passagem nos convoca a ir a Jesus para sermos libertados. Então, devemos também louvá-lo por nossa libertação e espalhar a notícia da libertação para outros:

> "Vá para a casa de seus amigos e diga a eles o quanto o Senhor fez por você e como ele teve misericórdia de você." E ele foi embora e começou a proclamar na Decápolis o quanto Jesus havia feito por ele, e todos ficaram maravilhados. (Marcos 5: 19-

20)

“Todos ficaram maravilhados”, diz. Essa maravilha aponta para o objetivo de glorificar a Deus. Devemos louvar a Deus ao nos maravilharmos com o que Jesus fez pelos endemoninhados gadarenos e o que ele continua a fazer para libertar as pessoas do poder de Satanás. Ele entrega as pessoas desde então até agora e no futuro, até que ele retorne.

---

1 Marcos (5: 1-20) e Lucas (8: 26-39) têm, cada um, uma história semelhante, mas mencionam apenas um endemoninhado. O mais fácil e maisA explicação provável, em minha opinião, é que havia dois, mas Marcos e Lucas mencionam apenas um, que era mais proeminente (Vern S. Poythress, Inerrancy and the Gospels: A God-Centered Approach to the Challenges of Harmonization [Wheaton, IL : Crossway, 2012], 56-57).

2 Os manuscritos antigos desta passagem diferem na grafia: gadarenos, gerasenos, gergesenos ou gazarenos. Gazarenoé provavelmente uma grafia alternativa de Gadarene. Gerasene e Gergesene podem ser grafias alternativas do mesmo nome de local. Gadara e Gerasa são cidades no lado leste do Mar da Galiléia. Gadara é provavelmente a leitura original de Mateus. Ver Bruce M. Metzger, Um Comentário Textual sobre o Novo Testamento Grego, 2ª ed. (Londres / Nova York: United Bible Societies, 1994), 18-19; Craig Blomberg, The Historical Reliability of the Gospels, 2ª ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity Press; Nottingham, England: Apollos, 2007), 192.

3 Na verdade, a descrença em demônios que caracterizam o mundo ocidental é um exemplo de chauvinismo cultural e paroquialismo. Ver, por exemplo, John L. Nevius, Demon Possession and Allied Themes: Being an Inductive Study of Phenomena of Our Own Times (Chicago: FH Revell, 1896).

17

Curando um paralítico (Mateus 9: 1-8)

A seguir, consideramos a cura do paralítico em Mateus 9: 1-8:

> E entrando em um barco ele cruzou e veio para sua própria cidade. E eis que algumas pessoas trouxeram-lhe um paralítico, deitado numa cama. E quando Jesus viu a fé deles, disse ao paralítico: “Anime-se, meu filho; seus pecados estão perdoados. ” E eis que alguns dos escribas disseram a si mesmos: “Este homem está blasfemando”. Mas Jesus, conhecendo seus pensamentos, disse: “Por que vocês pensam mal em seus corações? Pois o que é mais fácil, dizer: 'Seus pecados estão perdoados', ou dizer: 'Levante-se e ande'? Mas para que saibais que o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados ”- disse então ao paralítico -“ Levante-se, pegue sua cama e vá para casa ”. E ele se levantou e foi para casa. Quando as multidões viram isso, ficaram com medo e glorificaram a Deus, que havia dado tal autoridade aos homens.

O reino de Deus abrange não apenas a libertação das aflições físicas, mas o perdão dos pecados.

O significado de curar o paralítico

Neste caso, Jesus não curou o homem imediatamente. Em vez disso, ele primeiro declarou que os pecados do homem foram perdoados (v. 2). Essa resposta é surpreendente porque as pessoas que trouxeram o paralítico obviamente esperavam por uma cura física. Por que Jesus não respondeu de maneira direta? A resposta de Jesus também é impressionante porque despertou a oposição dos escribas. Eles disseram: “Este homem está blasfemando” (v. 3). Por que Jesus escolheu provocar esse tipo de oposição, quando parece que ele poderia ter evitado simplesmente se limitar à cura e não fazer nenhum pronunciamento sobre o perdão?

Mas, uma vez que fazemos a pergunta, surge uma resposta parcial. Jesus estava interessado em mais do que cura física. Ele estava genuinamente preocupado com o homem entender que seus pecados foram perdoados. A narrativa não nos diz mais nada sobre o homem. Não sabemos se sua paralisia foi uma conseqüência direta ou indireta de pecados específicos, ou se foi apenas outro exemplo de sofrimento humano que caracteriza este mundo decaído. Visto que a narrativa não fornece nenhum detalhe, ela nos convida a enfocar ainda mais no que ela indica, a saber, que “o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados” (v. 6). Nesse caso, sua autoridade era um sinal de que o reino de Deus estava amanhecendo, e que uma das características do reino era a realização do perdão.

Assim, as desordens do corpo, e a paralisia em particular, podem simbolizar as desordens da alma, ou seja, o pecado. Se insistirmos na comparação, podemos até dizer que o pecado é uma espécie de paralisia da alma. Ela nos impede de nos mover e agir como fomos originalmente criados para fazer, agindo para amar e servir a Deus. A cura do corpo corresponde à cura da alma, e esse milagre explicita a correspondência simbólica.

Respostas ao Milagre

A resposta da multidão também é significativa: “Quando as multidões viram isso, temeram e glorificaram a Deus, que havia dado tal autoridade aos homens” (v. 8). Seu medo pode ter causas ou motivos mistos. Eles podem ter temido reverencialmente a Deus; eles podem ter mostrado medo egocêntrico, querendo se proteger do poder que poderia ser exercido de uma forma que ameaçaria seus desejos. Ou seu medo pode ter sido por uma mistura de razões. A resposta deles convida o leitor também a responder, com temor reverencial e dando glória a Deus.

A multidão reconheceu que Jesus tinha autoridade: “. . . que deu tal autoridade aos homens. ” Mas seu reconhecimento neste ponto foi parcial. Eles viram a bondade de Deus. E eles viram a maneira pela qual ele se aproximou dos seres humanos, não apenas perdoando pecados, mas dando "tal autoridade aos homens". A última expressão enfatiza que Deus se aproximou dos seres humanos, dando autoridade “aos homens”. Mas, surpreendentemente, o povo não disse: “. . . a Jesus ”ou“. . . para o Filho do Homem. ” Sua resposta, “. . . para os homens ”, foi certamente mais vago do que deveria ser. Eles indicaram nesta resposta que ainda não haviam chegado a uma convicção firme quanto ao papel que Jesus, como indivíduo, estava desempenhando na obra de Deus entre eles.

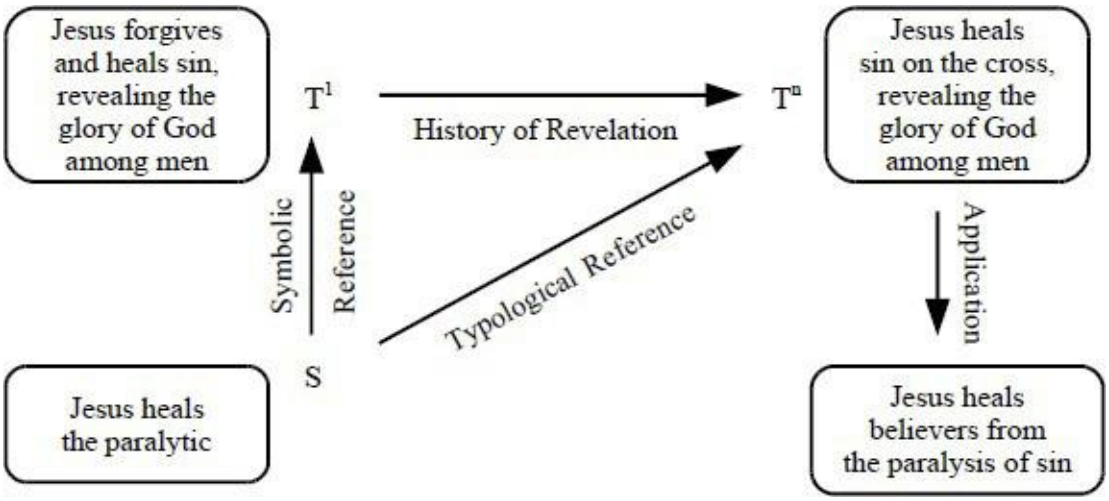
Além disso, as multidões aparentemente ainda não haviam feito as inferências que os escribas entre eles fizeram, conforme revelado pelas passagens paralelas em Marcos e Lucas: “Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?” (Marcos 2: 7; Lucas 5:21). Ao perdoar os pecados, Jesus revelou sua natureza divina. As multidões o consideravam um homem; e eles estavam certos, é claro - ele era totalmente humano. Eles ainda não haviam percebido que ele é divino, o Filho de Deus, compartilhando o nome de Deus com o Pai e o Espírito (Mt 28:19). A resposta da multidão também levanta uma questão direta para todos os leitores: “O que você acha? Quem é jesus? E ele tem poder para perdoar seus pecados? ”

Devemos também contar com a resposta negativa dos escribas. A oposição deles fazia parte de um padrão mais amplo de oposição a Jesus que acabou levando à crucificação. O vínculo negativo com a crucificação por meio do tema da oposição complementa o vínculo positivo por meio do tema do perdão dos pecados. O perdão dos pecados foi definitivamente estabelecido pela identificação de Jesus com o pecado na cruz e por Jesus dar “a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28).

Triângulo de Clowney aplicado ao paralítico

Podemos resumir o significado da cura do paralítico usando o triângulo de Clowney (FIG. 17,1)

Fig. 17.1: Triângulo de Clowney para a cura do paralítico



Aplicativo

A realidade da aplicação da obra redentora de Jesus nesta época leva naturalmente ao reconhecimento de uma conexão orgânica entre esta história e a aplicação moderna. Jesus está vivo para sempre à direita de Deus. Você pode procurá-lo porque deseja ardentemente ou desesperadamente ser curado - talvez de alguma doença física, talvez de alguma paralisia ou deficiência espiritual, mental ou psicológica. Mas por baixo, talvez não reconhecido, você tem uma necessidade mais profunda e mais desesperada: ter seus pecados perdoados, ser reconciliado com Deus e estabelecer um relacionamento pessoal com Deus no qual Deus o abençoe. Jesus pode determinar curar seu problema físico, como ele quiser. Mas quando você o encontrar, você deve levar em conta, acima de tudo, a questão do pecado. Ele lhe oferece perdão com base em sua obra substitutiva na cruz.

Devemos também reconhecer que, por meio do caráter unificador do reino de Deus, o significado pertence às pessoas que trouxeram o paralítico a Jesus. O texto diz que “Jesus viu a fé deles” (Mt 9: 2), não a fé do paralítico. Esta imagem deve encorajar aqueles que em nossa época estão se esforçando para trazer outros a Jesus.

Tentamos levar as pessoas a Jesus em um sentido espiritual. Jesus pode perdoar os pecados de nossos amigos, assim como ele pronunciou o perdão há muito tempo. Mas não podemos dizer de antemão quem será salvo.

A analogia entre o presente e o passado é posteriormente explicada pelo resto do Novo Testamento. Sabemos que as pessoas são justificadas pela fé em Jesus (Rom. 5: 1). Seus pecados estão perdoados e “portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rom. 8: 1). Mas, para ser perdoado, uma pessoa deve estar "em Cristo Jesus". Neste nível, cada pessoa deve exercer fé:

> No entanto, sabemos que uma pessoa não é justificada pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, por isso também cremos em Cristo Jesus, a fim de sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei, porque pelas obras da lei ninguém será justificado. (Gal. 2:16)

Nossa fé não pode substituir outra pessoa.

18

Criando a filha de Jairo (Mateus 9: 18-26)

O reino de Deus alcança até o reino da morte e para aqueles que parecem estar sem esperança. Vemos esse alcance do reino na história da ressurreição da filha de Jairo:

> Enquanto ele lhes dizia essas coisas, eis que um governante entrou e se ajoelhou diante dele, dizendo: "Minha filha acaba de morrer, mas vem, impõe-lhe a mão, e ela viverá". E Jesus se levantou e o seguiu, com seus discípulos. E eis que uma mulher que sofria de sangramento por doze anos se aproximou por trás dele e tocou a franja de sua vestimenta, pois disse a si mesma: "Se eu apenas tocar em sua vestimenta, ficarei boa". Jesus voltou-se e, ao vê-la, disse: "Anime-se, filha; sua fé o fez ficar bom. " E instantaneamente a mulher ficou boa. E quando Jesus foi à casa do governante e viu os tocadores de flauta e a multidão fazendo alvoroço, ele disse: "Vá embora, porque a menina não está morta, mas dormindo". E eles riram dele. Mas quando a multidão foi colocada do lado de fora, ele entrou e pegou-a pela mão, e a garota se levantou. E o relato disso percorreu todo aquele distrito. (Mat. 9: 18-26)

Esta narrativa contém dois milagres em um. A história principal fala sobre Jesus ressuscitando a filha de Jairo dos mortos. (Mateus simplesmente identifica Jairo como "um governante"; Marcos 5:22 e Lucas 8:41 fornecem seu nome.) No meio, ouvimos sobre uma mulher com um fluxo de sangue.

Um elemento comum nos dois milagres está na fé, que se expressou em uma situação aparentemente sem esperança. A mulher tinha sangrado "por doze anos", o que tornava a recuperação sem esperança. No entanto, ela tinha certeza de que seria curada tocando nas vestes de Jesus. Em resposta, Jesus chamou a atenção para a fé dela: "A tua fé te salvou" (v. 22).

A palavra fé não é usada para descrever Jairo, mas sua fé é evidente. Ele expressou confiança mesmo quando sua filha estava morta (v. 18),[1] fazendo a situação parecer desesperadora.

Ambos os milagres envolveram toque. A mulher tocou nas vestes de Jesus (v. 20). Jesus tocou a garota morta segurando-a pela mão (v. 25). Em ambos os casos, a lei mosaica indicava que o toque comunicava impureza. Uma mulher com fluxo de sangue era impura (Lv 15: 25-27), e um cadáver era impuro (Lv 22: 4-6). Mas em vez de Jesus se tornar impuro, a "limpeza" passou por poder divino dele para a pessoa impura.

O significado da cura

O significado do toque é semelhante ao que vimos no caso de cura que consideramos no capítulo 12. A impureza cerimonial simboliza a "impureza" espiritual mais profunda do pecado. Jesus, pelo toque, simboliza sua identificação com os pecadores e seus pecados. Essa identificação prenuncia sua obra substitutiva de carregar o pecado na cruz.

A cura espiritual de Jesus na cruz atinge as profundezas das necessidades humanas. Ele triunfou sobre a própria morte, e esse triunfo foi prefigurado por sua capacidade de ressuscitar a filha de Jairo dos mortos. Jesus disse: “a menina não está morta, mas dorme” (Mateus 9:24). Os espectadores se enganaram ao pensar que ela estava morta? Lucas acrescenta o detalhe, “seu espírito voltou” (Lucas 8:55), o que parece indicar que ela realmente estava morta. Mas à luz do poder de Jesus e do reino que ele estava trazendo, a própria morte foi redefinida como apenas “sono”, do qual Jesus nos desperta.[2]A ressurreição da filha de Jairo claramente prenuncia a ressurreição de Jesus dentre os mortos. A ressurreição de Jesus é em si o caso culminante de vitória quando tudo parecia sem esperança (e os discípulos também se sentiam sem esperança; Lucas 24:17, 21).

Assim como a mulher e Jairo exerceram fé em Jesus, nós também devemos exercer fé. A fé humana em nosso tempo deve se concentrar especialmente na ressurreição de Jesus dentre os mortos. Assim como Jesus se identificou por seu toque com a impureza pertencente à mulher e à filha de Jairo, ele tenta se identificar com a impureza espiritual de nosso pecado:

> Ele mesmo carregou nossos pecados em seu corpo na árvore, para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. Por suas feridas você foi curado. (1 Ped. 2:24)

Assim como Jesus removeu a impureza da mulher e da filha de Jairo, ele remove de nós a culpa do pecado. Assim como deu nova vida à mulher e à filha de Jairo, ele dá nova vida espiritual a nós. Quando temos que enfrentar a “impureza” final da própria morte, ele nos conduz através dela pelo poder de sua ressurreição:

> Eu sou a ressureição e a vida. Quem acredita em mim, embora morra, viverá, e todo aquele que vive e acredita em mim nunca morrerá. Você acredita nisso? (João 11: 25-26)

Triângulo de Clowney aplicado à filha de Jairo

Podemos resumir o significado deste milagre usando o triângulo de Clowney (FIG. 18,1)

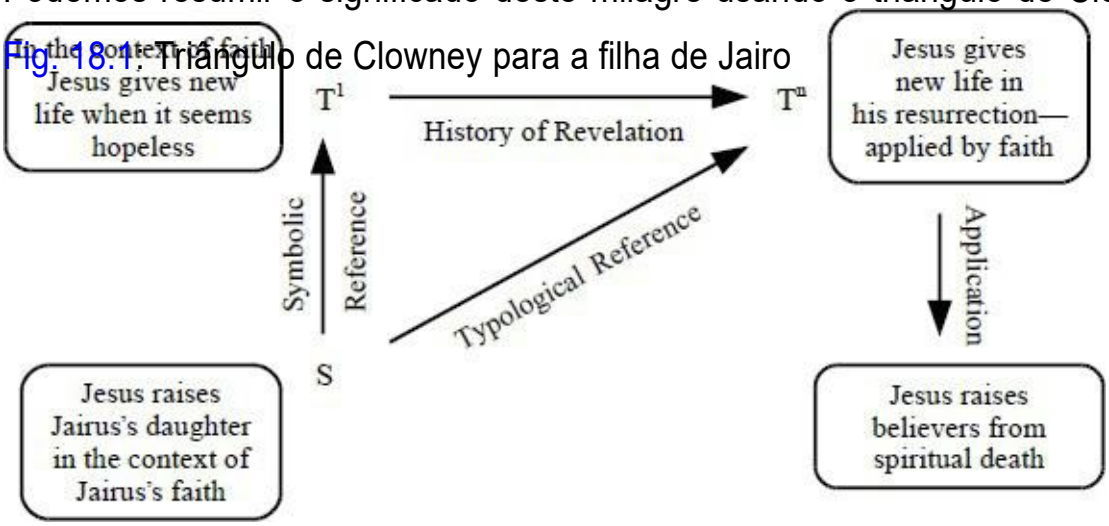


Fig. 18.1: Triângulo de Clowney para a filha de Jairo

Aplicação para a filha de Jairo

Como essa história se aplica a nós? A história da filha de Jairo pede fé em Jesus que

pode ressuscitar os mortos e, em particular, pode ressuscitar o pecador que jaz na morte espiritual.

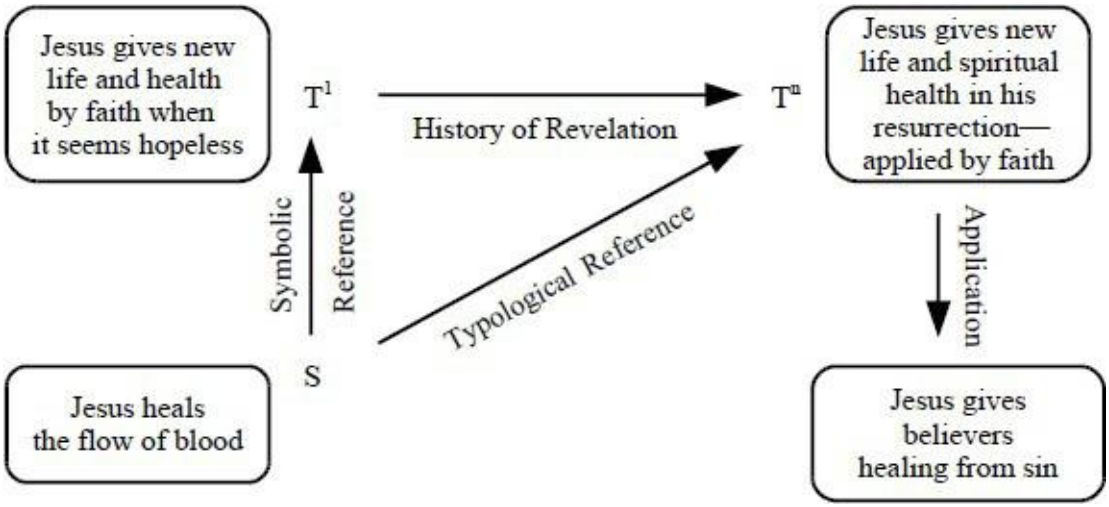
Curando a Mulher com o Fluxo de Sangue

Significado semelhante pertence à história embutida, sobre a mulher com um fluxo de sangue. O fluxo de sangue era fisicamente debilitante e, além disso, tornava a mulher cerimonialmente impura, o que teria levado à exclusão social. A impureza cerimonial representa a impureza espiritual do pecado. Jesus diz: “A tua fé te salvou” (Mateus 9:22). O verbo subjacente à expressão em inglês "feito ... bem" é a palavra grega sōzō, que é usada em outro lugar para descrever "salvação". O uso desta palavra reforça a relação entre cura física e salvação espiritual. Podemos resumir o significado desta cura com um diagrama semelhante ao da filha de Jairo (FIG.
18,2)

Aplicativo para a História da Mulher com Fluxo de Sangue

A história se aplica a nós. Pela fé, recebemos a cura do pecado, em analogia à mulher que recebe a cura daquilo que a tornou impura.

Fig. 18.2: Triângulo de Clowney para a Cura da Mulher com Fluxo de Sangue



---

1 Mateus abrevia em comparação com as descrições mais longas em Marcos e Lucas. Sobre a harmonização do relato de Mateuscom Mark e Luke, ver Vern S. Poythress, Inerrancy and the Gospels: A God-Centered Approach to the Challenges of Harmonization (Wheaton, IL: Crossway, 2012), capítulo 28.

2 RT França, O Evangelho de Mateus (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), 364.

19

Curando dois cegos (Mateus 9: 27-31)

O reino de Deus atinge uma das doenças mais debilitantes, a cegueira:

> E quando Jesus passou dali, dois cegos o seguiram, clamando em voz alta: "Tem misericórdia de nós, Filho de Davi." Quando ele entrou na casa, os cegos aproximaram-se dele e Jesus disse-lhes: “Vocês crêem que eu posso fazer isso?” Disseram-lhe: "Sim, Senhor." Então ele tocou seus olhos, dizendo: "Seja feito a você de acordo com a sua fé." E seus olhos foram abertos. E Jesus os advertiu severamente: "Cuidem para que ninguém saiba disso." Mas eles foram embora e espalharam sua fama por todo aquele distrito. (Mat. 9: 27-31)

O significado da fé

Os milagres anteriores envolvendo a filha de Jairo e a mulher com um fluxo de sangue enfatizaram a fé (Mt 9:18, 21-22). Na verdade, a fé é ainda mais proeminente neste milagre com os dois cegos. Jesus perguntou especificamente: "Você acredita que eu sou capaz de fazer isso?" E eles responderam afirmativamente: "Sim, Senhor." Jesus mencionou a fé novamente no momento da cura: "Seja isso feito a você de acordo com a sua fé."

No contexto do Antigo Testamento, cegueira e visão são usadas simbolicamente para representar descrença e fé:

> E ele disse: “Vá e diga a este povo:
>
> “'Continue ouvindo, mas não compreenda;
> continue vendo, mas não perceba. ' Torne o
> coração deste povo entediante, e suas
> orelhas pesadas,
> e cegar seus olhos;
> para que não vejam com os
> olhos, e ouvir com seus
> ouvidos,
> e entender com seus corações,
> e volte e seja curado. ” (Isa. 6: 9-10; cf. Mat. 13: 14-15)

Mateus pega este tema e anuncia que a luz veio na pessoa de Jesus:

> As pessoas morando na escuridão
> vi uma grande luz,
> e para aqueles que moram na região e sombra da morte,
> sobre eles uma luz raiou. (Mat. 4:16; citado de Isa. 9: 2)

Mas as pessoas viram a luz que raiou sobre elas?

Os dois cegos começaram a ver a luz, espiritualmente falando. Eles tinham fé que Jesus poderia curá-los. Além disso, eles o chamavam de “Filho de Davi” (Mt 9:27), o que sugere que ele era o Messias prometido. Jesus consentiu com a sua

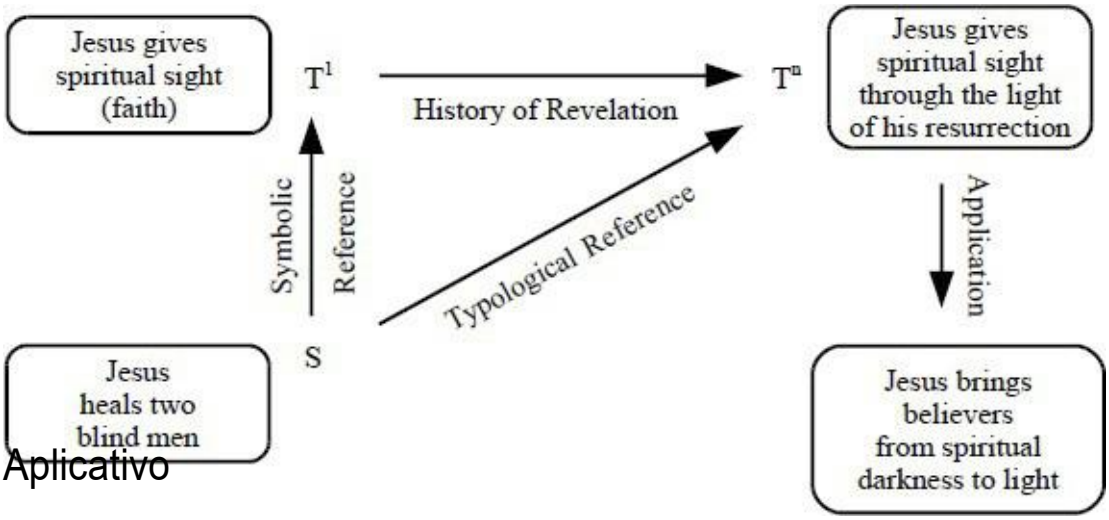
pedido e curou sua cegueira física. Mas através da menção da fé, esta cura física está ligada à questão da cura espiritual da cegueira espiritual, uma cura que move as pessoas da descrença para a fé em Jesus. A relação entre a visão física e a visão espiritual da fé é trabalhada mais explicitamente em João 9 (discutido em nosso capítulo 3). Mas podemos ver isso também nesta passagem.

A fé estava nascendo nos dois cegos e em alguns outros que responderam aos milagres terrestres de Jesus e ao seu ensino. Mas para onde essa fé estava indo? Ele prenuncia a plenitude da fé que as pessoas têm quando acreditam na ressurreição de Cristo e em seu significado salvífico. “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa” (Atos 16:31). Esta fé plena resulta em louvor: “E ele se alegrou com toda a sua família por ter crido em Deus” (v. 34).

Triângulo de Clowney para Cegueira e Fé

Podemos resumir o significado desse milagre usando o triângulo de Clowney. A fé dos dois cegos aponta para a fé mais madura que entende a ressurreição de Cristo. (VerFIG. 19,1.)

Fig. 19.1: Triângulo de Clowney para os Dois Homens Cegos Crentes



Aplicativo

Como essa passagem se aplica a nós? A principal aplicação é uma extensão natural do significado da fé na ressurreição de Cristo. Ao longo da era do evangelho, Deus chama as pessoas para passar das trevas para a luz pela fé em Cristo, e este evangelho também chega aos gentios:

> . . . livrando-te do teu povo e dos gentios - a quem te envio para abrir os seus olhos, para que se voltem das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus, para que recebam o perdão dos pecados e um lugar entre aqueles que são santificados pela fé em mim. (Atos 26: 17-18)

20

Curando um Demônio Mudo (Mateus 9: 32-34)

Continuando o ponto apresentado na história dos endemoninhados gadarenos (Mt 8: 28-34), Mateus fornece outro caso do poder de Jesus para curar pessoas demonizadas:

> Enquanto eles estavam indo embora, eis que um homem oprimido por demônios que estava mudo foi trazido até ele. E quando o demônio foi expulso, o mudo falou. E as multidões se maravilhavam, dizendo: “Nunca se viu algo assim em Israel”. Mas os fariseus disseram: “Ele expulsa demônios pelo príncipe dos demônios”. (Mat. 9: 32-34)

Significado de curar o homem mudo

Em essência, essa história é semelhante à dos endemoninhados gadarenos. Mas acrescenta uma nota sobre a oposição dos fariseus; eles acusaram que Jesus “expulsa demônios pelo príncipe dos demônios” (v. 34). Os fariseus estavam expressando oposição não apenas a esse ato específico de libertação, mas a todos os casos em que Jesus expulsou demônios. Eles disseram: “Ele expulsa demônios”, com a palavra demônios no plural. Os fariseus, é claro, estavam errados em sua avaliação. Mas o fato de sua avaliação ser uma avaliação geral levanta a questão de por que Jesus expulsou demônios em tantas ocasiões. A resposta é bastante óbvia: o poder de Satanás foi vencido. Se for assim,

Voltamos ao capítulo 16 para uma discussão mais extensa sobre expulsar demônios. Voltaremos a discutir a oposição entre o reino de Deus e o reino de Satanás quando chegarmos ao capítulo 24.

21

Muitas curas (Mateus 9: 35-38)

O escopo do ministério de cura de Jesus é ainda mais reforçado pela imagem de uma colheita abundante:

> E Jesus foi por todas as cidades e vilas, ensinando nas sinagogas e proclamando o evangelho do reino e curando todas as doenças e aflições. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam atormentadas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. Disse então aos seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos; portanto, ore fervorosamente ao Senhor da colheita para enviar trabalhadores para a sua colheita ”. (Mat. 9: 35-38)

Como o resumo anterior de muitas curas (capítulo 11; Mt 4: 23-25), este resumo serve para nos lembrar que Mateus está nos dando alguns milagres importantes entre muitos que caracterizaram o ministério público de Jesus e o evangelho do reino de Deus . Na verdade, Mateus 9:35 é quase idêntico a Mateus 4:23 (veja a comparação de colunas paralelas na página seguinte)

Ambos os versículos mencionam o ensino de Cristo e "proclamar o evangelho do reino". Seu ensino está ensinando sobre as boas novas do reino de Deus. As curas manifestam o poder do reino de Deus, vindo para libertar as pessoas. A realidade da libertação de “toda doença e toda aflição” é uma boa notícia. Como vimos no capítulo 11, ao olhar para Mateus 4: 23-25, esta descrição também implica que a cura física é parte do grande complexo de eventos em que Deus está vindo e agindo com poder em cumprimento das profecias de salvação do Antigo Testamento . A salvação, vista de forma abrangente, inclui mais do que curar doenças. Em seu cerne, é a cura do pecado. E assim os milagres são sinais do reino.

Comparação de passagens resumidas sobre cura

Mateus 4:23	Mateus 9:35
E ele foi por toda parte	E Jesus foi por toda parte
toda a Galiléia,	todas as cidades e vilas,
ensinando em suas sinagogas	ensinando em suas sinagogas
e proclamando o evangelho	e proclamando o evangelho
do reino	do reino
e curando todas as doenças	e curando todas as doenças
e toda aflição	e toda aflição.
Entre as pessoas.	

Cada uma das duas passagens resumidas, Mateus 4: 23-25 e 9: 35-38, encontra-se no final de uma seção maior da narrativa em Mateus e serve como uma transição para um bloco de ensino. Mateus 4: 23-25 apresenta o ensino sobre o reino de Deus em Mateus 5-7, enquanto Mateus 9: 35-38 apresenta a instrução de Jesus aos seus discípulos em Mateus 10.

O significado das curas

Mateus 9: 36-38 inclui dois outros elementos que não estavam explícitos no resumo anterior em 4: 23-25. O versículo 36 tem a imagem de pastor e ovelha. As pessoas eram “como ovelhas sem pastor”, e Jesus teve “compaixão delas”. O próprio Jesus estava funcionando como um pastor para eles. A imagem reflete Ezequiel 34, onde Israel tem falsos pastores que não são pastores de verdade, e onde Deus promete ser o verdadeiro pastor. Ele o fará por meio de “um só pastor, meu servo Davi” (Ezequiel 34:23), ou seja, por meio do Messias, filho de Davi. Mateus não comenta explicitamente sobre o significado de Ezequiel 34, mas o uso de imagens de pastoreio o evoca como pano de fundo.

A profecia em Ezequiel 34 descreve a salvação abrangente e, portanto, seu escopo inclui mais do que apenas cura física. Os israelitas de coração duro e desobedientes da época de Ezequiel precisavam de uma renovação de coração (Ezequiel 36: 25-28), não apenas uma renovação de corpo. Essa renovação vem por meio do próprio Deus e de seu Messias. Ao vincular o ministério de cura de Jesus ao “evangelho do reino”, Mateus indica que Jesus é o Messias, o agente de salvação e renovação abrangentes. E assim o resumo em Mateus 9: 35-
38 aponta para a obra culminante de Jesus na crucificação e ressurreição. A morte e ressurreição de Jesus acontecem em nome de seu povo, para que eles também experimentem uma nova vida por meio dele (Ezequiel 37; Mt 28: 19-20).

Mateus 9: 37-38 apresenta uma segunda imagem, a imagem de uma colheita. As festas da colheita da primavera e do outono em Israel, ou seja, a festa das semanas e a festa dos tabernáculos, ambas funcionam como tipos ou sombras, apontando para a colheita final que consiste na salvação definitiva. Esta colheita ocorre através da reunião de povos, bem como da bênção da abundância superlativa de Deus:

> Nesta montanha o Senhor dos exércitos fará para todos os
> povos um banquete de comida rica, um banquete de vinho
> bem envelhecido,
>
> de comida rica e cheia de tutano, de vinho
> envelhecido bem refinado. E ele vai engolir nesta
> montanha a cobertura que é lançada sobre todos os povos,
>
> o véu que se estende sobre todas as nações. Ele
> engolirá a morte para sempre;
> e o Senhor DEUS enxugará as lágrimas de todos os rostos,
>
> e o opróbrio do seu povo ele tirará de toda a terra, porque o Senhor
> falou.
>
> Será dito naquele dia,

“Eis que este é o nosso Deus; esperamos por ele, para que nos pudesse salvar. Este é o SENHOR; nós esperamos por ele;
alegremo-nos e regozijemo-nos na sua salvação. ” (Isa. 25: 6-9)

A reunião final dos povos ocorre na segunda vinda (Mt 24:31). A festa é a festa do reino de Deus, que Jesus proclamou na parábola da festa de casamento (22: 1-14) e na parábola das dez virgens (25:10). Ele ainda sugeriu isso quando mencionou reclinar-se "à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus" (8:11). Gentios estão incluídos. Jesus encenou a festa, como um prenúncio, em sua comunhão com os cobradores de impostos e pecadores (9: 10-13).

Embora a colheita final venha na segunda vinda, a colheita também ocorreu de uma maneira inicial assim que o reino de Deus foi inaugurado no ministério terreno de Jesus. A colheita se expande no dia de Pentecostes. As pessoas são "colhidas" quando Deus as traz para seu reino e para a comunhão com Cristo. Em Mateus 9: 37-38, a colheita exige trabalhadores. Este chamado para trabalhadores nos prepara para as instruções de Jesus em Mateus 10: 1-11: 1, onde ele nomeou e guiou seus discípulos como trabalhadores. Ele os enviou "às ovelhas perdidas da casa de Israel" (10: 6), recapitulando a imagem das ovelhas. O trabalho dos discípulos atinge uma nova fase de cumprimento na Grande Comissão de Mateus 28: 18-20. Na Grande Comissão, os discípulos vão não apenas para Israel, mas agora para "todas as nações" (v. 19). Eles o fazem com base na vitória que Jesus já alcançou: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra" (v. 18). A colheita atingirá sua plenitude quando Cristo retornar.

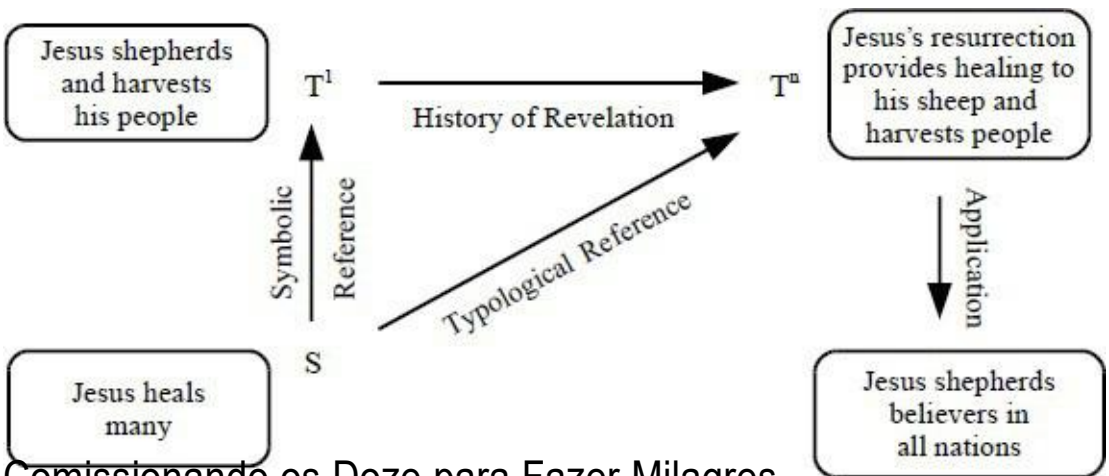
Triângulo de Clowney para pastoreio e colheita

Podemos resumir as imagens de pastoreio e as imagens dos trabalhadores da colheita usando o triângulo de Clowney (FIG. 21,1)

Aplicativo para pessoas como ovelhas e como colheita

A aplicação desses versículos a esta era de proclamação do evangelho é natural. Pessoas em todas as nações são o alvo do ministério atual. O evangelho convida pessoas de todas as nações a virem a Jesus, que é o pastor divino. As pessoas que recebem o evangelho são ovelhas que precisam ser pastoreadas. A compaixão de Jesus os alcança. E as mesmas pessoas são uma colheita, a quem Jesus está reunindo por meio dos trabalhadores que ele comissiona e capacita.

Fig. 21.1: Triângulo de Clowney para pastoreio e colheita



Comissionando os Doze para Fazer Milagres

Em conexão com a obra de cura de Jesus, encontramos logo depois uma descrição de obras poderosas para as quais ele comissionou os Doze:

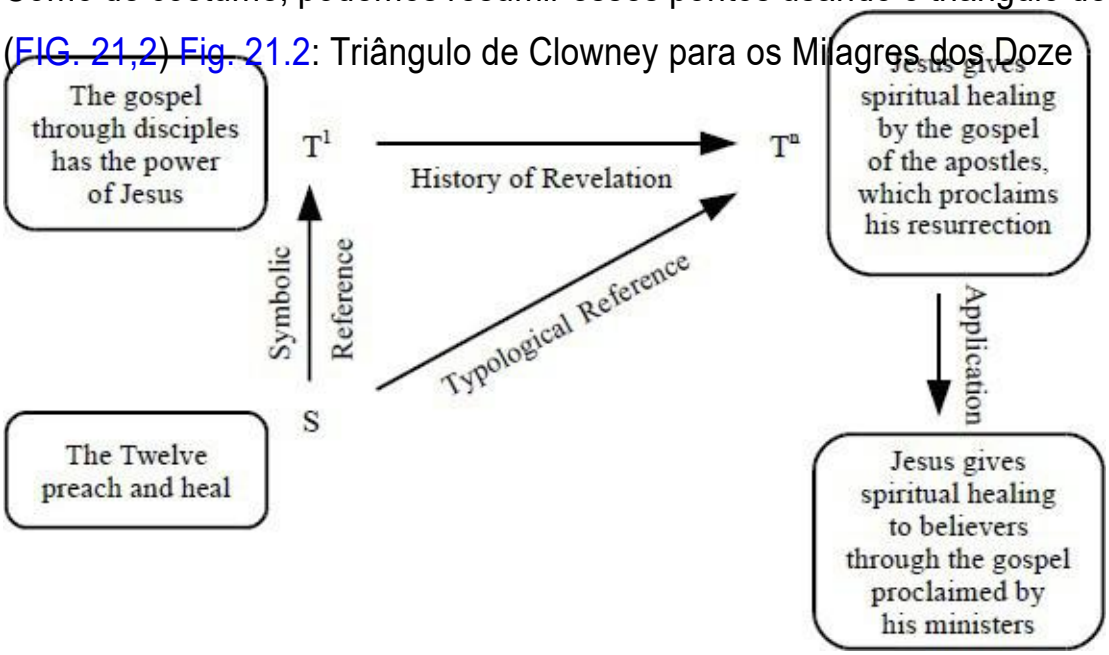
> E proclame enquanto caminha, dizendo: "O reino dos céus está próximo." Cure os enfermos, ressuscite os mortos, limpe os leprosos, expulse os demônios. (Mat. 10: 7-8)

Os doze discípulos foram aqui autorizados a fazer milagres que imitam os milagres de cura e exorcismo de Jesus. Esses milagres acompanharam a proclamação: "O reino dos céus está próximo." Os milagres eram sinais do reino, sinais do poderoso poder salvador de Deus em ação. Os discípulos fizeram milagres não por causa de qualquer poder inato neles, mas pelo poder da comissão de Jesus. Anteriormente, Jesus curou o servo do centurião à distância (Mt 8:13). Bastava Jesus falar a palavra, porque sua palavra tinha o poder do reino dentro dela. Da mesma forma, a palavra de comissão de Jesus garantiu o poder pelo qual os discípulos fizeram milagres.

Como acontece com todos os milagres de cura, esses milagres por meio dos doze discípulos apontam para o milagre supremo da ressurreição de Jesus. A ressurreição de Jesus é o alicerce sobre o qual o evangelho será divulgado e pessoas de todas as nações se tornarão discípulos (Mt 28:19). Após a ressurreição de Jesus, seus discípulos levam a mensagem do reino de Deus em uma nova fase de atividades. O ministério dos discípulos traz vida espiritual para aqueles que estavam em escuridão espiritual e morte (Atos 26:18, 23; Ef. 2: 1-
3).

Resumo usando o triângulo de Clowney

Como de costume, podemos resumir esses pontos usando o triângulo de Clowney (FIG. 21,2) Fig. 21.2: Triângulo de Clowney para os Milagres dos Doze



Aplicativo

A passagem tem uma aplicação para nós. Jesus ainda comissiona ministros em seu nome, que proclamam o evangelho dos apóstolos. E Jesus ainda hoje cura pessoas da miséria do pecado. O ministério de Jesus hoje ainda leva à resposta de louvá-lo e glorificá-lo

o nome dele.

22

Curando uma mão mirrada (Mateus 12: 9-14)

A seção de Mateus que compreende os capítulos 11-13 enfoca mais do que as seções anteriores na questão da sabedoria e do discernimento. Quem vai discernir o significado das parábolas em Mateus 13? E quem reconhecerá os sinais do reino em Mateus 11-12? Nesse contexto, encontramos a narrativa do homem com a mão atrofiada:

> Ele continuou dali e entrou na sinagoga. E um homem estava ali com a mão atrofiada. E eles lhe perguntaram: “É lícito curar no sábado?” - para que o acusassem. Ele lhes disse: “Qual de vocês que tem uma ovelha, se ela cair na cova no sábado, não a pegará e a tirará? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é lícito fazer o bem no sábado. ” Em seguida, disse ao homem: "Estenda a mão". E o homem o esticou e foi restaurado, saudável como o outro. Mas os fariseus saíram e conspiraram contra ele, como destruí-lo. (Mat. 12: 9-14)

O significado da cura

Este episódio de cura está emparelhado com o episódio anterior, contendo uma controvérsia sobre a guarda do sábado (Mt 12: 1-8). No final do episódio anterior, Jesus faz uma declaração chave: “Porque o Filho do Homem é senhor do sábado” (v. 8). A cura do homem com a mão atrofiada levanta a mesma questão, porque aconteceu no sábado: “É lícito curar no sábado?” (v. 10). Jesus respondeu com uma resposta sim, tanto em suas palavras como em seus atos. Ele argumentou o caso em comparação com uma ovelha caída em uma cova (v. 11). Por implicação, o homem com a mão atrofiada é mais valioso do que uma ovelha, porque ele é uma ovelha da casa de Israel.

Por causa da ligação com o episódio anterior, a cura de Jesus não se justifica puramente por um argumento geral de que “é lícito fazer o bem no sábado” (v. 12); é extremamente apropriado fazer o bem quando o ator é “o Filho do Homem”, que “é o senhor do sábado” (v. 8).

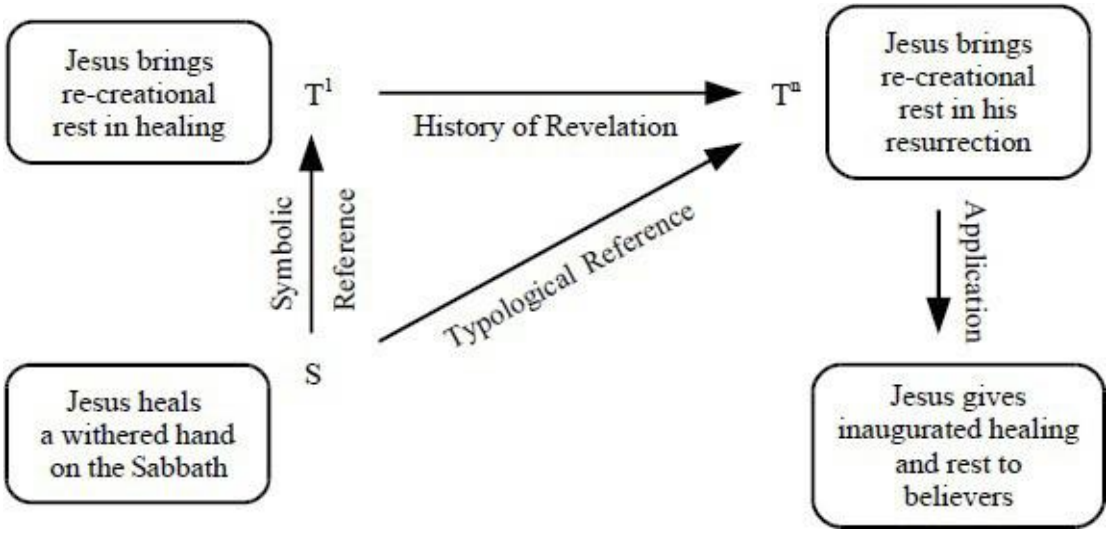
O sábado em Israel tem sua origem na criação: Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo (Êxodo 20:11). Ele também tem uma conexão com a redenção. O povo deve dar descanso aos seus trabalhadores porque Deus os resgatou da escravidão no Egito (Deuteronômio 5: 14-15). Jesus é o Filho do Homem, o Redentor de Israel e o Redentor do mundo. O pano de fundo chave para a expressão “o Filho do Homem” encontra-se em Daniel 7:13. Daniel 7:13 descreve uma figura humana que substitui os reinos bestiais deste mundo. Simbolicamente, representa o triunfo do homem sobre a besta, tendo como pano de fundo o domínio dado a Adão em Gênesis 1:28. Esta passagem é, portanto, um pano de fundo do Antigo Testamento para o conceito de Cristo como o último Adão em 1 Coríntios 15:45. Ele é o chefe representativo da nova ordem da humanidade, quem trará a nova criação à consumação. O sábado como sinal de descanso final aponta para ele. Portanto, é eminentemente adequado que ele realize obras de cura, especialmente no sábado.

O descanso sabático final começou para Cristo pessoalmente quando ele terminou seu trabalho na terra e foi ressuscitado para uma nova vida no terceiro dia. Visto que o povo de Cristo está em união com ele, eles já entraram na nova vida de cura nele. Mas eles também aguardam a consumação em sua segunda vinda (Heb. 4: 9-10).

Triângulo de Clowney para a cura do sábado

Podemos resumir o significado desta cura no sábado usando o triângulo de Clowney (FIG. 22,1)

Fig. 22.1: Triângulo de Clowney para a cura do homem com a mão murcha no sábado



Aplicação da História

Já tocamos na aplicação refletindo sobre como o povo de Deus entra no descanso inaugurado por meio da união com a realização da ressurreição de Cristo. Este episódio encoraja os leitores a se alegrarem com a inauguração da nova criação em Cristo e a aguardar com expectativa seu retorno e a consumação da nova criação.

23

Muitas curas (Mateus 12: 15-21)

Mateus 12: 15-21 contém outra declaração resumida sobre as muitas curas que Jesus estava realizando:

> Jesus, sabendo disso, retirou-se dali. E muitos o seguiram, e ele curou a todos e ordenou que não o revelassem. Isso foi para cumprir o que foi falado pelo profeta Isaías:
>
> "Eis aqui, meu servo a quem escolhi,
> meu amado com quem minha alma se compraz.
> Eu colocarei meu Espírito sobre ele,
> e ele proclamará justiça aos gentios. Ele não
> vai brigar ou chorar alto,
> nem ninguém ouvirá sua voz nas ruas; uma
> cana machucada que ele não vai quebrar,
> e um pavio fumegante ele não apagará, até
> que leve a justiça à vitória; e em seu nome os
> gentios esperarão. "

O significado das curas

Este resumo não repete simplesmente resumos anteriores do ministério de cura de Jesus. Ele investiga o significado das curas citando uma das passagens do servo em Isaías (42: 1-4). Em nossa discussão anterior no capítulo 11 da declaração sumária em Mateus 4: 23-25, já vimos Mateus 8: 16-17 também. Ele cita Isaías 53 e, portanto, conecta o ministério de Jesus com as passagens do servo em Isaías. Isaías 53 profetiza o sofrimento e a morte de Cristo. Isaías 42: 1-4 tem um enfoque complementar. Fala sobre justiça e misericórdia chegando aos fracos e desmaiados. O ministério de cura de Cristo mostra a compaixão que cumpre Isaías 42: 1-4. Isso confirma seu papel messiânico. Ao mesmo tempo, a conexão da obra de Cristo com Isaías 42: 1-4 indica que a cura é parte de um programa maior de libertação do reino que inclui a conquista da justiça, não apenas para Israel, mas para todas as nações (Is 42: 1, 4, 6). Como parte do papel de Cristo em trazer justiça às nações, versículos posteriores em Isaías 42 indicam que ele

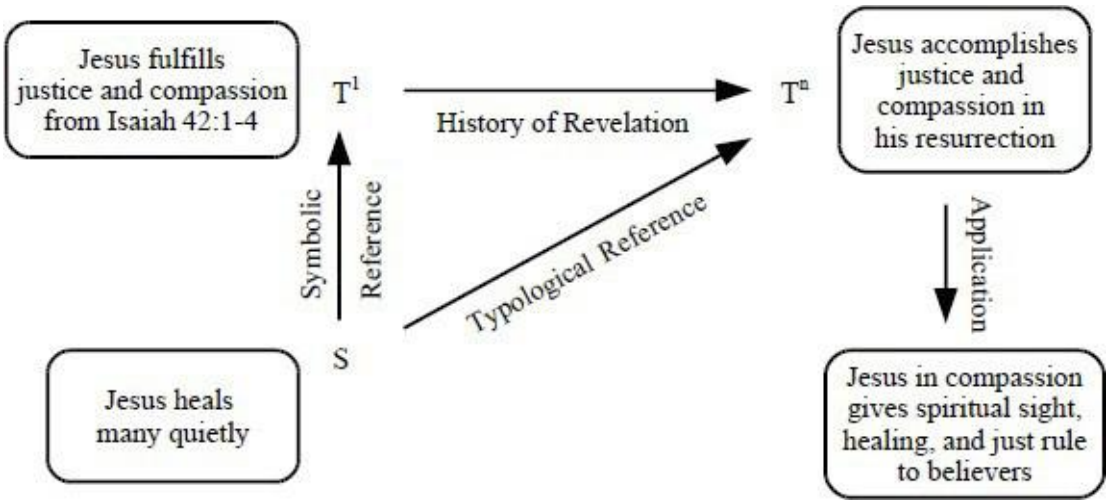
> . . . abra os olhos que são cegos,
> para tirar os prisioneiros da masmorra,
> da prisão aqueles que se sentam nas trevas. (42: 7)

A ressurreição de Cristo abre os olhos cegos para a fé e resgata as pessoas da prisão do pecado. Sua ressurreição é a base para a plena realização da justiça e da compaixão em todo o mundo. A aplicação hoje vem quando Cristo dá visão espiritual e libertação. Ele governa com justiça sobre aqueles que pertencem a ele. Aqueles que são libertos começam a se juntar em louvá-lo por sua graça.

Triângulo de Clowney para Justiça e Compaixão

Podemos usar o triângulo de Clowney para resumir o significado dos temas de justiça e compaixão no ministério de cura de Jesus (FIG. 23,1)

Fig. 23.1: Triângulo de Clowney para Justiça e Cura Compassiva



24

Um homem cego e mudo (Mateus 12: 22-23)

A seguir, Mateus fornece um relato de Jesus curando um homem cego e mudo demonizado:

Então um homem oprimido por demônios que era cego e mudo foi trazido a ele, e ele o curou, de modo que o homem falou e viu. E todas as pessoas ficaram maravilhadas, e disse: "Será este o Filho de David?" (Mat. 12: 22-23)

Esse relato é semelhante a um anterior em que Jesus curou um homem mudo demonizado (Mt 9: 32-34). Ambos os relatos, junto com o episódio sobre os endemoninhados gadarenos (Mt 8: 28-34), contêm o tema de Cristo libertando pessoas do reino demoníaco.

Que ênfase distinta, se houver, vemos neste último relato, em Mateus 12: 22-23? Acompanhando esta última narrativa está um relato mais completo da oposição dos fariseus:

> Mas quando os fariseus ouviram isso, eles disseram: “É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que este homem expulsa demônios”. Conhecendo seus pensamentos, ele lhes disse: “Todo reino dividido contra si mesmo é destruído, e nenhuma cidade ou casa está dividida
> contra si mesmo permanecerá. E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como então ficará seu reino? E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Portanto, eles serão seus juízes. Mas se for pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então o reino de Deus veio sobre você. Ou como alguém pode entrar na casa de um homem forte e saquear seus bens, a menos que primeiro amarre o homem forte? Então, de fato, ele pode saquear sua casa.
> Quem não está comigo está contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha. Portanto, eu lhes digo que todo pecado e blasfêmia serão perdoados às pessoas, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. E quem fala uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na por vir.
>
> “Ou faça a árvore boa e seus frutos bons, ou faça mal a árvore e seus frutos ruins, porque a árvore é conhecida por seus frutos. Sua raça de víboras! Como você pode falar bem, quando você é mau? Pois do que há em abundância no coração a boca fala.
> A pessoa boa do seu bom tesouro tira o bem, e a pessoa má, do seu tesouro mau tira o mal. Eu lhe digo, no dia do julgamento as pessoas darão conta de cada palavra descuidada que falarem, pois pelas suas palavras você será
> justificado, e por suas palavras você será condenado. ” (Mat. 12: 24-37)

A polaridade entre os dois reinos, o reino de Deus e o reino de Satanás, é enfatizada de forma vívida. Nesse contexto, Jesus avisa os fariseus que suas próprias palavras os condenam. Eles próprios estão do lado errado do conflito.

A polaridade entre os dois reinos tem suas raízes no reino dos poderes espirituais invisíveis, com Deus de um lado e os demônios do outro. Mas a oposição dos fariseus indica que o conflito se estende também ao reino humano. Um ser humano

pode ser oprimido por demônios, com o resultado de que não pode ver nem falar. Mas os seres humanos também podem se posicionar por seu próprio pensamento em oposição a Deus e seu reino, até o ponto de blasfemar contra o Espírito Santo (v. 32). A oposição mais profunda a Deus é encontrada não apenas na debilidade física, mas na debilidade do coração, que resulta na debilidade das palavras.

Na verdade, “debilidade” é uma palavra muito fraca. As pessoas não são apenas fracas ou doentes; eles são rebeldes contra Deus. Eles estão espiritualmente mortos (Ef 2: 1, 5). A cegueira física, como já apontamos, pode simbolizar a cegueira espiritual. O homem demonizado era fisicamente cego e mudo. Os fariseus não foram demonizados da mesma forma, mas se mostraram espiritualmente cegos. E eles foram mudos no que diz respeito a expressar as verdades do reino de Deus. Eles eram piores do que mudos; eles falaram contra Deus e seu reino.

A luta culminante dos dois reinos é encontrada na crucificação e na ressurreição. Satanás energizou Judas, o traidor, e aqueles que planejaram prender e matar Jesus (Mt 26: 3-4, 14-16). Ao contrário de Lucas 22: 3, 22:53 e João 13:27, Mateus não menciona explicitamente a presença de Satanás durante o julgamento e a crucificação. Mas podemos inferir a presença de um fundo demoníaco a partir da polaridade dos dois reinos em Mateus 12: 24-37. Jesus alcançou em sua crucificação e ressurreição o triunfo decisivo sobre Satanás. Como representante de seu povo, ele os libertou de uma vez por todas do reino de Satanás. Ele “saqueia o homem forte” (ver Mateus 12:29) por meio de sua ressurreição ainda mais profundamente do que com seus exorcismos durante seu ministério terreno.

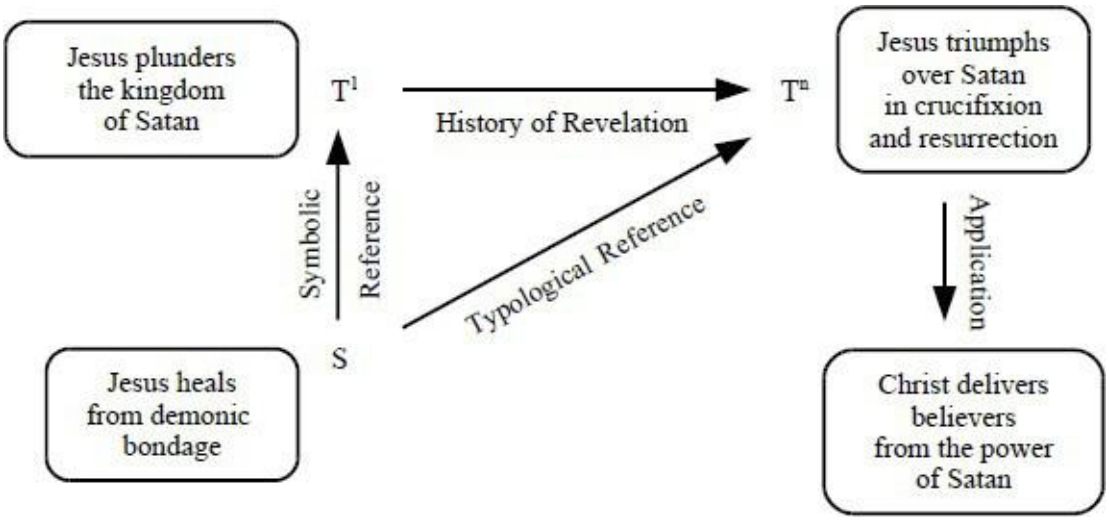
A vitória de Jesus sobre Satanás ressalta a grandeza do poder de Deus. O reino de Deus e o reino de Satanás não são reinos iguais. Satanás não é um segundo “deus” comparável ao Deus verdadeiro. Satanás é poderoso, mas ele é apenas uma criatura. Sua rebelião contra Deus não pode ter sucesso. Os demônios estão sujeitos à autoridade de Cristo. Satanás e seus agentes malignos realizaram a crucificação de Cristo. Mas a mão de Deus dirigiu todo o processo, e ele trouxe a salvação por meio dos mesmos eventos que Satanás planejou para o mal:

> este Jesus, entregue de acordo com o plano definido e presciência de Deus, você crucificou e matou pelas mãos de homens sem lei. Deus o ressuscitou, perdendo as dores da morte, porque não era possível para ele ser sustentado por ela. (Atos 2: 23-24)

Triângulo de Clowney aplicado aos dois reinos

Como de costume, podemos resumir o significado da cura do homem demonizado usando o triângulo de Clowney (FIG. 24,1)

Fig. 24.1: Triângulo de Clowney para o triunfo de Cristo sobre Satanás



Aplicativo

A obra de Cristo é aplicada a nós quando somos libertos da escravidão ao reino das trevas mundano, sobre o qual Satanás governa (1 João 5:19):

> Ele nos libertou do domínio das trevas e nos transferiu para o reino de seu Filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados. (Colossenses 1: 13-14)

Devemos celebrar sua libertação com louvor e nos regozijar porque Satanás é um inimigo derrotado.

25

Alimentando 5.000 (Mateus 14: 13-21)

A seção de Mateus que compreende os capítulos 14 a 18 enfatiza o cuidado com o povo de Deus dentro do reino de Deus. É adequado que, nesta seção, encontremos dois milagres nos quais Jesus providenciou cuidados na forma de alimento físico. No primeiro dos dois episódios de multiplicação milagrosa de alimentos, ele alimentou 5.000 homens (mais mulheres e crianças):

> Agora, quando Jesus ouviu isso, ele retirou-se dali em um barco para um lugar desolado sozinho. Mas quando a multidão ouviu isso, eles o seguiram a pé desde as cidades. Quando ele desembarcou, ele viu uma grande multidão e teve compaixão deles e curou seus enfermos. Ao anoitecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “Este é um lugar deserto, e o dia já passou; envie as multidões para ir às aldeias e comprar comida para elas. ” Mas Jesus disse: “Eles não precisam ir embora; você dá a eles algo para comer. ” Disseram-lhe: “Temos aqui apenas cinco pães e dois peixes”. E ele disse: "Traga-os aqui para mim." Então ele ordenou que a multidão se sentasse na grama e, pegando os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu e disse uma bênção. Então ele partiu os pães e os deu aos discípulos, e os discípulos os deram às multidões. E todos comeram e ficaram satisfeitos. E levantaram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças. (Mat. 14: 13-21)

A importância de alimentar 5.000

Neste primeiro relato (o segundo é a alimentação de 4.000; 15: 32-39), temos uma pista sobre o significado do milagre da atitude de Jesus: “Ele teve compaixão deles e curou os seus enfermos” (14:14) A menção de compaixão e cura lembra Mateus 9: 35-36 (ver capítulo 21). Fornecer comida é uma maneira pela qual Jesus agiu como pastor para suprir as necessidades das ovelhas de Israel. O pano de fundo em Ezequiel 34 também dá atenção às imagens de comida para as ovelhas:

> E os alimentarei nos montes de Israel, junto às ravinas e em todos os lugares habitados do país. Eu os alimentarei com boas pastagens, e nas alturas das montanhas de Israel estarão suas pastagens. Lá eles se deitarão em boas pastagens e em pastagens férteis se alimentarão nas montanhas de Israel. Eu os alimentarei com justiça. (Ezequiel 34: 13-14, 16)

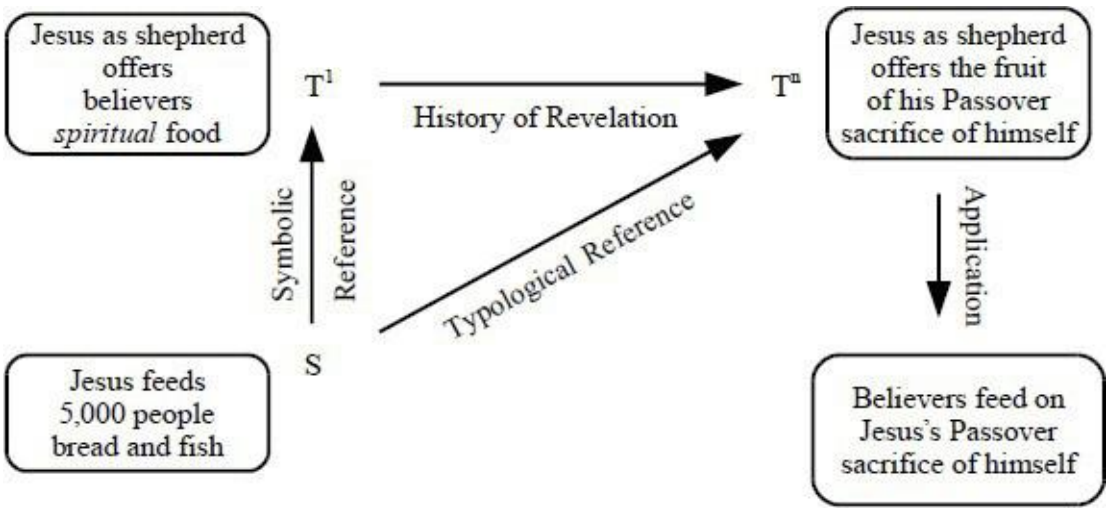
No contexto do relato de Mateus também está o milagre em que Eliseu alimentou cem homens (2 Reis 4: 42-44). E então pensamos em Deus alimentando Israel com o maná no deserto. O relato em João 6 tornou a conexão com o maná mais explícita (como vimos no capítulo 3). Mas está lá também em Mateus, visto que o tema geral da provisão de Deus para seu povo liga todas as passagens.

A provisão culminante de alimento espiritual ocorreu com a crucificação e ressurreição de Jesus, que funcionou como a nova Páscoa com Jesus como o Cordeiro pascal (Mt 26: 26-29). Esta provisão por meio de Cristo será consumada na festa do novo céu e da nova terra (Ap 19: 9).

Triângulo de Clowney para alimentar 5.000

Nossas reflexões anteriores sobre João 6 mostraram como o triângulo de Clowney se aplica. Deve ficar claro que o mesmo diagrama também se aplica ao relato de Mateus, embora Mateus não tenha sido tão explícito sobre o fato de que Jesus é o pão do céu. Em vez disso, as conexões implícitas em Mateus levam a uma maior proeminência pelo fato de que Jesus é o pastor messiânico de Israel. Consequentemente, a fig. 25.1 mostra o triângulo de Clowney, ligeiramente revisado de João 6 (verFIG. 3,1) para enfatizar o papel de Jesus como pastor e Jesus como cordeiro pascal.

Fig. 25.1: Triângulo de Clowney para alimentar 5.000, em Mateus



Aplicativo

Jesus realizou a salvação cumprindo a Páscoa. Ele foi o sacrifício final da Páscoa. Esse sacrifício fornece alimento espiritual para nós. O milagre de alimentar 5.000 nos convida a receber o benefício de seu sacrifício, ao nos alimentarmos dele.

26

Andando sobre as águas (Mateus 14: 22-33)

Mateus descreve um milagre poderoso no qual Jesus andou sobre as águas e Pedro também começou a fazê-lo:

> Imediatamente ele fez os discípulos entrarem no barco e irem antes dele para o outro lado, enquanto ele despedia a multidão. E depois de dispensar as multidões, ele subiu na montanha sozinho para orar. Ao anoitecer, ele estava sozinho, mas a essa altura o barco estava bem longe da terra, batido pelas ondas, porque o vento estava contra eles. E na quarta vigília da noite ele foi até eles, andando sobre o mar. Mas quando os discípulos o viram caminhando sobre o mar, ficaram apavorados e disseram: “É um fantasma!” e eles gritaram de medo. Mas imediatamente Jesus falou com eles, dizendo: “Tenham coragem; sou eu. Não tenha medo. ”
>
> E Pedro respondeu-lhe: “Senhor, se és tu, manda-me ir até ti por cima das águas”. Ele disse: "Venha". Pedro então saiu do barco e caminhou sobre as águas e foi até Jesus. Mas quando ele viu o vento, ele ficou com medo e, começando a afundar, clamou: "Senhor, salva-me." Jesus imediatamente estendeu a mão e segurou-o, dizendo-lhe: "Homem de pouca fé, por que você duvidou?" E quando eles entraram no barco, o vento cessou. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: "Verdadeiramente, você é o Filho de Deus." (Mat. 14: 22-33)

Esse encontro entre Jesus e seus discípulos incluiu vários tipos de ameaças que Jesus superou. Primeiro, a passagem lembra uma tempestade anterior, onde os discípulos temiam por suas vidas (Mt 8: 23-27; ver capítulo 15). Mateus 14: 22-33 descreve uma tempestade semelhante? Em Mateus 14, não ouvimos falar de tempestade violenta, mas mesmo assim os discípulos estavam em dificuldade por causa das ondas: “o barco a essa altura estava longe da terra, batido pelas ondas, porque o vento era contra eles ”(Mat. 14:24). Na conclusão da história, o vento cessou (v. 32). Então, veio o alívio para essa primeira dificuldade deles.

Em segundo lugar, os discípulos ficaram apavorados quando viram uma figura caminhando sobre o mar. Eles pensaram que era um fantasma (v. 26). Jesus respondeu ao medo deles identificando-se a si mesmo e dizendo-lhes para “ter ânimo” (v. 27). A passagem não relata explicitamente a reação dos discípulos às palavras de Jesus. Mas Pedro, como uma espécie de discípulo representativo, ficou obviamente aliviado e até encorajado. Portanto, é fácil concluir que as palavras de Jesus superaram o terror que os discípulos haviam experimentado.

Uma terceira dificuldade surgiu por causa da ousadia de Pedro. Peter começou a andar sobre a água, mas depois afundou. “Mas, ao ver o vento, teve medo e, começando a afundar, clamou: 'Senhor, salva-me'” (v. 30). Jesus estendeu a mão e o salvou. Assim, a terceira dificuldade foi superada.

O significado do milagre

Então, qual é o significado deste conjunto de milagres? Considerando as três dificuldades juntas, podemos certamente dizer que o milagre indica o poder e a disposição de Jesus para superar todos os tipos de dificuldade. Mas esse é um resumo muito geral. Ao atentarmos para os detalhes dessa história em particular, podemos ver um foco mais específico?

Um tema que entra em foco é o tema do medo e da fé. Os discípulos começaram com medo. Pedro mostrou uma espécie de fé em sua proposta de vir a Jesus. Mas sua fé falhou. Ele começou a afundar, mas pelo menos teve fé o suficiente para clamar a Jesus para salvá-lo. Jesus, em resposta, trouxe explicitamente o tema da fé: “Homens de pouca fé, por que duvidaste?” (v. 31). A história termina com uma confissão que mostra algo sobre a fé dos discípulos: “E os que estavam no barco o adoravam, dizendo: Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (v. 33).

Na narrativa, Peter desempenha um papel marcante. É dramático o suficiente que Jesus estava andando sobre as águas. Mas Peter também? E o que motivou Pedro a propor a Jesus que fosse até ele sobre as águas? Em outras partes dos Evangelhos, às vezes, Pedro tem ousadia. E ousadia pode significar excesso de confiança, como quando Pedro prometeu: “Nunca cairei” (Mateus 26:33) e: “Mesmo que deva morrer com você, não vou negar-lhe!” (26:35). Foi sua ousadia desta vez devido a mera bravata? Foi contaminado com orgulho, dizendo com efeito: “Vou mostrar o que posso fazer”? Ou era uma fé genuína? A história registrada em Mateus não nos dá uma análise interior completa de Pedro. Diz que quando Pedro “viu o vento, ficou com medo” (Mt 14:30). E Jesus disse que Pedro tinha “pouca fé”. Além disso,

Peter é uma figura mista nesta história. Ele tinha fé, mas era “pouca fé” e sujeito a dúvidas e temores. Parte da história é que Jesus foi gentil ao lidar com tais discípulos. E Jesus encorajou o crescimento na fé.

Jesus como o filho de Deus

A fé aqui não era fé na fé, mas fé em Jesus. Na conclusão da história, os discípulos confessaram: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt 14:33). A fé em Jesus precisa ser gerada por quem Jesus é. E quem é ele? “O Filho de Deus.” Esse título é recorrente em Mateus. Em Mateus 16, a confissão chave de Pedro diz: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16:16). No batismo de Jesus, a voz do céu disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (3:17). O pano de fundo do Antigo Testamento inclui a linguagem de “filho” usada para o rei davídico a quem Deus entroniza no Monte Sião (Salmos 2: 6-7). Deus colocou Davi no trono de Israel. Mas Davi aponta para um descendente maior de Davi, o filho messiânico (Isaías 9: 6-7). E esse filho será Deus tanto quanto homem. A linguagem da Grande Comissão em Mateus 28:

Mateus 14: 22-33 não torna tudo tão explícito quanto o que recebemos ao ler Mateus inteiro. Mas a realidade da filiação divina de Jesus já está lá. Jesus exerceu poder divino ao caminhar sobre as águas. No fundo estão as passagens do Antigo Testamento onde Deus acalmou o mar (Salmos 107: 29) e onde Deus pisou nas águas:

. . . quem sozinho estendeu os céus
e pisoteou as ondas do mar. (Jó 9: 8) Você
pisoteou o mar com seus cavalos, o surgimento
de águas poderosas. (Hab. 3:15)

O mar em seu tumulto é um símbolo do intransponível; só Deus pode dominá-lo.

À luz desse simbolismo, podemos ver um significado mais profundo na autoidentificação de Jesus. Ele disse: “Sou eu” (Mt 14:27). A expressão grega subjacente (ego eimi) pode de fato significar "Sou eu". E essa é a tradução adequada no contexto, visto que os discípulos pensaram que estavam vendo um fantasma. Esperamos uma resposta apropriada em que Jesus dê uma identificação pessoal aos seus discípulos. Mas, além disso, a expressão no versículo 27 é a mesma em grego que a famosa expressão em João 8:58, onde Jesus disse: “Antes que Abraão existisse, eu sou”. Em João 8:58, os judeus viram a declaração de Jesus como uma blasfêmia, não apenas porque ele parecia estar afirmando ser eterno, mas porque a expressão "Eu sou" reflete o nome especial de Deus que Deus revela a Moisés em Êxodo 3:14:

Deus disse a Moisés: "Eu SOU QUEM EU SOU. ” E ele disse: "Diga isto ao povo de Israel: 'Eu SOU me enviou para você. '”

Então, há uma alusão a Êxodo 3:14 em Mateus 14:27? A passagem em Mateus não se torna explícita sobre essa alusão da mesma forma que João 8:58 o faz. No entanto, o aparecimento de uma figura caminhando sobre as águas fornece um contexto em que é natural pensar em uma figura divina com poder sobre o mar. Portanto, a associação com o nome “Eu sou” é natural. Essa associação forma uma camada adicional além da camada óbvia em que Jesus indica aos discípulos sua identidade - “Sou eu”. As duas camadas são uma unidade coerente, uma vez que o poder de Jesus de andar sobre as águas levanta a questão da identidade de uma forma poderosa. A resposta indica que a figura que os discípulos viram não era um fantasma, mas o mestre com quem já estavam familiarizados. Ao mesmo tempo, esse senso de “familiaridade” foi desafiado pelo que Jesus revelou sobre si mesmo.

Como esse milagre se conecta com a crucificação e a ressurreição? O milagre tem pelo menos duas pontas, como vimos. Uma das pontas diz respeito à identidade de Jesus como Filho de Deus. Esta revelação da identidade de Jesus aponta para a revelação mais completa de sua identidade que ocorreu na cruz e na ressurreição. Esses eventos culminantes revelam que ele é o mediador divino e humano da salvação para o mundo. Apropriadamente, o centurião (um gentio) confessou na cruz: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus” (Mt 27:54). E depois da ressurreição, ao dar a Grande Comissão, Jesus se identificou como “o Filho” (Mt 28:19).

A segunda ponta desse milagre diz respeito ao exercício da fé. Pedro tinha fé, mas era “pouca fé”. O desafio de ter fé atinge seu clímax com a cruz e a ressurreição. Nesse ponto culminante, o desafio se torna: "Tenha fé em Jesus e no que ele realizou na crucificação e na ressurreição."

A imagem de Jesus estendendo a mão e resgatando Pedro representa o clímax de

a história em Mateus 14: 22-33. Jesus, como o Salvador do mundo, agora estende sua mão, por assim dizer, para nos resgatar do pecado e da morte. Pedro estava afundando nas águas da morte. Ele poderia ter se afogado. Portanto, o que aconteceu com Pedro é um símbolo adequado para a obra de Jesus como Salvador do pecado e da morte.

Resumo no Triângulo de Clowney

Como de costume, podemos resumir o significado do milagre usando o triângulo de Clowney (FIG.
26,1)

Fig. 26.1: Triângulo de Clowney para caminhar na água



Aplicativo para nós

A aplicação deste milagre para nós na era do evangelho depende de duas pontas de continuidade:
(1) Jesus é o mesmo Senhor divino que tem poder sobre o mar e sobre a morte. (2) As pessoas têm uma fé vacilante, que mistura fé e descrença. Sua fé vacilante é análoga ao que aconteceu com Pedro. Jesus vive no céu, vitorioso sobre a morte. Pelo Espírito Santo, ele estende a mão para a vida das pessoas, enquanto clamam: "Senhor, salve-me."[1]Ele os tira do mar do pecado e da morte. Nós o louvamos porque em sua misericórdia ele está disposto a fortalecer nossa fé vacilante. E ele é capaz de nos resgatar de forma absoluta, porque ~~seu poder governa tud~~o.

[1] Como calvinista, acredito que o clamor de um pecador a Cristo por salvação é sempre fortalecido por uma obra anterior do Espírito Santo no coração do pecador. Somos salvos pela graça soberana de Deus. No caso de Pedro, a soberania de Deus na salvação é exemplificada na declaração de Jesus: “Não me escolheste, mas eu te escolhi” (João 15:16). Mateus 14:30 nos dá uma imagem de um evento no meio de um processo complexo envolvendo a obra contínua do Espírito Santo na vida de Pedro.

27

Curando muitos (Mateus 14: 34-36)

Mateus 14: 34-36 fornece outra declaração resumida sobre Jesus curando muitas pessoas: E quando eles haviam feito a travessia, eles pousaram em Genesaré. E quando o homens daquele lugar o reconheceram, eles enviaram para toda aquela região e trouxeram a ele todos os que estavam doentes e imploraram-lhe que só tocassem na orla de sua vestimenta. E todos quantos tocaram foram curados.

Como os resumos anteriores em Mateus 4: 23-25 (capítulo 11), Mateus 9: 35-38 (capítulo 21) e Mateus 12: 15-21 (capítulo 23), este resumo nos lembra que os milagres que Mateus registra especificamente pertencem a uma história maior da vinda do reino de Deus na obra de Jesus. Jesus fez muitos outros milagres além dos registrados. E todos esses milagres mostram o poder salvador e curador de Deus em ação. Os resumos nos convidam a ver cada milagre particular como parte do amplo plano de Deus para trazer a salvação.

Mateus 14: 34-36, como 4: 23-25, menciona que as pessoas foram ativas em trazer outros que estavam doentes. Mateus 14: 34-36 dedica mais atenção a este aspecto do que qualquer um dos resumos anteriores. Os homens trouxeram os enfermos (v. 35), como em Mateus 4:24. Mas, além disso, “eles enviaram para toda aquela região” (14:35). Eles se engajaram em um processo bastante elaborado de transmitir à região a notícia da presença de Jesus. Eles também fizeram pedidos urgentes a Jesus: eles “imploraram-lhe que tocassem apenas na orla da sua veste” (v. 36). Essas atividades revelam um princípio mais geral: o reino de Deus cresce por meio das atividades de redes de pessoas em comunidades, bem como por meio das atividades de indivíduos. A “rede” inicial é o próprio Jesus, a quem as pessoas vêm e com quem estão unidas pela fé por meio do Espírito Santo.

Como esse princípio se manifesta nos eventos culminantes da crucificação e ressurreição de Jesus? A realização de Jesus traz a salvação que transforma indivíduos, redes e comunidades. A consumação de sua salvação vem na nova Jerusalém (Ap 21: 2, 10), que é tanto uma comunidade como indivíduos. Na era do evangelho, a igreja é uma comunidade composta de indivíduos. Pessoas preocupadas podem servir para espalhar as novas de Jesus e trazer outros para encontrar a salvação por meio dele.

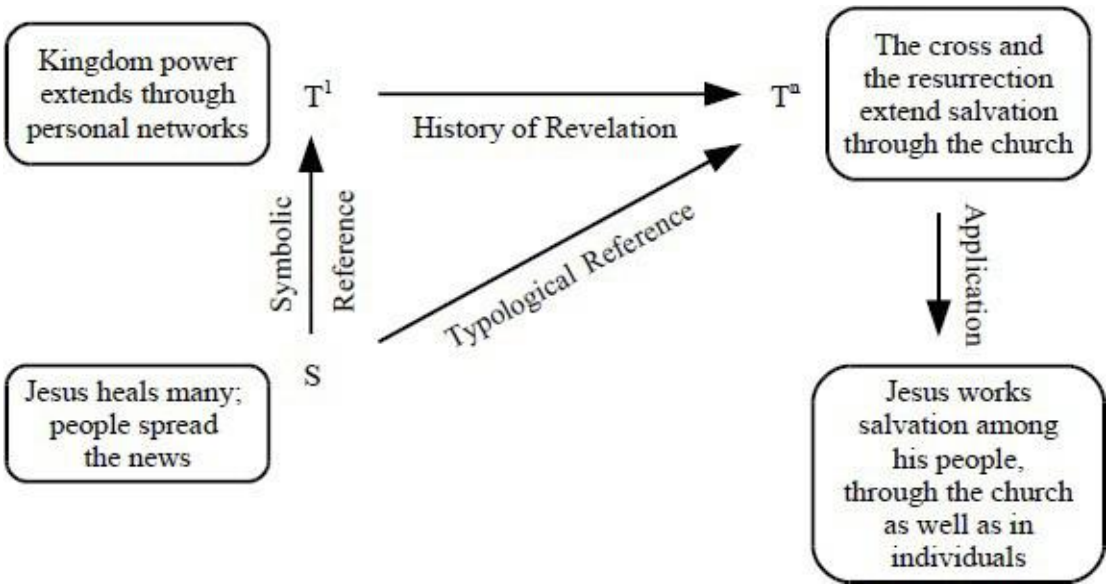
Resumo usando o triângulo de Clowney

Podemos resumir o significado desta dimensão comunitária usando o triângulo de Clowney (FIG. 27,1)

Aplicativo

Como aplicação, devemos considerar como Deus usa a igreja como comunidade para levar salvação ao seu povo. Ele trabalha tanto em indivíduos quanto na igreja como o corpo de Cristo. Devemos elogiá-lo por sua sabedoria na maneira como trabalha.

Fig. 27.1: Triângulo de Clowney para a dimensão comunitária da Igreja



28

A mulher siro-fenícia (Mateus 15: 21-28)

O próximo relato de milagre de Mateus envolve uma mulher cananéia de Tiro e Sidom:

> E Jesus foi embora dali e se retirou para o distrito de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher cananéia daquela região saiu e clamava: “Tem misericórdia de mim, Senhor, Filho de Davi; minha filha está severamente oprimida por um demônio. ” Mas ele não respondeu uma palavra. E seus discípulos vieram e imploraram-lhe, dizendo: "Manda-a embora, porque ela está clamando por nós." Ele respondeu: “Fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Mas ela veio e se ajoelhou diante dele, dizendo: "Senhor, ajude-me." E ele respondeu: “Não é certo pegar o pão dos filhos e jogá-lo nos cachorros”. Ela disse: “Sim, Senhor, mas até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa de seus donos”. Então Jesus respondeu-lhe: “Ó mulher, grande é a tua fé! Seja feito para você como você deseja. ” E sua filha foi curada instantaneamente. (Mat. 15: 21-28)

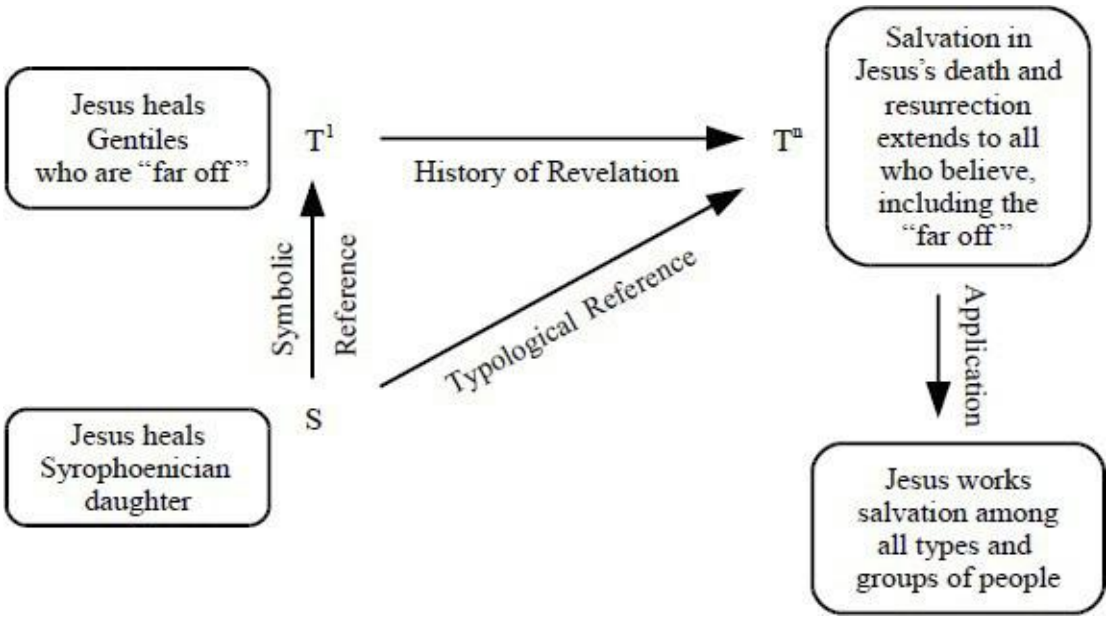
Como a história do centurião em Mateus 8: 5-13, esse milagre diz respeito a um gentio. Mais do que isso, esta gentia era uma “cananéia” (Mateus 15:22), o que significa que ela estava associada aos grupos de pessoas que Josué há muito tempo foi comissionado para destruir (Deuteronômio 7: 2; Josué 6:17, 21) Superficialmente, pode-se raciocinar que ela estava além do alcance da misericórdia de Deus. Além disso, Jesus a princípio não respondeu a ela. Quando ele respondeu, foi com uma referência direta ao seu dever como pastor para com as "ovelhas perdidas da casa de Israel". No Evangelho de Mateus como um todo, chegaria o tempo em que Jesus enviaria os discípulos a “todas as nações” (Mt 28:19). Mas essa hora ainda não havia chegado. Durante sua vida terrena, o ministério de Jesus se concentrou nas “ovelhas” - na nação judaica. Esta nação teve um privilégio especial na execução dos propósitos de Deus na história. Mas a fé da mulher na misericórdia de Deus superou tais obstáculos: “Ó mulher, grande é a tua fé!” (Mat. 15:28).

O significado do milagre

Este milagre mostra o poder do reino de Deus. E, portanto, também mostra algo sobre as características do reino de Deus. O propósito de salvação do reino de Deus começa, de fato, com os judeus. Até mesmo Paulo, o apóstolo dos gentios, usa a linguagem “primeiro ao judeu e também ao grego” (Rom. 1:16). Mas o reino da salvação de Deus também se estende às nações e até mesmo às perspectivas mais improváveis entre elas. A salvação vem para pessoas que a cultura judaica do primeiro século teria considerado menos honrosa: mulheres, estrangeiros, idólatras pagãos. Como Paulo escreve, o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rom. 1:16). A mulher ilustra a fé em Cristo, e essa fé traz a salvação. “E ele [Cristo] veio e pregou paz para vocês que estavam longe e paz para os que estavam perto.

Resumo com o Triângulo de Clowney

Resumimos o significado deste milagre com o triângulo de Clowney (FIG. 28,1) Fig. 28.1: Triângulo de Clowney para a mulher siro-fenícia



Aplicativo

A principal aplicação desse milagre é evidente: devemos entender que Jesus em nossos dias estende a salvação a todos os que crêem. Ele não limita seu trabalho a alguns grupos étnicos ou grupos de línguas ou classes sociais ou raças ou pessoas privilegiadas.

Ninguém pode se excluir como indigno. E ninguém na igreja deve ousar fazer barreiras com base na etnia, classe social ou "dignidade". Devemos louvar a Deus pela extensão de sua graça. "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rom. 3:23). Em contraposição a essa falha universal, o convite do evangelho vai a todas as pessoas (Rm 15: 8-13).

29

Curando Muitos (Mateus 15: 29-31)

A seguir, Mateus fala novamente sobre a cura de muitos:

> Jesus continuou dali e caminhou ao lado do mar da Galiléia. E ele subiu na montanha e sentou-se lá. E uma grande multidão veio a ele, trazendo consigo os coxos, os cegos, os aleijados, os mudos e muitos outros, e os puseram a seus pés, e ele os curou, de modo que a multidão se maravilhou, quando viram os mudos falando, o aleijado saudável, o coxo andando e o cego vendo. E eles glorificaram o Deus de Israel. (Mat. 15: 29-31)

Esta descrição é semelhante ao que é dado nas descrições anteriores de muitas curas (Mt 4: 23-25 [capítulo 11]; 9: 35-38 [capítulo 21]; 12: 15-21 [capítulo 23]; e 14 : 34-36 [capítulo 27]). Podemos repetir o que dissemos sobre eles. Essa descrição adiciona detalhes sobre o que a multidão viu: “viram os mudos falando, os aleijados saudáveis, os coxos andando e os cegos vendo” (Mt 15:31). Nesse sentido, destaca um aspecto adicional, a saber, a reação da multidão. A multidão “maravilhou-se” e “glorificou o Deus de Israel” (v. 31).

No versículo 31, devemos observar como Deus é descrito como “o Deus de Israel”. No contexto do primeiro século, o rótulo “Deus de Israel” era mais provável de ocorrer na boca de alguém que não era judeu. Do ponto de vista de um gentio, Deus era o Deus daquele outro povo, o povo de Israel, não apenas “Deus”, como um judeu poderia dizer a outro judeu. Consequentemente, DA Carson e RT France pensam que a expressão “eles glorificaram o Deus de Israel” indica que o episódio ocorreu em território gentio.[1] Jesus estava “junto ao mar da Galiléia” (v. 29). Mas este pode ser o lado leste, a região da Decápolis, que era predominantemente gentia. Nesse caso, este milagre, como o milagre para a mulher cananéia, aponta para o tempo em que o evangelho será transmitido aos gentios. A mesma questão relativa à localização e ao público afeta o milagre da alimentação de 4.000, que vem a seguir (Mt 15: 32-39).

O significado dos milagres

Esses milagres de cura continuam o tema dos milagres do reino de Deus. Mas podemos adicionar o tema da admiração. Milagres estimulam a reação de admiração, espanto e admiração. As pessoas dão glória a Deus. A reação de admiração indica qual deve ser nossa reação ao milagre culminante da ressurreição de Cristo. Quando entendemos o significado da crucificação, morte e ressurreição de Jesus, também respondemos com admiração e espanto. Podemos ver o padrão de admiração tanto na profecia do Antigo Testamento quanto em Mateus:

> Quem acreditou no que ouviu de nós?
>
> E a quem foi revelado o braço do Senhor? (Isa. 53: 1) Olhe entre as
>
> nações e veja;

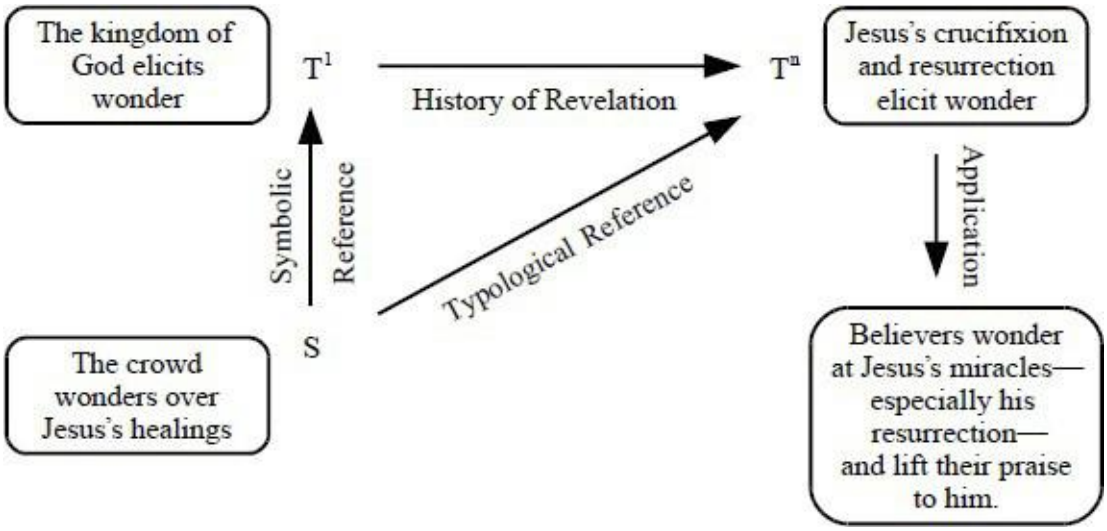
maravilhe-se e fique surpreso.

Pois estou fazendo um trabalho em seus dias

que você não acreditaria se contasse. (Hab. 1: 5; cf. Atos 13:41)

Quando o centurião e os que estavam com ele, vigiando Jesus, viram o terremoto e o que acontecia, ficaram maravilhados e disseram: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus!” (Mat. 27:54)

We can summarize this point using Clowney’s triangle (FIG. 29,1) Fig. 29.1: Triângulo de Clowney para Maravilha nas Curas



Aplicação de Maravilha e Glória

A resposta aos milagres tem uma aplicação hoje. Este milagre em particular é um lembrete especial de qual deve ser nossa resposta a todos os milagres de Deus. Nós também devemos nos maravilhar com os milagres de Jesus, especialmente sua ressurreição. E as pessoas em todas as nações deveriam dar glória ao "Deus de Israel". Damos-lhe glória não apenas pelo milagre central da ressurreição de Cristo, mas também pelo milagre do renascimento. Este milagre acontece no coração de cada pessoa que é salva e deve ser uma ocasião para dar glória a Deus e maravilhar-se com a sua graça.

---

[1] DA Carson, "Matthew", em Expositor's Bible Commentary, rev. ed., ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 9 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 407; RT França, O Evangelho de Mateus (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), 597.

30

Alimentando 4.000 (Mateus 15: 32-39)

Mateus registra a história de Jesus alimentando uma multidão de 4.000 homens (além de mulheres e crianças):

> Então Jesus chamou seus discípulos e disse: “Tenho compaixão da multidão, porque eles estão comigo há três dias e não têm o que comer. E não estou disposto a mandá-los embora com fome, para que não desmaiem no caminho. ” E os discípulos disseram-lhe: "Onde vamos conseguir pão suficiente em um lugar tão desolado para alimentar uma multidão tão grande?" E Jesus disse-lhes: "Quantos pães vocês têm?" Eles disseram: “Sete e alguns peixes pequenos”. E ordenando à multidão que se sentasse no chão, ele pegou os sete pães e os peixes e, tendo dado graças, ele os partiu e os deu aos discípulos, e os discípulos os deram à multidão. E todos comeram e ficaram satisfeitos. E levantaram sete cestos cheios dos pedaços que sobraram. Os que comeram foram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E depois de mandar embora as multidões, ele entrou no barco e foi para a região de Magadan. (Mat. 15: 32-39)

Este episódio tem muitos paralelos com a alimentação de 5.000 em 14: 13-21. Sua ênfase não parece ser notavelmente diferente do relato anterior. Portanto, seu objetivo principal é enfatizar novamente o cuidado de Jesus pelas pessoas. Assim como acontece com a alimentação de 5.000, o alimento físico simboliza o cuidado integral de Deus por seu povo. E esse cuidado integral acontecia por meio da figura central da salvação de Deus, Jesus o Messias. Discutimos esse significado em nosso capítulo sobre a alimentação de 5.000 (capítulo 25). Este segundo milagre de alimentação ressalta o fato de que o cuidado de Jesus por seu povo continuou; não foi dado apenas uma vez.

Se Carson e a França estão certos sobre a localização ser em território gentio, o milagre também simboliza a extensão do reino de Deus aos gentios. Os gentios também podem participar do cuidado de Deus e, por fim, participarão do banquete escatológico (Mt 8:11).[1]

(Para um resumo usando o triângulo de Clowney, vejaFIG. 25,1 no capítulo 25.)

---

[1] RT França, The Gospel of Matthew (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007), 600-601.

31

A Transfiguração (Mateus 17: 1-8)

A história da transfiguração envolve vários elementos milagrosos: o rosto e as roupas de Jesus brilharam; Moisés e Elias apareceram; uma nuvem brilhante de teofania os ofuscou; e uma voz veio do céu. Aqui está o relato em Mateus 17: 1-8:

> E depois de seis dias, Jesus levou consigo Pedro e Tiago, e João, seu irmão, e os conduziu a um alto monte sozinhos. E ele foi transfigurado diante deles, e seu rosto brilhou como o sol, e suas roupas tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com ele. E Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se desejar, farei três tendas aqui, uma para você, uma para Moisés e uma para Elias. ” Ele ainda estava falando quando, eis que uma nuvem brilhante os envolveu, e uma voz dela disse: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo; escute ele. ” Quando os discípulos ouviram isso, caíram com o rosto no chão e ficaram apavorados. Mas Jesus veio e os tocou, dizendo: “Levantem-se e não tenham medo”. E quando eles levantaram os olhos, eles não viram ninguém, apenas Jesus.

O significado da transfiguração

A transfiguração tem várias características proeminentes: o brilho de Jesus, a aparência de Moisés e Elias e a voz do céu. A brilhante aparência de Jesus prenuncia a glória que ele recebeu após sua ressurreição. Na verdade, antes e depois da passagem sobre a transfiguração, vêm as passagens nas quais Jesus predisse sua morte e ressurreição:

> A partir daquele momento, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que ele deveria ir a Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos e dos principais sacerdotes e escribas, e ser morto, e no terceiro dia ser ressuscitado. (Mat. 16:21)
>
> E quando eles estavam descendo a montanha, Jesus lhes ordenou: “Não conteis a ninguém a visão, até que o Filho do Homem seja levantado dentre os mortos” (17: 9)
>
> Assim também o Filho do Homem certamente sofrerá nas mãos deles. (v. 12)

Assim, a transfiguração tem uma ligação direta com a glorificação de Jesus, que está ligada ao significado de sua ressurreição.[1]

> Devemos também considerar o significado da voz do céu:
>
> eis que uma nuvem brilhante os envolveu e uma voz vinda da nuvem disse: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo; escute ele. ” (Mat. 17: 5)

A mensagem aqui é semelhante à mensagem de Deus no batismo de Jesus (Mt 3:17). A voz na transfiguração fala as palavras adicionais: "Ouça-o." Esse acréscimo está vinculado à conversa que Jesus manteve com Moisés e Elias: “E eis que ali

apareceu-lhes Moisés e Elias, falando com ele ”(Mat. 17: 3). Moisés e Elias foram duas grandes figuras do Antigo Testamento. Tanto Moisés quanto Elias tiveram encontros com Deus no Monte Sinai (também chamado de “Horebe”: Ex. 19: 19-25; 1 Reis 19: 8-18). Mateus 17 indica que a transfiguração ocorreu em “um alto monte” (v. 1). A vinda da nuvem e a voz da nuvem simbolizam a descida do céu e a voz de Deus falando do céu, que é semelhante à voz de Deus do Monte Sinai, a Moisés e depois a Elias. Mas a voz na transfiguração disse: "Ouça-o." Essa mensagem implica que Jesus é o profeta final cujo ministério cumpre e leva a um clímax os ministérios anteriores de Moisés e Elias.

Jesus teve muito a ensinar durante sua vida terrena. Parece que o Evangelho de Mateus está organizado para destacar seu ensino. Existem cinco blocos de texto conspícuos que contêm seus ensinamentos: o Sermão da Montanha (Mateus 5-7), o comissionamento dos Doze (capítulo 10), uma coleção de parábolas (capítulo 13), instruções relacionadas à vida em comunidade (capítulo 18), e ensino de um tipo mais preditivo (capítulos 21-25). A voz na transfiguração implica que devemos ouvi-lo em todas essas passagens. Então, Mateus 28: 19-20 move a situação adiante referindo-se a este ensino e indicando que os discípulos devem divulgá-lo às nações:

> Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. E eis que estou sempre convosco, até ao fim dos tempos.

Essa instrução tem seu fundamento na autoridade dada a Jesus em sua ressurreição (Mt 28:18). Portanto, o brilho da luz na transfiguração, antecipando a ressurreição de Jesus, vai junto com a voz que nos diz para ouvir. Ambos apontam para a nova fase do reino de Deus inaugurada pela ressurreição de Jesus. Esta nova fase continua a se desenvolver por meio da propagação do evangelho e do discipulado das nações.

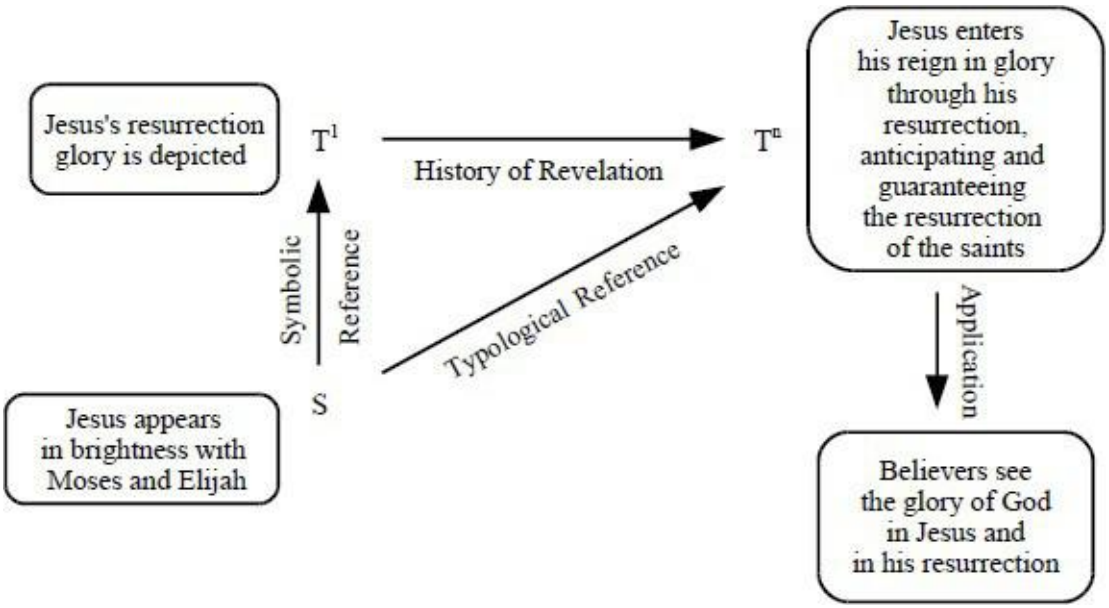
Moisés e Elias

Podemos também notar o significado do aparecimento de Moisés e Elias. Ambos são profetas, e sua obra profética aponta para Jesus como o profeta final. Mas, além disso, é significativo que eles estejam vivos - sua aparência testemunha a continuidade de sua vida na presença de Deus. Elias foi levado ao céu sem passar pela morte (2 Reis 2:11). Moisés morreu (Deuteronômio 34: 5). O aparecimento de ambos mostra que ambos estão vivos de acordo com o espírito. Deus “não é Deus de mortos, mas de vivos, porque todos vivem para ele” (Lucas 20:38). O aparecimento de Moisés e Elias, portanto, confirma o poder vivificador de Deus, que está em ação para aqueles que são seus. Isso confirma a promessa da ressurreição corporal dos santos. Assim, reforça os outros laços em Mateus 17: 1-8 com a ressurreição de Cristo.

Resumo da significância no triângulo de Clowney

Podemos resumir o significado da transfiguração usando o triângulo de Clowney (FIG. 31,1)

Fig. 31.1: Triângulo de Clowney para a Transfiguração



Aplicativo

Que aplicações esse milagre tem em nossas vidas? A resposta apropriada à exibição da glória de Jesus é apreciar sua glória e colocar nossa confiança nele. E à medida que entendemos a magnificência, profundidade e alcance do que Jesus realizou em sua morte e ressurreição, crescemos na fé. Respondemos com louvor e glorificamos seu nome.

---

1 Observe Mateus 16:28: "Em verdade vos digo que alguns aqui estão que não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino. " Alguns intérpretes vêem o cumprimento desta profecia na transfiguração, porque durante a transfiguração Pedro e Tiago e João vêem, como prenúncio, a glória do Filho do Homem. Essa glória expressa sua autoridade como rei no reino que virá especialmente por meio de sua ressurreição. Outros vêem o cumprimento na própria ressurreição de Jesus. Outros ainda vêem o cumprimento na queda de Jerusalém, o que de fato constitui um efeito visível da vinda do reinado do Filho do Homem em julgamento (cf. Mt 24:27, 30, que vejo como tendo uma dupla fase cumprimento na queda de Jerusalém e na segunda vinda). À luz do papel central da ressurreição de Cristo, faz sentido ver o cumprimento primário ali. Mas também é apropriado que a transfiguração,

32

Um menino com um demônio (Mateus 17: 14-20)

Em seguida, Jesus curou um menino com um demônio:

> E quando chegaram à multidão, um homem se aproximou dele e, ajoelhando-se diante dele, disse: “Senhor, tem misericórdia de meu filho, porque ele é epiléptico e sofre terrivelmente. Muitas vezes ele cai no fogo, e freqüentemente na água. E eu o trouxe aos seus discípulos, e eles não puderam curá-lo. ” E Jesus respondeu: “Ó geração incrédula e distorcida, quanto tempo terei para estar com você? Quanto tempo terei para suportar você? Traga-o aqui para mim. " E Jesus repreendeu o demônio, e saiu dele, e o menino foi curado instantaneamente. Então os discípulos se aproximaram de Jesus em particular e disseram: “Por que não pudemos nós expulsá-lo?” Ele disse a eles: “Por causa de sua pouca fé. Pois, em verdade, eu digo a você, se você tiver fé como um grão de mostarda, você dirá a esta montanha: 'Mova-se daqui para lá', e ela se moverá, e nada será impossível para você ”. (Mat. 17: 14-20)

O ESV chama o menino de “epiléptico” porque os sintomas eram semelhantes aos que vemos na epilepsia moderna (também RSV, NRSV). Mas às vezes os sintomas podem surgir de mais de uma causa. Neste caso, um demônio estava envolvido.

O significado de curar o menino

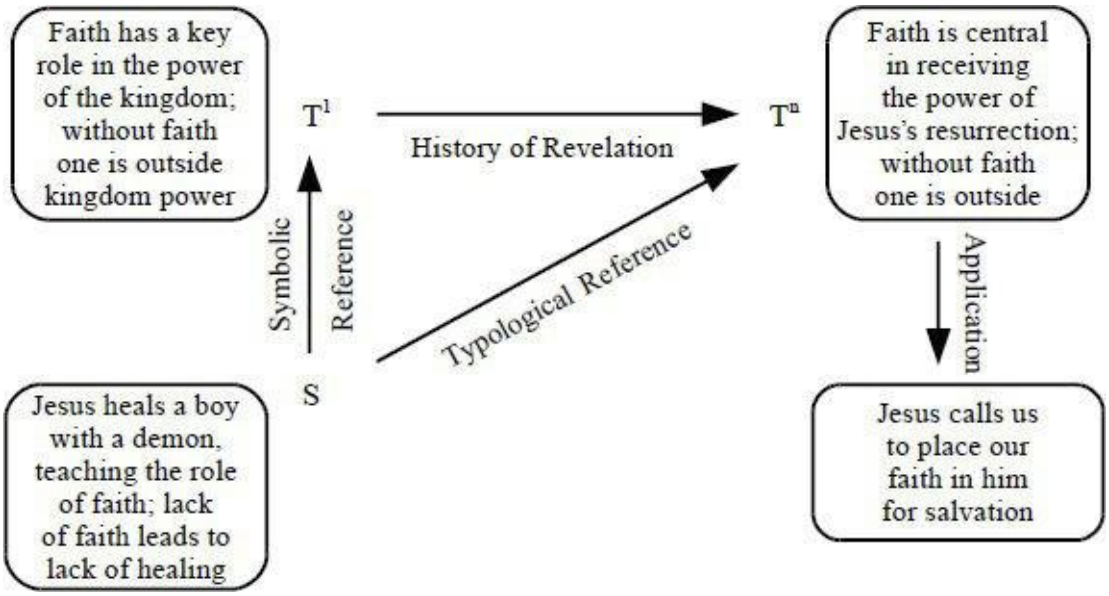
Esta cura parece ter dois lados. Jesus libertou o menino do demônio. Ele também curou o menino fisicamente, porque o menino havia caído no fogo e na água. Esses dois lados implicam que esse milagre vem junto com os milagres do exorcismo e com os milagres da cura física. Como vimos ao discutir exorcismos e curas físicas, os dois tipos de milagres são sinais do reino.

O que se destaca neste caso de cura? A passagem chama a atenção para o tema da fé. Os discípulos não conseguiram curar o menino “por causa da sua pouca fé” (Mt 17:20). Portanto, esta passagem também ressoa com outras passagens que enfocam a fé, como a cura do servo do centurião (8: 5-13; capítulo 13), a mulher com um fluxo de sangue (9: 18-26; capítulo 18), o dois cegos (9: 27-31; capítulo 19), andando sobre as águas (14: 28-33; capítulo 26), e a libertação da filha da mulher siro-fenícia (15: 21-28; capítulo 28). Nesse caso, porém, são os discípulos que não têm fé, não as pessoas que buscam ser curadas.

Resumo no Triângulo de Clowney

Podemos resumir o papel-chave da fé usando o triângulo de Clowney (FIG. 32,1)

Fig. 32.1: Triângulo de Clowney para o papel da fé na cura



Aplicativo

Uma aplicação central para esta história é encorajar a fé. Jesus é o Salvador. Mas devemos estar unidos a ele para receber os benefícios de sua salvação. Essa união ocorre pela fé. Portanto, a história nos convoca a colocar nossa fé em Cristo, e somente nele - até mesmo os apóstolos não podem oferecer um substituto adequado para essa fé em Jesus.

33

A moeda na boca do peixe (Mateus 17: 24-27)

Uma moeda foi milagrosamente encontrada na boca de um peixe:

> Quando eles chegaram a Cafarnaum, os cobradores do imposto das duas dracmas foram até Pedro e disseram: "Seu professor não paga o imposto?" Ele disse sim." E quando ele entrou em casa, Jesus falou com ele primeiro, dizendo: “O que você acha, Simão? De quem os reis da terra cobram taxas ou impostos? De seus filhos ou de outras pessoas? ” E quando ele disse: “Dos outros”, Jesus disse-lhe: “Então os filhos estão livres. Porém, para não ofendê-los, vá até o mar, lance o anzol e pegue o primeiro peixe que subir, e quando abrir a boca dele achará um siclo. Pegue isso e dê a eles por mim e por você. ” (Mat. 17: 24-27)[1]

O significado da moeda na boca do peixe

Os céticos expressaram suas dúvidas, especialmente neste caso, a respeito do milagre com a moeda. Este milagre parece-lhes ser mais arbitrário e menos relacionado aos propósitos mais amplos do reino de Deus. Os casos de cura expressam a compaixão de Jesus pelos enfermos e endemoninhados. Este milagre parece ser muito menos útil, ou talvez até egoísta - ele simplesmente forneceu dinheiro a Jesus e Pedro, que poderia ser menos convenientemente fornecido da bolsa comum (João 12: 6).

Mas um olhar mais atento sobre o episódio revela indícios de seu significado. Este episódio em particular não se concentra no milagre da moeda, mas na discussão que levou ao milagre. “O seu professor não paga o imposto?” (Mat. 17:24). Jesus indicou que Pedro e outros “filhos” do rei são “livres”. Seu status de filhos os tornava livres.

Jesus estava usando uma analogia entre o reino de Deus e os reinos deste mundo. No reino de Deus, Deus é o rei e os discípulos são seus filhos. Eles têm o privilégio da intimidade com Deus, e essa intimidade substitui o templo físico e sua necessidade de manutenção física. O próprio Jesus é o caminho para Deus (João 14: 6) e o verdadeiro templo (João 2:21). Seu nome, Emanuel, significa “Deus conosco” (Mt 1:23). Os discípulos têm intimidade com Deus por meio dele. Deus “nos livrou do domínio das trevas e nos transferiu para o reino de seu Filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados” (Colossenses 1: 13-14).

Portanto, concluiu Jesus, seus discípulos, como filhos do reino, são “livres”. Mas se, para evitar ofensas, os filhos desejam pagar de qualquer maneira, Deus, o rei, tem muitos recursos para dar aos seus filhos.

O milagre tem um duplo significado simbólico. Primeiro, confirma a afirmação de Jesus de que ele tem um status único como Filho de Deus. Implica também que seus seguidores, por meio de seu relacionamento com ele, herdam um status análogo. Eles também são filhos, por causa de seu relacionamento com ele. Em segundo lugar, o milagre mostra que Deus pode fornecer diretamente quaisquer recursos que sejam apropriados. “E meu Deus suprirá todas as suas necessidades de acordo com o seu

riquezas na glória em Cristo Jesus ”(Fp 4:19).

Todos os recursos do mundo pertencem a Deus, teologicamente falando. Mas uma provisão milagrosa de Deus ressalta o privilégio da filiação. Mostra mais vividamente a generosidade dos recursos de Deus e sua disposição de fornecê-los a seus filhos. A lição é semelhante à que Jesus dá ao dizer aos seus discípulos para buscarem primeiro o reino de Deus:

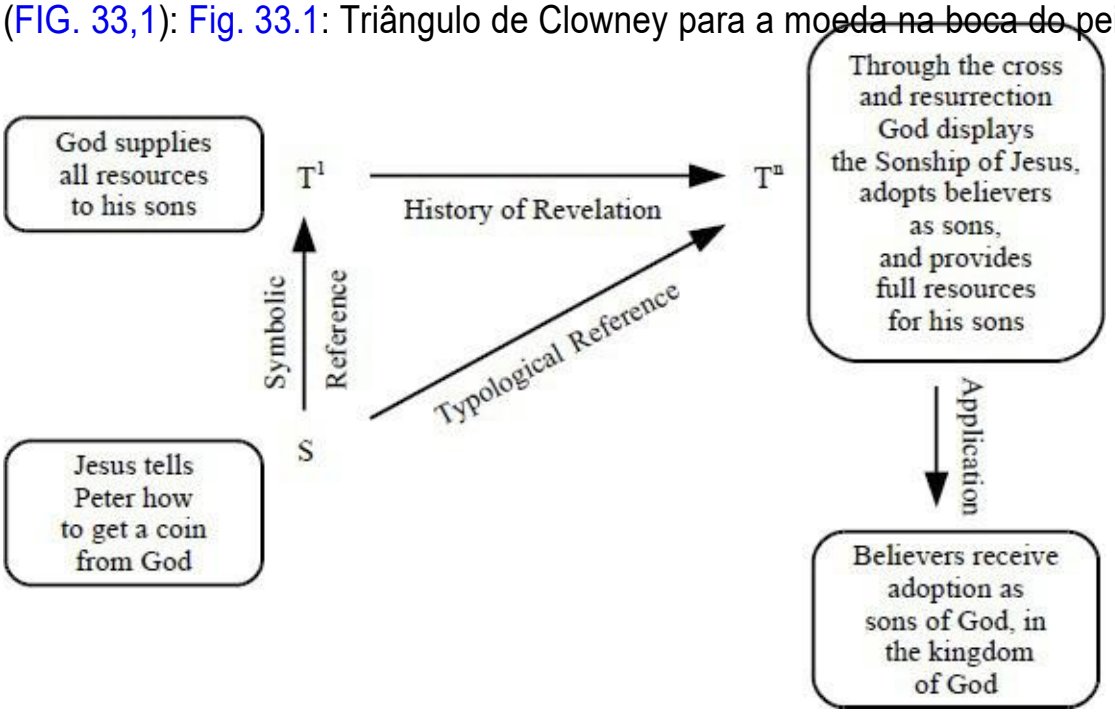
> Portanto, não fique ansioso, dizendo: "O que vamos comer?" ou "O que vamos beber?" ou "O que devemos vestir?" Pois os gentios buscam todas essas coisas, e seu Pai celestial sabe que você precisa de todas elas. Mas busque primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a você. (Mat. 6: 31-33)

Uma reiteração dramática desse princípio era apropriada no contexto do imposto do templo. O templo era o templo de Deus. Como tal, prefigurava Cristo, cujo corpo é o templo (João 2:21). E, subordinadamente, prenuncia a intimidade com Deus e o acesso a Deus que os “filhos” do rei recebem em virtude de receberem a filiação por meio de Jesus, o único Filho de Deus.

O milagre é, portanto, um milagre falando de recursos divinos dados aos filhos do rei do universo. Antecipa o suprimento culminante de bênçãos por meio da morte e ressurreição de Cristo. Os “recursos” finais são as riquezas da salvação em Cristo.

Resumo usando o triângulo de Clowney

Como de costume, podemos resumir esse significado usando o triângulo de Clowney (FIG. 33,1): Fig. 33.1: Triângulo de Clowney para a moeda na boca do peixe



Aplicativo

A passagem se aplica a nós que fomos adotados como filhos de Deus pela fé em Jesus. Somos filhos do rei. Temos intimidade com Deus e um status incrível, não por nosso próprio mérito, mas pela comunhão com Jesus, que é o único Filho de Deus:

> Mas, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para redimir os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, clamando: “Aba! Pai!" Então você não é mais um escravo, mas um filho, e se um filho, então um herdeiro por Deus. (Gal. 4: 4-7)

A passagem também implica que aqueles que ainda estão fora de Cristo devem vir a ele para se tornarem seus filhos adotivos.

---

1 RT França interpreta este episódio como terminando, não com um milagre, mas com um comentário irônico de Jesus (RT França, The Gospel of Matthew [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007], 667, 671). A França acredita que o comentário de Jesus não pretende ser tomado como uma instrução literal a Pedro, mas sim como um comentário sobre a falta de recursos na banda apostólica. Portanto, em sua opinião, Pedro nunca saiu e encontrou um peixe com uma moeda na boca. Esta visão está correta?

Em apoio a sua opinião, a França aponta que existem antigas histórias populares sobre como encontrar algo valioso em um peixe. Mas a existência de tais histórias pouco diz sobre se a história de Mateus pretende ser uma espécie de alusão fictícia a essas histórias ou se é um análogo da vida real a elas. Mesmo histórias fictícias ou exageradas podem incorporar sonhos que expressam anseios por soluções redentoras para nossas dificuldades. Contra esses sonhos, Jesus traz a verdadeira redenção. Então, acho que temos aqui um verdadeiro milagre. Deve-se notar também que Mateus não fala sobre o milagre real, mas interrompe a narrativa logo após o discurso de Jesus a Pedro. Ao fazer isso, a narrativa mantém o foco na questão teológica do status dos filhos, ao invés do próprio milagre.

34

Muitas curas (Mateus 19: 2)

Mateus 19: 1-2 oferece um resumo e uma transição que menciona mais casos de cura:

> Agora que Jesus terminou essas palavras, ele saiu da Galiléia e entrou na região da Judéia além do Jordão. E grandes multidões o seguiram, e ele os curou ali.

O significado da cura

Este resumo, como os resumos anteriores em Mateus, descreve o caráter do ministério de Jesus no reino de Deus. Seu ministério incluiu ensino e obras milagrosas. Ambos contribuíram para uma imagem total. A obra salvífica de Deus profetizada no Antigo Testamento estava agora se desdobrando e chegando ao clímax na obra de Jesus. E a obra de Jesus estava levando à sua crucificação e ressurreição.

O que observamos sobre as passagens de resumo anteriores em Mateus se aplica aqui (ver capítulo 11 [Mt 4: 23-25]; capítulo 14 [Mt 8: 14-17]; capítulo 21 [Mt 9: 35-38] ; capítulo 23 [Mat. 12: 15-21]; capítulo 27 [Mat. 14: 34-36]; capítulo 29 [Mat. 15: 29-31]). Jesus estava a caminho de Jerusalém e seus dias finais. Portanto, um resumo final do escopo maior de seu trabalho é apropriado neste ponto da narrativa de Mateus.

(Para um resumo usando o triângulo de Clowney, vejaFIG. 11,1 no capítulo 11.)

35

Dois cegos em Jericó (Mateus 20: 29-34)

Jesus curou dois cegos em Jericó:

> E quando eles saíram de Jericó, uma grande multidão o seguiu. E eis que havia dois cegos sentados à beira da estrada, e quando ouviram que Jesus estava passando, gritaram: "Senhor, tem misericórdia de nós, Filho de Davi!" A multidão os repreendeu, dizendo-lhes que se calassem, mas eles clamaram ainda mais: "Senhor, tem misericórdia de nós, Filho de Davi!" E parando, Jesus os chamou e disse: “O que vocês querem que eu faça por vocês?” Disseram-lhe: “Senhor, que nossos olhos se abram”. E Jesus, com pena, tocou seus olhos, e imediatamente eles recuperaram a visão e o seguiram. (Mat. 20: 29-34)

O significado da cura

Essa história de cura é semelhante à cura anterior de dois cegos em Mateus 9: 27-31 (ver capítulo 19). Como no episódio anterior, os cegos chamaram Jesus de “Filho de Davi” (20:30, 31), destacando assim seu status messiânico. Essa cura em Jericó é seguida imediatamente pela entrada triunfal (Mt 21: 1-11), que Mateus vincula explicitamente ao cumprimento messiânico de Zacarias 9: 9 (Mt 21: 4-5). A multidão saudou Jesus com o grito: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!" (Mat. 21: 9). Como o milagre anterior de curar dois cegos, este exemplo de cura significa a restauração não apenas da visão física, mas também da visão espiritual. A visão espiritual resulta no reconhecimento de Jesus como o Messias.

Apropriadamente, os dois cegos que foram curados “o seguiram” (Mt 20:34). Mateus não diz explicitamente que os dois homens o seguiram por todo o caminho de Jericó a Betfagé e Jerusalém. Mas, tematicamente, sua resposta a Jesus está ligada ao acolhimento das multidões. Tanto os cegos quanto as multidões reconheceram que Jesus era “o Filho de Davi”. Porém, no caso das multidões, temos que dizer que seu “reconhecimento” foi parcial e inconstante. Eles compreenderam a verdadeira natureza da obra messiânica de Jesus ainda menos do que os doze apóstolos.

Por que Mateus registra dois casos separados de cura de dois cegos, quando os dois milagres têm quase o mesmo significado? O efeito de ter dois episódios com tantas semelhanças é como o efeito de dois milagres de multiplicação de pães e peixes, um com 5.000 homens e o outro com 4.000 (Mt 14: 13-21 e 15: 32-39; ver também capítulos 25 e 30). A reiteração reforça o ponto. No caso dos dois cegos, a cura em Jericó aconteceu quando Jesus estava em sua viagem final a Jerusalém. É apropriado que tenhamos um milagre final com significado messiânico e com significado para a visão espiritual pouco antes da entrada triunfal, e pouco antes de Jesus passar pelos eventos de significado messiânico culminante, na cruz e na ressurreição.

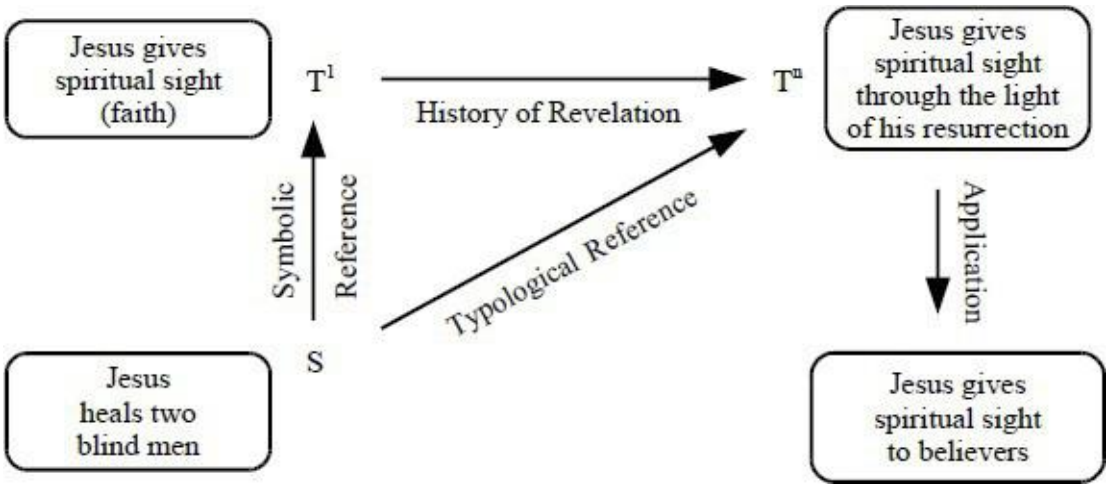
> Como de costume, podemos aplicar a passagem às nossas vidas. Recebemos visão espiritual quando Jesus

nos dá visão por meio do Espírito Santo.

Resumo usando o triângulo de Clowney

O resumo usando o triângulo de Clowney é essencialmente o mesmo da instância anterior de cura de dois cegos (FIG. 35,1)

Fig. 35.1: Triângulo de Clowney para os dois cegos em Jericó



36

Amaldiçoando a figueira (Mateus 21: 18-22)

Uma figueira secou milagrosamente depois que Jesus a amaldiçoou:

> De manhã, ao regressar à cidade, sentiu fome. E vendo uma figueira à beira do caminho, ele foi até ela e não encontrou nada nela, apenas folhas. E ele disse a ela: "Que nenhum fruto saia de você novamente!" E a figueira secou imediatamente.
>
> Quando os discípulos viram isso, ficaram maravilhados, dizendo: “Como a figueira secou imediatamente?” E Jesus respondeu-lhes: “Em verdade vos digo, se tendes fé e não duvidais, não farás apenas o que foi feito à figueira, mas até mesmo se vós
> diga a esta montanha: 'Seja levantado e lançado ao mar', isso acontecerá. E tudo o que você pedir em oração, você receberá, se tiver fé. ” (Mat. 21: 18-22)

Este milagre foi difícil para alguns leitores. A primeira dificuldade reside na relação de Mateus com Marcos. Marcos registra os mesmos eventos de uma maneira um tanto diferente (Marcos 11: 12-14, 20-25). Em comparação com Marcos, Mateus optou por fornecer um relato compactado. Para uma discussão sobre a harmonia entre os relatos, em meio às diferenças, pode-se ver meu Inerrância e os Evangelhos.[1]

Uma segunda dificuldade surge porque parece a alguns leitores que Jesus foi excessivamente severo com a figueira. A figueira era apenas uma árvore, não uma pessoa. Por que ele o amaldiçoou?

Devemos entender que o que temos aqui é uma ação profética, como uma parábola encenada. O episódio com a figueira fica bem próximo ao episódio em que Jesus purificou o templo (Mt 21: 12-17). Jesus purificou o templo porque os comerciantes o corromperam (vv. 12-13). Israel como nação foi “plantado” por Deus na terra da Palestina para que desse frutos em boas obras. A parábola de Isaías da vinha (Is 5: 1-7) e a parábola de Ezequiel da videira (Ezequiel 19: 10-14) estabeleceram paralelos entre Israel e a produção de frutos. A necessidade de limpar o templo era um sintoma do fato de que, no tempo de Jesus, Israel como uma nação corporativa não estava produzindo os frutos espirituais adequados.

O paralelo entre Israel e esta figueira infrutífera é mais notável por causa de uma característica particular das figueiras. Caracteristicamente, as folhas e os frutos de uma figueira crescem juntos. De longe, Jesus viu que a figueira tinha folhas. As folhas pareciam prometer que também daria frutos. Mas isso não aconteceu. Da mesma forma, o status de Israel como o povo de Deus do Antigo Testamento, junto com o cuidado que Deus tinha dispensado a ela, parecia prometer que Israel, acima de qualquer outra nação, mostraria frutos em justiça. Mas uma inspeção cuidadosa mostrou que ela não cumpriu sua promessa.

Na verdade, a questão é mais sutil. Nem todos dentro de Israel estavam igualmente sob julgamento. O problema com a figueira não era apenas que ela não tinha frutos, mas que sua exibição de folhas parecia prometer frutos. A figueira é, portanto, um símbolo da

hipocrisia humana. Portanto, a parábola encenada de Jesus combina com sua crítica aos líderes religiosos de Israel. Isto

serve de advertência a todos os que professam religião, mas não produzem frutos.[2]

Por causa dos paralelos aqui, podemos ver que a ação de Jesus em relação à figueira tinha uma mensagem para Israel. Não se tratava apenas de ficar frustrado por causa de uma figueira. A ação de Jesus, como observamos, foi uma ação profética, alertando sobre a maldição de Deus que cairia sobre os israelitas, a menos que se arrependessem e dessem frutos. Esta mensagem de advertência e chamada ao arrependimento começou até mesmo com João Batista:

> Mas quando ele viu muitos dos fariseus e saduceus vindo para o seu batismo, disse-lhes: “Raça de víboras! Quem o avisou para fugir da ira que está por vir? Frutifique em manter o arrependimento. E não ouse dizer a si mesmo: 'Nosso pai é Abraão', pois eu lhes digo que Deus pode, dessas pedras, suscitar filhos para Abraão. Mesmo agora, o machado está colocado na raiz das árvores. Toda árvore, portanto, que não dá bons frutos, é cortada e lançada no fogo. (Mat. 3: 7-10)

O significado de amaldiçoar a figueira

Então, qual é o significado deste milagre de Jesus? Simboliza um aviso a todos em Israel de que devem dar frutos. Especialmente, focalizou os líderes dos judeus. Se não se arrependessem, murchariam, seriam cortados e lançados no fogo.

Essa é a natureza do reino de Deus. Deus vem para trazer a salvação. Mas acompanhando sua salvação está a purificação e o julgamento de todos os que se opõem a ele e à sua justiça. Era tentador para os judeus individualmente e especialmente para os líderes tentarem confiar em sua posição privilegiada como descendentes de Abraão. Assim, João Batista advertiu: “E não ouseis dizer a vós mesmos: 'Abraão é nosso pai', pois eu vos digo que, destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3: 9). .

A advertência do julgamento contra os líderes judeus atingiu seu clímax com a crucificação e a ressurreição. Os líderes judeus trabalharam ativamente para realizar a crucificação de Jesus. E nisso eles estavam agindo como arquiinimigos de Deus, trazendo um julgamento sobre si mesmos que finalmente ocorreu visivelmente na queda de Jerusalém em 70 DC. Ao mesmo tempo, o desafio chega a cada judeu: o que você fará com Jesus ? De quem é ele filho? Qual é o significado de sua crucificação? Foi apenas a morte de mais um criminoso em desgraça? Ou foi a execução do plano de Deus para salvar:

> Este Jesus, entregue de acordo com o plano definido e presciência de Deus, você crucificou e matou pelas mãos de homens sem lei. Deus o ressuscitou, perdendo as dores da morte, porque não era possível para ele ser sustentado por ela. (Atos 2: 23-24)

O próprio Jesus suportou a maldição que deveria cair sobre os pecadores. Ele foi abandonado por Deus para que Deus não trouxesse o abandono sobre nós: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mat. 27:46). Ele deu a sua vida em resgate, a fim de que muitos fossem resgatados: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20:28). Os judeus e gentios que reconhecem o significado salvífico da crucificação confiam em Jesus e dão frutos. O resto não, e como resultado

suas vidas murcham. Eles permanecem desligados da fonte da vida eterna em Cristo.

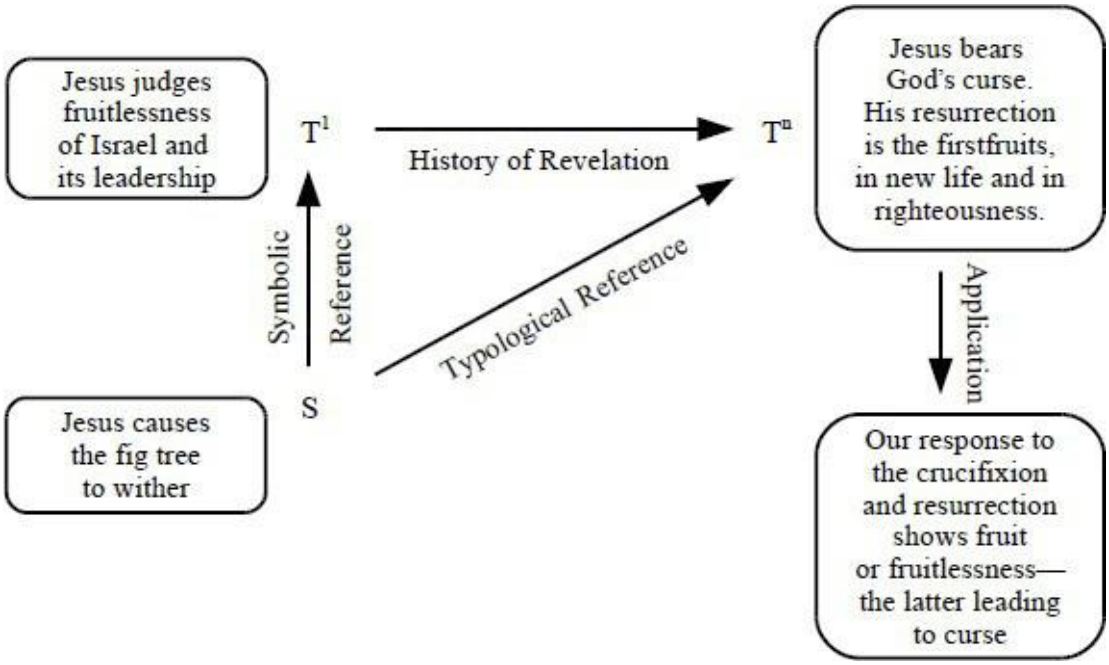
Formulários

A advertência sobre a infrutífera se aplica aos ouvintes hoje. Nossa resposta à mensagem da crucificação e ressurreição de Cristo envolve fé ou descrença. Acreditar em Cristo leva a frutos. A descrença leva à infrutífera e maldição.

Resumo usando o triângulo de Clowney

Oferecemos um resumo do significado da figueira usando o triângulo de Clowney (FIG. 36,1)

Fig. 36.1: Triângulo de Clowney para a maldição da figueira



---

[1] Vern S. Poythress, Inerrância e os Evangelhos: Uma Abordagem Centrada em Deus para os Desafios da Harmonização
(Wheaton, IL: Crossway, 2012), capítulo 20.

[2] DA Carson, "Matthew", em Expositor's Bible Commentary, rev. ed., ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 9 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), 502-503.

Parte IV

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO E SUA APLICAÇÃO

37

A ressurreição de Jesus (Mateus 28: 1-10)

O milagre culminante do livro de Mateus consiste na ressurreição de Jesus. Foi anunciado pelos anjos e confirmado pela aparição do próprio Jesus:

> Já depois do sábado, próximo ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. E eis que houve um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu, veio e rolou a pedra e sentou-se sobre ela. Sua aparência era como um raio e suas roupas brancas como a neve. E por medo dele os guardas tremeram e ficaram como mortos. Mas o anjo disse às mulheres: “Não tenham medo, porque eu sei que buscais a Jesus que foi crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, como disse. Venha, veja o lugar onde ele se deitou. Então ide depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá você o verá. Veja, eu disse a você. ” Então eles partiram rapidamente do túmulo com medo e grande alegria, e correram para contar aos seus discípulos. E eis que Jesus encontrou-se com eles e disse: "Saudações!" E eles se aproximaram, seguraram seus pés e o adoraram. Então Jesus disse-lhes: “Não tenham medo; vá e diga aos meus irmãos para irem para a Galiléia, e lá eles me verão ”. (Mat. 28: 1-10)

A menção da Galiléia aponta para a reunião na Galiléia onde Jesus emitiu a Grande Comissão (Mt 28: 16-20). O milagre da ressurreição de Cristo tem uma relação estreita com a Grande Comissão. Isso leva à Grande Comissão, não apenas porque Jesus convocou seus discípulos para ir para a Galiléia, mas porque a Grande Comissão tem seu fundamento na autoridade universal de Jesus: “Toda autoridade nos céus e na terra me foi dada” (v. 18) Essa autoridade foi investida em Jesus em virtude de sua ressurreição (cf. Fp 2.9-11).

O Significado da Ressurreição

Então, qual é o significado da ressurreição? Os milagres precedentes no Evangelho de Mateus têm significado ao apontar adiante para a ressurreição de Cristo. A ressurreição de Cristo é a “pedra angular” para a qual eles apontam. Tem significado em si mesmo. Não é principalmente um indicador para outra coisa.

No entanto, mesmo a ressurreição de Cristo não está isolada do plano mais amplo de Deus para a história. Cristo foi ressuscitado não apenas como um benefício para o próprio Cristo em sua natureza humana, mas como um benefício para todos aqueles que pertencem a ele, aqueles que estão "em Cristo". Romanos 6 e Colossenses 3: 1-4 indicam como os cristãos recebem uma nova vida, vida de ressurreição, de Cristo:

> Você não sabe que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados em sua morte? Fomos sepultados, portanto, com ele pelo batismo na morte, a fim de que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, nós

também pode andar em novidade de vida.

Pois se nos unimos a ele em uma morte como a dele, certamente seremos unido a ele em uma ressurreição como a dele Agora, se morremos com Cristo, nós acredite que nós também viveremos com ele Portanto, você também deve se considerar morto para o pecado e vivo para Deus em Cristo Jesus Não apresente seus membros para pecado como instrumentos de injustiça, mas apresentai-vos a Deus como aqueles que foram trazidos da morte para a vida, e seus membros a Deus como instrumentos de retidão. (Rom. 6: 3-5, 8, 11, 13)

Então, se você foi ressuscitado com Cristo, busque as coisas que são de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus. Concentre-se nas coisas que estão acima, não nas coisas que estão na terra. Pois você morreu, e sua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a sua vida, aparecer, você também aparecerá com ele na glória. (Colossenses 3: 1-4)

A ressurreição de Cristo também foi o início de um mundo totalmente novo. Cristo em seu corpo ressuscitado pertence a toda uma ordem de existência permanentemente livre do poder da morte: “Nós sabemos que Cristo, sendo ressuscitado dentre os mortos, nunca mais morrerá; a morte não tem mais domínio sobre ele. Pela morte que ele morreu, ele morreu para o pecado, uma vez por todas, mas a vida que ele vive, ele vive para Deus ”(Rom. 6: 9-10). Seu corpo físico é, portanto, a primeira parte de um mundo totalmente novo. Em sua ressurreição, ele mesmo inaugurou o novo céu e a nova terra.

Quando todo o novo céu e nova terra vierem, conforme descrito em Apocalipse 21: 1-22: 5, o novo mundo participará da “liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rom. 8:21). O padrão para sua liberação é a liberdade dos filhos de Deus. E sua liberdade vem de acordo com o padrão estabelecido pela ressurreição de Cristo. Assim, a ressurreição de Cristo é a peça central e o fundamento para a ressurreição dos corpos dos crentes (1 Coríntios 15: 44-49) e a renovação de toda a ordem da criação. É o próprio fulcro da história.

O Velho Testamento antecipa e prenuncia a ressurreição de Cristo. Por exemplo, podemos pensar em Enoque, que foi arrebatado a Deus sem passar pela morte (Gn 5:24). Ou considere Noah. Noé e sua família atravessaram as águas do dilúvio e entraram em um novo mundo, purificados da maldade. José foi para a prisão, uma espécie de morte em vida, e então foi resgatado e exaltado de acordo com o plano de Deus. Os israelitas ganharam uma nova vida quando saíram da escravidão no Egito. Na travessia do Mar Vermelho eles desceram, simbolicamente falando, nas águas da morte e subiram do outro lado, entrando em uma nova vida. O Novo Testamento torna explícito um tipo de analogia entre a travessia do Mar Vermelho e a redenção cristã quando fala sobre os israelitas serem "batizados em Moisés na nuvem e no mar" (1 Cor. 10:

A viúva do filho de Sarepta foi trazida de volta à vida por Elias (1 Reis 17: 17-24), e o filho da Sunamita por Eliseu (2 Reis 4: 32-37). Daniel foi levantado da cova dos leões (Dan. 6:23). Jonas surgiu das profundezas do mar, que simbolizava a morte (Jonas 2: 6, 10). Em seu próprio ministério terreno, Jesus criou a filha de Jairo e

Lazarus.

Todos esses episódios mostram Deus dando nova vida de uma forma ou de outra. Mas eles ainda são preliminares. A transição para a existência permanentemente livre da morte vem somente através do triunfo de Cristo sobre a morte:

> Visto que, portanto, os filhos compartilham da carne e do sangue, ele mesmo também participou das mesmas coisas, para que pela morte ele pudesse destruir aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertar todos aqueles que pelo medo da morte foram sujeito à escravidão vitalícia. (Heb. 2: 14-15)
>
> Não temas, eu sou o primeiro e o último, e o vivente. Eu morri e eis que estou vivo para sempre e tenho as chaves da Morte e do Hades. (Rev. 1: 17-18)

Nós, que pertencemos a Cristo, vivemos mesmo agora com a vida eterna que ele nos deu por meio da habitação do Espírito Santo. Esperamos a conclusão de seu triunfo sobre a morte quando a morte for tragada para sempre:

Ele engolirá a morte para sempre;

e o Senhor DEUS enxugará as lágrimas de todos os rostos,

e o opróbrio do seu povo ele tirará de toda a terra, porque o Senhor

falou. (Isa. 25: 8)

> E ouvi uma voz alta do trono, que dizia: “Eis que a morada de Deus é com o homem. Ele habitará com eles, e eles serão seu povo, e o próprio Deus estará com eles como seu Deus. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem haverá mais luto, nem pranto, nem dor mais, porque as coisas anteriores já passaram ”. (Rev. 21: 3-4)
>
> Aquele que dá testemunho dessas coisas diz: “Certamente voltarei em breve”. Um homem. Venha, Senhor Jesus! (Rev. 22:20)

A Grande Comissão

Como já observamos, na narrativa de Mateus a ressurreição leva à Grande Comissão, dada em Mateus 28: 18-20. A Grande Comissão começa com um anúncio da autoridade universal de Jesus: “toda autoridade nos céus e na terra me foi dada” (v. 18). O fato de Jesus ter recebido autoridade é uma implicação de sua ressurreição, e a ressurreição é uma demonstração da filiação de Cristo. O batismo, de acordo com Mateus 28:19, é “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A inclusão do Filho junto com o Pai e o Espírito pressupõe a divindade do Filho. A fórmula do batismo resume em uma forma abreviada a doutrina da Trindade, como seria mais tarde elaborada explicitamente no curso da reflexão teológica na igreja. Jesus é Deus e também Filho do Homem exaltado.

A redenção de Cristo agora precisa se estender por todo o mundo, à medida que as pessoas ouvem o evangelho, crêem, recebem o batismo e crescem como discípulos.

A Destruição da Cortina do Templo e a Ressurreição dos Santos Mortos

Vejamos também brevemente os milagres registrados em Mateus 27: 51-53. Eles ressaltam ainda mais o significado da ressurreição de Jesus. Existem três milagres em um agrupamento. No primeiro milagre, “a cortina do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo” (v. 51). A referência é provavelmente à cortina interna do templo, a cortina que separava o Lugar Santíssimo do Lugar Santo. Essa cortina significava que o caminho para a presença mais íntima de Deus estava bloqueado ao acesso humano (Hb 9: 8). Deus é santo, enquanto o povo é profano. Portanto, eles não podem entrar na presença de Deus (cf. Is 6: 5). De acordo com a lei de Moisés, até mesmo o sumo sacerdote, que é consagrado e santo em um nível simbólico, pode entrar no Lugar Santíssimo apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação, levando consigo o sangue da expiação (Levítico 16 ; Hb 9: 7).

Assim, a abertura da cortina indica que Cristo abriu o caminho para a presença de Deus. Ele abre o caminho para a presença de Deus no céu, não apenas o Lugar Santíssimo na terra, que é um símbolo de sua presença na terra (Hb 10:20). O fato de que a abertura começa de cima, e não de baixo, indica que a abertura é realizada por Deus, não pelo homem.

O segundo milagre contido no agrupamento em Mateus 27: 51-53 consiste no terremoto e na fenda das rochas: “E tremeu a terra, e as rochas se fenderam” (v. 51). O terremoto foi uma manifestação do poder de Deus, uma reminiscência do tremor da terra quando Deus apareceu no Monte Sinai (Êxodo 19:18). Essa exibição de poder ressalta o poder envolvido na morte e ressurreição de Cristo.

O terceiro milagre consiste em ressuscitar os santos mortos: “Os túmulos também foram abertos. E muitos corpos dos santos que haviam adormecido foram levantados e, saindo dos túmulos depois de sua ressurreição, foram para a cidade santa e apareceram a muitos ”(vv. 52-53). Observe que as aparições ocorreram "depois de sua ressurreição". A ressurreição de alguns dos santos ressalta o fato de que a ressurreição de Cristo tem significado não apenas para ele pessoalmente, mas para todos os santos. A ressurreição deles é garantida por ele. Sabemos por outras partes da Bíblia que a ressurreição mundial dos santos ocorre quando Cristo retorna (1 Tessalonicenses 4: 13-18; veja também 1 Coríntios 15:23). Mas Mateus 27: 52-53 indica que um grupo menor de santos foi ressuscitado em um ponto anterior. Este evento retrata em pequena escala o que acontecerá na segunda vinda.

38

Aplicações para necessidades particulares

A ressurreição de Cristo foi um evento único que ocorreu em uma época particular no primeiro século DC, em um lugar particular, o túmulo de José de Arimatéia. É um evento irrepetível. Ao mesmo tempo, é um acontecimento com relevância universal, porque constitui o fundamento para a transformação espiritual de todas as pessoas em união com Cristo. Essa transformação ocorre de uma vez por todas no momento do arrependimento inicial e da conversão a Cristo por meio do Espírito Santo. Mas a transformação contínua também ocorre, dia a dia (Rom. 12: 1-2). E no momento da segunda vinda, a ressurreição de Cristo resulta na ressurreição física e corporal dos crentes, e sua entrada em um novo céu e uma nova terra que segue o padrão da ressurreição de Cristo (Rom. 8: 18-25).

Relevância universal dos milagres

Ao longo deste livro, enfatizamos que os milagres de Jesus são sinais de redenção; e essa redenção atingiu o clímax na ressurreição de Jesus. Visto que a ressurreição tem relevância universal, os milagres como sinais também têm relevância universal, por causa de seu vínculo com a ressurreição. As histórias de milagres têm aplicações nesta era do evangelho e, além disso, na ressurreição final do corpo e na vinda de um novo céu e nova terra. Por razões semelhantes, o mesmo também pode ser dito a respeito dos milagres e tipos no Antigo Testamento.

Relevância para as lutas humanas

Por implicação, os milagres têm relevância para situações particulares que surgem na vida das pessoas. No capítulo 8, consideramos Joe, que está entediado em lavar pratos. Da mesma forma, Sue está disciplinando seu filho; Dave está deprimido com o fracasso; e Jane está exultante com o romance. Os milagres de Jesus são relevantes para cada uma dessas situações.

Para uma pessoa que está lutando, um milagre às vezes pode falar mais vividamente do que outro. Por exemplo, o milagre em Caná da Galiléia aconteceu em um casamento e prenuncia a festa na ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19: 9). Por causa do tema do casamento, é possível que ele fale mais vívida e vitalmente a Jane, que está cheia de interesse em um possível romance em desenvolvimento. Isso pode lembrá-la de que os desejos de prazeres terrenos precisam ser colocados no contexto do plano de Deus, que inclui bênçãos terrenas, mas não termina com elas. O plano de Deus subordina os prazeres temporários ao prazer mais profundo da comunhão final com Deus, conforme representado na ceia das bodas do Cordeiro.

As histórias de milagres são pertinentes às pessoas em todas as circunstâncias, estejam elas exultantes, lutando ou angustiadas. Eles também são pertinentes para qualquer amigo que queira encorajar alguém em perigo e para conselheiros profissionais que têm muitas pessoas vindo até eles em perigo. Suponha que Holly esteja em perigo. Ela precisa de encorajamento da Bíblia sobre Deus e seus caminhos, e compreensão de como Deus trabalha com as pessoas em

sofrimento. As histórias da Bíblia complementam as passagens que ensinam explicitamente sobre o cuidado providencial de Deus.

Considere uma situação particular. Nancy descobre que não consegue livrar-se da sensação de estar "suja". Ela se sente suja porque foi vítima de abuso sexual. Ou talvez ela se sinta suja porque consentiu livremente em relações sexuais imorais. A história da cura do leproso em Mateus 8: 1-4 pode falar poderosamente com ela porque o leproso é uma pessoa socialmente "suja" (impura) pelos padrões da sociedade e, na verdade, pelos padrões do simbolismo no Lei mosaica. Nancy considera essa história de milagre em particular e pensa sobre as analogias entre ela e sua vida. E então ela pode passar do milagre particular para o milagre culminante da morte e ressurreição de Jesus. Nancy pode crescer ao ver a relevância da ressurreição de Jesus para sua situação. Nancy pode ser purificada ao se aproximar de Jesus. Segunda Coríntios 5: 17 diz: "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura". Nancy precisa reconhecer que Cristo caiu sob o pecado e a morte, por causa dela, e então ressurgiu na ressurreição para que ela pudesse viver uma nova vida, renovada dia a dia. O perdão do pecado e a cura da vitimização vêm de Jesus.

Considere outra situação. Mary está sofrendo com a notícia de que sua mãe está morrendo de câncer. Ela está preocupada com a pessoa que ama, não com ela mesma. O milagre da cura do servo do centurião ou da cura da sogra de Pedro é relevante para ela (Mt 8: 5-13, 14-17). A Bíblia indica que Deus nem sempre responde às nossas orações curando imediatamente (2 Coríntios 12: 9; 2 Timóteo 4:20). Mas a oração por cura é certamente legítima, e a convicção de que Deus pode curar por meio de Cristo é bem fundamentada. Como diz o centurião, "dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado" (Mt 8: 8). A cura vem imediatamente, ou mais tarde nesta vida, ou ainda mais tarde na ressurreição do corpo. Mary pode vir a ver a relevância de uma ou duas histórias de milagres para sua situação. Ela pode então ser capaz de se mover de lá para ver a relevância do grande milagre, ou seja, a ressurreição de Jesus. Ela também pode receber ajuda de passagens que falam sobre provações:

> Têm muita alegria, meus irmãos, quando enfrentam provações de vários tipos, pois sabem que a prova de sua fé produz perseverança. E deixe a constância ter seu efeito total, para que você seja perfeito e completo, sem falta de nada. (Tiago 1: 2-4)

Tammy está sobrecarregada com demandas e ocupações, nas quais ela diz que está "se afogando". Portanto, o milagre quando Jesus acalmou a tempestade (Mt 8: 23-27) é relevante para ela. Se ela perceber sua relevância, ela pode - assim como Nancy ou Maria - viajar do milagre de acalmar a tempestade ao milagre da ressurreição de Jesus.

Don sente que vai enlouquecer. As pressões sobre seu trabalho o levam a gritar. Ou talvez ele tenha pensamentos perturbadores, dizendo-lhe para cometer suicídio, ou ouça vozes dizendo-lhe para cometer crimes terríveis. Don veria uma analogia entre os endemoninhados Gadarenos e sua situação? Sua situação pode ser ruim e seus pensamentos podem ser aterrorizantes, mas ele ainda pode ser capaz de ver que ainda não entrou em uma vida tão terrível quanto a dos endemoninhados. Se Jesus pode libertar os endemoninhados, ele também pode libertar Don. Como de costume, o milagre de libertar os endemoninhados aponta para o maior milagre, o milagre da ressurreição de Jesus.

Esses exemplos específicos têm conexões com muitas passagens didáticas:

Nenhuma tentação se apoderou de você que não fosse comum ao homem. Deus é fiel e não permitirá que você seja tentado além de sua capacidade, mas com a tentação, ele também providenciará o meio de fuga, para que você seja capaz de suportá-la. (1 Cor. 10:13)

Posso todas as coisas naquele que me fortalece. (Fil. 4:13)

Portanto, submetam-se a Deus. Resista ao diabo e ele fugirá de você. (Tiago 4: 7)

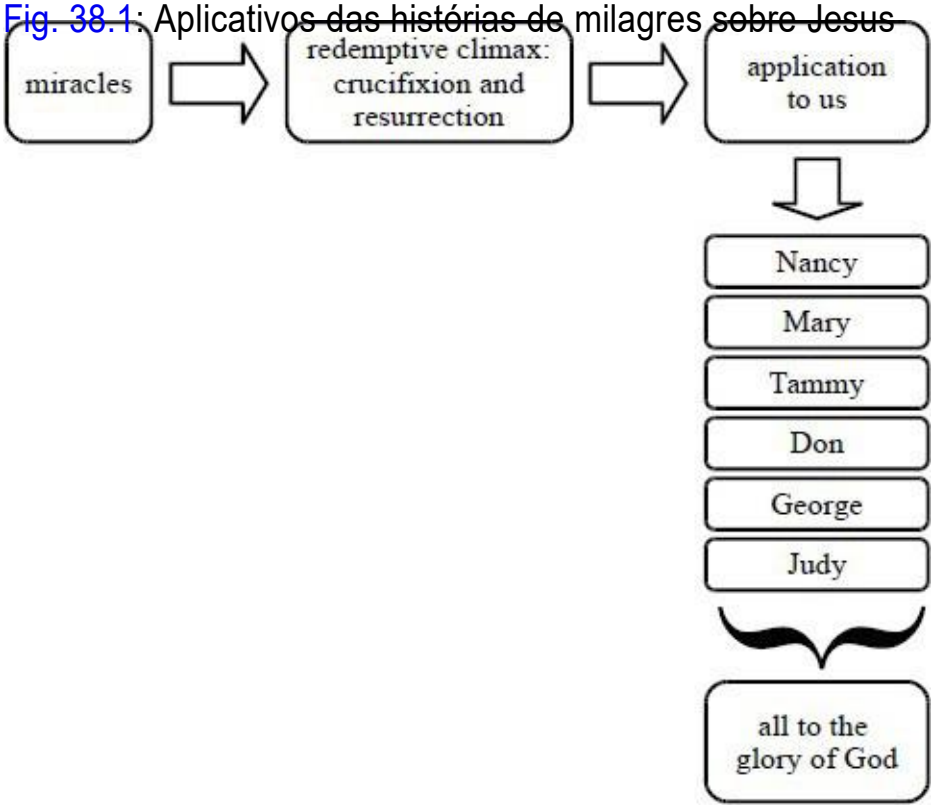
George fica paralisado de culpa. Ele não pode seguir em frente na vida. Portanto, considere como o milagre de curar o paralítico (Mt 9: 1-8) fala a ele. Cristo pode curar sua paralisia espiritual por meio de sua ressurreição: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rom. 8: 1).

Judy está profundamente deprimida. Ela caminha pelo dia como um zumbi, sentindo que todo o interesse pela vida se foi e ela está praticamente morta. Ela podia ver a relevância da história da ressurreição da filha de Jairo (Mat. 9: 18-26)? Ou considere a história da ressurreição de Lázaro (João 11: 1-44).

Por que você está abatida, ó minha alma,
e por que você está tumultuado dentro
de mim? Esperança em Deus; pois eu irei
elogiá-lo novamente, minha salvação e meu
Deus. (Salmos 42:11)

Esses exemplos da vida das pessoas ilustram como são abrangentes as aplicações que surgem das histórias de milagres sobre Jesus. (VerFIG. 38,1.)

Fig. 38.1: Aplicativos das histórias de milagres sobre Jesus



Sensibilidade e Seletividade

Se uma história da Bíblia não impressiona Judy, ainda é possível que

outra vontade. Os Evangelhos estão cheios de histórias de milagres. Ilustramos usando histórias de milagres de João e Mateus. Mas os mesmos princípios valem para Marcos e Lucas. E de uma maneira ainda mais ampla, o mesmo vale para tramas de redenção em toda a Bíblia. Todos eles têm o poder de falar com pessoas que se sentem angustiadas ou culpadas ou presas ou enfrentam a morte. A palavra de Deus tem poder divino. Mas também é verdade que o Espírito Santo deve trabalhar para trazer esse poder sobre aqueles que sofrem. Pessoas em sofrimento e aqueles que estão tentando encorajá-los devem orar para que o Espírito Santo lhes mostre uma história ou histórias através das quais o Espírito falará vívida e poderosamente, e trará nova vida em Cristo para aqueles que sofrem.

Nenhum ser humano tem o poder de mudar o coração. Só Deus o faz. Ele demonstrou esse poder nos milagres de Jesus. E ele continua a demonstrar esse poder ao aplicar a cura da morte e ressurreição de Jesus a todos os tipos de situações de pecado e necessidade humana. E uma das aplicações para nós é que podemos louvá-lo e glorificar seu nome:

> Que eles agradeçam ao Senhor por seu amor constante,
>
> por suas maravilhas para os filhos dos homens. (Salmos 107: 8, 15, 21, 31)

Conclusão

Completamos nossa jornada através dos milagres registrados no Evangelho de Mateus. Eles são de fato sinais de redenção. Eles mostram o poder de Deus, o poder do reino e o senhorio de Jesus, que é o rei do reino e o divino Filho de Deus. Mas, além disso, eles prenunciam a grande obra central de Jesus em sua crucificação, morte, ressurreição e ascensão. Ao apontar para Jesus, eles também proclamam o evangelho em seus vários aspectos.

Que os milagres sirvam, então, para mostrar o evangelho novamente em seu frescor. E que o Espírito Santo continue através da mensagem do evangelho para abrir os olhos que estão espiritualmente cegos e dar uma nova vida às pessoas que estão espiritualmente mortas. Que pessoas de todas as nações se tornem discípulos e se regozijem em Cristo e sua salvação.

A redenção de Cristo cumpriu tudo de que precisamos. E assim encontra aplicação não apenas em cada indivíduo no momento da conversão, mas também na vida diária. Que os milagres nos Evangelhos continuem a falar a pessoas como Joe, que fica entediado enquanto lava a louça, a pessoas como Sue que estão disciplinando seus filhos, a pessoas como Dave que estão deprimidas com o fracasso escolar e a pessoas como Jane que estão exultantes com antecipação do romance. Que os milagres falem àqueles em todo tipo de pecado, angústia e angústia - pessoas que precisam do plano de cura da redenção operando em suas próprias vidas, tanto na regeneração quanto na vida diária. Que as pessoas continuem a experimentar a redenção de Cristo operada em suas vidas. Que eles levantem a voz para louvar e glorificar a Deus, ao verem suas “maravilhas para com os filhos dos homens” (Salmos 107:

Deus planejou os milagres nos Evangelhos com esses propósitos em mente, bem como os propósitos mais óbvios - nos dizendo o que aconteceu, dizendo-nos que Jesus é o Messias e Salvador e confirmando as afirmações sobre Cristo com obras surpreendentes no tempo e no espaço .

Apêndice

Milagres em toda a Bíblia

Exploramos como os milagres registrados em João e em Mateus oferecem análogos aos atos culminantes da redenção na crucificação e ressurreição de Cristo. Se isso é verdade para os milagres em João e em Mateus, também é verdade para Marcos e Lucas? sim. Os mesmos tipos de raciocínio funcionam para todos os quatro Evangelhos. Como observado anteriormente, Richard Phillips escreveu um livro que aplica esses princípios ao Evangelho de Lucas.[1]

As analogias dentro dos Evangelhos

Podemos estender os mesmos princípios além dos limites dos quatro Evangelhos? Considere novamente a cura do leproso em Mateus 8: 1-4 (ver capítulo 12). Traçar uma linha que vai da cura do leproso à crucificação e ressurreição faz sentido em parte porque Mateus como um todo nos dá uma narrativa contínua que leva de um para o outro. Além disso, o tema da vinda do reino de Deus une todos os eventos que Mateus registra. Além disso, o próprio Jesus é o ator central tanto na cura do leproso quanto nos eventos finais da crucificação e ressurreição. Ele mesmo é o elo central que une os dois. As mesmas ligações estão presentes em Marcos e Lucas, de modo que podemos inferir que ali também os milagres funcionam como sinais de redenção, apontando para a cruz e a ressurreição.

Analogias em Atos

Os mesmos princípios podem ser aplicados no livro de Atos? Os milagres no livro de Atos acontecem pelo poder do Espírito Santo e acompanham a pregação do evangelho. Eles pressupõem o fato da ressurreição de Cristo, sua ascensão e o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. O evangelho que é proclamado em Atos é o evangelho que anuncia a morte e ressurreição de Cristo, em cumprimento às Escrituras do Antigo Testamento.

O evangelho no livro de Atos aponta fundamentalmente para trás, para os eventos de redenção que Cristo já realizou. Ao mesmo tempo, convida as pessoas a responderem com fé a Cristo, a responderem a quem ele é e ao que fez. Os milagres são atos redentores que vão ao lado do anúncio redentor do evangelho. Eles reforçam a mensagem do evangelho. Assim, embora venham depois da ressurreição de Cristo, e não antes, eles têm uma função semelhante aos milagres durante a vida terrena de Cristo. Eles testificam do reino de Deus e revelam a natureza desse reino. Eles são sinais de redenção. São imagens em miniatura, então, da redenção que Cristo traz por meio de sua ressurreição e da vinda do Espírito Santo.

Milagres no Antigo Testamento

Os milagres do Antigo Testamento funcionam como sinais de redenção? Nem sempre podemos achar que as conexões com Cristo são tão notáveis quanto com os milagres que o próprio Cristo realizou enquanto estava na terra. Mas a ideia de milagres prenunciando

a obra de Cristo ainda tem força.[2]

Um dos grupos de milagres mais notáveis do Antigo Testamento ocorre no êxodo do Egito. O êxodo inclui toda uma série de milagres: as dez pragas, a travessia do Mar Vermelho e o aparecimento de Deus no Monte Sinai. Juntos, esses milagres trouxeram a redenção do Egito. E a redenção do Egito é claramente um tipo ou prenúncio da redenção em Cristo. Por exemplo, 1 Coríntios 5: 7 aponta uma analogia entre a Páscoa na época do êxodo e Cristo "nosso Cordeiro pascal". Primeira Coríntios 10: 2 mostra uma analogia entre a travessia do Mar Vermelho e o batismo cristão. Hebreus 3: 1-6 aponta uma analogia entre Moisés e Cristo. Poderíamos citar muitas dessas passagens.

Da mesma forma, o dilúvio de Noé foi um milagre de julgamento e redenção. Os iníquos foram julgados e Noé e sua família foram salvos. Primeira Pedro 3: 20-21 faz uma analogia entre o dilúvio de Noé e a salvação cristã, simbolizada pelo batismo.

Além disso, nos capítulos anteriores apontamos algumas analogias entre os milagres de Cristo e os de Elias e Eliseu.

Não devemos nos surpreender com essas analogias, porque todo o Antigo Testamento aponta para Cristo, como o próprio Cristo indicou em Lucas 24: 25-27, 44-47. Os profetas como Moisés, Elias e Eliseu apontam para Cristo, o profeta final (Hb 1: 1-3). Nos Evangelhos, a expressão “o reino de Deus” ou “o reino dos céus” designa a obra salvadora de Deus durante o clímax da história, em cumprimento à profecia do Antigo Testamento. Mas, em um sentido mais amplo, Deus atuou como rei ao salvar as pessoas em todo o Antigo Testamento. Portanto, a expressão “reino de Deus” pode ser expandida para abranger as obras milagrosas de salvação no Antigo Testamento.

Em Lucas 24: 44-47, Cristo ensinou a seus discípulos que o Velho Testamento trata dele. Essa ideia não é uma invenção nova de Cristo. Em vez disso, Cristo estava dizendo que o Velho Testamento sempre foi sobre ele, mesmo antes do tempo em que ele veio ao mundo. Deus estava falando sobre redenção no Antigo Testamento. Deus deu ao povo exemplos de redenção, como a redenção do Egito. Esses atos de redenção anteciparam o ato final de redenção em Cristo. Deus pretendia desde o início que suas palavras e ações no Antigo Testamento demonstrassem graça, e essa graça sempre foi baseada na realização de Cristo, embora a realização em si - sua vida, morte e ressurreição - ainda estivesse no futuro durante o tempo de o antigo Testamento. Do começo, Deus planejou que o Velho Testamento tivesse significado em relação a Cristo que ainda estava por vir. Este princípio é ilustrado nas alianças do Antigo Testamento: Deus fez alianças com seu povo, e as alianças antecipam a nova aliança inaugurada por Cristo (Marcos 14:24; 1 Coríntios 11:25).[3]

Assim, o significado que Deus deu ao seu povo na época do Antigo Testamento tem uma coerência orgânica com o significado que podemos perceber agora. A comunicação de Deus era vagamente entendida no passado; nós entendemos isso mais claramente agora.

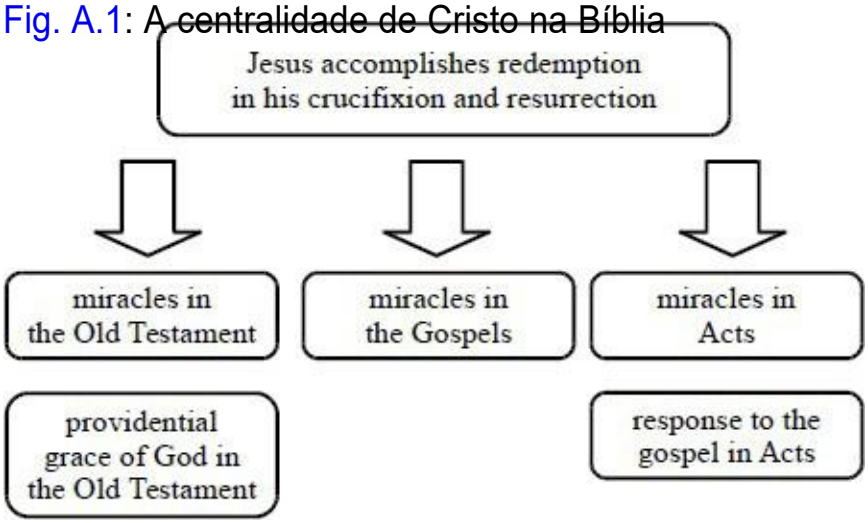
E por que nos limitarmos a obras milagrosas? Nas Escrituras, Deus opera por meios providenciais comuns, bem como em milagres. Sua providência ordinária é menos

espetacular, mas no final tão eficaz. Quando Saul estava perseguindo Davi para matá-lo, Davi foi libertado várias vezes. As circunstâncias conspiraram contra Saul, podemos dizer. Mas as circunstâncias estavam, é claro, sob o controle de Deus. Foi Deus quem libertou Davi. Perto do fim de sua vida, David reconheceu explicitamente isso: “Como o LORD vidas, que redimiu a minha alma de toda adversidade ... ”(1 Reis 1:29).

Ao falar de “todas as adversidades”, David estava se concentrando até certo ponto em várias adversidades físicas, não apenas em provações espirituais. Mas a libertação dessas adversidades físicas demonstrou o amor e cuidado de Deus por Davi. E o amor e cuidado de Deus se estendem a todos os aspectos da vida, não apenas ao lado físico. Nos Salmos de Davi, podemos ver como Deus cuidou das lutas emocionais e espirituais de Davi, não apenas de sua necessidade de libertação física. Em suma, os atos de libertação de Deus, sejam milagrosos ou providenciais, servem como sinais de redenção, e pequenos atos de redenção aguardam a redenção abrangente, que Deus realizou por meio de Cristo.

A Fig. A.1 resume a maneira pela qual a redenção em Cristo se relaciona com todo o restante da Bíblia.

Fig. A.1: A centralidade de Cristo na Bíblia



Tipos e tipologia

Em nosso exame dos milagres em João e Mateus, usamos repetidamente o triângulo de Clowney para avaliar o significado simbólico dos milagres. Mas Clowney originalmente produziu seu triângulo para expressar suas idéias sobre como interpretar os tipos do Antigo Testamento. Portanto, uma análise dos milagres do Antigo Testamento pode ocorrer usando as idéias resumidas no triângulo de Clowney e trazendo-as para o Antigo Testamento - o mesmo lugar onde Clowney originalmente pretendia que o triângulo fosse usado. Na parte principal deste livro, retiramos o triângulo de seu uso original no Antigo Testamento, a fim de aplicá-lo aos milagres nos Evangelhos. Em seguida, expandimos para milagres em Atos. E em nossas reflexões agora, nós o "puxamos de volta" para a região do Antigo Testamento para a qual Clowney o projetou originalmente.

Anseios por redenção

Mesmo as pessoas que não leram a Bíblia não podem escapar de Deus. De acordo com Romanos 1: 18-

23 eles conhecem a Deus. Mas esse tipo de conhecimento inevitável não os salva. Em vez disso,

os condena. Apesar de conhecerem a Deus, fogem dele e adoram ídolos, que são substitutos de Deus.

As pessoas também percebem o fato de que o mundo como um todo e suas próprias vidas em particular não são como deveriam ser. Eles têm desejos de redenção. Então, eles admiram os heróis de sua história. Ou inventam histórias de ficção com figuras de heróis que redimem os outros da opressão. Essas histórias fora da Bíblia não têm nenhuma autoridade especial. Apenas as histórias da Bíblia têm autorização divina. Sua inclusão no cânon das Escrituras implica que eles têm um papel definido na história geral da redenção, levando da criação à queda, à redenção em Cristo e à consumação no novo céu e nova terra.

Em contraste, as histórias de heróis fora da Bíblia têm origem humana. Mas mesmo essas histórias mostram um pouco do padrão de redenção, porque o anseio humano por redenção não pode ser completamente suprimido. As histórias podem ser distorcidas por idéias e esperanças religiosas falsas e falsas. E ainda assim, alguma semelhança com a história real em Cristo ainda pode ser encontrada. Essas histórias podem, portanto, servir como pontos de contato para levantar questões e estimular a discussão com não-cristãos. As histórias levantam a questão sobre como a realidade redentora pode ser encontrada. Sabemos pelas Escrituras que deve ser encontrado em Cristo.[4]

Heróis

Por exemplo, o Superman é uma espécie de figura de Cristo? Nem tudo corresponde, porque Superman apenas parece ser humano - Cristo é realmente humano. Mas Superman vem de outro mundo e tem poderes milagrosos.

ET é uma figura de Cristo? Obi-Wan Kenobi do Star Wars é fama? Nenhuma das figuras heróicas da ficção ou não ficção oferece uma analogia completa. Mas podemos nos perguntar por que as pessoas são atraídas por figuras de heróis e por que desejam ver filmes com tramas redentoras. Seu desejo levanta a questão; A obra de Cristo oferece a resposta fundamental.

Pequenos planos redentores

Sabemos que a redenção que Cristo alcançou é abrangente. Em seus efeitos, estende-se a todas as doenças e necessidades humanas e a todos os pecados humanos - até a própria morte. E também serve como base para a renovação do próprio cosmos (Rom. 8: 19-21). Se seus efeitos se estendem tão ampla e profundamente, eles se estendem a cada vida cristã individual e a cada instituição humana. No capítulo 8, examinamos aplicações específicas, para Joe, que fica entediado em lavar pratos, para Sue, que precisa disciplinar o filho, para Dave, que foi reprovado no teste de química, e para Jane, que espera embarcar em um romance emocionante. A particularidade destes casos, e muitos mais que experimentamos ou poderíamos imaginar, ilustram a atualidade de Cristo e o que ele realizou.

Esses casos e outros também ilustram a relevância e a difusão das tramas redentoras. Cristo atua por meio do Espírito Santo na vida de Joe e na de Sue. À medida que Joe leva a sério o que Cristo fez, Cristo trabalha para levar Joe além de seu tédio. Joe começa a encontrar significado em servir a Cristo enquanto lava pratos. Enquanto Cristo trabalha na vida de Sue, ela pode experimentar a vitória em sua luta contra a raiva egoísta e a preguiça. Ela

passa do sofrimento e luta para uma resolução parcial. Sue encontra força espiritual em Cristo para

arrependa-se dos motivos maus e egoístas e prossiga com a disciplina piedosa. Seu filho, Tim, pode crescer na graça se experimentar não apenas arrependimento pelas consequências de seu pecado, mas também o perdão em Cristo que leva à gratidão e ao desejo genuíno de servir a Deus no futuro. A obediência sob prova leva à recompensa. Essa sequência é um exemplo de uma trama redentora, falando de maneira geral. Deus promete uma recompensa aos seus santos: “do Senhor recebereis a herança como galardão” (Colossenses 3:24).

Mas precisamos de distinções: há uma distinção entre obediência santificada e obediência legalista. A obediência legalista por orgulho e desejo egoísta de recompensa temporal pode às vezes levar a uma recompensa temporária. Mas os motivos subjacentes são distorcidos. Mesmo na forma distorcida, no entanto, eles ainda refletem a trama original não distorcida. A obediência legalista não seria atraente, a menos que falsificasse o verdadeiro serviço a Deus em Cristo.

Também precisamos reconhecer que tanto os fracassos quanto os sucessos nos acontecem nesta vida. Podemos falhar repetidamente em seguir o caminho de Deus. Para essa falha, a resposta é o perdão, obtido com base na obediência de Cristo. O perdão pela desobediência não é uma forma tão excelente quanto uma recompensa pela obediência genuína. Mas ainda nos oferece uma forma de trama redentora.

Finalmente, precisamos reconhecer as tramas trágicas e descendentes que acontecem na vida humana - nossa própria vida e a vida de outras pessoas. A desobediência e a loucura levam a desastres. Estou usando o rótulo de “enredo trágico” amplamente para qualquer experiência humana que termina em um aparente desastre. Há muitos desastres. Parte disso chega à pessoa como consequência imediata de seu próprio pecado. Algumas delas chegam às vítimas porque outras pessoas pecam contra elas. Parte disso vem porque vivemos em um mundo decaído, afetado de maneiras misteriosas e indetectáveis pela queda de Adão. Para aqueles que pertencem a Cristo, até mesmo o sofrimento tem um significado positivo no final. Somos chamados a “compartilhar seus sofrimentos” (Fp 3:10). Não sabemos o significado de cada evento e às vezes podemos estar em agonia como Jó. No entanto, permanece verdadeiro, mesmo quando não podemos ver,

O poder da redenção de Cristo chega aos cristãos em seu sofrimento, mesmo quando eles não conseguem entender e quando não conseguem ver como. Para os cristãos, o sofrimento leva no final à glória, assim como aconteceu na vida, morte e ressurreição de Cristo. Portanto, cada um de nós que pertence a Cristo está constantemente vivendo tramas de redenção, alguns aparentemente muito pequenos, outros maiores.

O Enredo Julgador

E não cristãos? Eles recebem sol e chuva e outros benefícios da graça comum: Pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e manda chuva sobre justos e no injusto. (Mat. 5:45)

> Pois ele fez o bem, dando-vos chuvas do céu e épocas frutíferas, satisfazendo os vossos corações com comida e alegria. (Atos 14:17)

Os não-cristãos experimentam formas obscuras de tramas redentoras quando recebem a graça comum. Mas a presença da graça comum não significa que eles sejam salvos. Se eles

permanecem em seu estado perdido, o enredo geral de suas vidas é trágico no final. Uma trama anti-redentora existe, como se fosse a imagem espelhada da trama redentora. É a trama que vemos em Adão e sua desobediência.

A situação de bênção no jardim do Éden foi perturbada pelo pecado de Adão. E então a perturbação se espalhou como um câncer até resultar em morte. Essa sequência fundamental com Adão afetou todos os seus descendentes. Todos estão sujeitos à morte (Gênesis 5). Todos eles experimentam em suas próprias vidas a contínua tragédia do pecado. A existência da trama anti-redentora é a razão pela qual Deus enviou Cristo ao mundo. Sua redenção é a única maneira de desfazer a anti-redenção do pecado.

Usando analogias com o enredo da redenção

Assim, devemos reconhecer analogias entre o significado central da redenção em Cristo e as experiências particulares de redenção em nossas vidas. Devemos reconhecer também a existência de histórias trágicas, com finais destrutivos. Ao reconhecermos essas analogias, somos mais capazes de viver uma vida em união com Cristo, que é nosso Redentor. Apreciamos melhor como nossas vidas devem confiar em sua vitória e ser energizadas por sua presença.

O reconhecimento de analogias não coloca nossas próprias experiências no mesmo nível das Escrituras. A obra de Cristo é única e é o fundamento para toda aplicação de redenção ao longo da história. A Escritura é única, porque é a própria palavra de Deus. Na Escritura, e não em outro lugar, recebemos uma explicação e interpretação divinamente autorizadas do significado da redenção.

Precisamente quando entendemos a singularidade da obra de Cristo e a singularidade das Escrituras, também podemos começar a compreender a relevância da obra de Cristo para nossas vidas e as implicações das Escrituras para nossas vidas. A obra de Cristo e as Escrituras são extremamente relevantes precisamente porque são únicas e fundamentais. Deus, não o homem, projetou a obra de Cristo e as Escrituras para ter implicações na vida cotidiana.

Na vida dos incrédulos, também podemos reconhecer analogias obscuras com os padrões bíblicos de redenção e julgamento. Descrentes e crentes não são iguais. Existe uma grande diferença entre estar perdido e ser salvo. Mas os incrédulos fazem parte deste mundo perdido e participam das bênçãos da graça comum de Deus. Ao fazer isso, eles próprios vivem vidas contendo finais felizes e tragédias. Quando reconhecemos este fato, e quando vemos o controle providencial de Deus até mesmo na vida dos incrédulos, nos colocamos em uma posição para explicar melhor a relevância do evangelho para suas vidas.

Devemos tentar compreender nossas vidas à luz das instruções de Deus nas Escrituras. Nessa tarefa, toda a Bíblia é útil (2 Tim. 3: 16-17). A utilidade das Escrituras inclui os milagres de Jesus nos Evangelhos. Em uma dimensão, eles apontam para a realização central da redenção, a morte e ressurreição de Cristo. Em outra dimensão, eles oferecem links não apenas para trás, para o Antigo Testamento e para o livro de Atos, mas para a vida de cada pessoa que vive agora. Nossas vidas exibem tramas. Essas tramas têm analogias com os milagres registrados na Bíblia. Nossas vidas não estão no mesmo nível das Escrituras: as Escrituras são sopradas por Deus e têm sua autoridade, enquanto

nossas vidas funcionam sob o controle providencial de Deus. Mas as Escrituras se aplicam a nossas vidas e a parcelas menores

dentro de nossas vidas.

Que o Deus da glória mostre a glória de Cristo através dos milagres que ele mesmo nos apresentou nos Evangelhos. Que ele nos mostre a glória de Cristo em sua crucificação e ressurreição. Por meio da união com Cristo, que Deus opere a aplicação da redenção em nossas vidas e nos faça louvar e glorificar a Deus por sua misericórdia, majestade, sabedoria e promessa de vida eterna. Por meio de Cristo podemos experimentar a nova vida no Espírito Santo agora, e então a vida eterna em sua presença no novo céu e na nova terra.

---

1 Richard D. Phillips, Poderoso para Salvar: Descobrindo a Graça de Deus nos Milagres de Jesus (Phillipsburg, NJ: Presbiteriano & Reformado, 2001).

2 Também discuti os princípios gerais para a compreensão de tramas redentoras em Vern S. Poythress, In the Beginning Was the Word: Language — A God-Centered Approach (Wheaton, IL: Crossway, 2009), capítulos 24-26.

3 Para uma explicação mais completa, veja "Visão Geral da Bíblia: Um Levantamento da História da Salvação," na The ESV Study Bible (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 23-26, http://www.frame-poythress.org/overview-of-the-bible-a-survey-of-the-history-de-salvação /, acessado em 3 de julho de 2014.

4 Poythress, No Princípio Era a Palavra, 195-208, 217-218.

Bibliografia

Blomberg, Craig. A confiabilidade histórica do Evangelho de João: questões e comentários. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

———. A confiabilidade histórica dos Evangelhos. 2ª ed. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2007.

Bruce, FF Os documentos do Novo Testamento: são confiáveis? Grand Rapids, MI: Eerd-Mans, 2003.

Carson, DA O Evangelho de acordo com John. Leicester, Inglaterra: Inter-Varsity; Grande Rapids, MI: Eerdmans, 1991.

———. "Mateus." No Comentário Bíblico do Expositor. Vol. 9. Rev. ed. Editado por Tremper Longman III e David E. Garland. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

Clowney, Edmund P. Pregação e Teologia Bíblica. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1961.

Collins, C. John. O Deus dos Milagres: Um Exame Exegético da Ação de Deus na Mundo. Wheaton, IL: Crossway, 2000.

Fant, Gene C., Jr. Deus como autor: uma abordagem bíblica da narrativa. Nashville: B&H, 2010.

Frame, John M. A Doutrina da Palavra de Deus. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformado, 2010.

França, RT O Evangelho de Mateus. Grand Rapids, MI / Cambridge, Reino Unido: Eerdmans, 2007

Keener, Craig S. Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts. 2 vols. Grande Rapids, MI: Baker, 2011.

Köstenberger, Andreas J. John. Grand Rapids, MI: Baker, 2004.

Leithart, Peter J. Deep Exegesis: The Mystery of Reading Scripture. Waco, TX: Baylor University Press, 2009.

Metzger, Bruce M. Um comentário textual sobre o Novo Testamento grego. 2ª ed. Londres / Nova York: United Bible Societies, 1994.

Murray, John. Resgate realizado e aplicado. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1955.

———. “O Atestado das Escrituras.” In The Infalible Word: A Symposium by the Membros da Faculdade do Seminário Teológico de Westminster. Editado por NB Stonehouse e Paul Woolley. Filadélfia: Presbiteriano e Reformado, 1946. Páginas 1-54

Osborne, Grant R. Matthew. Comentário Exegético Zondervan sobre o Novo Testamento.

Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

Phillips, Richard D. Poderoso para Salvar: Descobrindo a Graça de Deus nos Milagres de Jesus. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 2001.

Poythress, Vern S. God-Centered Biblical Interpretation. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformado, 1999.

———. No começo estava a palavra: linguagem - uma abordagem centrada em Deus. Wheaton, IL: Crossway, 2009.

———. Inerrância e cosmovisão: respondendo aos desafios modernos da Bíblia. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

———. Inerrância e os Evangelhos: Uma Abordagem Centrada em Deus para os Desafios de Harmonização. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

———. "Visão Geral da Bíblia: Um Levantamento da História da Salvação." No Estudo ESV Bíblia. Wheaton, IL: Crossway, 2008. Páginas 23-26. http: //www.frame-poythress.org/overview-of-the-bible-a-survey-of-the-history-of-salvation/, acessado 3 de julho de 2014.

———. Lendo a Palavra de Deus na presença de Deus: um manual bíblico Interpretação. Wheaton, IL: Crossway, a ser publicado.

———. Ciência Redentora: Uma Abordagem Centrada em Deus. Wheaton, IL: Crossway, 2006.

Stonehouse, NB e Paul Woolley, eds. A Palavra Infalível: Um Simpósio do Membros da Faculdade do Seminário Teológico de Westminster. Filadélfia: Presbyterian & Reformed, 1967.

Trench, Richard Chenevix. Notas sobre os Milagres de Nosso Senhor. 13ª ed. Londres: Kegan Paul, Trench, & Co., 1886 (também muitas outras edições).

Índice Geral

Abraão, e o sacrifício de Isaac, 106n1

Atos, livro de: analogias em, 248; confiabilidade histórica de, 21; o Espírito Santo em, 248; no participação de gentios e judeus nos benefícios da obra de Jesus na cruz, 124; espalhar o evangelho em, 77

Adam: como cabeça da raça humana, 97n1; pecado de,

255 adoção, como filhos de Deus, 41, 108, 112, 216

analogias: analogia entre o reino de Deus e o reino deste mundo, 214; dentroo livro de Atos, 248; nos Evangelhos, 247-248; analogias redentoras, 29-30, 83; usando analogias com o enredo da redenção, 255-256

tramas anti-redentivas, 255. Veja também tramas redentivas

aplicação, das Escrituras: e conexões com passagens didáticas, 242; exemplos de específicosformulários, 83-92; e o Espírito Santo, 244; ilustrações do padrão triplo de aplicativo, 60-63; a importância da aplicação, 63-64; tipos de aplicação, 59, 59 (figura); tipos de aplicação para a igreja, 60(figura); o padrão triplo de aplicação (o milagre, a ressurreição de Jesus, a aplicação agora), 57-60; os doisetapas de aplicação, 58, 59 (figura)

batismo, 55-56, 57, 84, 110, 234; a fórmula da Grande Comissão para, 108, 235

cegueira e visão, uso simbólico de no Antigo Testamento para representar descrença e fé, 156

Blomberg, Craig, 21n4, 137n2

Bruce, FF, 21n4

acalmando uma tempestade, 131; aplicação de, 134-135, 242; Triângulo de Clowney para, 134 (figura); a importância do poder em, 132; o simbolismo da água em, 132-133

Carson, DA, 106n1, 114, 198, 202, 224

igreja, a aplicação da redenção como uma entidade corporativa, 60 (figura)

igreja, a, como uma comunidade, 190; aplicação de, 190; Triângulo de Clowney para o dimensão comunitária da igreja, 191 (figura)

limpando um leproso, 119; e analogias nos Evangelhos, 247-248; aplicação de, 91, 122, 240-241; Triângulo de Clowney para, 122(figura); e a identificação de Jesus com o pecado, 120; e o leproso se mostrando ao sacerdote, 121-122; e o papel da fé, 121; o significado da lepra, 119-120

Clowney, Edmund P., 65, 65n2

Triângulo de Clowney, 65-68, 251; adição de aplicativo para, 67-68, 68n4; para animal sacrifício, 67(figura); para o sacrifício de animais, com aplicação, 68(figura); para o batismo

de Jesus, 110(figura); para acalmar a tempestade, 134(figura); para a purificação de um leproso, 122(figura); pela moeda na boca do peixe, 216(figura); para a dimensão comunitária da igreja, 191(figura); para a maldição da figueira, 227(figura); para a libertação dos endemoninhados Gadarenos, 141(figura); para a alimentação de 5.000 (John 6), 68-70, 69(figura); para a alimentação de 5.000 (John 6), com aplicação, 70, 70 (figura); para a alimentação de 5.000 (Mateus 14), 181(figura); para a cura do servo do centurião, 126(figura); para a cura do cego de nascença, 71, 71 (figura); para a cura do cego de nascença, com aplicação, 71-72, 72(figura); para a cura do homem com a mão atrofiada, 169(figura); para a cura do paralítico, 146(figura); para a cura da sogra de Pedro, 129(figura); para a cura de dois cegos, 157(figura); para a cura de dois cegos em Jericó,221 (figura); para a cura da mulher com o fluxo de sangue, 153(figura); para o triunfo de Jesus sobre Satanás, 178(figura); por justiça e cura compassiva, 173 (figura); para muitas curas, 116(figura); pelos milagres dos Doze, 166(figura); uso original de (para interpretar tipos no Antigo Testamento), 65; para a criação da filha de Jairo, 152(figura); para o papel da fé na cura, 210(figura); para pastorear e colher, 165(figura); para a mulher siro-fenícia, 195(figura); para a transfiguração, 206(figura); uso de para discernir o significado construído em um milagre, em vez de impor um significado a ele, 70; uso do rótulo "Referência Típica", 66n3; uso de como um processo de duas etapas, não de uma etapa, 66-67; para o nascimento virginal, 98(figura); para o nascimento virginal, com aplicação, 101(figura); para a voz do céu, 109(figura); por andar sobre as águas (Mateus 14), 188(figura); para maravilhar-se com as curas, 199(figura). Veja também o triângulo de Clowney, explicação de

Triângulo de Clowney, explicação de, 66(figura); S (o tipo [um símbolo]), 66; T^1 (a verdade simbolizado), 66; T^n (a verdade cumprida), 66

moeda na boca do peixe, 213; e a analogia entre o reino de Deus e o reinos deste mundo, 214; aplicação de, 216; Triângulo de Clowney para, 216(figura); contexto de (o imposto do templo), 215; Interpretação da França de, 213n1; significado de,214-215

Collins, C. John, 18

consumação, o, 99, 116; e a reunião de todas as nações, 75; e a cura de todos deficiências físicas, 79; e a visão espiritual suprema da face de Deus, 79

conversão, 55-56, 59, 84

pactos, no Antigo Testamento, 250

criação, 99; a criação da luz, 79; a formação do homem a partir do pó da terra, 79

amaldiçoando a figueira, 223-225; aplicação de, 226; Triângulo de Clowney para, 227 (figura); dificuldades do milagre para os leitores, 223-224; a figueira como um símbolo do ser humano hipocrisia, 224; o paralelo entre Israel e a figueira infrutífera, 224; como uma ação profética, 224; significado de, 225-226

caminhada diária com Cristo, 56-57, 57, 59, 84

David: e a providência de Deus, 250; e o maior descendente de David, o messiânico filho, 106, 185-186

Dia da Expiação, 236

morte, 40, 132, 255; como "sono" do qual Jesus nos desperta, 151; como o fracasso final, 88; água como um símbolo de, 132-133

deísmo, 18

libertação dos endemoninhados Gadarenos, 137-138; aplicação de, 141-142, 242; Triângulo de Clowney para, 141(figura); diferenças na grafia de "Gadarene", 137n2; A menção de Mark e Luke de apenas um endemoninhado, 137n1; significado salvífico de,138-141; significado dos porcos em, 140-141

demônios, 138-139; derrota de, 141; destino de (julgamento por Deus e remessa ao inferno), 138; descrença do século vinte e um em, 138, 139n3

Doutrina da Palavra de Deus, The (Frame), 21n5

tremor de terra, 236

escatologia, 41; escatologia consumada, 42-43, 45, 46; escatologia inaugurada, 41- 42, 45, 46

vida eterna, 34; a base para, 37; a posse atual de, 36-37, 41; fornecimento de através de Jesus como o pão da vida, 34

falhas, 254; a morte como o fracasso final, 88; como análogos em pequena escala para o último fracasso da morte, 88

fé, 146-147; encorajando, 211; fé em Jesus, 185-186; fé para a cura física, 58; e focar na ressurreição de Jesus, 151, 157; no Evangelho de Mateus, 210; justificação pela fé, 147; “Pouca fé,” 184-185, 187; papel de na cura de Jairo filha, 150; papel de na cura da mulher com um fluxo de sangue, 150; papel de em salvação, 121; fé salvadora, 58; como visão espiritual, 155-157; fé oscilante, 188

alimentação de 4.000, 201-202; paralela com a alimentação de 5.000, 202; e a ressaltando o cuidado de Jesus por seu povo, 202

alimentação dos 5.000 (John 6), 33-34, 38, 45; aplicação de, 91; implicações mais amplas de, 73; círculos de significado para, 78(figura); Triângulo de Clowney para, 68-70, 69 (figura), 70 (figura [com aplicação]); como uma ilustração do padrão triplo de aplicação, 61-62; e escatologia inaugurada e consumada, 42; e o discurso de Jesus sobre o pão da vida, 33-34; O suprimento de pão de Jesus como símbolo de um suprimento abrangente de necessidade, 70; Antecedentes do Antigo Testamento de, 69-70, 76-77; como unindo criação e re-criação, 75-76

alimentação de 5.000 (Mateus 14), 179-180; aplicação de, 181; Triângulo de Clowney para, 181, 181(figura); significado de, 180

perdão, 143-144, 145, 146, 254

Frame, John M., 21n5

França, RT, 106n1, 114n1, 198, 202; interpretação da moeda na boca do peixe, 213n1
liberdade: dos crentes, 40; dos filhos de Deus, 233; dos filhos do reino, 214 Deus: como o fornecedor todo-suficiente de necessidades para aqueles que confiam nele, 69-70; existência de, 18, 23; como base para a ciência, 20; glorificando de, 142, 198, 199; o "Deus de Israel", 198; como um Deus que atua tanto para criar quanto para sustentar o mundo, 19, 23; Deus está trabalhando de milagres, 23; graça de, 120; conhecimento de Deus, 19; nome de revelado a Moisés (I SOU QUEM eu SOU), 186; como um Deus pessoal, 20; providência de, 23, 103-104, 250; soberania na salvação, 188n1; como o verdadeiro pastor, 162

Deus dos Milagres, O: Um Exame Exegético da Ação de Deus no Mundo (Collins), 18

Interpretação Bíblica Centrada em Deus (Poythress), 30n2

evangelho, a, propagação de. Veja a proclamação do

evangelho, idade de

proclamação do evangelho, idade de, 74-75, 77, 99, 110, 125; e o Espírito Santo, 125; e a abrir os olhos cegos, 78-79

Evangelhos, as: analogias em, 247-248; como relatos narrativos que levam a um clímax (o de Jesus crucificação e ressurreição), 49, 95; e a pressuposição de que Deus governa a história, 49. Veja também Evangelhos, a credibilidade dos milagres em; os Evangelhos específicos

Evangelhos, a credibilidade dos milagres em, 20-21, 23; e os Evangelhos como palavras de Deus, 21, 23; e a confiabilidade histórica dos Evangelhos, 21, 23; e a intenção do Evangelho escritores para afirmar que os milagres realmente aconteceram, 20-21

Grande Comissão, 103, 124, 164, 186, 235; e a fórmula para o batismo, 108, 235; relação da ressurreição de Jesus, 232

coletando imagens, 163-164; e o dia de Pentecostes, 146; e a festa do reino de Deus, 164; e a festa dos tabernáculos, 163; e a festa das semanas, 163; o final colheita na segunda vinda de Jesus, 164

cura de um homem cego e mudo, 175-178; aplicação de, 178; Triângulo de Clowney para O triunfo de Jesus sobre Satanás, 178(figura); e a oposição dos fariseus, 175-177

cura de um menino com um demônio, 209; aplicação de, 211; Triângulo de Clowney para o papel de fé na cura, 210(figura); significado de, 210

cura do servo do centurião: aplicação de, 126, 241; Triângulo de Clowney para, 126 (figura); e o evangelho aos gentios, 124; como cura a distância, 125, 165; como um sinal de restauração, 125-126

cura do cego de nascença, 35-36, 38-39; implicações mais amplas de, 77-80; círculos de significado para, 81(figura); Triângulo de Clowney para, 71-72, 71 (figura), 72 (figura [com aplicativo]); como uma ilustração do padrão triplo de aplicação, 62; e escatologia inaugurada e consumada, 42; O uso de argila por Jesus em, 79; Velho

Antecedentes do testamento de, 79-80; trama redentora de, 51

cura do homem com a mão atrofiada, 167; aplicação de, 169; Triângulo de Clowney para, 169 (figura); significado de, 167-168

cura de um demônio mudo, 159; e oposição dos fariseus, 159-160; significado de, 159-160

cura do filho do oficial, 45; e escatologia inaugurada e consumada, 45 cura de um paralítico, 143; aplicação de, 146-147, 242; Triângulo de Clowney para, 146 (figura); resposta das multidões para, 144-145; resposta dos escribas para, 144, 145; significado de, 143-144

cura da sogra de Pedro, 127; aplicação de, 241; Triângulo de Clowney para, 129 (figura); significado de, 127-128

cura do homem doente no Portão das Ovelhas, 39-40; como uma ilustração do padrão triplo de aplicação, 62-63

cura de dois cegos, 155; aplicação de, 157-158; Triângulo de Clowney para, 157 (figura); e o significado da fé, 155-157

cura de dois cegos em Jericó, 219; aplicação de, 220; Triângulo de Clowney para, 221 (figura); significado de, 219-220

cura da mulher com um fluxo de sangue, 150, 152; aplicação de, 152; Clowney's triângulo para, 153(figura); o papel da fé em, 150; o papel do toque em, 150; significado de, 150-151

heróis: atração por, 252; heróis fora da Bíblia, 252; e o desejo de redenção,251-252

Confiabilidade histórica dos Evangelhos, The (Blomberg), 21n4

A confiabilidade histórica do Evangelho de João, The: Issues and Commentary (Blomberg), 21n4 Lugar sagrado, 236

Espírito Santo: na era da proclamação do evangelho, 125; e aplicação das histórias no Bíblia, 244; no livro de Atos, 248; capacitação do ministério terreno de Jesus, 105- 106; enchimento de Jesus em seu batismo, 105; o fruto do Espírito Santo, 75

No começo era a palavra: linguagem - uma abordagem centrada em Deus (Poythress), 18n1, 29n1, 30n2, 115n3, 248n2, 252n4

Inerrância e os Evangelhos: Uma Abordagem Centrada em Deus para os Desafios de Harmonização (Poythress), 21n3, 30n2, 137n1, 150n1, 224

Inerrância e cosmovisão: respondendo aos desafios modernos da Bíblia (Poythress), 30n2

Palavra infalível, The: Um Simpósio pelos Membros da Faculdade de Westminster Seminário Teológico (ed. Stonehouse e Woolley), 21n5

Jesus: ascensão de, 125; autoridade de, 107-108, 125, 131, 144, 205, 235; como pertencendo a

a linha de David através de sua adoção por Joseph, 102; como o pão da vida (John 6), 33-34, 34 (figura), 38, 42, 45-46, 61-62; centralidade de na Bíblia, 251(figura); limpeza do templo por, 224; derrota de Satanás por, 139-140, 160, 177-178; como o profeta final, 205, 206; o cumprimento da profecia de Jesus sobre a vinda do Filho do Homem em seu reino, 204n1; como totalmente humano, 27, 28; glória de, 39, 42, 207; como deus,27, 27-28, 131; “Hora” de, 42-43, 44-45; identificação com pecadores, 150; como Emanuel ("Deus conosco"), 214; encarnação de, 23, 28, 97; como o último Adam, 97n1, 168; como a luz do mundo (John 9), 35-36, 36 (figura), 38-39, 51; como o Messias,27, 28-29, 101, 163; como o novo chefe da nova humanidade, 97n3, 168; o Velho Testamento como sempre sobre ele, 249-250; como o cordeiro pascal, 180, 181; como a ressurreição e a vida (João 11), 36-37, 37(figura); como o Salvador dos gentios, bem como dos judeus, 102-103, 124; auto-identificação de ("Sou eu" [grego ego eimi] e "Eu sou"),186-187; como pastor, 162, 180; como o filho de David, 156, 219-220; como o filho de Deus, 98, 101, 106-108, 112, 131, 145, 185-188, 214, 216; como o filho do homem, 168; como o verdadeiro Israel, 107; como o verdadeiro servo, 107; como o verdadeiro templo, 214; como único, 23; quem é jesus? 21-22, 23-24. Veja também Jesus, batismo de; Jesus, comissionando os Doze para fazer milagres; Jesus, morte e ressurreição de; Jesus, ministério terreno de; Jesus, transfiguração de; milagres, de Jesus; milagres de exorcismo, de Jesus; milagres de cura, de Jesus

Jesus, batismo de, 105-106; aplicação de, 112; como um batismo com o Espírito Santo, 248; implicações mais amplas de, 109-111; círculos de significado para, 111(figura); Clowney'striângulo para, 111(figura); Triângulo de Clowney para a voz do céu, 108, 109 (figura); e a capacitação do Espírito Santo, 105-106; e Jesus como o filho deDeus, 107; e a identificação de Jesus com os pecadores, 108-109, 120; e o sinal do pomba, 105; e a voz do céu, 108, 204

Jesus, comissionando os Doze para fazer milagres por, 165-166; aplicação de, 166; Triângulo de Clowney para os milagres dos Doze, 166(figura); os milagres dos Doze como apontando para a morte e ressurreição de Jesus, 166; os milagres dos Doze como sinais do reino de Deus, 165

Jesus, morte e ressurreição de, 20, 37-39, 38 (figura), 40, 57, 74, 99, 116, 125, 128, 133, 140, 163, 177, 187, 206, 226, 231-232; a estreita ligação da ressurreição de Lázaro com, 37-38; como um evento de relevância universal, 239; como a base para todos os benefícios de Deus, 86; como o grande milagre, 39(figura); e Jesus como as "primícias", 38; e de jesus referência a Jonas, 132-133; relação com a Grande Comissão, 232; significado de, 232-235; como um evento único, 239; como um evento irrepetível, 239. Ver também Jesus, ressurreição de, antecipações do Antigo Testamento e prenúncios de

Jesus, ministério terreno de: e trazer a luz da revelação redentora, 77; como characterized by the fellowship between the Father and the Son, 107; and the empowering of the Holy Spirit, 105-106; focus of on the Jewish nation, 194; and the giving of new spiritual life to people, 99; and the provision of spiritual food through his teaching, his miracles, and his very presence, 74; the unified character and goal of, 47-48

Jesus, resurrection of, New Testament anticipations and foreshadowings of. See raising of Jairus's daughter; raising of Lazarus

Jesus, resurrection of, Old Testament anticipations and foreshadowings of: Daniel, 234; Elijah's raising of the widow of Zarephath's son, 234; Elisha's raising of the Shunammite's son, 234; Enoch, 233; the Israelites' coming out of bondage in Egypt and crossing the Red Sea, 234; Jonah, 46, 132-133, 234; Noah, 233-234

Jesus, transfiguration of, 203; application of, 207; Clowney's triangle for, 206 (figure); link of to Jesus's glorification, 204; miraculous elements involved in, 203, 204; and Moses and Elijah, 205, 206; significance of, 204-205; and the voice from heaven, 204-205

John, Gospel of: explicit instruction in about the significance of some of the main miracles in, 95; purpose of, 21; on the purpose of Jesus's miracles, 26

John, Gospel of, miracles in. See feeding of the 5,000 (John 6); healing of the man born blind; healing of the official's son; healing of the sick man at the Sheep Gate; Jesus, death and resurrection of; raising of Lazarus; walking on water (John 6); water turned into wine

John the Baptist, 44; John's baptism as a baptism "for repentance," 108; John's baptism as baptism with water, 44; message of warning and call to repentance of, 225; resistance of to the idea of baptizing Jesus, 108; as the terminus of the whole Old Testament order, 44

Jonah, metaphorical death-and-resurrection experience of, 46, 132-133, 234; Jesus's reference to, 132-133

Keener, Craig S., 18

kingdom of God, 249; authority as a characteristic of, 125; and comprehensive deliverance, 115; conflict of with the kingdom of Satan, 139, 176-178; as the exercise of God's saving power in climactic form, 48-49; feast of, 43; God's kingdom purpose of salvation as starting with the Jews and then extending to the Gentiles, 194; growth of through the activities of networks of people in communities, 190; Jesus's instruction to "seek first the kingdom of God," 215; unity of, 48-49

kingdom of heaven. See kingdom of God

kingdom of Satan, 139; conflict of with the kingdom of God, 139, 176-178; defeat of, 139-140

Leithart Peter J., 79n2

leprosy, 119-120; passages in the Mosaic law regarding leprosy, 121; and the process of going to the priest, 121; role of in Old Testament ceremonial law, 120; touching a leper, 120

light: the creation of light, 79; Jesus as the light of the world (John 9), 35-36, 36 (figure), 38-39, 51; New Testament theme of, 156; Old Testament theme of, 79

Luke, Gospel of, Luke's reason for writing it, 20-21

marriage, depiction of in the Old Testament, 90 materialistic

worldview, 19; influence of science on, 19

Matthew, Gospel of, miracles in. See calming a storm; cleansing a leper; coin in the fish's mouth; cursing the fig tree; deliverance of the Gadarene demoniacs; feeding of the 4,000; feeding of the 5,000 (Matthew 14); healing of a blind and mute man; healing of a boy with a demon; healing of the centurion's servant; healing of the man with a withered hand; healing of a mute demoniac; healing of a paralytic; healing of Peter's mother-in-law; healing of two blind men; healing of two blind men at Jericho; healing of the woman with a flow of blood; Jesus, baptism of; Jesus, death and resurrection of; miracles of healing, of Jesus; raising of Jairus's daughter; Syrophoenician woman, the; virgin birth, the; walking on water (Matthew 14)

Matthew, Gospel of, organization of to highlight Jesus's teaching, 162; the five conspicuous blocks of text that contain Jesus's teaching, 205

Messiah, the, 28; Jesus as the Messiah, 27, 28-29, 101, 163

Metzger, Bruce M., 137n2

Mighty to Save: Discovering God's Grace in the Miracles of Jesus (Phillips), 30, 51, 247

Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts (Keener), 18

miracles, of Jesus: as acts of God, 18; applications of, 91-92, 240-244, 243 (figure); and context, 70; credibility of in the Gospels, 20-21, 23; as the depiction and embodiment of redemption, 57-59; did Jesus's miracles really happen? 18-19; and the glory of God, 58, 61; multiple thematic connections of, 80-81; plot structure of (transition from trouble to resolution), 50-51; as pointing to Jesus's death and resurrection, 46, 46 (figure), 91, 95, 232; purpose of, 26; raising of the widow's son in Nain, 26; reiteration of a miracle as reinforcement of a point, 220; relevance of to particular situations, 240-243; as signs, 26-27, 42, 68; as signs of the kingdom of God, 95; universal relevance of, 239-240. See also miracles, of Jesus, the pattern of redemption in; miracles, of Jesus, significance of; miracles of exorcism, of Jesus; miracles of healing, of Jesus; specific miracles in the Gospel of John and the Gospel of Matthew

miracles, of Jesus, the pattern of redemption in: and the inner unity of redemption, 49-51; and the narrative form of the Gospels, leading to climax, 49; and the unified character and goal of Jesus's ministry, 47-48; and the unity of the kingdom of God, 48-49

miracles, of Jesus, significance of, 26-27, 27 (figure), 29-30: the miracles show deity, 27, 27-28; the miracles show that Jesus is the Messiah, 27, 28-29; the miracles show Jesus as a prophet in his humanity, 27, 28

miracles, in the Old Testament, 27-28, 248-251; Elijah's provision for the widow of Zarephath, 69, 77; Elijah's raising of the widow of Zarephath's son, 25, 38, 234; Elisha's bringing relief from famine, 69, 77; Elisha's healing of Naaman the Syrian, 79-80; Elisha's multiplication of bread, 69, 77, 180; Elisha's raising of the

Shunammite's son, 25, 38, 234; in the exodus from Egypt, 248-249; the flood, 249; Jonah, 46, 132-133, 234; Joseph's deliverance of people from the famine in Egypt, 77; the manna from heaven, 34, 69, 76-77, 180; as works of divine power, 28

miracles of exorcism, of Jesus, 160, 210. See also specific miracles of exorcism

miracles of healing, of Jesus: accomplishment of on the Sabbath, 40, 168; application of, 116-117, 164-165, 172, 199; Clowney's triangle for justice and compassionate healing, 173 (figure); Clowney's triangle for many healings, 116 (figure); Clowney's triangle for shepherding and harvesting, 165 (figure); Clowney's triangle for wonder at healings, 199 (figure); and harvesting imagery, 163-164; link of with the servant passages in Isaiah, 114, 172; redemptive plots of, 115-116; and the response of wonder, 198-199; and shepherding imagery, 162-163, 164; significance of, 113-115, 162-164, 198-199, 217-218; summaries of the many healings, 113, 113-114, 161-162, 171, 189-190, 197-198, 217-218; and the theme of faith, 210. See also specific miracles of healing

Most Holy Place, 236

Mount Sinai, 236

Murray, John, 53n1

new creation, 41-42, 233; the new heaven and the new earth in, 41

new heaven and the new earth, the, 40, 233, 239; and comprehensive deliverance, 115; in the new creation, 41

new life, 41, 98-100, 232

New Testament Documents, The: Are They Reliable? (Bruce), 21n4

obedience: legalistic obedience, 253; sanctified obedience, 253

Old Testament ceremonial law: the process of going to a priest, 121; and uncleanness, 120

Osborne, Grant R., 102

parables: Ezekiel's parable of the vine, 224; Isaiah's parable of the vineyard, 224; Jesus's parable of the ten virgins, 164; Jesus's parable of the wedding feast, 164

peace offerings, in the Old Testament, 74

Peter, and Jesus's walking on water: Jesus's rescue of, 187-188; Peter as a kind of representative disciple, 184; Peter's boldness, 184, 185; Peter's fear and faith ("little faith"), 184-185

Phillips, Richard D., 30, 51, 247

Preaching and Biblical Theology (Clowney), 65n2

"prosperity gospel," 117n4

providence, 23, 103-104, 250

purification, Jewish rites of, 43-44

queen of Sheba, 103

raising of dead saints, 236-237

raising of Jairus's daughter, 38, 149-150; application of, 152, 242-243; Clowney's triangle for, 152 (figure); Matthew's abbreviated account of in comparison to that of Mark and Luke, 150n1; the role of faith in, 150; the role of touch in, 150; significance of, 150-151

raising of Lazarus, 36-37; as an anticipation of the final resurrection of the body, 41; close tie of with Jesus's resurrection, 37-38; as an illustration of the threefold pattern of application, 60-61, 64; the Jewish leaders' response to, 57; redemptive plot of, 51; as a type or shadow, 38. See also raising of Lazarus, specific applications of

raising of Lazarus, specific applications of: deep depression, 242-243; disciplining a child, 86-88; an exciting date, 90-91; failing a test, 88-90; washing dishes, 84-86

Reading the Word of God in the Presence of God: A Handbook for Biblical Interpretation (Poythress), 30n2, 65n1

Redeeming Science: A God-Centered Approach (Poythress), 20n2

redemption: accomplishment and application of, 53-54; comprehensiveness of, 51, 163, 253; and the display of the glory of God, 57; as extended to all who believe, 195; forms of the application of Christ's work to us (see baptism; conversion; daily walk with Christ; resurrection of the body); inner unity of, 49-51, 95; longings for, 251-252; plot of, 51; the miracles in the Gospels as the depiction and embodiment of, 57-59; the role of faith in, 121; and union with Christ, 55; using analogies with the plot of redemption, 255-256. See also miracles, of Jesus, the pattern of redemption in

redemption, the pattern of application of. See application, of Scripture

Redemption Accomplished and Applied (Murray), 53n1 redemptive

analogies, 29-30, 83

redemptive plots: as foreshadowing redemption through the death and resurrection of Jesus, 115-116; in the miracle stories of the Gospels, 29, 50-51, 115-116; plot structure of (movement from trouble to resolution), 50; the redemptive plot in anticipating romance, 90; the redemptive plot in the disciplining of a child, 87, 87-88; the redemptive plot in failing, 89-90; the relevance and pervasiveness of in life, 253-254. See also anti-redemptive plots

resurrection of the body, 40, 57, 59, 84, 233, 239; as the consummated form of new creation, 41

Robertson, O. Palmer, 65n1

Sabbath: Jesus's performing healings on the Sabbath, 40; origin of in creation, 168; Sabbath rest, 168

salvation. See redemption

Satan, 139, 141; controlling of people by demonic oppression, 139; controlling of people by tempting them to do evil, 139; defeat of, 139-140, 177-178; involvement of in the deaths of Job's sons and daughters, 131n1; as the "strong man" Jesus binds, 139-140. See also demons; kingdom of Satan

science: God as the foundation for, 20; influence of on the modern materialistic worldview, 19; scientific law, 20

Scripture, 256; as God-breathed, 256; usefulness of, 256. See also application, of Scripture sea, the: God's mastery of, 186; as a symbol for the final abyss of hell, 141; as a symbol for what is unmasterable, 186

semeion (Greek: sign), 26

servant passages in Isaiah, 28-29, 114, 172

shepherding imagery, 162-163, 164, 180; God as the true shepherd, 162; Israel's false shepherds, 162; Jesus as a shepherd, 162, 180

sickness, 40

sin, 141; the fundamental disorder of as symbolically represented by the subordinate disorders of demon possession and sickness, 114; as a kind of spiritual paralysis, 125, 144; as moral and spiritual rebellion against God, 97n1

Son of David, 156, 219-220

Son of God: Jesus as, 98, 101, 106-108, 112, 131, 145, 185-188, 214, 216; in the Old Testament, 185-186; Peter's confession of Jesus as the "Christ, the Son of the living God," 185

Son of Man, 168; Jesus as, 168

sōzō (Greek: to save, to make well), 152

Stonehouse, N. B., 21n5

suffering, 254; as an emblem or sign of the results of sin, 125-126, 144

Syrophoenician woman, the, 193-194; application of, 195; Clowney's triangle for, 195 (figure); significance of, 194

temple curtain, rending of, 236

tragic plots, 254, 255

tree of life: connection with the river of life, 75; in the consummation, 75; in the garden of Eden, 76

Trinity, the, 107-108; and harmony as a fundamental indication that there is an eternal relationship of Father to Son in the Trinity, 107, 107n2; and the unity of one God in three persons, 108

types and typology, 65, 249, 251. See also Clowney's triangle

unbelievers, 256

uncleanness: communication of by touch, 120, 150; of dead bodies, 150; of lepers, 119-120; pigs as a symbol of, 140; as a symbol of sin and death, 120, 140-141; of women with a discharge of blood, 150, 152

unfruitfulness, 224, 225, 226

union with Christ, 128, 255; and redemption, 55

virgin birth, the, 96, 107; application of, 103-104; broader implications of, 98-101; circles of meaning for, 100 (figure); Clowney's triangle for, 98 (figure); Clowney's triangle for, with application, 101 (figure); and the dream given to Joseph, 102; as fulfillment of promises and patterns in the Old Testament, 99-100; as fulfillment of the prophecy in Isaiah 7:14, 96, 99; the miracles surrounding the wise men, 102-103; significance of, 96-98; smaller miracles taking place in connection with the virgin birth, 101-103

walking on water (John 6), 45-46

walking on water (Matthew 14), 183-184; application of, 188; and the challenge to have faith, 187; Clowney's triangle for, 188 (figure); connection of to Jesus's crucifixion and resurrection, 187; and inaugurated and consummated eschatology, 46; and Jesus as the Son of God, 185-188; Old Testament background of, 186; significance of, 184-185; threats that Jesus overcomes, 184. See also Peter, and Jesus's walking on water

water: as symbolic of death, 46, 132-133; symbolic association of with Jewish rites of purification, 43-44

water turned into wine, 42-45; application of, 91, 240; and inaugurated and consummated eschatology, 45

Woolley, Paul, 21n5

Scripture Index

Genesis

1 99

1:3 79

1:28 168

2:7 79

2:9 76

3 132

3:15 100

4:1 99

5 253

5:24 233

12:7 100

13:15 100

17:7 100

22:2 106n1

41:53-57 77

Exodus

3:14 186, 187

16:9-36 69

19:18 236

19:19-25 205

20:11 168

Leviticus

5:3 120

7:15-16 74

13-14 121

13:45-46 120

14:1-32 121

15:25-27 150

16 236

22:4-6 150

Numbers

9:15-23 79

Deuteronomy

5:14-15 168

7:2 194

8:3 69

28:3-8, 11-12, 77

16-18, 22-24,

53-57

29:17 67

34:5 206

Joshua

6:17, 21 194

1 Kings

1:29 250

10:10 103

17:8-16 69, 77

17:17-24 25, 38, 234

19:8-18 205

2 Kings

2:11 206

4:18-37 25, 38

4:32-37 234

4:42 69

4:42-44 77, 180

5:9-14 79

7:1 77

7:1-20 69

Job

1:12, 21 131n1

9:8 186

Psalms

2:6 106

2:6-7 186

2:7 106

27:1 79

36:9 79

42:11 243

43:3 79

69:1-2 133

72:8-11 103

107:8 246

107:8, 15, 21, 31 244

107:23-32 131

107:29 186

119:105 79

139:13-16 99

Isaiah

5:1-7 224

6:5 236

6:9-10 156

7:14 96, 99

8:3 99

9:2 79, 97, 156

9:6-7 28, 186

11:1-9 28

25:6 43

25:6-9 164

25:8 235

35:5 79

35:5-6 28

42:1 106, 107

42:1, 4 172

42:1-4 172

52:13-53:12 107

53 114, 114-115n1, 127, 172

53:1 198

53:4 114, 114-115n1, 127

53:4-5 120

53:5 114

53:11-12 109

54:5 90

60:5-6 103

61:1-2 28, 48

62:4-5 90

Ezekiel

19:10-14 224

28:13 76

34 162, 163
34:13-14, 16 180
34:23 163
36:25-28 163
37 163
Daniel
6:23 234
7:13 168
Hosea
3:1 90
Jonah
2:6, 10 234
Micah
5:2 100
Habakkuk
1:5 199
3:15 186
Zechariah
9:9 220
Matthew
1:6-11 102
1:18-25 96

1:20 101, 102

1:21 96

1:22-23 96

1:23 97, 99, 214

2 102

2:2 101

2:9 101

2:12 101

2:13 101

2:15 109

2:19-20 102

2:22 102

3:6 108

3:7-10 225

3:9 225

3:11 108

3:13-17 96, 105

3:14 108

3:15 108

3:17 107, 185

4:16 156

4:17 48, 106n1

4:23 115, 161, 162

4:23-25 113, 115, 161, 162, 172, 189, 197, 217

4:24 190

5-7 162, 205

5:45 254

6:25-33 104

6:31 104

6:31-33 215

8 122

8:1-4 91, 119, 124, 241, 247

8:2 121, 122

8:3 120, 122

8:5-13 20, 102, 123, 193, 210

8:5-13, 14-17 241

8:6 125

8:8 241

8:8-9 125

8:10-12 124

8:11 164, 202

8:13 165

8:14-17 127, 217

8:15 128

8:16-17 114, 172

8:17 114-115n1, 127

8:23-27 131, 184, 242

8:28-34 20, 138, 159, 175

8:32 140

9:1-8 143, 242

9:2 143, 146

9:2, 5 125

9:3 144

9:6 144

9:8 144

9:10-13 164

9:12-13 48

9:18, 21-22 155

9:18-26 38, 149, 210, 243

9:22 152

9:24 151

9:27 156

9:27-31 155, 210, 219

9:32-34 159, 175

9:34 159

9:35 161, 162

9:35-36	180
9:35-38	161, 162, 163, 189, 197, 217
9:36	162
9:36-38	162
9:37-38	163, 164
10	162, 205
10:1-11:1	164
10:6	164
10:7-8	165
11-12	167
12:1-8	167
12:8	168
12:9-14	167
12:10	168
12:11	168
12:12	168
12:15-21	171, 189, 197, 217
12:22-23	175
12:24-37	175-176, 177
12:26-29	139
12:29	177
12:32	177

12:40 46, 133

13 167, 205

13:14-15 156

14:13-21 33, 65, 179-180, 202, 220

14:14 180

14:22-33 183-184, 186, 187

14:24 184

14:26 184

14:27 184, 186, 187

14:28-33 210

14:30 184, 185, 188n1

14:31 185

14:32 184

14:33 185

14:34-36 189-190, 197, 217

14:35 190

14:36 190

15:21-28 193, 210

15:22 194

15:28 194

15:29 198

15:29-31 197, 217-218

15:31 197, 198

15:32-39 180, 198, 201, 220

16:16 185

16:21 204

16:21-23 49

16:28 204n1

17 205

17:1 205

17:1-8 203, 206

17:3 205

17:5 204

17:9 204

17:12 204

17:14-20 209

17:20 210

17:22-23 49

17:24 214

17:24-27 213

18 205

19:1-2 217

20:17-19 49

20:28 47, 109, 114-115n1, 145, 226

20:29-34	219
20:30, 31	219
20:34	220
21-25	205
21:1-11	219
21:4-5	220
21:9	220
21:12-13	224
21:12-17	224
21:18-22	220
21:39	49
22:1-14	164
24:27, 30	204n1
24:31	164
25:10	164
26:2	49
26:3-4, 14-16	177
26:26-29	180
26:28	114-115n1
26:33	185
26:35	185
27:45-46	120

27:46 226

27:51-53 236

27:52-53 236, 237

27:54 107, 187, 199

28:1-10 231-232

28:16-20 232

28:18 103, 107, 125, 140, 164, 205, 232, 235

28:18-19 124

28:18-20 164, 235

28:19 28, 103, 108, 110, 131, 145, 164, 166, 186, 187, 194, 235

28:19-20 163, 205

28:20 108

Mark

1:15 48

2:7 145

5:1-20 137n1

5:19-20 142

5:22 150

6:30-44 33, 65

11:12-14, 20-25 223

14:24 250

Luke

1:1-4	20
1:4	21
1:35	98
4:18-19	48
4:18-21	28
5:21	145
7:16	25, 27
7:22	28
8:18	150
8:20	150
8:22	150
8:25	150
8:26-39	137n1
8:41	150
8:55	151
9:10-17	33, 65
9:31	49
9:51	49
19:10	48
20:31	21
20:38	206
21:25	21

22:3 177

22:53 177

24:17, 21 151

24:25-27, 44-47 249

24:44-47 249

John

1 44

1:1 27

1:4 27, 38

1:4-5 79

1:14 39, 97

1:18 35

1:26-27 44

1:33 44

2 43, 64

2:4 42

2:6 43

2:11 42

2:21 214, 215

3 41

3:3, 5 98

3:14-15 71

4:42 58

4:46 45

4:46-54 45

4:54 45

5 39, 41, 64

5:1-9 62

5:17 40

5:19 48

5:19-47 39

5:20-21 40

5:21 28

5:24 36

6 64, 69, 70, 180, 181

6:1-14 33

6:16-21 45

6:22 33

6:25-26 45

6:25-59 33

6:22 33

6:26 33

6:26-27 34

6:27 34

6:31	34
6:32-33	76-77
6:35	34, 38
6:53-56	38
6:54	34, 37
8	35
8:12	35, 51, 71
8:58	186, 187
9	35, 42, 62, 71, 157
9:5	35, 71
9:38	36, 58, 77
9:39-41	35, 71
10:17-18	28
11:1-44	36, 243
11:25-26	36, 151
11:41-42	61
11:43	61, 86
11:47-53	37
12:6	214
12:10-11	37
12:23	43
12:27-28	43

12:31-33 37

13:1 43

13:27 177

13:31-32 39, 42

14:6 22, 49, 214

14:8-11 35

14:10 40

15:16 188n1

16:33 117n4

17:1 43

17:3 35, 37, 62

17:5 39

20:30-31 26

Acts

1:1 21

1:8 74, 125

2:23-24 178, 226

2:33 26

4:12 29, 49

6:7 75

12:24 75

13:33 106

13:41 199

13:49 75

14:17 255

14:22 117n4

16:31 157

16:34 157

17:30-31 29

26:16-18 79

26:17-18 158

26:18 53

26:18, 23 166

26:23 79

Romans

1:3-4 108

1:4 107

1:16 194

1:18-23 19, 251

3:23 195

3:26 50

4:25 116, 133

5:1 147

5:12-21 97n1

6 128, 232

6:3-4 56, 84, 133

6:3-5, 8, 11, 13 233

6:5-12 56

6:7, 14 40

6:9 37

6:9-10 99, 233

6:23 50

8:1 147, 242

8:15-17 41

8:18-25 26, 239

8:19-21 253

8:20-23 51

8:21 86, 233

8:28 254

11:33-36 57

12:1-2 239

15:8-13 195

15:19 75

1 Corinthians

5:7 249

10:2 234, 249

10:13 242

10:31 57

11:25 250

12 53

15:20 38

15:22-26, 50-57 51

15:23 206, 237

15:31 84

15:42, 49 57

15:44-49 51, 233

15:45 168

15:45-49 84

15:50-57 54

2 Corinthians

4:6 62, 80

4:8-12 56

4:10-12 84, 135

5:17 41, 241

12:9 241

Galatians

2:16 147

4:4 54

4:4-7 112, 216

4:5-7 41

5:22-23 75

Ephesians

1:3 55, 128

1:5 41

2:1 61, 97

2:1-3 166

2:1, 5 177

2:6 55

2:10 54

2:17-18 194

Philippians

1:21, 23 54

2:9-11 232

3:10 117n4, 254

3:10-11 57

4:13 242

4:19 215

Colossians

1:13-14 140, 178, 214

1:15-20 76

2:14 140

2:20 55

3:1 55

3:1-4 232

3:22-24 85

3:24 253

1 Thessalonians

3:3-4 117n4

4:13-18 237

1 Timothy

2:5-6 50

2:6 54

2 Timothy

1:10 54

3:16-17 256

4:20 241

Hebrews

1:1-3 249

2:14-15 140, 234

2:14-18 28

3:1-6 249

4:9-10 168

4:15 97

9:7 236

9:8 236

9:14 90

10:20 236

12:5-7 87

13:8 63

James

1:2-4 242

2:18-20 58

4:7 242

1 Peter

1:6-7 117

1:23, 25 99

2:24 114, 120, 151

3:20-21 249

4:12-13 117

1 John

5:18-19 139

5:19 141, 178

Revelation

1:17-18 234

4:11	57
7:9	75
19:6-7	57
19:7-9	54
19:9	42, 45, 75, 180, 240
20:10	141
21:1	41, 51
21:1-22:5	233
21:2, 9	54
21:2, 10	190
21:3-4	235
21:4	51, 99
21:7	110
21:9-22:5	76
21:23	42
21:24	75
21:27	110
22:1	75
22:2	75, 99
22:4	42, 79, 111
22:5	42
22:17	29

ALSO AVAILABLE FROM VERN S. POYTHRESS



For more information, visit crossway.org.